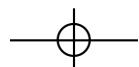




КАЛИНКА







Contos russos juvenis

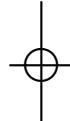
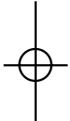
Daniela Mountian (organização)

Tradução do russo

Irineu Franco Perpetuo
Moissei Mountian
Tatiana Larkina

Ilustrações

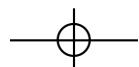
Fido Nesti



2^a edição

KALINKA

São Paulo, 2021





A COLEÇÃO BELLA, DA EDITORA KALINKA,
TRAZ OBRAS CLÁSSICAS E MODERNAS
FEITAS POR ESCRITORES E ILUSTRADORES
RUSSOS PARA JOVENS E CRIANÇAS
DE TODAS AS IDADES.

TÍTULO Contos russos juvenis
ORGANIZAÇÃO e PREFÁCIO Daniela Mountian
TRADUÇÃO do RUSSO Irineu Franco Perpetuo
TRADUÇÃO do RUSSO Moissei Mountian
TRADUÇÃO do RUSSO Tatiana Larkina
REVISÃO Nanami Sato
EDITOR-ASSISTENTE Paulo Henrique Pompermaier
CAPA e ILUSTRAÇÕES Fido Nesti
PROJETO GRÁFICO Kalinka
FORMATO 14 x 21 cm
NÚMERO de PÁGINAS 400

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Contos russos juvenis / organização e prefácio
Daniela Mountian ; ilustrações Fido Nesti ; tradução do russo
Irineu Franco Perpetuo, Moissei Mountian, Tatiana Larkina. – 2.
ed. – São Paulo : Kalinka, 2021.

Vários autores
ISBN 978-65-86862-09-6

1. Contos – Coletâneas – Literatura infantojuvenil 2. Contos russos – Literatura infantojuvenil. I. Mountian, Daniela. II. Nesti, Fido. III. Perpetuo, Irineu Franco. IV. Mountian, Moissei. V. Larkina, Tatiana. VI. Série.

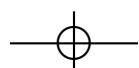
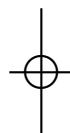
21-64545

CDD-02 8.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos russos : Literatura infantojuvenil 028.5
 2. Contos russos : Literatura juvenil 028.5
- Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Contos russos juvenis





SUMÁRIO

PREFÁCIO [9]

Daniela Mountian

CONTO DO TSARÉVITCHE CLORO [33]

Catarina II

A CIDADEZINHA NA TABAQUEIRA [51]

Vladímir Odóievski

MUMU [65]

Ivan Turguêniev

O PRISIONEIRO DO CÁUCASO [111]

Lev Tolstói

BOBINHO [155]

Nikolai Leskóv

VANKA [169]

Anton Tchêkhov

O FUGITIVO [177]

Anton Tchêkhov

CONTO DA FILHA DO FABRICANTE DE CAIXÕES [193]

Fiódor Sologub

PRIMEIRA MÁGOA [211]

Lídia Avílova

O POODLE BRANCO [235]

Aleksándr Kuprin

O ELEFANTE [287]

Aleksándr Kuprin

A PROVA [309]

Lídia Tchárskaya

A MÃE [321]

Lídia Tchárskaya

A PEDRINHA VERMELHA [333]

Sacha Tchómy

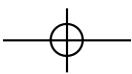
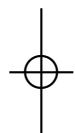
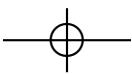
SOBRE COMO KOLKA PÁNKIN VIAJOU PARA O BRASIL E SOBRE

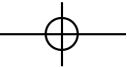
COMO PIETKA ERCHÓV NÃO ACREDITOU EM NADA [353]

Daniil Khaims

SOBRE OS AUTORES [373]







Prefácio¹

DANIELA MOUNTIAN

A presente coletânea reúne quinze contos de doze autores representativos da literatura russa juvenil, ainda pouco publicada e conhecida no Brasil.

O livro percorre um período de quase 150 anos (o primeiro conto data de 1781 e o último de 1928) e não foi pensado para integrar todos os autores consagrados que construíram essa história, mas organizado para oferecer uma amostragem de estéticas e de questões expressivas que se assinalaram ao longo desse século e meio.

Não se pode determinar quando uma literatura nasceu, mas se pode pensar em quando ela começou a ser formalizada e se tornou objeto de reflexão. Em sua expressão espontânea e oral, histórias russas para crianças surgiram muitos séculos atrás com *skázki* (contos maravilhosos populares), *byliny* (narrativas épicas), provérbios, canções, adivinhas, anedotas.

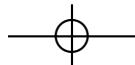
1. A organização dessa publicação se insere na minha pesquisa de pós-doutorado, *A literatura infantil russa e brasileira: uma análise comparada (1919-1943)*, que desenvolvo no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2017/24139-9).



Antes de traduções e livros literários, o que se publicava para os pequenos russos eram alfabetos, cartilhas, manuais de boas maneiras e encyclopédias, e o caráter moralizante e religioso desses materiais é inegável. O Abecedário (1574), do tipógrafo Ivan Fiódorov (c.1520–1583), nascido no Grande Principado de Moscou, é a mais antiga edição infantil russa de que se tem conhecimento e trazia preces aos educandos e recomendações de castigos aos educadores. Já o primeiro guia de boas maneiras, *Livro de correção*, foi produzido no século seguinte, em 1683, pelo tipógrafo, professor de grego antigo e poeta Karion Istómin (fins de 1640–1717), como um presente de aniversário pelos onze anos do jovem Pedro: em forma de diálogo, este “livro ensinou ao futuro Pedro I a se portar em casa, na corte e na igreja”, como assinalou Ben Hellman, pesquisador finlandês que fez uma competente sistematização das letras russas infantojuvenis do séc. XVI ao XXI.²

A mando do próprio Pedro, que ocidentalizou a corte e obrigou todos os cortesãos a aprender a ler e a escrever, foi produzido um guia de decoro para jovens que se tornou referência por décadas: *O espelho honesto da juventude ou Indicações de como ter [boas] maneiras na vida* (vários autores, 1717). Baseado em modelos europeus, o guia continha uma cartilha e parábolas bíblicas e, na segunda parte, orientações gerais ao jovem nobre: como se comportar privadamente, diante dos pais e dos servos, e na vida pública. À mesa, por exemplo, havia recomendações do tipo: “Não se empanturre feito um porco!”, “Não limpe os dentes com a faca (...).” O manual, que também trazia conselhos para meninas (inclusive de higiene), foi republicado até 1767 e vinha em formato pequeno para que pudesse ser facilmente carregado no bolso.

2. HELLMAN, Ben. *Contos maravilhosos e histórias reais: a história da literatura russa infantil (Skazka i byl: Istorya rússkoi diétskoi literatúry)*. Moscou: Nôvoie literatúrnoie obozriénie, 2016, p. 9.





De forma mais sistemática, o começo da veiculação de livros infantis de ficção pode ser datado da segunda metade do século XVIII, época do reinado de Catarina II (1729–1796), embora, em meio a uma aristocracia que se recusava a falar russo e a uma população não alfabetizada, a maior parte das publicações literárias ainda fosse composta por títulos estrangeiros. Em todo caso, nesse momento, como em outras áreas do conhecimento, deram-se passos importantes para a consolidação da literatura russa infantojuvenil, ocorrida a partir da segunda década do século XIX.

Os primeiros contos russos para a infância saíram da pena de ninguém menos que da própria Catarina, imperatriz da Rússia de 1762 a 1796. Nada mais justo e historicamente curioso, portanto, iniciarmos nossa seleta com ela.

“Conto do tsarévitche Cloro” (1781) e “Conto do tsarévitche Fevei” (1783), escritos por ela, “converteram-se nas primeiras obras literárias em prosa para crianças publicadas na língua russa” (HELLMAN, p. 15). Os textos, de caráter edificante, foram feitos para seus netos, Alexandre, futuro imperador, e Constantino. Sem viés nacionalista, as parábolas ressaltam valores universais: justiça, honestidade, bondade.

Introduzindo a coletânea, o “Conto do tsarévitche Cloro”, um dos textos mais populares da imperatriz,³ se passa no reino de um tsar bondoso e justo que tinha um filho, o tsarévitche Cloro, dotado de beleza admirável. Um dia Cloro foi deixado aos cuidados de sete babás, enquanto os pais saíam em defesa das fronteiras do reino. A beleza e a inteligência do menino chegaram ao conhecimento de um cã quirguiz, que por isso desejou conhecê-lo e, tendo sido

3. KRAVTCHEKO, O. A. “Conto do tsarévitche Cloro” e o desenvolvimento do sistema alegórico e figurado na ode “Felícia” de G. R. Derjávin (“Skazka o tsariévitche Khlore i púti razvitiia eio óbrazno-allegorítcheskogo stroia v ode G. R. Derjávina “Felitsa”). *Imaloguia i komparativistika*, 2015, nº 1, pp. 91–104.



impedido pelas babás de chegar até ele, atraiu o curioso Cloro, levando-o para seu acampamento. Para libertá-lo, o cão exigiu, em troca, que o tsarévitche encontrasse “uma rosa sem espinhos, que não picasse”. No caminho cheio de tentações à procura da flor, o menino recebeu ajuda de Juízo, neto do cão. A parábola reflete o pensamento iluminista da tsarina, cuja correspondência com Voltaire tornou-se célebre. A imperatriz pregava o aprimoramento pessoal por meio do conhecimento do mundo, que deveria ser adquirido pela leitura desde a infância. Ela mesma organizou uma cartilha (*Cartilha elementar com estudos cívicos*, 1781) e se aventurou por vários gêneros como escritora: comédia, dramas históricos, operetas. Nada disso, no entanto, impediu que ela governasse a Rússia com mãos de ferro.

Uma figura emblemática da época de Catarina foi o editor maçom Nikolai Novikov (1744–1818), que, entre outras empreitadas, publicou mais de quarenta livros para crianças e foi criador da revista *Leitura infantil para o coração e a razão* (1785–1789), um suplemento gratuito do jornal *Notícias de Moscou* (1756–1917): “a revista de Novikov não foi apenas a primeira do gênero da Rússia, como uma das primeiras da Europa. Exatamente nesse momento, dos anos sessenta a noventa do séc. XVIII, apareceram na literatura europeia escritores que passaram a ser chamados *infantis*”.⁴ Para Novikov, as crianças russas deveriam praticar sua língua natal (os nobres não raro dominavam mais o francês do que o russo) e sua revista, com algumas propostas progressistas, conquistou, depois, elogios do maior crítico russo do século XIX, Vissarion Belinski

4. GOLOVIN, Valentin. Primeira experiência de edição de uma revista para jovens na Rússia (Piérvyi opit izdania jurnalâ dlia iúnochestva v Rossii). Konstruiruia diétskoie: filologuia, istoria, antropologuia. Moscou, São Petersburgo: Azimut, 2011, p. 11.



(1811–1848), que muito se interessou pela questão da educação e da literatura infantil.

Ainda no fim do século XVIII surgiu aquele que foi o maior fabulista russo, Ivan Krylov (1769–1844), que escreveu e adaptou muitas fábulas de Esopo e de La Fontaine. No Brasil, histórias de Krylov, escritas em forma poética, foram adaptadas para o português por Tatiana Belimky (1919–2013), que, por sinal, foi quem mais se dedicou à tradução de textos russos infantis e juvenis aqui.

Foi no romantismo que a literatura infantil passou a despertar maior atenção por parte dos escritores russos e apareceram os primeiros que se dedicaram quase que exclusivamente às crianças (Anna Zontag, Vladímir Lvov, Piotr Furman, entre outros). A quantidade de publicações infantojuvenis aumentou — em meados de 1830, o número de textos escritos em russo superou o de traduções (HELLMAN, p. 30).

Ganharam destaque histórias que exploram a fantasia — que aparece em contraste com a realidade —, de maneira que o leitor saiba em qual dos dois mundos está. Dois textos em prosa desse período se tornaram marcos, a novela *A galinha preta ou os habitantes do subterrâneo* (1829), de Antóni Pogoriélski (1787–1836), tio do futuro escritor Aleksei Tolstói; e “A cidadezinha na tabaqueira” (1834), parte da nossa seleta, de Vladímir Odóievski (1804–1869), escritor e musicólogo que cunhou a expressão, hoje repetida aos quatro ventos, “o sol da poesia russa”, referindo-se ao mais admirado poeta do país, Aleksandr Púchkin.

No conto de Odóievski, que faz referência a E. T. A. Hoffmann, o menino Micha inicia uma jornada pelo interior de uma caixinha de música, onde ele comprehende o mecanismo de funcionamento de sinos, martelos, ganchos e cilindros, que ganham vida e, em última



análise, se tornam uma alegoria da sociedade, como notou depois Belinski, admirado (HELLMAN, p. 34).

O romantismo também trouxe o interesse pelo folclore, uma das respostas ao nacionalismo que aflorou na época. Surgiram estudos e coletâneas de textos populares, que eram anotados e reunidos. Ganhou notoriedade a coletânea *Contos populares russos*, cuja primeira edição, com mais de 600 textos, saiu em oito volumes (1855–1863), com organização de Aleksandr Afanássiev (1826–1871). Em 1870 Afanássiev lançou uma edição especial para crianças: *Contos populares russos infantis*.⁵

Essas histórias coletadas ganharam refinamento literário nos poemas folclóricos de Aleksandr Púchkin (1799–1837), Vassíli Jukovski (1783–1852) e Piótr Erschov (1815–1869): “A escolha da forma poética podia parecer estranha, pois não havia nada parecido nem na Rússia nem no estrangeiro. Os escritores esforçavam-se por representar o folclore de uma maneira mais elegante” (HELLMAN, p. 35). A estrutura narrativa dos contos populares também foi explorada pela prosa russa, a começar por Nikolai Gógl (1809–1852).

A fase de grandes obras do realismo russo, consagrada mundialmente por escritores como Ivan Turguêniev (1818–1883), Fiódor Dostoiévski (1821–1881) e Lev Tolstói (1828–1910), foi, em geral, mais matizada por questões sociais e humanitárias, o que também se refletiu nos contos para a infância. E não poderia ser diferente: as reformas institucionais dos anos 1860, realizadas no governo de Alexandre II, foram sentidas por todos os setores da sociedade.

É preciso destacar, nesse período, a atuação de importantes críticos russos, como Nikolai Dobroliúbov (1836–1861) e Nikolai Tchernychévski (1828–1889). Ambos produziram crítica de livros

5. CAROLINSKI, Flavia Cristina Moino. Aleksandr Nikoláevitch Afanássiev e o conto popular russo. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade de São Paulo, 2008, p. 61.



infantis nas pegadas do já referido Vissarion Belínski, que, nos anos 1840, estabeleceu os critérios artísticos da assim chamada Escola Natural, de viés social.

Belínski, que escreveu “cerca de 200 trabalhos dedicados à literatura infantil”,⁶ achava que, nas obras para os pequenos, a realidade deveria ser descrita tal como é, sem falseamentos, o que condizia com o que pensava sobre literatura, em geral, nessa década. A demanda mais utilitária para ele não significava, entretanto, desprezo à forma: era peremptório ao afirmar que obras para jovens leitores tinham que ser elaboradas com arte, considerando fundamental que eles aprimorassem o senso estético. Para este opositor do absolutismo e do regime de servidão, os livros infantis tinham a função de preparar as crianças para se tornarem cidadãos conscientes, refinados esteticamente e munidos de ideais humanitários, e, após os 12 anos, elas já deveriam ler textos literários para adultos (o conceito de literatura juvenil é algo mais contemporâneo, assim como o de adolescência; a idade adulta começava bem mais cedo). Belínski criticava duramente as “obras sentimentais de cunho moralizante” (SIGÓV, p. 66) e recomendava, para os pequenos, contos populares russos, textos de Odóievski e as fábulas de Krylov e, para os mais crescidos, livros de história e de ciências naturais e obras de Púchkin, Jukóvski, Lermontov e Gógol e, entre os estrangeiros, Cervantes, Swift, Alexandre Dumas e, principalmente, Walter Scott e Fenimore Cooper.

Aprofundando o lado político-social de Belínski, alguns anos depois Tchernychevski, autor da clássica obra panfletária *Que fazer?* (1863), assegurava que a literatura infantil deveria, além de ser escrita de forma breve, clara e com ritmo ligeiro, ensinar a vida real

6. SIGÓV, Vladímir (org.). *Literatura infantil (Diétskaia literatura)*. Moscou: Iurait, 2019, p. 64.



para as crianças, às quais também recomendava leituras adultas. Considerava os jovens capazes de apreender a realidade sem floreados e de participar ativamente dela. Por essa razão, livros juvenis de história e de ciências naturais, com informações sobre natureza, plantas e animais, eram recebidos por ele com entusiasmo, assim como por Dobroliúbov.

Com a abolição da servidão em 19 de fevereiro (3 de março no calendário gregoriano) de 1861 e milhões de camponeses recém-liberados, as escolas populares, com professores mais preparados, receberam o impulso necessário para se desenvolverem: "Entre a segunda metade do século XIX e o início do XX, surge no Império Russo a necessidade de organizar um novo sistema educacional popular e de conduzir uma educação comum".⁷ O Regulamento das Escolas Populares Elementares foi estabelecido pelo Ministério da Educação Popular em 1864. Novos compêndios escolares foram criados e dois nomes tiveram relevância nesse processo: Konstantin Uchínski (1823–1870) e Lev Tolstói (1828–1910).

O pedagogo Uchínski, valorizando a cultura popular, a língua russa, a religião e um aprendizado menos formal e mais pautado na experiência da criança, alterou o curso da pedagogia infantil russa. Seus manuais *Mundo infantil* (1861) e *Palavra nativa* (1864–69) foram inúmeras vezes reeditados. Embora desse particular importância a conteúdos ilustrativos da natureza, Uchínski foi o primeiro a incluir textos de literatura (Derjávin, Púchkin, Jukóvski, Turguêniev, etc.) como parte do aprendizado (SIGÓV, p. 118).

7. VÓLK, Elena. Escolas populares na segunda metade do século XIX e início do XX na Rússia: particularidades na organização do processo de educação escolar (*Národné chkóly vtorói poloviny XIX — natchala XX stoletia v Rossii: osobennosti organizatsii utchebno-vospitatel'nogo protsesssa*). *Viestnik Tcheliábinskogo gosudárstvennogo pedagogicheskogo universiteta*, 2017, nº 5, p. 35.



Muito engajado nas questões de seu tempo, Lev Tolstói se dedicou à educação com especial afinco e praticamente a vida toda — sobre o tema escreveu “nada menos que 629 trabalhos, muitos deles dedicados à metodologia pedagógica e às recomendações aos professores, sem contar as numerosas correspondências”.⁸ O conde tinha grande interesse pela cultura popular e pesquisava “quais livros o povo lia e estimava” (SIGÓV, p. 134). Fundou, em 1859, uma escola para camponeses em sua propriedade, Iásnaia Poliana, onde “não havia horário, nem punição, nem nota. Não havia dever de casa e exames, e os estudantes tinham permissão para entrar na classe e sair dela a qualquer momento” (HELLMAN, p. 86). Tolstói acreditava em um processo de aprendizado recíproco, em que o aluno aprende tanto quanto o professor.

Ele criou em 1862 a revista mensal sobre pedagogia e educação *Iásnaia Poliana* (apreciada por Tchernychévski), além de ter organizado a Cartilha (1871–1872), que depois se desmembrou na Nova cartilha (1875) e em quatro *Livros russos para leitura* (1875–1885). A Cartilha era “um manual enorme de 756 páginas dividido em 4 livros, cada um, por sua vez, subdividido respectivamente em 4, 3, 3 e 3 partes” (BERNARDINI, p. 160) e continha o alfabeto cirílico, exercícios silábicos, provérbios, adivinhas, textos de leitura, e notas aos professores. No preparo desse empreendimento nada modesto, Tolstói estudou fábulas e contos populares alemães, árabes, gregos, indianos e judeus para adaptá-los às crianças camponesas. Suas ideias democráticas e multiculturais foram tão

avançadas para a época, que alguns pedagogos o censuraram “pela simplicidade e pelo caráter figurado da linguagem”. (SIGÓV, p. 134)

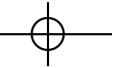
8. BERNARDINI, Aurora Fornoni. As cartilhas do Conde Lev Nikoláievitch Tolstói. *Aulas de literatura russa*. São Paulo, Kalinka, 2018, p. 159.



Isso levou Tolstói a rever o material, criando a *Nova cartilha*, que, com um método progressivo de aprendizado, passou finalmente a ser adotada pelas escolas populares, sendo reeditada 28 vezes até 1917, “com uma tiragem geral que se aproximava de dois milhões de exemplares” (HELLMAN, p. 88). “O trabalho sobre a língua é terrível. É preciso que tudo seja belo, lacônico, simples e principalmente claro”, disse Tolstói ao criar a *Cartilha* (SIGÓV, p. 169).

Para suas cartilhas, o autor de *Guerra e paz* escreveu ou adaptou à sua maneira — com sua visão moral e religiosa (que incluía preceitos como praticar a não violência e perdoar ao inimigo) — contos que refletiam a realidade ou traziam conhecimentos sobre natureza (escritos com uma linguagem concisa e procedimentos literários argutos) e fábulas esopianas com lições de moral baseadas na vivência da criança.

O autor também escreveu textos especialmente para jovens que se tornaram clássicos, como o aqui incluído “O prisioneiro do Cáucaso” (1872), publicado na revista *Aurora* e no quarto *Livro russo para leitura*. A história, tratando do embate clássico de russos e tchetchenos ou de colonizadores e colonizados, tornou-se muito conhecida na Rússia, ganhando duas adaptações para cinema — não é para menos, o texto é cinematográfico. Muito estimado pelo escritor e baseado em sua própria experiência no serviço militar, o conto narra a história de Ivan Jílin, um fidalgo russo que servia na Guerra do Cáucaso e foi capturado por tártaros montanheses ao tentar regressar para casa, depois de ter recebido uma carta da velha mãe doente pedindo para vê-lo e para conhecer a noiva que lhe arranjara — a carta da mãe contém uma citação bem-humorada a “Ivan Fiódorovitch Chponka e sua titia” (1832), conto de Nikolai Gógol sobre um oficial que volta para casa a fim de rever a velha tia, a qual tenta lhe empurrar uma noiva, mas a ligação mais direta



da história de Tolstói é com um ciclo de poemas (1822) de Púchkin, também chamado “O prisioneiro do Cáucaso”, que é ainda o título de um poema longo (1828) de Mikhail Lermontov (1814–1841). Essas relações não surpreendem: um dos traços da literatura russa é esse jogo de amarelinha de citações e homenagens contínuas (via paródia ou estilização), normalmente culminando em Púchkin ou Góglol.

Com ritmo contagiate e temas universais (traição, amizade, esperança, audácia, etc.), o narrador de Tolstói, que adota o ponto de vista russo, mantém o colorido local ao descrever os tártaros, sem cair na caricatura simplória, usando da técnica contrastiva e de uma linguagem saborosa e ao mesmo tempo simples, sem excessos. O escritor considerava “O prisioneiro do Cáucaso” um conjunto exemplar de procedimentos literários que ele seguiria dali em diante para se comunicar com o grande público.

Dos autores russos do séc. XIX conhecidos do leitor brasileiro, foi Tolstói quem mais se dedicou à literatura infantojuvenil, mas outros nomes consagrados também se interessaram por ela. Ivan Turguêniev (1818–1883) gostava muito de crianças e chegou a planejar uma antologia de contos infantis, que infelizmente não realizou, mas seu “Mumu” (1854), escolhido para esta coletânea, embora não tenha sido escrito unicamente para jovens, é lido nas escolas russas e se tornou uma das histórias mais conhecidas do país que trata da relação entre pessoas e animais. Baseado num acontecimento real, o conto retrata o duro destino da doce Mumu, a spaniel de Guerássim, um brutamontes surdo-mudo, de caráter duro, mas inocente, que todos temiam e, de algum modo, respeitavam. Com uma força descomunal, ele trabalhava como caseiro em Moscou para uma fidalga velha e rabugenta que se



tornou responsável pelos dois infortúnios que marcaram a vida do criado.

Turguêniev, como Tchernychévski, lamentava a falta de bons livros russos para os pequenos. Em Paris, ele se encantou com uma obra da escritora Sofia Butkiévitch (início de 1830–depois de 1880), *Diário de menina* (1862), em que objetos ganham vida e contam sua própria história, um livro que informa “sem pedantismo”, como Turguêniev observa no pequeno prefácio que fez para ela, no qual acentua a dificuldade de se escrever para crianças e a necessidade de “aperfeiçoamento moral e social” de quem escreve. Destaca ainda a urgência de produção nacional: “crianças russas precisam de livros russos”.⁹

Na segunda metade do século XIX, a escrita de denúncia, que busca desvelar injustiças e desequilíbrios sociais, com desfechos não raro infelizes, ganhou mais destaque, definindo uma vertente importante da literatura juvenil russa. São dela representantes, entre outros, Vladímir Korolenko (1853–1921), Pável Zassodímski (1843–1912), Dmítri Mámin-Sibiriák (1852–1912) e o poeta Nikolai Nekrássov (1821–1878), que usou muito da cultura camponesa em seus poemas.

Nikolai Leskóv (1831–1895), que dava particular atenção a crianças desamparadas, também tinha a vida camponesa muitas vezes como tema e utilizava elementos narrativos do conto popular. Parte deste volume, “Bobinho” (*Duratchók*), publicado pela primeira vez em 1891 na revista infantil *Brinquedinho*, integra uma série de textos que Leskóv escreveu aos pequenos. Pachka, personagem principal, é uma espécie de iuródivyi, que no dicionário pode ser definido como “bobo” (*durák*), “mendigo alienado”, “vi-

9. TURGUÊNIEV, Ivan. Prefácio para *Diário de menina* de S. Butkiévitch (*Predislovie k "Dnevniku diévotchki"* S. Butkiévitch). Pólnoe sobránie sotchiniénnii i pissem v 30 tomákh. Moscou, Naúka, 1982.





dente". Figura representativa da cultura russa, o *iuródivyi*, misto de louco e santo, é um devoto, um eremita que abre mão de riquezas terrenas e sai vagando pelo mundo. A essa imagem se reúne uma personagem típica dos contos populares maravilhosos, o Ivan-du-rák (*Ivanuchka-duratchók*, diminutivo), que é normalmente o mais novo e mais fraco de três irmãos que consegue passar por todas as provações e casar com a filha do tsar. Leskóv se interessava pela religiosidade que nascia espontaneamente do povo, mas não pela "burocracia ortodoxa"; nesse sentido, o conto "Bobinho" é emblemático: "Escreveu uma série de contos desse gênero, cujo personagem central é o justo, raramente um asceta, em geral um homem simples e ativo, que se transforma em santo com a maior naturalidade".¹⁰

Desvendar o máximo da vida com o mínimo de sentimentalismo foi a missão que se colocou o escritor e dramaturgo Anton Tchékhov (1860–1904), que também era médico e mudou o curso do teatro e da prosa curta mundial com procedimentos literários que se tornaram sinônimo de modernidade. As tramas tchekhovianas se revelam quando nada parece ocorrer, o que importa está em detalhes quase imperceptíveis ou no que foi deixado de dizer. Em seus contos, muitas vezes historietas sobre existências comuns, ele não busca resolver os conflitos, "detesta colocar os pingos nos is",¹¹ nas palavras de Elena Vássina, e deixa este trabalho para o leitor.

Tchékhov não fazia diferença entre textos para adultos e para crianças, mas para elas selecionou, entre seus escritos, *Kachtanka* e *Belolóby*. Outras obras do escritor entraram no repertório infan-

10. BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskóv. *Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 3^a ed., 1985, p. 200.

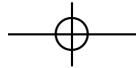
11. VÁSSINA, Elena. Anton Pavlovitch Tchekhov. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/anton-pavlovitch-tchekhov/>.



tojuvenil russo, como os dois contos escolhidos para nossa coletânea (mais tocantes do que se espera do autor, mas, como muitas obras suas, descrevem situações que não podem ser resolvidas individualmente): "Vanka" (1886) e "O fugitivo" (1887), traduzidos para várias línguas e muito apreciados por Lev Tolstói, que do segundo teria escrito: "Como é bom ler isso! Volta e meia, numa parte tocante ou engraçada, eu me emociono".

Há quem defenda a ideia de que *Vanka*, que retrata a noite de Natal de um órfão miserável que apanha dos donos da casa onde vive, reflete a própria infância do escritor, que veio de uma família humilde e sofrera maus-tratos do pai. O conto "antinatalino", com marcas de Andersen e Dickens, foi publicado no dia 25 de dezembro de 1886 no suplemento "Contos de Natal" do *Jornal de Petersburgo*. No mesmo jornal saiu "O fugitivo" (1887), história sobre um menino de sete anos que adoeceu e, ao ser internado, é rodeado de vidas se desfazendo. Conforme testemunho do irmão do autor, foi baseada em fatos ocorridos no hospital Tchikínski na época em que Tchékhov, ainda um jovem médico, lá servia.

Lídia Avílova (1864–1943), que aparece aqui com o conto "Primeira mágoa" (1906), é quase automaticamente relacionada a Anton Tchékhov, a quem ela conheceu em 1889 e sobre quem escreveu uma biografia (*A. P. Tchékhov na minha vida*). A escritora costumava mandar seus manuscritos para que Tchékhov, seu amigo, desse conselhos e pareceres e, por vezes, marcas do estilo dele transparecem em suas obras. Em "Primeira mágoa", o menino Gricha, com a prisão do cocheiro e amigo Ignát, se vê diante de seu primeiro dilema ético. O conto foi elogiado por Lev Tolstói, que, à frente de vários projetos editoriais, o integrou a uma coletânea infantil.





Aleksándr Kuprin (1870–1938) conheceu Tchékhov na mesma época de Avílova e o tinha como mestre. Numa carta de 1901,¹² Kuprin fala de três peças dele a que assistiu (*A gaivota*, *Tio Vânia*, *Três irmãs*) e, no fim, pede permissão para dedicar-lhe uma coletânea de contos. Kuprin era um bom prosador, muitas de suas narrativas descrevem com realismo a vida de desvalidos e corajosos, elementos que não desaparecem dos contos que escreveu para jovens e crianças, até hoje lidos e reeditados na Rússia, como “O poodle branco” (1904) e “O elefante” (1907).

“O poodle branco” narra as desventuras de uma trupe itinerante: um velho tocador de realejo fora de moda, um jovem órfão acrobata, de doze anos, e um /emph>poodle chamado Artô. Nas andanças pelas montanhas da Crimeia, os saltimbancos vão de datcha em datcha fazendo apresentações para conseguir trocados. Algumas cenas do conto revisitam claramente “Mumu”, que dá uma perspectiva mais dramática ao suposto final feliz da história de Kuprin.

Com notas mais leves, “O elefante”, estudado em escolas, traz um sopro de vida com a história de Nadiejda (“esperança” em russo), uma menina de seis anos que adoece de tristeza e sonha conhecer um elefante. Em desespero, seu pai vai até o circo e providencia que um deles visite a filha. O tema do circo e as descrições vivas do elefante Tommy não surpreendem — Kuprin, que voava de balão e mergulhava com o escafandro, era admirador de circos; ele mesmo foi ator, tinha amigos lutadores, domadores e cantores e dizem que chegou a entrar numa jaula de leões e por pouco não foi atacado.

O fim do século XIX trouxe à arte russa o movimento simbolista e o início do que se convencionou chamar “Era de Prata”, que abran-

^{12.} GRÓMOV, M.P., et al. Correspondência de A. P. Tchékhov e A. I. Kuprin (Peripiska A. P. Tchékhova i A. I. Kupriná). Moscou: Khudójestvennaya literatura, 1984.



geu um período cronologicamente curto, mas que concentrou um número nada desprezível de criações surpreendentes de áreas e tendências artísticas diversas. Não à toa Nikolai Berdiáiev chamou essa época de “Renascença russa”, “um momento que reuniu o simbolismo, o acmeísmo, futurismos e um sem-número de correntes e artistas de várias áreas que cobriram a Rússia de manifestos, conceitos, obras e utopias arrojadas por cerca de três décadas”.¹³

Não poucos simbolistas, vanguardistas e modernistas em geral escreveram textos em prosa e em versos direcionados para jovens e crianças. Algumas coletâneas poéticas infantis reuniram poetas de envergadura: *A estrela da manhã* (1912), por exemplo, trazia, entre outros, Aleksándr Blok, Ivan Búnin e Fiódor Sologub (HELLMAN, p. 215). A revista infantil *Vereda* (*Tropinka*, 1905–1912), sob direção de Natália Manasseina e Poliksíena Soloviova, a Allegro, irmã do filósofo simbolista Vladímir Solovióv, também reuniu muitos artistas importantes, principalmente simbolistas: Aleksándr Blok, Aleksándr Kuprin, Aleksei Riémizov, Aleksei Tolstói, Andrei Biéli, Konstantin Balmont, Kornei Tchukóvski, Maria Morávskaia, Sacha Tchómy, Zinaída Guíppius, etc.

Devido ao interesse simbolista pelo mito e pelo folclore presente na virada do século XIX para o XX, houve nessa época uma busca pela *skazka* (conto maravilhoso popular). Fiódor Sologub (1863–1927), expoente da velha geração de simbolistas de São Petersburgo, escreveu contos maravilhosos para crianças pequenas, mas para a coletânea foi selecionado o “Conto da filha do fabricante de caixões” (1915), que não foi escrito apenas para o público juvenil, mas usa a estrutura da *skazka* e traz personagens jovens (a criança é tema central da poética do autor). Na história, Elnítski

¹³ MOUNTIAN, Daniela. A pedra viva de Mandelstam. *Revista Rosa*, série 2, nº 1, 25 de maio de 2020. Disponível em: <http://revistarosa.com/1/a-pedra-viva-de-mandelstam>.



se vê apaixonado pela encantadora Zoia, filha do fabricante de caixões da cidade, que, para construir as lápides dos futuros clientes, pede que ela fique do lado deles e tira as medidas a olho. O elemento fantástico se une, como de hábito no autor, ao insólito e ao sombrio, em uma narrativa construída por mundos sobrepostos (uma história dentro da outra).

Também no universo do fantástico está o conto “A pedrinha vermelha” (1912), de Sacha Tchórny (1880–1932), mas aqui entram em cena o cômico e o lúdico. Maria Morávskaia (1890–1947) e Sacha Tchórny escreveram poemas infantis com um humor que contraria a lógica cotidiana, anunciando, de algum modo, as criações dos anos 1920, como observou Hellman (p. 226).

“A pedrinha vermelha” foi um dos primeiros trabalhos infantis de Sacha Tchórny, que na época já era conhecido como poeta satirista. O conto fez parte da antologia *Livrinho azul* (1912), de que participou também Maksim Górkii (1868–1936), figura muito influente, como escritor e editor, na esfera infantil no início da União Soviética.

No conto de Tchórny, o pequeno Jórjik, por meio de uma pedrinha recebida de uma velha na floresta, ouvia a conversa dos animais; o narrador traz o olhar e a lógica adorável da criança e os leva para o plano da linguagem.

Longe de círculos artísticos e dos elogios dos críticos se encontrava a favorita das russinhas do início do século xx: Lídia Tchárskaia (1875–1937). Tchárskaia produzia febrilmente e, por anos, tudo o que publicava virava best-seller. Muitas de suas heroínas românticas, sentimentais e positivas, de caráter marcante (não raro, órfãs), movidas por valores de moral elevada (bondade, amizade, generosidade), eram popularíssimas na Rússia (a uma delas Marina Tsvetáieva até dedicou um poema).



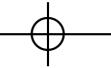
Os dois contos escolhidos para a antologia trazem protagonistas femininas. Em “A prova” (1907), temos as aflições de uma menina às vésperas de um exame de geografia. Já “A mãe” (1912) retrata a vida de uma viúva pobre e solitária que vivia de pequenos trabalhos de costura com três filhos pequenos para criar.

Depois da Revolução de 1917, seus livros, não considerados adequados à nova realidade, foram retirados das bibliotecas. Nos primeiros anos do governo bolchevique, Tchárskaya, sob o pseudônimo N. Ivanova, conseguiu, de alguma maneira, continuar escrevendo, mas em meados da década de 1920 essa possibilidade também lhe foi negada: “Até sua morte em 1937 Tchárskaya viveu doente e na penúria, recebendo uma pensão miserável e às vezes ajuda secreta de leitores devotados” (HELLMAN, p. 180).

No incipiente mundo soviético, surge uma nova forma de escrever e de ilustrar livros para crianças, desde o início condizente com a nova ideologia proletária, mas delineada — enquanto o realismo socialista ainda não havia se tornado estilo hegemônico — por artistas não raro dotados de linguagem arrojada.

Se, na literatura russa destinada aos adultos, experiências poéticas e gráficas da vanguarda do início do século XX circulavam, em geral, em produções caseiras e em grupos restritos, na literatura infantil eram arregimentados escritores e artistas gráficos — vindos de diversos círculos que então proliferavam na Rússia — para a produção de livros e revistas, impressos em tiragens consideráveis. Parece um contrassenso, mas, enquanto os órgãos soviéticos censuraram as criações para adultos desses artistas, aos seus livros infantis da década de 1920 eram reservados recursos públicos vultosos (em meados da década seguinte, o panorama mudou bastante). Muitos autores e pintores vanguardistas e modernistas passaram a viver à custa de publicações infantojuvenis,





escrevendo com certa liberdade: “(...) tornou-se a única chance, para uma série inteira de escritores e poetas, de ganhar dinheiro com a literatura. (...) Livros infantis eram editados em tiragens suficientemente grandes e rendiam bons vencimentos, assim como as revistas infantis pagavam honorários bem razoáveis”.¹⁴

Este foi o caso de Daniil Kharms (1905–1942), fundador de um coletivo de vanguarda chamado OBERIU (1928). Escreveu poemas, peças de teatro e miniaturas hilariantes que, depois de haverem sido censurados durante anos, caíram no gosto de artistas e jovens alternativos de São Petersburgo. Se sua produção voltada para o público adulto só teve reconhecimento depois de 1990 — décadas depois de sua morte trágica e precoce —, seus textos infantis, além de terem sido seu ganha-pão, eram adorados pelas crianças russas (e continuam sendo).

Ele colaborava nas revistas infantis *Ouriço (loj)* e *Pintassilgo (Tchij)* com poemas e contos que, por vezes, também viravam livros. Foi o caso de *Sobre como Kolka Pánkin viajou para o Brasil e sobre como Pietka Erchóv não acreditou em nada* (1928), uma viagem fantástica de duas crianças de Leningrado para o Brasil. Nos textos infantis de Daniil Kharms, dos anos 1920, não há espaço para didatismos, mas para o ilógico, o irracional, o nonsense; e impressionam as técnicas refinadas de humor. Diferentemente do conto de Odóievski, na história de Kharms não se pode discernir a realidade da fantasia. Os pequenos leitores são levados a um mundo lúdico, em que reinam a imaginação, a liberdade e a brincadeira, hoje elementos valorizados no desenvolvimento do jovem.

Daniil Kharms entrou no mundo das edições infantis por intermédio do poeta e editor Samuel Marchak (1887–1964), que, ao

14. KÓBRINSKI, Aleksándr. *Daniil Kharms. Vida de pessoas notáveis — série de biografias (Jizn zametchátelnykh liudéi — seriia biógráfií)*. Moscou: Molodaia gvárdiia, 2009, p. 136.



lado de Kornei Tchukóvski (1882–1969), foi responsável por uma renovação na poesia russa infantil. Marchak e Tchukóvski, tão conhecidos na Rússia como Monteiro Lobato é no Brasil, escreviam numa linguagem mais próxima dos pequenos — com humor, novo ritmo poético e modernização de procedimentos de contos populares tradicionais — e foram seguidos por uma nova geração de autores para crianças à qual também pertenciam Kharms e seus amigos vanguardistas.

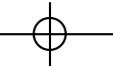
Além disso, a criação da União Soviética (1922) trouxe novos temas, novas personagens e novos cenários às histórias para a infância e a juventude, assim como a queda do regime, por isso a literatura russa infantojuvenil dos séculos XX e XXI poderá ser assunto para um próximo volume...

Os autores e estilos destacados neste prefácio e neste livro formam um breve contexto da literatura russa infantojuvenil até o início do século XX, mas estão longe de esgotar o tema. De um lado, dão uma pequena contribuição para que esta história comece a ser contada no Brasil. De outro lado, são textos bons de serem lidos, por todas as idades, traduzidos do russo por Irineu Franco Perpetuo, Moissei Mountan e Tatiana Larkina e ilustrados por Fido Nesti.

No fim das contas, como diria Tatiana Belinky, “o que é bom para a criança é bom para o adulto”.

BIBLIOGRAFIA

- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskóv. Walter Benjamin: magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 3^a ed., 1985.
BERNARDINI, Aurora Fornoni. As cartilhas do Conde Lev Nikoláievitch Tolstói. Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein. São Paulo, Kalinka, 2018.



CAROLINSKI, Flavia Cristina Moino. Aleksandr Nikoláevitch Afanássiev e o conto popular russo. Dissertação (Mestrado em Letras) — Universidade de São Paulo, 2008.

GOLOVIN, Valentin. Primeira experiência de edição de uma revista para jovens na Rússia (*Piérvyi opit izdania jurnalâ dlja iúnochestva v Rossii*). Konstruiruia diétskoie: filologuia, istoria, antropologuia. Moscou, São Petersburgo: Azimut, 2011.

GRÓMOV, M. P. et al. (org.) Correspondência de A. P. Tchekhov e A. I. Kuprin (Peripiska A. P. Tchékhova i A. I. Kupriná). Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1984.

HELLMAN, Ben. Contos maravilhosos e histórias reais: a história da literatura russa infantil (*Skazka i byl: Istorya rússkoi diétskoi literatúry*). Moscou: Nóvoie literatúrnoie obozriénie, 2016.

KÓBRINSKI, Aleksándr. Daniil Kharms. Vida de pessoas notáveis — série de biografias (Daniil Kharms. Jizn zametchátelnykh liudéi — seriia biográfii). Moscou: Molo- daja gvárdia, 2009.

KRAVTCHENKO, O. A. “Conto do tsarévitche Cloro” e o desenvolvimento do sistema alegórico e figurado na ode “Felícia” de G. R. Derjávin (“Skazka o tsariévitche Khlore” i púti razvitiâ eio óbrazno-allegorítcheskogo stroia v ode G. R. Derjávina “Felitsa”). Imalologuia i komparativistka, 2015, nº1, pp. 91–104.

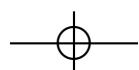
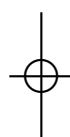
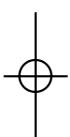
MOUNTIAN, Daniela. A pedra viva de Mandelstam. Revista Rosa, série 2, nº1, 25 de maio de 2020. Disponível em: <http://revistarosa.com/1/a-pedra-viva-de-mandelstam>.

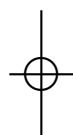
SIGÓV, Vladímir (org.). Literatura infantil (Diétskaia literatura). Moscou: Iurait, 2019.

TURGUÉNIEV, Ivan. Prefácio para Diário de menina de S. Butkiévitch (Predislovie k “Dnevniku diévotchkii” S. Butkiévitch). Pólnoie sobránie sotchiniénii i pissem v 30 tomákh. Moscou: Naúka, 1982.

VÁSSINA, Elena. Anton Pavlovitch Tchekhov. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/anton-pavlovitch-tchekhov/>.

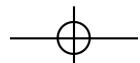
VÓLIK, Elena. Escolas populares na segunda metade do século xix e início do xx na Rússia: particularidades na organização do processo de educação escolar (Národnye chkóly vtorói poloviny xix — natchala xx stoletia v Rossii: osóbmnosti organizátsii utchebno-vospitátel'nogo protsesssa). Viéstnik Tcheliábinskogo gosudárstvennogo pedagogútcheskogo universitieta, 2017, nº 5.

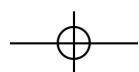




CATARINA II

(1729–1796)







Conto do tsarévitche Cloro

Antes dos tempos de Kii, príncipe de Kiev,¹ vivia na Rússia um tsar, um homem bom que amava a verdade e queria o bem de todos: frequentemente percorria sua região para ver como as pessoas viviam e se informava por toda parte se praticavam a verdade.

O tsar tinha uma tsarina.² Tsar e tsarina viviam em concórdia; ela o acompanhava nas viagens e não gostava de estar separada dele.

Uma vez, o tsar e a tsarina chegaram a uma cidade construída em uma montanha alta, no meio de uma floresta. Lá nasceu o filho do tsar, de beleza admirável, a quem deram o nome de Cloro; mas, durante os três dias alegres de festejos, o tsar recebeu a notícia desagradável de que seus vizinhos estavam agitados, tinham entrado em suas terras e cometido diversas ofensas contra os moradores da fronteira. Ele reuniu as tropas que estavam perto do acampamento e foi com elas defender as divisas. A tsarina partiu com o marido. O

1. Kii, rei lendário, um dos três irmãos criadores de Kiev (cidade-mãe que deu origem à Rússia, hoje capital da Ucrânia), cuja fundação é datada do séc. vi, conforme *Narrativa dos tempos passados*.

2. Tsar, tsarina, tsarévitche (aportuguesamento de tsariévitch), nomes dados na Rússia, respectivamente, para rei, rainha e príncipe-herdeiro.



tsarévitche ficou na cidade, na casa em que nasceu. O pai designou-lhe sete babás sábias e hábeis na educação de crianças. Já a cidade, o tsar a mandou fortificar com uma muralha de pedra bruta, com torres nos cantos, segundo o antigo costume; canhões nas torres não colocaram, pois naquela época não havia quem tivesse canhões. A casa em que o tsarévitche Cloro ficou morando, embora não fosse construída com mármore da Sibéria e pórfiro, era muito boa e confortável; na parte de trás havia jardins com árvores frutíferas, junto aos quais abriram lagoas com peixes que enfeitavam o local; os caramanchões de estilos de vários povos, de onde a vista se estendia ao longe pelos campos e vales das redondezas, faziam da residência um lugar muito agradável para se morar.

Quando o tsarévitche começou a crescer, a ama de leite e as babás repararam que ele era tão inteligente e vivo como belo, e por toda parte se espalharam rumores sobre a beleza, a inteligência e os bons talentos do tsarévitche. Ouviu falar disso um cã³ quirguiz, que errava pela estepe selvagem de carruagem coberta; teve curiosidade de ver a criança tão maravilhosa e, aovê-la, quis levá-la consigo para a estepe. Pôs-se a pedir às babás que viajassem com o tsarévitche para o acampamento dele; as babás disseram, com todo o respeito, que não podiam fazer nada sem a permissão do tsar, que não tinham a honra de conhecer o senhor cã e que

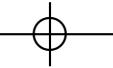
3. Cã (*Khan*), título de chefe disseminado durante a dominação mongol na Ásia (séc. XII/XIII) por várias regiões (sultões e reis o adotavam). Aqui foi usado pela imperatriz de forma anacrônica.



não visitariam gente desconhecida na companhia do tsarévitche. O cão não ficou satisfeito com essa resposta respeitosa, tornou-se mais insistente, como um faminto querendo pão, e pedia e pedia que as babás e a criança fossem com ele até a estepe. Tendo recebido uma recusa firme, entendeu finalmente que com rogos não alcançaria seu intento e lhes mandou presentes. Agradecendo, elas devolveram as oferendas e mandaram dizer que não precisavam de nada. O cão era teimoso e, firme em sua intenção, pensou no que fazer. Passou-lhe pela cabeça vestir roupas gastas, sentar-se ao portão do jardim, como se fosse um velho doente, e pedir esmola aos passantes. Um dia, o tsarévitche, ao passear pelo jardim, viu o velho sentado no portão e ordenou que descobrissem quem era. Correram e foram saber quem podia ser. Voltaram com a resposta de que era um mendigo doente. Cloro, uma criança curiosa, pediu para olhar o homem doente; as babás contiveram o tsarévitche, dizendo que ali não havia nada para ver e que mandasse uma esmola. O menino quis dar o dinheiro sem ajuda de ninguém e saiu correndo na frente, e as babás saíram atrás; mas, quanto mais rápido elas corriam, mais ele acelerava o passo. Cloro atravessou correndo o portão e, quando se aproximou do falso mendigo, prendeu o pé em um pedregulho e deu de cara com o chão; o homem levantou-se num pulo, pegou a criança nas mãos e lançou-se com ela morro abaixo. Lá o esperava uma pequena carruagem dourada, coberta de veludo; ele entrou nela e partiu



com o tsarévitche para a estepe. As babás, ao chegarem ao portão, já não encontraram nem mendigo nem criança, não viram nem vestígio deles, nem mesmo o caminho pelo qual o cã desceu o morro, segurando o tsarévitche com uma mão, como uma galinha pela asa, e agitando o chapéu acima da cabeça com a outra mão, e gritou três vezes “hurra”. Ao ouvir sua voz, as babás dispararam até o declive, mas era tarde, não conseguiram alcançá-los. O cã levou Cloro sem atropelos ao seu acampamento nômade e entrou com a criança numa tenda, onde foi recebido por seus dignitários. O cã confiou o tsarévitche a seu melhor oficial; este tomou Cloro pela mão e conduziu-o a uma tenda ricamente enfeitada, revestida de damasco vermelho chinês e tapetes persas. Ali colocaram o menino em uma almofada de brocados e se puseram a consolá-lo; mas ele chorava muito, lamentando ter fugido tão rápido das babás, e perguntava sem cessar para onde o tinham levado, por quê, para quê. O oficial e os chefes quirguizes que estavam lá contaram a ele muitas lorotas; um dizia que tudo tinha sido determinado pelas estrelas, outro que era melhor viver lá do que em casa, disseram tudo, menos a verdade, mas, ao ver que nada continha as lágrimas de Cloro, pensaram em assustá-lo com uma invencionice: “Pare de chorar, senão transformaremos você num morcego ou num milhafre, daí um lobo ou um sapo irá comê-lo”. O tsarévitche não era medroso e riu, entre lágrimas, desse absurdo. O oficial, ao ver que a criança parara de chorar, mandou arru-



marem a mesa; com a mesa arrumada, trouxeram os pratos e o tsarévitche comeu, no fim da refeição ofereceram geleia e todas as frutas que tinham; depois do jantar, despiram o menino e o colocaram para dormir.

No outro dia, antes de clarear, o cã reuniu seus dignitários e lhes disse o seguinte: “Como deve ser do conhecimento de todos, ontem trouxe comigo o tsarévitche Cloro, criança de rara beleza e inteligência. Desejo saber com precisão se é verdade o que eu ouvira falar dele; para conhecer seus talentos, pretendo empregar métodos variados”. Os dignitários, ao ouvirem as palavras do cã, fizeram-lhe reverências profundas; os bajuladores louvaram-lhe a atitude de ter raptado o filho de outra pessoa, que, ainda por cima, era um rei vizinho; os medrosos consentiram, dizendo: “Amado soberano, como podia ser de outra forma se é o que havia no seu coração?”. Alguns deles, os que realmente gostavam do cã, menearam a cabeça e, quando ele perguntou por que estavam calados, disseram com franqueza: “Fez mal em raptar o filho do rei vizinho e não iremos escapar da desgraça se você não emendar a sua conduta”. O cã replicou: “Vocês estão sempre se queixando de mim”, não os levou em conta e, quando a criança acordou, mandou que a levassem até ele. O tsarévitche, percebendo que queriam carregá-lo, disse: “Não se deem o trabalho, sei andar, vou sozinho”, e entrou na tenda do cã, fazendo reverências a todos — ao cã em primeiro lugar, depois aos que estavam à direita e à esquerda —, em seguida



se postou na frente do soberano com um ar tão respeitoso, recatado e decoroso, que deixou não apenas ele, mas todos os quirguizes admirados. Voltando a si, o cã disse o seguinte: "Tsarévitche Cloro, dizem que você é uma criança inteligente; faça o favor de encontrar para mim uma rosa sem espinhos, que não pique; o aio lhe mostrará um campo amplo, dou-lhe o prazo de três dias". A criança fez uma reverência ao cã, disse "sim, senhor", saiu da tenda dele e foi para a sua.

No caminho, deparou-se com a filha do cã, que era casada com o sultão Rabugento. Ele nunca ria e se zangava com os outros por narem, enquanto a esposa era de temperamento alegre e muito amável; ao ver Cloro, ela disse: "Salve, tsarévitche, como tem passado? Para onde vai?". O tsarévitche disse que, por ordem do cã, pai dela, ia procurar uma rosa sem espinhos, que não picasse. A filha do cã, que se chamava Felícia, espantou-se por mandarem uma criança buscar uma coisa tão difícil de se encontrar e, afeiçoando-se ao menino sinceramente, disse: "Tsarévitche, espere um pouquinho, vou procurar com você uma rosa sem espinhos, que não pique, se meu pai autorizar". Cloro foi almoçar em sua tenda, pois estava na hora, e Felícia foi pedir ao soberano permissão para ir procurar uma rosa sem espinhos, que não picasse, na companhia do tsarévitche. Não é que o cã apenas não tivesse permitido, ele proibiu severamente que ela fosse procurá-la com a criança.



Felícia, após sair da tenda do pai, convenceu o marido, o sultão Rabugento, a ficar com o cão, enquanto ela foi até o tsarévitche. O menino alegrou-se ao vê-la e pediu que se sentasse ao seu lado, com o que ela concordou e então disse: “O cão não me deixou ir com você, tsarévitche, procurar uma rosa sem espinhos, que não pique; mas lhe darei um conselho bom, meu pequeno, e você deve se lembrar dele; escute o que lhe direi e não esqueça”. O tsarévitche prometeu não esquecer. “A certa distância daqui”, continuou ela, “quando você for buscar uma rosa sem espinhos, que não pique, encontrará pessoas de trato muito agradável que tentarão convencê-lo a ir com elas; irão lhe contar muitas histórias alegres e dizer que gastam o tempo em diversões intermináveis; não acredite nelas, são mentirosas, suas alegrias são falsas, com muito tédio misturado. Depois delas, virão outras, que pedirão com mais fervor a sua companhia; você recusará com firmeza e elas irão largá-lo. Então você entrará na floresta, onde encontrará gente lisonjeira, que se esforçará de todas as formas, com conversas agradáveis, para desviá-lo do caminho verdadeiro; mas não se esqueça de que deve encontrar uma única flor, uma rosa sem espinhos, que não pique. Gosto de você e mandarei ao seu encontro meu filho, para ajudá-lo a procurá-la.” Cloro, após ouvir a fala de Felícia, disse: “Mas será tão difícil encontrar uma rosa sem espinhos, que não pique?”. “Não”, respondeu a filha do cão, “não é especialmente difícil, desde que você seja sincero e tenha firmeza na boa in-



tenção.” O menino perguntou se alguém já tinha encontrado essa flor. “Já vi”, disse Felícia, “comerciantes e camponeses que tiveram tanto êxito nisso como dignitários, tsares e tsarinhas.” Após dizer isso, a filha do cão se despediu do tsarévitche; o aio oficial conduziu o menino para que este fosse buscar a flor, passando-o para o outro lado da cancela, onde havia um bosque imenso, a reserva de animais do cão. Lá, Cloro viu diante de si muitos caminhos: uns eram retos, outros curvos, outros se cruzavam. A criança não sabia, no começo, por qual ir; ao ver um jovem vindo em sua direção, apressou-se em perguntar-lhe quem era. O jovem respondeu: “Eu sou Juízo, filho de Felícia; minha mãe me mandou ir procurar com você uma rosa sem espinhos, que não pique”. O tsarévitche, agradecendo de coração à Felícia, tomou-o pela mão e perguntou por que caminho ir. Juízo, com ar alegre e audaz, disse: “Não tema, tsarévitche, vamos pelo caminho reto, que nem todos seguem, embora seja mais belo que os outros”. “Por que não o seguem?”, perguntou Cloro. “Porque”, disse o jovem, “param nos outros caminhos ou se perdem.” Em marcha, o jovem mostrou uma trilha maravilhosa, dizendo: “Veja, tsarévitche, esse caminho é para as almas de crianças caridosas; é um caminho bom e também curto”.

Passaram através da floresta e chegaram a um vale agradável, onde viram um riacho de águas cristalinas com jovens ao lado; uns estavam sentados na grama, outros deitados debaixo de árvores. Assim que viram o tsarévitche, levanta-



ram-se e se aproximaram; um deles disse, com respeito e cortesia: "Permita-me perguntar, senhor, aonde vai? Veio parar aqui por acaso? Não podemos ter o prazer de lhe servir em algo? Seu olhar já nos enche de reverência e amizade, e ficamos contentes ao ver suas qualidades tão admiráveis". Lembrando-se das palavras de Felícia, Cloro sorriu e disse: "Não tenho a honra de conhecê-lo, nem o senhor me conhece, de modo que atribuo suas palavras unicamente ao hábito da cortesia mundana, e não a meus méritos; estou em busca de uma rosa sem espinhos, que não pique". Outro dos que ali estavam intrometeu-se na conversa: "Sua intenção demonstra seus grandes talentos; mas faça uma gentileza a nós, fique conosco alguns dias que seja e participe de nossas alegrias sem par". O menino disse que tinha um prazo a cumprir e não havia tempo para parar; ele temia a ira do cã. Tentaram persuadi-lo, dizendo que o descanso era necessário para a saúde, que não encontraria lugar melhor ou mais adequado, nem gente mais zelosa; queriam porque queriam convencê-lo a ficar com eles. Por fim, homens e mulheres, dando-se as mãos, fizeram um círculo ao redor de Cloro e seu guia, começaram a dançar e a pular, sem deixá-los prosseguir; mas, enquanto rodopiavam, Cloro tomou Juízo pela mão e saiu correndo tão rápido da roda, que não puderam contê-lo. Adiante, encontraram o Murzá⁴ Preguiça, principal vigia daquele lugar, que passeava com sua gente. Ao ver

4. Murzá, título de nobreza feudal entre tártaros.



Cloro e seu guia, recebeu-os com carinho e pediu que entrassem em sua casa; os dois, um pouco cansados, foram até lá. Após entrarem, o anfitrião os acomodou em um divã e se sentou ao lado, em almofadas de pluma cobertas de brocado antigo; já as pessoas de casa sentaram-se junto às paredes. Depois o Murzá Preguiça ordenou que trouxessem cachimbos para fumar e café. Ao ouvir que não fumavam cachimbo e não bebiam café, mandou borifar os tapetes com perfumes inebriantes e perguntou a Cloro o motivo de sua vinda à reserva de animais do cã. O tsarévitche respondeu que, por ordem do soberano, buscava uma rosa sem espinhos, que não picasse. O anfitrião espantou-se com o fato de uma tarefa daquelas ser empreendida por alguém de tão pouca idade, dizendo: "Mesmo gente mais velha do que você não conseguiu; descanse, não vá em frente, aqui há pessoas que tentaram encontrar, mas, cansadas, desistiram". Um dos que estavam sentados levantou-se e falou: "Eu quis ir mais de uma vez, mas me aborreci e, no lugar disso, fiquei morando com meu benfeitor, o Murzá Preguiça, que me deixa beber e comer aqui". No meio da conversa, o murzá baixou a cabeça e adormeceu. Quando os que estavam encostados nas paredes ouviram-no roncar, levantaram-se devagarinho — uns foram se arrumar e se enfeitar, outros foram se deitar, uns deram de dizer fanfarrices, outros pegaram cartas e dados. Durante todas essas atividades, uns se zangavam, outros se alegravam, mas os rostos de todos refletiam seus movimen-



tos interiores. Quando o Murzá Preguiça acordou, voltaram a se reunir ao seu redor, levando ao cômodo uma mesa com frutas. O murzá ficou no meio das almofadas felpudas e de lá ofereceu as frutas ao tsarévitche, que reparava com muita atenção em tudo o que se passava. No momento em que Cloro tentou experimentar o que lhe era servido, seu guia, Juízo, segurou-o de leve pela manga; o maravilhoso cacho de uvas que o tsarévitche estava segurando espalhou-se pelo chão; voltando a si, ele imediatamente se levantou e ambos escaparam do palácio.

A pouca distância dali, viram uma casa camponesa e alguns hectares⁵ de terra bastante fecunda onde crescia todo tipo de cereais: centeio, aveia, cevada, trigo-sarraceno, etc. Tinham semeado os grãos; uns estavam maduros, outros mal saíam da terra. Adiante, avistaram prados em que pastavam ovelhas, vacas e cavalos. Encontraram o dono de regador na mão: regava os pepinos e os repolhos cultivados pela esposa; os filhos estavam trabalhando em outro lugar, arrancando erva daninha das verduras. Juízo disse: “Deus abençoe, boa gente”; eles responderam: “Obrigado, patrão”. Fizeram uma reverência ao tsarévitche desconhecido, mas pediram amigavelmente a Juízo: “Visite, por favor, nossa morada, e a filha do cão, sua mãe, terá pena de nós, nos visitará e não nos abandonará”. Juízo concordou em ir à casa deles e, seguido de Cloro, foi até o quintal. No meio havia um carvalho vetusto e

5. No original, foi usada dessiatina, antiga medida russa para superfícies agrárias equivalente a 1,09 hectare. Todas as ocorrências do termo foram adaptadas.



alto e, embaixo dele, um banco largo e limpo com uma mesa na frente. Os visitantes sentaram-se no banco, a anfitriã e sua nora esticaram uma toalha na mesa e colocaram uma tigela com coalhada e outra com ovos fritos, um prato com panquecas quentes e ovos cozidos, e, no centro, um belo presunto; puseram pão de farinha fina e, ao lado de cada um, um pote de leite, e depois, com os petiscos, trouxeram favos e pepinos frescos e oxicoco com mel. O anfitrião pediu: “Comam, façam o favor”. Os viajantes, que estavam famintos, não recusaram nada e, enquanto isso, conversaram com o anfitrião e a anfitriã, que lhes contaram como viviam bem, alegres e tranquilos, e como estavam satisfeitos com sua situação, tendo passado a vida em tarefas do campo e superado com trabalho árduo toda necessidade e carência. Depois do jantar, estenderam um feltro no mesmo banco: Cloro e Juízo colocaram suas capas em cima dele e, depois de a anfitriã trazer um travesseiro com uma fronha branca para cada, eles se deitaram e, de tão cansados, dormiram profundamente.

Despertaram com o nascer do dia, agradeceram ao anfitrião, que não quis aceitar nada pelo pernoite, e se puseram a caminho. Após percorrerem meio quilômetro,⁶ ouviram ao longe uma gaita de foles. Cloro quis se aproximar, mas Juízo tentou persuadi-lo, dizendo que a gaita os afastaria do caminho. Tomado pela curiosidade, o tsarévitche aproximou-se da gaita de foles, porém, ao ver as barbaridades que os bê-

6. No original, foi usada verstá, antiga medida russa para distâncias equivalente a 1,067km. Todas as ocorrências do termo foram adaptadas.

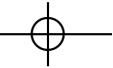




bados faziam em volta do gaiteiro, assustou-se e se lançou nos braços de Juízo. Este voltou a colocá-lo no caminho reto, onde, após passarem pela mata, avistaram uma subida íngreme. O guia disse ao tsarévitche que lá crescia a rosa sem espinhos, que não picava. Daí Cloro sentiu o calor do sol e ficou cansado; começou a se aborrecer, disse que aquele caminho não tinha fim, perguntou se demoraria muito, se não podiam ir por outro. Juízo respondeu que o levava pelo caminho mais curto e que só a paciência supera as dificuldades. O tsarévitche, com insatisfação, replicou: “Então vou procurar outro caminho sozinho”, e, abanando o braço em sinal de desaprovação, acelerou o passo e afastou-se do guia.

Juízo ficou para trás e o seguia calado, em passo silencioso. Cloro enfiou-se em um vilarejo, no qual mal olharam para ele, pois era dia de negociar e todos estavam ocupados com regateios e trocas na praça do mercado. Andando por entre as telegas,⁷ no burburinho do mercado, o tsarévitche começou a chorar. Um sujeito que não o conhecia passou a seu lado e, ao ver uma criança chorando, disse: “Pare de berrar, fedelho, sem isso aqui já é barulhento o suficiente”. Juízo alcançou-o bem nessa hora; o menino se queixou do homem que o ofendera. Juízo, sem dizer uma palavra, tirou-o de lá; quando Cloro perguntou por que ele não estava lhe falando como antes, o guia disse: “Você não pediu meus conselhos, meteu-se sozinho nesse lugar indecente, então não fique

7. Telega, carroça de carga puxada por cavalos usada na Rússia.



bravo se encontrar pessoas ou discursos que não condizem com suas ideias". Ele quis continuar a fala, mas toparam com um homem que não era novo, porém tinha aspecto agradável, cercado de muitos jovens. Cloro, sempre curioso, chamou um deles e perguntou quem era o homem. O jovem disse: "É o nosso professor; terminamos a aula e vamos passear; e vocês, para onde vão?". O tsarévitche respondeu: "Procuramos uma rosa sem espinhos, que não pique". "Eu ouvi", falou o jovem, "do nosso professor a explicação da rosa sem espinhos, que não pica; essa flor não é nada além da virtude; uns pensam alcançá-la por caminhos tortuosos, mas ninguém a alcança fora do caminho reto; feliz daquele que, com firmeza e pureza no coração, supera todas as dificuldades do trajeto. Vejo sua montanha, onde cresce a rosa sem espinhos, que não pica, mas o caminho é íngreme e rochoso." Após dizer isso, despediu-se deles e foi atrás de seu mestre.

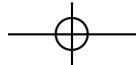
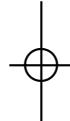
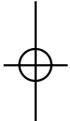
Cloro e seu guia dirigiram-se à montanha e encontraram uma trilha estreita e rochosa, pela qual andaram com dificuldade. Daí se depararam com um velho e uma velha vestindo roupas brancas, ambos de ar respeitável; eles lhes estenderam seus cajados, dizendo: "Apoiem-se neles e tentem não tropeçar". Os que ali estavam disseram que o nome de um era Honestidade e da outra Verdade.

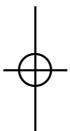
Apoiados nos cajados, chegaram ao sopé da montanha e foram obrigados a sair da trilha e a trepar num galho e, de galho em galho, alcançaram o topo da montanha, onde



encontraram a rosa sem espinhos, que não picava. Mal a tiraram do arbusto, soaram trombetas e timbales na catedral dos arredores, e por toda parte correu o rumor de que o tsarévitche Cloro, tão novo, encontrara a rosa sem espinhos, que não picava. Ele apressou-se em levar a flor até o cã, e o cã mandou Cloro e a flor para o tsar. Este ficou tão contente com a chegada do tsarévitche e com seus êxitos, que se esqueceu de toda angústia e tristeza por que tinha passado. O tsarévitche, o tsar, a tsarina e todas as pessoas do reino se amavam mais a cada hora e por isso a cada hora a virtude se fortalecia entre eles. Aqui acaba a história e quem souber que conte outra.

Tradução: Irineu Franco Perpetuo.



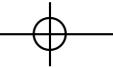


VLADÍMIR ODÓIEVSKI

(1804–1869)







A cidadezinha na tabaqueira

O pai colocou uma tabaqueira na mesa.

— Venha cá, Micha, dê uma olhada — disse ele.

Micha era um menino obediente, no mesmo instante largou os brinquedos e foi até seu pai. E havia bem o que olhar! Que tabaqueira maravilhosa! Colorida, de tartaruga. E a tampa era inacreditável! Portões, torres, uma casinha, outra, mais uma, uma quarta, nem dava para contar, cada vez menores, e todas de ouro; as árvores também eram de ouro e suas folhas de prata; detrás das árvores, erguia-se um solzinho cujos raios rosados espalhavam-se por todo o céu.

— Que cidadezinha é essa? — perguntou Micha.

— É a cidadezinha de Din-din — respondeu o pai e acionou uma mola...

E o que aconteceu? De repente, não se sabe de onde, começou a soar uma música. De onde vinha essa música Micha não conseguia compreender; foi até a porta — não seria do outro quarto? E até o relógio — não seria de dentro do relógio? Foi até a escrivaninha, até a cristaleira; aguçou o ouvido, olhou até debaixo da mesa... Finalmente, convenceu-se de que a música estava vindo de dentro da tabaqueira. Aproximou-se dela e olhou — o sol saiu detrás das árvores e andou



de mansinho pelo céu, e o céu e a cidadezinha iam ficando mais e mais claros; as janelas brilhavam como fogo e as torres pareciam irradiar luz. Daí o solzinho, cada vez mais baixo, foi para o outro lado do céu e, por fim, desapareceu completamente atrás de uma colina, então a cidadezinha escureceu, os contraventos se fecharam e as torres se apagaram, mas não por muito tempo. Logo se acendeu uma estrelinha, depois outra, depois uma lua com chifres surgiu por trás das árvores, a cidade voltou a clarear e as janelinhas pratearam, e das torres saíam raios azulados.

— Papai! Papai, posso entrar nessa cidadezinha? Como eu queria!

— É difícil, meu amigo. Essa cidadezinha não é do seu tamanho.

— Não tem problema, papai, sou pequeno. Só me deixe ir, eu queria tanto saber o que acontece lá...

— Na verdade, meu amigo, lá já é apertado sem você.

— Mas quem mora lá?

— Quem mora lá? Lá moram sininhos.

Com essas palavras, o pai levantou a tampa da tabaqueira, e o que Micha viu? Sininhos, martelinhos, um cilindro e rodas. O menino ficou admirado.

— Para que estes sininhos? Para que os martelinhos? Para que o cilindro com os ganchos? — Micha perguntou ao seu pai.

E ele respondeu:



— Não vou dizer, Micha. Observe com atenção e pense bem: talvez adivinhe. Apenas não toque nessa mola, senão tudo quebrará.

O pai saiu e Micha ficou com a tabaqueira. Sentou na frente dela, olhou, olhou, pensou, pensou: o que fazia os sinos soarem?

Enquanto isso, a caixinha de música da tabaqueira continuava a tocar, só que cada vez mais baixo, como se alguma coisa prendesse cada nota, como se algo afastasse um som do outro. Daí Micha viu, debaixo da tabaqueira, abrir-se uma portinhola e por ela sair correndo um menino de cabecinha dourada e saiote de aço. Ele parou na soleira e chamou Micha com um aceno.

“Mas por que”, pensou ele, “papai disse que essa cidadezinha já é apertada sem mim? Não, pelo visto tem gente boa morando lá; veja só, estão me convidando para fazer uma visita.”

— Obrigado, com imenso prazer.

Com essas palavras, Micha correu até a portinhola e reparou com surpresa que ela era exatamente do seu tamanho. Como um rapaz bem-educado, considerava que seu primeiro dever era dirigir-se ao seu guia.

— Com licença, gostaria de saber — disse Micha — com quem tenho a honra de falar?

— Din, din, din — respondeu o desconhecido. — Sou o menino-sininho, morador dessa cidade. Ouvimos dizer que



você queria muito nos visitar, por isso decidimos pedir-lhe que nos conceda a honra de ser nosso hóspede. Din, din, din, din, din, din.

Micha curvou-se respeitosamente, o menino-sininho tomou-o pela mão e os dois partiram. Então Micha notou que acima deles havia uma abóbada feita de papel estampado de borda dourada. Na frente deles, havia outra abóbada, só que menor; depois uma terceira, ainda menor; uma quarta, ainda menor, e assim por diante; quanto mais para a frente, menores as abóbadas ficavam, até que sob a última a cabecinha do guia mal passava.

— Muito agradecido pelo convite — disse Micha —, mas não sei se poderei aproveitar. É verdade que por aqui eu passo livremente, mas veja como lá as abóbadas são baixas; permita-me falar com franqueza, mas lá eu não passo nem me arrastando. Estou espantado por você conseguir...

— Din, din, din — respondeu o menino —, vamos, não se preocupe, apenas venha atrás de mim.

Micha obedeceu. De fato, a cada passo as abóbadas pareciam se levantar, e nossos meninos passaram livremente por todos os lugares; quando chegaram à última abóbada, o menino-sininho pediu a Micha que olhasse para trás. Ele olhou, e o que viu? Agora a primeira abóbada, aquela por onde passara ao entrar pela portinhola, parecia pequena, como se tivesse encolhido. Micha ficou muito surpreso.

— Como é possível? — perguntou a seu guia.



— Din, din, din — respondeu o guia, rindo —, de longe sempre parece assim; pelo visto, você nunca olhou para nada com atenção: de longe tudo parece pequeno e, quando você se aproxima, grande.

— Sim, é verdade — respondeu Micha —, até agora não tinha me dado conta disso, e veja só o que me aconteceu: anteontem, quis desenhar mamãe tocando piano ao meu lado e papai lendo um livro na outra ponta da sala. Só que não consegui fazer de jeito nenhum! Eu me esforcei para valer, desenhei o mais fielmente possível, mas no papel sempre surgia papai sentado ao lado da mamãe, com a poltrona dele ao lado do piano; só que eu via muito bem que o piano estava perto de mim, junto da janela, enquanto papai estava sentado na outra ponta, perto da lareira. Mamãe me disse que eu devia desenhar papai pequeno, mas achei que estava brincando, pois ele é muito mais alto do que ela, mas agora estou vendo que disse a verdade: eu tinha que ter desenhado papai pequeno, porque ele estava sentado longe; fico muito agradecido pela explicação, muito agradecido.

O menino-sininho morreu de rir.

— Din, din, din, que engraçado! Din, din, din, que engraçado! Não sabe desenhar papai e mamãe! Din, din, din, din, din!

Micha ficou chateado porque o menino-sininho ria dele de forma tão impiedosa e disse muito polidamente:



— Permita-me perguntar: por que, a cada palavra, você diz “din, din, din”?

— É o nosso bordão — respondeu o menino-sininho.

— Bordão? — observou Micha. — Papai diz que não é bonito usar bordões.

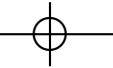
O menino-sininho mordeu a língua, não disse uma palavra.

Diante deles se abriram outras portinholas, e Micha viu-se numa rua. Que rua! Que cidadezinha! Calçada revestida de madrepérola; céu multicolorido, de tartaruga; um sol dourado pairando; bastava chamá-lo com um aceno para que ele descesse, então rodopiava em volta de sua mão e subia de novo. E casinhas de aço polido, tapadas por conchinhas de diversas cores, e, embaixo de cada tampa, sentava um menino-sininho de cabeça dourada, saiote prateado, e eram muitos, muitos deles, um ficando menor do que o outro.

— Não, agora não me enganam mais — disse Micha —, parecem menores de longe, mas os sininhos são todos iguais.

— Ah, não é verdade — respondeu o guia —, os sininhos não são iguais. Se todos nós fôssemos iguais, um teria a mesma voz que o outro; mas você não escuta os sons que tiramos? É que alguns de nós são maiores e têm a voz mais grossa; por acaso você não sabia? Que isso lhe sirva de lição, Micha: não ria de quem usa bordões; a pessoa pode usar bordões, mas saber mais do que a outra e ter algo a ensinar.

Foi a vez de Micha morder a língua.



Nesse meio-tempo, eles foram cercados por meninos-sininhos, que puxavam a roupa de Micha, tilintavam, saltitavam, corriam.

— A vida de vocês é alegre — disse Micha —, eu ficaria com vocês para sempre; não fazem nada o dia inteiro; não têm aula nem professor, e ainda tocam música sem parar.

— Din, din, din! — gritaram os sininhos. — Acha que somos alegres? Não, Micha, nossa vida é ruim. É verdade que não temos aulas, mas de que adianta? Não temos medo de aulas. Toda nossa desgraça (pobres de nós!) está no fato de não termos o que fazer; de não termos livros nem desenhos, nem pai nem mãe, nada que nos ocupe; o dia inteiro tocando e tocando, e isso, Micha, é maçante, muito maçante! Nossa céu de tartaruga é bonito, nosso solzinho dourado é bonito, as árvores douradas também, mas, pobres de nós, já olhamos o bastante para eles, estamos fartos de tudo isso; nunca pusemos os pés fora da cidade, e você pode imaginar o que é passar a vida sem ter nada para fazer, dentro de uma caixinha de música de uma tabaqueira?

— Sim — respondeu Micha —, está dizendo a verdade. Isso também acontece comigo: quando, depois das aulas, pego meus brinquedos, é divertido; mas, quando, em um feriado, brinco o dia inteiro, fica tedioso à noite; posso pegar um brinquedo, outro, nada é especial. Fiquei muito tempo sem entender por que era assim, mas agora entendo.



— Como se não bastasse, temos outra desgraça, Micha:
temos bedéis.

— Mas que espécie de bedéis?

— Os bedéis-martelinhos — responderam os sininhos —, como são malvados! Vivem andando pela cidade e batendo na gente. Os maiores levam menos toc-toc, mas os pequenos apanham até doer.

De fato, Micha viu andando pela rua uns senhores narigudos de perminhas finas resmungando entre si: toc-toc-toc! Toc-toc-toc! Levante, toque. Toc-toc-toc! Toc-toc-toc!

De fato, os bedéis-martelinhos faziam ora toc-toc em um sininho, ora em outro, sem cessar, até o coitado do Micha sentiu pena. Ele se aproximou dos senhores, fez uma reverência muito cortês e perguntou com ar bondoso por que eles martelavam os pobres meninos sem ter dó.

Os martelinhos respondiam:

— Fora daqui, não atrapalhe! Lá na sala há um inspetor de roupão que nos manda bater. Tudo gira e se encaixa. Toc-toc-toc! Toc-toc-toc!

— Quem é o inspetor? — Micha perguntou aos sininhos.

— É o senhor Cilindro — eles tilintaram —, um homem bom em alto grau. Fica dia e noite grudado no sofá. Não podemos nos queixar dele.

Micha foi até o inspetor. Viu que estava mesmo de roupão deitado no sofá, girando de um lado para outro, porém sempre de cara virada para cima. E, em seu roupão, havia





pinos e ganchinhos a perder de vista; quando aparecia um martelinho, o inspetor o encaixava num gancho e depois o soltava, e o martelinho batia em um sininho.

Assim que Micha se aproximou dele, o inspetor gritou:

— Uni-duni-tê! Quem está andando por aqui? Quem está vagando por aqui? Uni-duni-fora, quem não vai embora? Quem não me deixa dormir? Uni-duni-tê! Uni-duni-tê!

— Sou eu — respondeu Micha, corajoso —, eu, Micha...

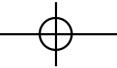
— E o que deseja? — perguntou o inspetor.

— Tenho pena dos pobres meninos-sininhos, são tão inteligentes, tão bonzinhos, tão musicais e, por seu decreto, os bedéis batem neles sem parar...

— Que tenho eu com isso, ora, ora? Eu não sou o maioral daqui. Que os bedéis continuem batendo nos meninos! Que tenho eu com isso? Sou um inspetor decente, fico deitado no sofá e não olho para ninguém... Ora, ora...

— Quem diria, aprendi muitas coisas nessa cidade! — Micha disse consigo mesmo. — Às vezes fico aborrecido quando o inspetor não tira os olhos de mim na escola! “Que malvado”, penso eu. “Afinal, ele não é nem papai nem mamãe. Por que é da conta dele se eu faço travessuras? Devia ficar em seu quarto.” Não, agora estou vendo o que acontece com os pobres meninos quando não há ninguém para cuidar deles.

Depois disso, Micha seguiu adiante e de repente parou. Viu uma tenda dourada com uma franja de pérolas em cima da qual rodava, como um moinho de vento, um cata-vento



dourado. Embaixo da tenda, estava deitada a rainha-mola, que, feito uma serpente, enrolava-se e desenrolava-se, empurrando o flanco do inspetor sem parar. Micha ficou muito surpreso e disse:

— Senhora rainha! Por que fica empurrando o inspetor?

— Zás, zás, zás — respondeu a rainha —, que menino desmiolado, que menino tonto! Olha para tudo e não vê nada! Se eu não empurrasse o cilindro, o cilindro não giraria; se o cilindro não girasse, não encaixaria nos martelinhos; se os martelinhos não batessem, os sininhos não tocariam; se os sininhos não tocassem, não haveria música! Zás, zás, zás!

Micha teve vontade de saber se a rainha estava dizendo a verdade. Ele se inclinou e apertou-a com o dedinho — e o que aconteceu? Em um instante a mola desenrolou com força, o cilindro girou com força, os martelinhos bateram rápido, os sininhos tocaram um disparate e, de repente, a mola rebentou. Tudo se calou, o cilindro parou, os martelinhos caíram, os sininhos tombaram de lado, o solzinho ficou pendurado, as casinhas se quebraram. Então Micha se lembrou de que seu pai o mandara não tocar na mola, assustou-se e... despertou.

— Com que você sonhou, Micha? — seu pai perguntou.

Micha demorou muito a recobrar os sentidos. Olhou em volta: era o quarto do pai, a tabaqueira estava na sua frente; ao lado, seu pai e sua mãe estavam sentados e riam.



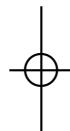
— Cadê o menino-sininho? Cadê o bedel-martelinho?
Cadê a rainha-mola? — perguntou Micha. — Não passou de
um sonho?

— Sim, Micha, a música o embalou e você caiu no sono.
Conte, pelo menos, com que sonhou?

— Sim, veja, papai — disse Micha, esfregando os olhos —,
eu queria saber como saía música da tabaqueira; comecei
a olhar com atenção e a examinar o que se mexia e como
se mexia; pensei, pensei, e já estava quase lá quando, de
repente, vi a portinhola da tabaqueira se abrir... — aí Micha
contou todo o seu sonho.

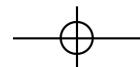
— Bem, agora estou vendo — disse seu pai — que você
quase entendeu por que sai música da tabaqueira; mas irá
compreender mais quando for estudar a mecânica.

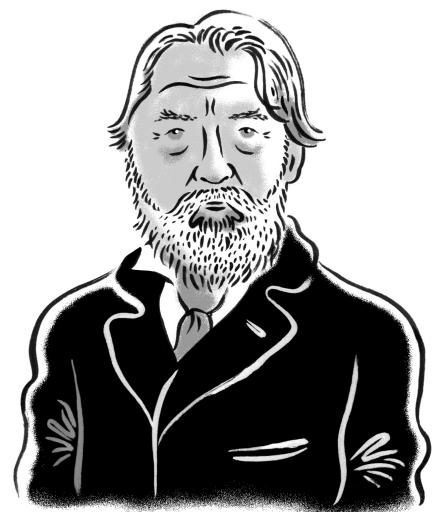
Tradução: Irineu Franco Perpetuo.



IVAN TURGUÊNIEV

(1818–1883)







Mumu

Em uma rua afastada de Moscou, em uma casa cinzenta de colunas brancas, com uma mansarda e um terraço retorcido, morava outrora uma fidalga, uma viúva rodeada de numerosos criados. Seus filhos serviam em São Petersburgo, as filhas tinham se casado; ela saía pouco e passava sozinha os últimos anos de sua velhice avara e tediosa. A luz do seu dia, infeliz e sombrio, se apagara havia tempos e seu entardecer era mais negro do que a noite.

De todos os seus serviços, o mais notável era o caseiro Guerássim, um homem de quase dois metros de altura, com compleição de bogatyr¹ e surdo-mudo de nascença. A patroa trouxe-o de uma aldeia, onde ele morava sozinho, numa pequena isbá,² separado dos irmãos, e considerava-o talvez o mais correto dos mujiques³ no pagamento dos tributos senhoriais. Dotado de força extraordinária, trabalhava por quatro — as tarefas fluíam em suas mãos, e era divertidovê-lo quando lavrava e, apoiando com força as mãos enormes no arado de madeira, parecia abrir o peito rijo da terra sozinho, sem ajuda de cavalos, ou quando, no dia de São

1. Bogatyr, guerreiro mitológico de narrativas russas antigas.

2. Isbá, casa de camponês na Rússia, tradicionalmente feita de troncos.

3. Mujique, campônio russo, assim designado principalmente antes de 1917.



Pedro, manejava a gadanha de forma tão arrasadora, que poderia arrancar pela raiz um bosque inteiro de bétulas⁴ jovens, ou quando debulhava sem cessar com um mangual de mais de dois metros,⁵ subindo e descendo, como uma alavanca, os músculos firmes e alongados de seu ombro. O silêncio constante conferia uma importância solene a seu trabalho inesgotável. Era um mujique esplêndido e, se não fosse por seu infortúnio, qualquer moça se casaria com ele de bom grado... Eis que levaram Guerássim a Moscou, compraram-lhe botas, fizeram-lhe um cafetã para o verão e um sobretudo de peles para o inverno, colocaram-lhe uma vassoura e uma pá na mão, e tornaram-no caseiro.

No começo, ele não gostara da nova vida de jeito nenhum. Desde criança, estava acostumado ao trabalho no campo, ao modo de vida da aldeia. Privado, devido ao seu infortúnio, da companhia de pessoas, cresceu mudo e poderoso, como uma árvore em solo fecundo... Transferido para a cidade, não entendia o que lhe acontecia — aborrecia-se e ficava perplexo como um touro jovem e saudável recém-tirado de um pasto onde a grama suculenta roçava-lhe a barriga. Pegaram Guerássim, colocaram-no em um vagão de trem, e pronto; envolvendo o corpo obeso dele ora com fumaça e fagulhas, ora com vapor ondulante, arrastavam-no, arrastavam-no com batidas e ganidos, mas para onde o arrastavam

4. Bétula (berioza), árvore com o caule de casca branco-prateada que é um símbolo nacional na Rússia.

5. No original, foi usado *archin*, antiga medida russa equivalente a 71,1 cm. Todas as ocorrências do termo foram adaptadas.

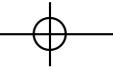


só Deus sabia! Depois da dureza dos trabalhos no campo, as tarefas de Guerássim em sua nova função pareciam-lhe brincadeiras; em meia hora, tudo já estava pronto e ele ora voltava a ficar parado no meio do pátio, olhando boquiaberto para todos os transeuntes, como se quisesse obter deles a solução do enigma de sua situação, ora ia repentinamente para algum canto e, jogando para longe a vassoura e a pá, atirava-se de cara ao chão, deitando-se de bruços por horas a fio, imóvel, como uma fera capturada. Mas a pessoa se acostuma a tudo, e Guerássim acostumou-se, finalmente, ao modo de vida urbano. Suas obrigações não eram muitas; consistiam em manter o pátio limpo, carregar uma pipa de água duas vezes por dia, rachar e trazer lenha para a cozinha e para casa, não admitir estranhos e fazer a vigia noturna. E deve-se dizer que tudo era cumprido com zelo; em seu pátio, jamais havia um cachorro à toa, nem lixo; se, quando estava lamaçento, o roçim alquebrado que fora colocado sob seu comando ficasse atolado com a telega carregada de água, bastava a Guerássim mover o ombro para tirar do lugar não apenas a carroça, como o próprio cavalo; quando se punha a rachar lenha, seu machado retinia como vidro, com estilhaços e achas voando por todas as direções. E, no que se referia a pessoas de fora, depois que, uma noite, capturando dois ladrões, ele batera a testa de um contra a do outro de tal jeito, que nem fora preciso levá-los à polícia, todos dos arredores começaram a respeitá-lo muito; mesmo quem passava por



lá de dia e não era vigarista, apenas gente desconhecida, ao ver o terrível caseiro, acenava e gritava cumprimentos, como se ele pudesse ouvir esses gritos. Com o resto dos criados, Guerássim encontrava-se em relações não exatamente amigáveis — eles o temiam —, mas respeitosas; considerava-os sua gente. Ele compreendia os sinais que usavam para comunicar-se com ele, cumprindo com exatidão todas as ordens, mas também conhecia seus direitos, de modo que ninguém ousava sentar-se em seu lugar à mesa. Em geral, Guerássim era de temperamento rigoroso e sério, gostava de ordem em tudo; mesmo os galos, em sua presença, não se atreviam a brigar — ai deles! Se os flagrasse, pegava-os pelas pernas, girava-os dez vezes no ar, como uma roda, e arremessava-os para lados opostos. No pátio da patroa também havia gansos, mas o ganso, como se sabe, é ave importante e sensata; Guerássim os respeitava, cuidava deles e os alimentava; ele mesmo parecia um ganso da estepe. Designaram-lhe um cubículo em cima da cozinha; ele se arrumou por lá sozinho, segundo seu gosto, armou uma cama de tábuas de carvalho sobre quatro cepos — um verdadeiro leito de bogatyr; podiam colocar mais de uma tonelada⁶ em cima dela que não cederia —; embaixo da cama, havia um baú resistente; no canto, uma mesinha igualmente robusta e, junto à mesinha, uma cadeira baixa de três pés tão sólida, que acontecia de o próprio Guerássim erguê-la paravê-la cair, achando graça

6. No original, foi usado *pud*, antiga medida de peso equivalente a 16,3 kg. Todas as ocorrências do termo foram adaptadas.



nisso. O cubículo era fechado com um cadeado que lembrava um *kalatch*,⁷ só que preto; o caseiro nunca tirava da cintura a chave do cadeado. Não gostava que fossem até lá.

Assim passou um ano, no fim do qual ocorreu a Guerássim um pequeno incidente.

A velha fidalga da qual ele era caseiro seguia os antigos costumes em tudo, mantendo uma criadagem numerosa; em sua casa havia não apenas lavadeiras, costureiras, marceneiros, alfaiates e modistas, mas até um seleiro, que também era veterinário e médico da criadagem; havia um médico da casa para a patroa e, por fim, um sapateiro de nome Kapiton Klímov, um beberrão amargurado. Klímov considerava-se uma criatura ultrajada e não valorizada à altura de seus méritos, um homem criado na capital, instruído, que não devia viver em Moscou,⁸ sem ocupação, em um fim de mundo, e, se bebia, como ele mesmo dizia pausadamente e batendo no peito, bebia exatamente de pesar. Eis que, uma vez, surgiu uma conversa a seu respeito entre a patroa e seu primeiro mordomo, Gavrila, um homem que, a julgar apenas por seus olinhos amarelados e nariz de pato, parecia ter sido destinado à chefia. A patroa lamentava a moralidade corrompida de Kapiton, que na véspera fora encontrado caído no meio da rua.

— E então, Gavrila? — disse ela, de repente. — Não devíamos casá-lo? O que acha? Pode ser que crie juízo.

7. *Kalatch*, pão de trigo em forma de cadeado.

8. Naquela época, a capital da Rússia era São Petersburgo.



— Por que não casá-lo, senhora? É possível, senhora — respondeu Gavrila —, até seria muito conveniente, senhora.

— Sim, mas quem casaria com ele?

— Claro, senhora. Aliás, será como a senhora quiser. Afinal, ele, por assim dizer, pode satisfazer alguém; não é de se jogar fora.

— Será que Tatiana gosta dele?

Gavrila quis retrucar algo, mas mordeu os lábios.

— Sim!... Que case com Tatiana — decidiu a patroa, cheirando rapé com satisfação. — Ouviu?

— Sim, senhora — proferiu Gavrila e saiu.

De volta ao seu quarto (ficava em um anexo, quase todo atravancado de baús reforçados com chapas de ferro), Gavrila primeiro despachou sua mulher e depois se sentou junto à janela para refletir. A ordem inesperada da patroa, pelo visto, o havia desconcertado. Por fim, levantou-se e mandou chamar Kapiton Klímov. Kapiton apareceu... Mas, antes de informar ao leitor a conversa que se desenrolou entre os dois, julgamos proveitoso contar, em poucas palavras, quem era a Tatiana que queriam casar com Kapiton e por que a conduta da patroa havia deixado o mordomo embaracado.

Tatiana, que desempenhava, como referido acima, a função de lavadeira (aliás, como lavadeira hábil e treinada, era encarregada apenas da roupa de baixo fina), era uma mulher de vinte e oito anos, pequena, magra, loira, com marcas de nascença na face esquerda. Marcas de nascença na face es-



querda são consideradas mau sinal na Rússia — presságios de uma vida infeliz... Tatiana não podia se gabar de sua sorte. Desde muito nova, fora mantida em linha dura; trabalhava por duas, nunca teve mostras de afeto; recebia as piores roupas e a menor remuneração; seus parentes e nada eram a mesma coisa: um tio velho despenseiro, largado na aldeia por inépcia, e uns tios mujiques, e nada mais. Numa época, ela passara por beldade, mas a beleza logo a abandonou. Seu temperamento era muito pacífico, ou melhor, assustado; para consigo mesma sentia absoluta indiferença, temendo os outros mortalmente; pensava apenas em como terminar as tarefas no prazo, nunca falava com ninguém e estremecia só à menção do nome da patroa, embora esta mal colocasse os olhos nela. Quando Guerássim foi trazido da aldeia, a lavadeira quase morreu de susto à vista daquela figura imensa, tentava de todas as formas evitá-lo, chegava a semicerrar os olhos quando lhe ocorria passar ao lado dele, correndo de casa para a lavanderia. No começo Guerássim não lhe dava atenção, depois começou a achar graça quando se deparava com ela, depois passou a reparar nela e, finalmente, não lhe tirava os olhos. Ela caiu no seu agrado; fosse pela expressão dócil, fosse pela timidez dos movimentos, só Deus sabia! Eis que, um dia, ela entrava no pátio, erguendo cuidadosamente nos dedos abertos uma blusa engomada da patroa, quando alguém a pegou com força pelo cotovelo; ela se virou e gritou: atrás dela, postava-se Guerássim. Com um sorriso



estúpido e murmurando carinhosamente, estendia-lhe um bolo de mel em forma de galo, com ouropel na cauda e nas asas. Ela quis recusar, porém ele enfiou o doce em sua mão, meneou a cabeça e partiu, virando-se e murmurando amigavelmente. Desde então, não lhe deu sossego: não importava onde Tatiana fosse, lá estava ele indo ao seu encontro, sorría, murmurava, abanava os braços, tirava subitamente uma fita do peito e dava a ela com ímpeto, com a vassoura limpava o pó na frente dela. A pobre moça simplesmente não sabia como se portar e o que fazer. Logo a casa inteira ficou sabendo das artes do caseiro mudo; zombarias, gracejos, palavras maliciosas choveram sobre Tatiana. De Guerássim, contudo, poucos quiseram escarnecer: ele não gostava de piadas e, em sua presença, a lavadeira também era deixada em paz. Quisesse ou não, a moça estava sob sua proteção. Como todo surdo-mudo, ele era muito perspicaz e entendia muito bem quando estavam rindo dele ou dela. Uma vez, no almoço, a roupeira, chefe de Tatiana, começou a, como dizem, amolá-la, a ponto de a coitada não saber onde enfiar os olhos e por pouco não chorar de desgosto. Guerássim ergueu-se de repente, estendeu a mão imensa, colocou-a na cabeça da roupeira e fitou-a com um furor tão sombrio, que a mulher se curvou sobre a mesa. Todos se calaram. Guerás-sim voltou a pegar a colher e continuou sorvendo sua sopa de repolho. “Arre, diabo surdo, léchi!”⁹ disseram todos a meia

9. Léchi, ser da mitologia eslava que habita as florestas e protege os animais e muitas vezes tem a forma de um homem gigante e brutalhado.



voz, enquanto a roupeira levantava-se e ia para o quarto das criadas. E, outra vez, reparando que Kapiton, aquele mesmo de quem acabamos de falar, tratava Tatiana com amabilidade excessiva, Guerássim chamou-o com o dedo, levou-o ao galpão das carroças e, pegando pela extremidade um tirante, ameaçou-o com ele de forma ligeira, mas significativa. Desde então, ninguém falou mais com Tatiana. E por tudo isso Guerássim não sofreu consequências. Na realidade, a roupeira, que desfaleceu ao entrar correndo no quarto das criadas, agiu de forma tão hábil, que, no mesmo dia, a notícia do comportamento rude de Guerássim chegou à patroa. A velha extravagante apenas riu e, para grande ultraje da roupeira, fez-lhe repetir algumas vezes como o caseiro tinha-lhe esticado a mão e, no dia seguinte, mandou um rublo a ele. A fidalga o respeitava como guardião fiel e forte. Guerássim a temia bastante, mesmo assim contava com sua benevolência e estava prestes a pedir-lhe permissão para se casar com Tatiana. Esperava apenas o cafetã novo que o mordomo lhe prometera, para comparecer diante da patroa com aspecto decente, quando, de repente, passou pela cabeça dessa mesma patroa a ideia de casar Tatiana com Kapiton.

O leitor agora comprehende com facilidade o motivo do embaraço que se apoderou do mordomo Gavrila após a conversa com a senhora. “É claro”, pensou ele, sentado junto à janela, “que a senhora respeita Guerássim (o mordomo sabia disso muito bem, por isso também o favorecia), mesmo assim



é uma criatura privada de palavras; não tenho como informar à senhora que ele está cortejando a Tatiana. E, vamos e venhamos, que tipo de marido ele daria? Mas, por outro lado, Deus me livre, quando ficar sabendo que Tatiana irá se casar com Kapiton, o léchi quebrará tudo em casa, ai-ai. Afinal, não dá para confrontá-lo; com o perdão da palavra, um diabo desses, não há jeito de convencê-lo... É a pura verdade!..."

A aparição de Kapiton interrompeu a linha de raciocínio de Gavrila. O sapateiro leviano entrou, colocou as mãos para trás, encostou-se com desembaraço no canto da parede junto à porta, pondo o pé direito na frente do esquerdo, e sacudiu a cabeça. "Estou aqui. O que deseja?"

Gavrila olhou para Kapiton e tamborilou no umbral da janela. Kapiton apenas apertou um pouco os olhos inexpressivos, mas não os baixou, chegou a esboçar um sorriso e passou a mão nos cabelos embranquecidos que se eriçavam para todas as direções, como se dissesse: "Pois bem, estou aqui. O que está olhando?"

— É bonito — disse Gavrila e se calou. — É bonito, não há o que dizer!

Kapiton apenas contraiu os ombros. "Mas você por acaso é melhor?", pensou consigo mesmo.

— Bem, olhe para si mesmo, olhe — prosseguiu Gavrila com censura —, com quem você se parece?

Kapiton lançou um olhar tranquilo para a própria sobrecasca surrada e em farrapos, as calças remendadas, examinou



com particular atenção as botas esburacadas, especialmente aquela em cujo bico apoiava com afetação seu pé direito, então voltou a encarar o mordomo.

— E então, senhor?

— E então, senhor? — respondeu Gavrila. — E então, senhor? Você ainda diz “e então”? Parece um diabo, com o perdão da palavra, mas é isso que parece.

Kapiton piscou os olhinhos rapidamente.

“Xingue, xingue, Gavrila Andréitch”, voltou a pensar consigo mesmo.

— Afinal, você ficou bêbado de novo — começou Gavrila.

— Não foi? Hem? Ora, responda.

— Por fraqueza de saúde, sujeitei-me de fato ao uso de bebidas alcoólicas — replicou Kapiton.

— Por fraqueza de saúde!... Você recebe pouca punição, é isso; quando vivia em Píter,¹⁰ era aprendiz... Aprendeu muito! Só fica comendo pão de graça.

— Nesse caso, Gavrila Andréitch, tenho apenas um juiz: o senhor Deus, e mais ninguém. Só ele sabe que homem sou neste mundo e se como pão de graça. No que se refere às considerações sobre bebedeira, nesse caso, o culpado não sou eu, mas um camarada; ele me atraiu, mas escafedeu-se espertamente, ou seja, foi embora, enquanto eu...

— Enquanto você ficou na rua, energúmeno. Ah, que homem leviano! Pois bem, a questão não é essa — continuou o

10. Píter, apelido da cidade de São Petersburgo.



mordomo. — É o seguinte. A patroa... — ele fez uma pausa. — A patroa deseja que você se case. Ouviu? Ela acha que você vai criar juízo ao se casar. Entendeu?

— Como não entender, senhor.

— Pois bem. Na minha opinião, seria melhor enquadrá-lo. Enfim, a questão não é essa. E então? Você concorda?

Kapiton sorriu, mostrando os dentes.

— O matrimônio é uma coisa boa para o homem, Gavrila Andréitch; eu, de minha parte, terei muita satisfação.

— Pois bem — replicou Gavrila, pensando consigo mesmo: “Não há o que dizer, o homem fala bem”. — Só tem uma coisa — prosseguiu em voz alta —, a noiva que encontraram é boa demais para você.

— Quem é, se permite a curiosidade?...

— Tatiana.

— Tatiana?

E Kapiton esfregou os olhos e se afastou da parede.

— Ora, por que essa agitação?... Por acaso ela não é do seu agrado?

— Como não seria, Gavrila Andréitch! Nada contra ela, é trabalhadora, uma moça pacífica... Mas o senhor sabe, Gavrila Andréitch, que o léchi, aquela kikímora¹¹ da estepe, vive atrás dela...

— Sei, meu caro, sei de tudo — interrompeu-o o mordomo com desgosto —, mas veja...

¹¹. Kikímora, criatura normalmente feminina da mitologia eslava, um espírito nocivo do lar que pode ser contraposto ao domovoi, o qual protege as casas.



— Tenha piedade, Gavrila Andréitch! Ele vai me matar, por Deus, vai me matar como uma mosca, com uma palmada; veja a mão dele, tenha a bondade de examinar que mão ele tem; é simplesmente a mão de Mínnin e Pojárski.¹² Pois ele é surdo, bate e não escuta, e como bate! Agita os punhos sem perceber. E não há nenhuma possibilidade de acalmá-lo. E sabe por que, Gavrila Andréitch? Porque ele é surdo como uma porta e, ainda por cima, estúpido. É uma espécie de fera, uma besta, Gavrila Andréitch, ou pior do que uma besta, um brutamontes... Por que devo agora sofrer na mão dele? Claro que eu não valho nada agora: sou um homem conformado, gasto, sebento como um pote da velha Kolomna, só que mesmo assim sou um homem, e não um traste qualquer.

— Sei, sei, não precisa se descrever...

— Senhor Deus! — prosseguiu o sapateiro com ardor. — Quando será o fim? Quando, senhor? Sou um pobre-diabo, um pobre-diabo sem saída! Que destino, que destino o meu, pense bem! Nos anos de juventude apanhei do patrão ale mão, na flor da idade do próprio irmão e, por fim, na idade madura, veja a que ponto cheguei...

— Ah, que alma frouxa — afirmou Gavrila. — Para que exagerar desse jeito? Que coisa!

— Como não, Gavrila Andréitch? Não tenho medo da surra, Gavrila Andréitch. Que o Senhor me castigue entre quatro paredes, mas me saúde diante das pessoas, e continuarei

^{12.} Kuzmá Mínnin (segunda metade séc. XVI–1616) e Dmítri Pojárski (1577–1642), heróis da luta russa contra os poloneses, no século XVII.



a ser um homem entre os outros, mas aqui de quem serei obrigado a apanhar...

— Pois bem, vá embora — interrompeu-o Gavrila, impaciente.

Kapiton virou-se e saiu lentamente.

— Mas suponhamos que ele não existisse — gritou o mordomo na direção dele —, você concordaria?

— Ao seu dispor — retrucou Kapiton e desapareceu.

A eloquência não o abandonava mesmo em ocasiões extremas.

O mordomo deu algumas voltas pelo quarto.

— Pois bem, agora chame Tatiana — disse finalmente.

Em alguns instantes, Tatiana veio, quase inaudível, e parou na soleira.

— O que deseja, Gavrila Andréitch? — ela disse em voz baixa.

O mordomo olhou-a fixamente.

— Pois bem — proferiu ele —, Taniucha,¹³ quer se casar? A patroa arrumou um noivo para você.

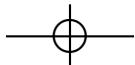
— Continue, Gavrila Andréitch. E quem foi designado como meu noivo? — acrescentou ela, indecisa.

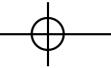
— Kapiton, o sapateiro.

— Continue, senhor.

— É um homem leviano, isso é certo. Mas a patroa tem esperança em você nesse caso.

¹³. Taniucha, diminutivo de Tânia, apelido Tatiana.





— Sim, senhor.

— O único problema... é esse surdo, Guerássim, ele a cortea. Como você enfeitiçou esse urso? Pois ele é capaz de matá-la, um urso desses...

— Vai matar, Gavrila Andréitch, vai matar sem falta.

— Vai matar... Ora, isso nós veremos. Como você diz que vai matar? Por acaso ele tem direito de matá-la? Julgue você mesma.

— Não sei se tem direito ou não, Gavrila Andréitch.

— Cada uma! Você não lhe prometeu nada...

— O que o senhor deseja?

O mordomo calou-se e pensou um pouco: “Que alma submissa!”.

— Pois bem — acrescentou —, ainda falarei com você, agora vá, Taniucha; estou vendo que você é realmente humilde.

Tatiana virou-se, apoiando-se de leve no batente, e saiu.

“Mas pode ser que amanhã a patroa se esqueça dessas núpcias”, pensou o mordomo. “E para que eu me agitei à toa? Vamos amarrar esse desordeiro; se for o caso, chamaremos a polícia...”

— Ustínia Fiódorovna! — gritou bem alto à esposa. — Sirva o samovar,¹⁴ minha cara...

Tatiana passou quase o dia inteiro na lavanderia. Chorou um pouco, enxugou as lágrimas, então voltou ao trabalho

¹⁴. Samovar, utensílio tradicional russo usado para ferver a água do chá.



de antes. Kapiton ficou até tarde da noite em uma taberna com um conhecido de ar sombrio, a quem contou em detalhes como morava, em Píter, com um fidalgo que era bom em tudo, observador da ordem, embora se permitisse uma pequena fraqueza: tomava muitas bebedeiras e, quanto ao sexo feminino, simplesmente aceitava qualquer tipo... O camarada sombrio só fazia coro com ele; mas, quando Kapiton finalmente anunciou que, no dia seguinte, por uma contingência, seria obrigado a se matar, o camarada observou que estava na hora de dormir. E eles se separaram com rudeza e em silêncio.

Enquanto isso, as expectativas do mordomo não se cumpriram. A patroa estava tão tomada pela ideia do casamento de Kapiton, que, mesmo de noite, falou disso sem parar com uma de suas acompanhantes, que era mantida em casa unicamente para o caso de insônia e, como um cocheiro noturno, dormia de dia. Quando Gavrila foi fazer o relatório à fidalga, depois do chá, a primeira pergunta dela foi: e o nosso casamento, está andando? Naturalmente ele respondeu que não podia andar melhor e que Kapiton, nesse mesmo dia, viria lhe apresentar seus respeitos. A patroa estava algo indisposta; ocupou-se dos negócios por pouco tempo. O mordomo retornou a seu quarto e convocou um conselho. O assunto certamente requeria um julgamento especial. Claro que Tatiana não o contrariou; mas Kapiton afirmou em alto e bom som que tinha apenas uma cabeça, não duas nem três...



Guerássim lançava olhares severos e rápidos a todos, não se afastava da ala das moças e parecia adivinhar que tramavam algo contra ele. Os reunidos (entre os quais estava um velho copeiro, apelidado Tio Cauda, a quem todos se dirigiam respeitosamente atrás de conselhos, embora só ouvissem dele: ah, que coisa; sim, sim, sim) começaram, por segurança, para qualquer eventualidade, trancando Kapiton no quartinho da máquina de decantar água e puseram-se a pensar com seriedade. Claro que seria fácil recorrer à força; mas Deus nos livre! Haveria gritaria, a patroa seria importunada, uma desgraça! O que fazer? Pensaram, pensaram e, por fim, inventaram algo. Observaram repetidamente que Guerássim não podia suportar beberrões... Sentado ao portão, virava-se indignado toda vez que passava um sujeito alcoolizado, com passos vacilantes e a pala do quepe caída na orelha. Resolveram instruir Tatiana a fingir-se bêbada e a passar por Guerássim cambaleando e tropicando. A pobre moça discordou durante muito tempo, mas convenceram-na; de mais a mais, ela mesma percebia que, de outra forma, não afastaria seu adorador. E se foi. Deixaram Kapiton sair do quartinho: em todo caso, o assunto lhe dizia respeito. Guerássim estava sentado em um postezinho, junto ao portão, e cavoucava a terra com uma pá... De todos os cantos, por trás de todas as cortinas das janelas olhavam para ele...

A artimanha não podia ter tido mais êxito. Ao ver Tatiana, ele no começo, como de hábito, meneou a cabeça com um



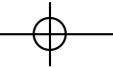
murmúrio carinhoso; depois fitou a lavadeira atentamente, deixou cair a pá, levantou-se num pulo, aproximou-se, e levou seu rosto para perto do dela... De pavor, ela cambaleou ainda mais e fechou os olhos... Ele a tomou pelo braço, correu pelo pátio e, entrando com ela no aposento em que o conselho estava reunido, empurrou-a para Kapiton. Tatiana ficou petrificada... Guerássim, ali postado, olhou para ela, fez um aceno com a mão, riu e foi para seu cubículo, pisando forte... Ficou horas inteiras sem sair de lá. O boleiro Antipka depois contou que, através de uma fresta, via como Guerássim, sentado na cama, com a mão na face, volta e meia cantava com murmúrios, em tom baixo, compassado, ou seja, balançava-se de olhos fechados e sacudia a cabeça, como um cocheiro ou um puxador de sirgas ao entoar canções tristes. Antipka sentira um arrepião e se afastara da fresta. Quando, no dia seguinte, Guerássim saiu do cubículo, não era possível notar nele nenhuma mudança em particular. Apenas parecia mais sombrio e não dava a menor atenção nem para Tatiana nem para Kapiton. Nessa mesma noite, os dois dirigiram-se à patroa com gansos debaixo do braço e, em uma semana, casaram-se. No dia das bodas, Guerássim não alterou seu comportamento em nada; apenas voltou do rio sem água: de algum jeito, quebrou a pipa no meio do caminho e, à noite, na estrebaria, limpou e esfregou seu cavalo com tamanho empenho, que este cambaleou, como um talo ao vento, bam-



beando ao passar de uma perna para outra sob os punhos de ferro do caseiro.

Tudo isso aconteceu na primavera. Passou um ano, no decorrer do qual Kapiton embebedou-se de vez e, como um completo imprestável, foi mandado com a mulher, em um comboio de carroças, para uma aldeia distante. No dia da partida, ele inicialmente se fez de valente, assegurando que, fosse para onde fosse, mesmo para onde Judas perdeu as botas, aguentaria firme; mas, depois, deprimiu-se, começou a se queixar de que seria levado para um lugar de gente sem educação e, por fim, ficou tão fraco, que não conseguia nem colocar o próprio chapéu; uma alma compassiva botou-o em sua testa, endireitou a aba e ergueu-a com uma palmada. Quando tudo estava pronto e os mujiques já estavam com as mãos nas rédeas, esperando apenas as palavras “vão com Deus”, Guerássim saiu de seu cubículo, aproximou-se de Tatiana e deu-lhe, como lembrança, um lenço vermelho de algodão que comprara um ano antes para ela. Tatiana, que até esse instante suportara com grande indiferença todas as vicissitudes de sua vida, não aguentou, debulhou-se em lágrimas e, sentando-se na telega, deu três beijos cristãos em Guerássim. Ele quis acompanhá-la até a barreira e partiu ao lado de sua telega, mas de repente parou no vau da Crimeia,¹⁵ fez um aceno com a mão e marchou ao longo do rio.

¹⁵. Saindo do rio Moscou, não longe do Krêmlin, fica o vau da Crimeia (*Krýmski brod*). Sobre ele fizeram uma ponte e, na época de Turguêniev, às vezes, mencionando o vau, se referiam a ela.



Tudo ocorreu ao entardecer. Ele caminhava em silêncio com os olhos fitos na água. De súbito, teve a impressão de que algo se revivia no lodo, junto à margem. Inclinou-se e avistou um cachorro pequeno, branco de manchas pretas que, apesar de todo o seu esforço, não conseguia sair da água, debatia-se, escorregava e tremia inteiro com seu corpo molhado e úmido. Guerássim olhou para o cãozinho infeliz, pegou-o com uma mão, enfiou-o no peito e dirigiu-se para casa a passos largos. Entrou em seu cubículo, acomodou o filhote salvo na cama e cobriu-o com seu sobretudo pesado, então correu primeiro à estrebaria atrás de palha, depois à cozinha atrás de uma xícara de leite. Levantando o casaco e estendendo a palha com cuidado, colocou o leite na cama. O pobre cachorrinho não tinha mais de três semanas; fazia pouco tempo que seus olhos se abriram, um olho até parecia um pouco maior do que o outro; ainda não sabia beber da xícara e só tremia e apertava a vista. Guerássim pegou o filhote com delicadeza, colocando dois dedos na nuca dele, e bai-xou seu focinho até o leite. O cachorro de repente começou a beber com avidez, fungando, sacudindo-se, engasgando. Guerássim olhou, olhou, até que repentinamente sorriu... Cuidou dele a noite inteira, embalou-o, limpou-o e, por fim, ao seu lado teve um sono alegre e tranquilo.

Nenhuma mãe cuida tanto de seu bebê quanto Guerássim cuidou de sua pupila (o cachorro revelou-se uma cadela). No começo, ela era muito fraca, mirrada e feia, mas aos poucos



melhorou e se aprumou e, uns oito meses depois, graças à incansável dedicação de seu salvador, transformou-se em uma spaniel muito jeitosa, de orelhas compridas, cauda felpuda em forma de tubo e olhos grandes e expressivos. Apegou-se apaixonadamente a Guerássim e não se afastava um passo dele, sempre balançando o rabo. Ele até lhe deu um apelido — os mudos sabem que seus murmúrios despertam atenção e chamou-a de Mumu. Todos da casa gostaram dela e também passaram a chamá-la de Mumu. Ela era extraordinariamente inteligente, fazia festa para todo mundo, mas só a Guerássim amava. E ele próprio a amava perdidamente... Não gostava quando outros a acariciavam: se temia por ela ou se tinha ciúme, só Deus sabia! Mumu o acordava pela manhã, puxando-o pela manga; trazia-lhe pelas rédeas o velho cavalo que transportava a água, com quem vivia em grande amizade; com aspecto imponente ela ia com o dono até o rio, vigiava suas vassouras e páis, não deixava ninguém entrar em seu cubículo. O caseiro fez uma abertura na porta especialmente para ela, que apenas no cubículo de Guerássim sentia-se a verdadeira dona da casa e, assim que lá entrava, com ar satisfeito saltava na cama. De madrugada, a cachorra não dormia de jeito nenhum, mas não latia indistintamente, como um vira-lata estúpido que, sentado nas patas traseiras, erguendo a fuça e semicerrando os olhos, late simplesmente de tédio para as estrelas, normalmente três vezes seguidas. Não! A vozinha fina de Mumu nunca soava à toa: apenas



se um estranho passava perto da cerca, ou um ruído ou um sussurro suspeito se erguia em algum lugar... Em suma, ela vigiava muito bem. Além dela, havia no pátio um velho cão amarelo de manchas pardas chamado Lobinho, que nunca era solto, nem de madrugada, e ele mesmo, devido à sua decrepitude, jamais reclamava por sua liberdade — ficava deitado, enrodilhado em sua casinha, e só de vez em quando emitia um latido roufenho, quase inaudível, que interrompia de imediato, como se sentisse quão inútil era. Na casa senhorial, Mumu não entrava e, quando Guerássim levava lenha para os aposentos de lá, ela sempre ficava para trás, aguardando-o, impaciente, nos degraus da entrada, de orelha em pé e virando a cabeça, ora para a direita, ora subitamente para a esquerda, ao menor barulho que ouvia atrás das portas...

Assim passou mais um ano. Guerássim continuou com seus afazeres de caseiro e estava muito satisfeito com seu destino quando, de repente, ocorreu uma circunstância inesperada...

Foi o seguinte: em um lindo dia de verão, a patroa perambulava pela sala de visitas com suas comensais. Estava bem-disposta, ria e gracejava; as comensais também riam e gracejavam, mas não se sentiam particularmente contentes: nessa casa, não gostavam muito quando a patroa se encontrava nesse estado, porque, em primeiro lugar, ela sempre exigia de todos uma participação imediata e plena e se zan-





gava se o rosto de alguém não expressava satisfação; em segundo lugar, esses arroubos duravam pouco tempo e normalmente se transformavam em um humor sombrio e azedo. Nesse dia, ela acordara alegre: nas cartas, saíram-lhe quatro valetes — a realização dos desejos (sempre tirava a sorte pela manhã) — e o chá lhe pareceu especialmente saboroso, motivo pelo qual a copeira recebeu elogios em palavras e dez copeques em dinheiro. Com um sorriso doce nos lábios enrugados, a patroa, passeando pela sala, se aproximou da janela. Em frente, tinham feito um jardinzinho e, no canteiro do meio, embaixo de um arbusto de rosas, Mumu estava deitada roendo um osso, meticulosa. A patroa a viu.

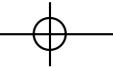
— Meu Deus! — ela gritou de repente. — Que cachorro é esse?

A comensal a quem a patroa havia se dirigido hesitou, pobrezinha, com a preocupação angustiada que normalmente se apossa dos dependentes quando ainda não sabem ao certo como entender a exclamação da autoridade.

— N... n... não sei, senhora — balbuciou —, parece que é do mudo.

— Meu Deus! — interrompeu a patroa. — Mas é um cachorro muito engracadinho! Mande trazê-lo para mim. Faz tempo que ele o tem? Como é que eu não o vi até agora?... Mande trazê-lo.

A comensal imediatamente voou para a antessala.



— Homem, homem! — gritou. — Traga logo Mumu! Está no jardinzinho.

— E se chama Mumu — proferiu a patroa —, um nome muito bonito.

— Ah, muito mesmo, senhora! — replicou a comensal. — Rápido, Stepan!

Stepan, um rapaz robusto que cumpria a função de lacaio, lançou-se a toda pressa para o jardinzinho e tentou apanhar Mumu, que habilmente lhe escapou entre os dedos e, levantando a cauda, partiu em desabalada corrida na direção de Guerássim, o qual, nessa hora, limpava um barril na cozinha — sacudia-o e tirava-lhe a sujeira, pondo-o de boca para baixo como se fosse um tambor de criança. Stepan correu atrás dela, quis capturá-la aos pés do dono; mas a cadela ágil não se entregava a mãos de estranhos, deu um pulo e se esquivou. Guerássim assistiu a toda essa algazarra com um risinho no rosto; por fim, Stepan ergueu-se com irritação e apressadamente lhe explicou por sinal que a patroa exigia a presença da cadela. Guerássim ficou um pouco surpreso, contudo chamou Mumu, levantou-a do chão e a entregou. O lacaio levou-a à sala de visitas e a colocou no parquete. A patroa pôs-se a chamá-la com voz carinhosa. Mumu, que jamais estivera em aposentos tão magníficos, ficou muito assustada e quis se lançar à porta, mas, contida pelo prestatoso Stepan, começou a tremer e se apertou contra a parede.



— Mumu, Mumu, venha cá, venha para a patroa — dizia a senhora —, venha, tolinha... Não tenha medo...

— Vá para a patroa, Mumu, vá — repetiam as comensais —, vá.

Mas Mumu olhava ao redor com tristeza e não saía do lugar.

— Traga-lhe algo para comer — disse a patroa. — Como ela é tola! Não vem até a patroa. De que tem medo?

— Ela ainda não se acostumou — afirmou uma das comensais, com voz tímida e aduladora.

Stepan trouxe um pratinho com leite e o colocou na frente de Mumu, que nem sequer o cheirou, tremendo e olhando ao redor como antes.

— Ah, como você é! — afirmou a patroa, que foi até ela, inclinou-se e quis acariciá-la, mas Mumu virou a cabeça convulsivamente e arreganhou os dentes. A fidalga retirou rapidamente a mão...

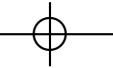
Produziu-se um instante de silêncio. Mumu gania sem força, como se lamentasse e se desculpasse. A patroa se afastou e franziu o cenho. O movimento rápido da cadeira a assustara.

— Ah! — todas as comensais gritaram ao mesmo tempo.

— Ela não mordeu a senhora, graças a Deus! (Mumu nunca havia mordido ninguém na vida.) Ah, ah!

— Leve-a embora daqui — disse a velha com voz alterada.

— Que cachorra terrível! Como é malvada!



E, virando-se devagar, encaminhou-se para seu gabinete. As comensais entreolharam-se timidamente e quiseram ir atrás da patroa, mas esta parou, fitou-as com frieza, soltou um “Para que isso? Eu não as chamei”, e se retirou.

As comensais apontaram as mãos com desespero para Stepan, que pegou Mumu e a jogou rapidamente porta afora, nos pés de Guerássim — em meia hora, na casa já reinava um silêncio profundo, com a viúva sentada em seu sofá sob uma nuvem sombria e ameaçadora.

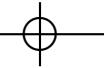
Que ninharias, pense bem, podem às vezes abalar uma pessoa!

Até o entardecer, a patroa ficou indisposta, não falou com ninguém, não jogou cartas e teve uma noite ruim. Achou que a água-de-colônia que lhe deram não era a mesma de sempre e que seu travesseiro fedia a sabão, fazendo a roupeira cheirá-lo — em suma, estava nervosa e muito “inflamada”. Na manhã seguinte, mandou chamar Gavrila uma hora antes do habitual.

— Diga, por favor — começou assim que ele, resmungando mentalmente, chegou à soleira de seu gabinete —, que cachorro é esse que ficou latindo a noite inteira no pátio? Não me deixou dormir!

— Um cachorro, senhora?... Qual, senhora?... Pode ser a cadela do mudo — disse ele com voz hesitante.

— Não sei se é do mudo ou de outra pessoa, só que não me deixou dormir. Mas me espanto com essa multidão de



cachorros. Gostaria de saber para quê. Afinal, já não temos um cachorro no pátio?

— Como não, senhora, temos, sim, senhora. O Lobinho, senhora.

— Então para que mais um cachorro? Só causa desordem. Não há comando na casa, é isso. E por que o mudo precisa de cachorro? Quem lhe deixou ter um cachorro no meu pátio? Ontem me aproximei da janela e a cadela estava deitada no jardinzinho, arrastava e roía uma nojeira qualquer, e lá tenho umas rosas plantadas...

A patroa se calou.

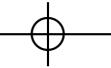
— Quero que hoje a cachorra saia daqui... Ouviu?

— Sim, senhora.

— Hoje sem falta. E agora vá embora. Depois o chamo para me passar o relatório.

Gavrila saiu.

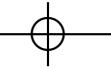
Ao passar pela sala de visitas, o mordomo, para pôr ordem, mudou a sineta de uma mesa para outra, assoou o nariz de pato furtivamente no salão e foi para a antessala. Ali Stepan dormia em um banco na posição de um guerreiro abatido de batalhão, com as pernas nuas muito esticadas debaixo da sobrecasaca que lhe servia de cobertor. Dando-lhe sacudidas, o mordomo despertou-o e, a meia voz, transmitiu-lhe a ordem da patroa, a que Stepan respondeu meio bocejando, meio rindo. Gavrila partiu, e o outro se levantou de salto, envergou cafetã e botas, saiu e parou junto à escadaria da entrada. Não



passaram nem cinco minutos, apareceu Guerássim carregado de um imenso feixe de lenha nas costas e acompanhado da inseparável Mumu. (A patroa mandava acender as estufas em seu dormitório e gabinete mesmo no verão.) Ele ficou de lado diante da porta, empurrou-a com o ombro e irrompeu em casa com seu fardo. Mumu, como de hábito, ficou à espera dele. Então Stepan, aproveitando o momento oportuno, repentinamente se jogou sobre a cachorra, como um falcão sobre um pintinho, apertou o peito dela contra o solo, enlaçou-a com força e, sem sequer colocar o quepe, saiu em disparada com ela pelo pátio, entrando na primeira carroça que apareceu, e foi até o *Okhótnyi riad*.¹⁶ Lá ele logo achou um comprador — que a levou por meros cinquenta copeques com a condição de que a mantivesse amarrada por pelo menos uma semana — e voltou imediatamente. Stepan desceu da carroça antes de chegar à propriedade e, contornando o pátio, entrou em casa pela travessa de trás saltando a cerca; tinha medo de passar pela cancela e encontrar Guerássim.

A preocupação do lacaio fora em vão. Guerássim não estava mais no pátio. Ao sair de casa, deu pela falta de Mumu de imediato — não se lembrava de nenhuma vez em que ela não estivesse esperando por seu retorno —, então pôs-se a correr por toda parte, procurando-a e chamando por ela à sua maneira... Precipitou-se no seu cubículo, no palheiro, correu para a rua, para lá e para cá... A cachorra tinha desa-

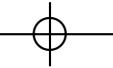
16. *Okhótnyi riad*, tradicional centro comercial de Moscou.



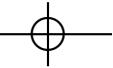
parecido! Abordava as pessoas, perguntava por ela fazendo os sinais mais desesperados, apontava um terço de metro acima do solo, desenhava-a por meio de gestos... Uns não sabiam mesmo onde Mumu fora parar e só balançavam a cabeça, outros sabiam e sorriam a ele em resposta. O mordomo assumiu um ar de grande importância e deu de gritar com os cocheiros. Nessa altura, Guerássim já tinha corrido para fora do pátio.

Estava escuro quando ele voltou. Por seu aspecto fatigado, pelo passo irregular, pela roupa empoeirada, era possível supor que percorreu meia Moscou. Parou diante das janelas da patroa, lançou um olhar à escadaria da entrada, onde havia sete criados reunidos, virou-se e murmurou outra vez: "Mumu!" — Mumu não respondeu. Ele se retirou. Todos olharam em sua direção, mas ninguém riu, nem disse palavra... Na manhã seguinte, Antipka, o boleiro curioso, contou na cozinha que o mudo gemera a noite inteira.

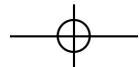
No outro dia, Guerássim não apareceu nenhuma vez, de modo que, no lugar dele, o cocheiro Potáp teve que ir buscar água, ficando muito insatisfeito com isso. A patroa perguntou a Gavrila se sua ordem fora cumprida. Ele respondeu que sim. Na manhã que se seguiu, Guerássim saiu de seu cubículo para trabalhar. Foi jantar e voltou a sair, sem cumprimentar ninguém. Seu rosto, que já era inerte como os rostos de todos os surdos-mudos, agora parecia literalmente de pedra. Depois do jantar, saiu do pátio outra vez, mas por pouco

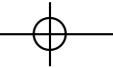


tempo e, ao voltar, imediatamente se dirigiu ao palheiro. Caiu a noite, de lua, clara. Guerássim estava deitado, suspirando pesadamente e revirando-se sem parar, quando, de repente, teve a impressão de que lhe puxaram a manga; estremeceu todo, mas não ergueu a cabeça e até semicerrou os olhos; aí puxaram a manga de novo, mais forte do que antes, e ele se levantou de salto... Na sua frente, com um farrapo no pescoço, rodopiava Mumu. Um grito prolongado de felicidade saiu de seu peito mudo; ele agarrou Mumu, estreitou-a no peito; em um instante, ela já lhe lambia o nariz, os olhos, o bigode e a barba... Ele ficou ali parado, pensou um pouco, desceu cuidadosamente do colchão de palha, olhou ao redor e, após se assegurar de que ninguém estava vendo, conseguiu introduzir-se em seu cubículo. Guerássim já imaginava que a cadela não havia sumido sozinha, que devia ter sido levada por ordem da patroa — as pessoas lhe contaram por sinal que Mumu tinha arreganhado os dentes para a fidalga —, e ele decidiu tomar suas medidas. Primeiro, deu um pãozinho à cachorra, acariciou-a e a colocou na cama, então começou a imaginar e passou a noite inteira imaginando como seria melhor escondê-la. Por fim, resolveu deixá-la o dia todo no cubículo, irvê-la de vez em quando e levá-la para passear tarde da noite. Tapou firmemente a abertura da porta com seu sobretudo velho e saiu. Mal os primeiros raios de luz surgiram no pátio, lá estava ele, como se nada tivesse ocorrido, conservando no rosto (ardil ingênuo) a tristeza de antes.



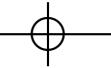
Pobre surdo, não podia passar pela cabeça dele que Mumu se entregaria sozinha com seus ganidos: de fato, todos na casa logo ficaram sabendo que a cadela do mudo regressara e estava presa no cubículo, porém, por pena de ambos e, em parte, por medo dele, não lhe deixaram descobrir que desvendaram seu segredo. Apenas o mordomo coçou a cabeça, mas abanou os braços: “Pois bem, que Deus esteja com ele! Desde que isso não chegue à patroa!”. Em compensação, nunca o mudo empenhara-se tanto como nesse dia: limpou e arrumou todo o pátio, arrancou as ervas daninhas, tirou com as próprias mãos todas as estacas da cerca do jardinzinho, para se assegurar de que estavam firmes o suficiente, e cravou-as de volta — em suma, mostrou tanto zelo e preocupação, que até a patroa prestou atenção em seus esforços. Ao longo do dia, Guérassim foi duas vezes, em surdina, ver sua anacoreta; quando chegou a noite, dormiu com a cachorra no cubículo, e não no palheiro, e só à uma da madrugada saiu para passear com ela ao ar livre. Depois de dar uma boa caminhada pelo pátio, estava se preparando para voltar quando, de repente, detrás da cerca, dos lados da travessa, soou um ruído. Mumu ficou de orelha em pé, rosnou, aproximou-se da cerca, cheirou e deu um latido alto e pronunciado. Um sujeito bêbado inventara de se aninhar ali para pernoitar. A patroa tinha acabado de adormecer depois de uma prolongada “agitação nervosa”: essas agitações sempre lhe ocorriam após um jantar muito farto. O latido re-





pentino despertou-a; seu coração palpou e parou. "Moças, moças!", disse ela gemendo. "Moças!" As criadas, assustadas, irromperam no quarto da fidalga. "Oh, oh, estou morrendo!", falou ela, abrindo os braços, angustiada. "De novo, de novo essa cachorra!... Oh, mandem buscar o doutor. Querem me matar... A cachorra, de novo a cachorra! Oh!", e jogou a cabeça para trás, o que devia significar um desmaio. Correram atrás do doutor, ou seja, do médico da casa, Khariton. Esse médico — cuja arte consistia em usar botas de sola macia, em tomar o pulso com delicadeza, em dormir catorze horas por dia e em ficar o resto do tempo suspirando e oferecendo incessantemente à patroa gotas de folha de louro-cereja — acudiu no mesmo instante, defumou penas queimadas¹⁷ e, quando a fidalga abriu os olhos, sem demora lhe estendeu, em uma bandejinha de prata, um cálice com as gotas secretas. Ela tomou, mas logo, com voz lacrimosa, pôs-se novamente a se queixar da cachorra, de Gavrila, de sua sorte, de que ela, uma pobre velha, fora abandonada por todos, de que ninguém se apiedava, de que todos desejavam sua morte. Enquanto isso, a infeliz Mumu continuava a latir, ao passo que Guerássim inutilmente tentava tirá-la da cerca. "Olhe... olhe... de novo...", disse a patroa, voltando a revirar os olhos. O médico sussurrou algo a uma criada, esta voou para a antessala, acordou com uma sacudida Stepan, este, por sua vez, correu para

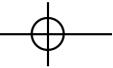
17. Acreditava-se que o cheiro de penas queimadas de pássaro exercia um efeito curativo em caso de desmaios.



despertar Gavrila, o qual, na afobação, mandou que a casa inteira se levantasse.

Guerássim virou-se, avistou luzes e sombras tremeluzindo nas janelas e, sentindo a desgraça se aproximar, colocou Mumu debaixo do braço, correu para o cubículo e se trancou. Minutos depois, cinco homens estavam forçando a porta dele, porém, sentido a resistência do ferrolho, pararam. Gavrila veio correndo, terrivelmente ofegante, mandou que todos ficassem ali vigiando até amanhecer, depois se precipitou na direção do quarto das criadas e, através de uma velha dama de companhia, Liubov Liubímovna, com quem roubava e inventariava chá, açúcar e outros mantimentos, mandou informar à patroa que o animal, infelizmente, voltara a fugir, mas que, no dia seguinte, não estaria mais entre os vivos e pediu que ela fizesse o favor de não se irritar e de acalmar-se. A fidalga, provavelmente, não teria se acalmado tão rápido, mas o médico, na pressa, em vez de vinte gotas, servira logo quarenta: a força do louro-cereja fez seu efeito e, um quarto de hora depois, ela já dormia profunda e tranquilamente, enquanto Guerássim jazia, muito pálido, em sua cama, apertando fortemente o pescoço de Mumu.

Na manhã seguinte, a patroa acordou bem tarde. Gavrila aguardava seu despertar para dar a ordem de uma investida decisiva contra o refúgio de Guerássim, preparando-se para suportar uma tempestade forte. Mas a tempestade não ocor-



reu. Deitada na cama, a patroa mandou chamar sua velha comensal.

— Liubóv Liubímovna — começou com voz baixa e fraca; às vezes, ela gostava de se passar por uma sofredora oprimida e abandonada, e não é preciso mencionar que, nessas ocasiões, todos em casa ficavam muito desconfortáveis —, Liubóv Liubímovna, a senhora está vendo a minha situação; vá até Gavrila Andréitch, queridinha, fale com ele: será que para ele um cachorro qualquer é mais caro do que a tranquilidade, do que a própria vida de sua patroa? Não quero acreditar nisso — acrescentou com uma expressão de profunda dor —, vá, queridinha, seja bondosa, vá até Gavrila Andréitch.

Liubóv Liubímovna dirigiu-se até o quarto de Gavrila. Não se tem conhecimento do teor da conversa dos dois, porém, passado algum tempo, uma turba avançava pelo pátio na direção do cubículo de Guerássim: à frente, ia Gavrila segurando o quepe com a mão, embora não houvesse vento; perto dele iam os lacaios e o cozinheiro; Tio Cauda espiava da janela e dava ordens, ou seja, apenas abria os braços; atrás de todos, saltitavam e faziam caretas uns meninos, metade dos quais era de fora. Na escadinha estreita que levava ao cubículo estava sentada uma sentinela; junto à porta, havia mais duas, com bastões. Puseram-se a subir pela escada, ocuparam-na em toda a extensão. Gavrila aproximou-se da porta, bateu com o punho e gritou:

— Abra.



Ouviu-se um latido abafado, mas não houve resposta.

— Estou dizendo, abra! — repetiu.

— Ora, Gavrila Andréitch — observou Stepan de baixo —, se ele é surdo, não ouve.

Todos riram.

— Que fazer então? — replicou Gavrila de cima.

— Ele tem um buraco na porta — respondeu Stepan —, cutuque aí com o bastão.

Gavrila se abaixou.

— Ele tapou o buraco de algum jeito com o sobretudo.

— Empurre o sobretudo para dentro.

Nesse ínterim, soou um latido surdo de novo.

— Veja, veja, ela mesma está se entregando — notaram e voltaram a rir.

Gavrila coçou detrás da orelha.

— Não, meu caro — continuou ele por fim —, empurre você mesmo se quiser.

— Pois não, com licença!

Stepan subiu, pegou o bastão, empurrou o sobretudo para dentro e começou a cutucar o orifício, dizendo: “Saia, saia!”. Estava ainda mexendo o bastão quando, de repente, a porta do cubículo se abriu rapidamente — no mesmo instante toda a criadagem desceu a escada e o primeiro a descer foi Gavrila. Tio Cauda fechou a janela.

— Ora, ora, ora, ora — gritava Gavrila no pátio —, espere só para ver!



Guerássim estava postado na soleira, imóvel. A turba reuniu-se ao pé da escada. Apoiando as mãos de leve na cintura, ele olhou de cima para toda aquela gentinha usando cafetãs de estilo alemão; em sua camisa vermelha de camponês, parecia um gigante diante deles. Gavrila deu um passo adiante.

— Veja, meu velho — proferiu —, não crie caso.

E se pôs a explicar-lhe, por sinais, que a patroa exigia de qualquer jeito a cadela: “Entregue-a agora, senão será uma desgraça”.

Guerássim olhou para ele, apontou para a cadela, fez um gesto com a mão ao redor do pescoço dela, como se estivesse apertando um nó, e, com rosto interrogativo, olhou para o mordomo de novo.

— Sim, sim — este replicou acenando com a cabeça —, sem falta.

Guerássim baixou os olhos, depois de repente se sacudiu, voltou a apontar para a cachorra — ela ficou o tempo todo a seu lado, abanando o rabo de forma inocente e encolhendo as orelhas com curiosidade —, repetiu o gesto de estrangulamento ao redor do pescoço dela e bateu no próprio peito significativamente, como se afirmasse que ele próprio daria cabo de Mumu.

— Mas você vai nos enganar — Gavrila acenou-lhe a mão em resposta.

Guerássim olhou para ele, rindo com desprezo, voltou a bater no próprio peito e fechou a porta com estrondo.



Todos se entreolharam em silêncio.

— O que isso quer dizer? — começou Gavrila. — Ele se trancou?

— Deixe-o, Gavrila Andréitch — afirmou Stepan —, ele vai fazer o que prometeu. É do seu feitio... Quando promete algo, é para valer. Ele não é como nossa gente. Justiça seja feita. Sim.

— Sim — repetiram todos, consentindo com as cabeças.

— É isso mesmo. Sim.

Tio Cauda abriu a janela e também disse: “Sim”.

— Pois bem, vamos ver — replicou Gavrila —, mas não suspendam a vigilância. Ei, Erochka! — acrescentou dirigindo-se a um homem pálido, que vestia um casaco curto amarelo de nanquim e cumpria a função de jardineiro —, o que está fazendo? Pegue um bastão e sente aqui e, se algo houver, corra até mim imediatamente!

Erochka pegou o bastão e se sentou no último degrau da escada. A turba se dispersou, tirando alguns curiosos e meninos; Gavrila voltou para casa e, através de Liubóv Liubímovna, informou a patroa que tudo tinha sido resolvido e, para qualquer eventualidade, enviou o boleiro até a polícia. A patroa deu um nó em um lencinho, embebeu-o de água-de-colônia, aspirou-o, esfregou as têmporas, tomou chá e, ainda sob efeito das gotas de louro-cereja, voltou a dormir.

Uma hora depois de todo esse alarde, a porta do cubículo se abriu e Guerássim apareceu. Trajava um cafetã de festa



e levava Mumu por uma cordinha. Erochka afastou-se e lhe deu passagem. Guerássim dirigiu-se para o portão. Os meninos e os que estavam no pátio o seguiram com os olhos, em silêncio. Ele nem sequer se virou; só colocou o chapéu na rua. Gavrila mandou que Erochka fosse atrás dele na qualidade de observador. Ele viu de longe o caseiro entrar em uma taberna com a cadela e ficou à espera de sua saída.

Na taberna Guerássim era conhecido e entendiam seus sinais. Ele pediu sopa de repolho com carne e sentou-se, apoiando os braços na mesa. Mumu ficou junto à sua cadeira, fitando-o tranquilamente com seus olhinhos inteligentes. Seu pelo estava lustroso: era visível que fora penteadinho fazia pouco tempo. Trouxeram a sopa a Guerássim. Ele esfarelou pão nela, cortou a carne em pedaços miúdos e colocou o prato no chão. Mumu começou a comer com sua habitual elegância, mal tocando o focinho na comida. Guerássim admirou-a demoradamente; duas súbitas lágrimas pesadas escaparam de seus olhos: uma caiu na testinha proeminente da cadela, outra na sopa. Ele cobriu o rosto com a mão. Mumu comeu meio prato e se afastou, lambendo-se. Guerássim levantou-se, pagou a sopa e saiu, acompanhado pelo olhar algo perplexo do garçom. Erochka, ao ver o caseiro, levantou-se num pulo em seu canto e, deixando-lhe passar, continuou a segui-lo.

Guerássim caminhava sem pressa, sem soltar a cordinha de Mumu. Ao chegar à esquina, ele se deteve, como que



mergulhado em pensamentos, e de súbito pôs-se a andar em ritmo acelerado para o vau da Crimeia. No caminho, passou pelo pátio de uma casa em que construíam um anexo e saiu de lá com dois tijolos debaixo do braço. No vau da Crimeia, caminhou pela margem, chegou a um lugar onde havia dois barcos a remo, presos com estacas (ele já os tinha notado antes), e pulou em um deles com Mumu. Um velhote coxo saiu de uma choupana que ficava no canto de uma horta e deu de gritar. Mas Guerássim só fez balançar a cabeça e começou a remar com tanta força, que, embora estivesse contra a corrente, em um minuto tinha percorrido cem braças. O velho esperou, esperou, coçou as costas, primeiro com a mão esquerda, depois com a direita, e voltou mancando para a choupana.

Guerássim remava e remava. Moscou já tinha ficado para trás. Ao longo da margem, estendiam-se prados, hortas, campos e bosques, surgiam isbás. O ar do campo soprava. Ele largou os remos, encostou a cabeça em Mumu — ela estava sentada na sua frente, em uma tábua seca (o fundo do barco se encheria de água) — e ficou imóvel, com as mãos poderosas cruzadas nas costas dela, enquanto as ondas levavam o barco, aos poucos, de volta para a cidade. Finalmente Guerássim aprumou-se e, apressado, com uma expressão doentia, enrolou em uma ponta da corda os tijolos que pegara, fez um nó na outra ponta, colocou-o no pescoço de Mumu, ergueu-a sobre o rio e fitou-a pela última vez... Ela olhava para



o dono com confiança, sem medo, abanando o rabo de leve. Ele se virou, fechou os olhos e descerrou a mão... Guerássim não ouviu nada, nem o ganido rápido de Mumu ao cair, nem o borifar pesado da água; para ele, o dia mais ruidoso era silente e mudo, assim como para nós a noite mais calma é ruidosa; ao voltar a abrir os olhos, ondas pequenas, como antes, deslizavam pelo rio, como se uma perseguisse a outra, e batiam nas laterais do barco, e apenas ao longe, na direção da margem de trás, círculos largos se formavam.

Erochka, assim que Guerássim desapareceu da vista dele, voltou para casa e relatou tudo o que tinha conseguido ver.

— Pois bem — observou Stepan —, ele vai afogá-la. Pode ficar tranquilo. Se ele prometeu...

Ao longo do dia, ninguém viu o caseiro. Não almoçou em casa. Anoiteceu; todos se reuniram para jantar, menos ele.

— Que homem esquisito é Guerássim! — piou uma lava-deira gorda. — Ficar de vadiagem por causa de um cachorro!... Vamos e venhamos!

— Mas Guerássim esteve aqui — exclamou de repente Stepan, servindo-se de uma colherada de mingau.

— Como? Quando?

— Mais ou menos duas horas atrás. Isso mesmo. Topei com ele no portão; estava indo embora daqui, saindo do pátio. Eu queria perguntar da cadela, mas ele visivelmente não estava para conversas. Aí me empurrou; com certeza só queria me afastar, como que dizendo: “não me amole”, mas



esse léchi descomunal me deu tal pancada na espinha que ui-ui-ui! — e Stepan, com um riso forçado, encolheu-se e esfregou a nuca. — Sim — acrescentou —, abençoada mão, não há o que discutir.

Todos riram de Stepan e, depois do jantar, separaram-se para ir dormir.

Enquanto isso, nessa mesma hora, na estrada de T..., um gigante caminhava de modo incansável e ininterrupto, com um saco nos ombros e um longo cajado na mão. Era Guerássim. Apresava-se sem olhar para trás, indo para casa, para sua aldeia, para sua terra natal. Depois de afogar a pobre Mumu, correu para seu cubículo, empacotou com agilidade uns trastes num xairel velho, fez um nó nele, colocou-o no ombro e se foi. Ele tinha observado bem o caminho quando fora levado a Moscou; a aldeia de onde a patroa o tirara ficava a uns vinte e cinco quilômetros da estrada principal. Ele caminhava com coragem indestrutível, com determinação e uma espécie de entusiasmo desesperado. Caminhava de peito aberto; os olhos ávidos fixos na frente. Apresava-se como se a velha mãe o aguardasse na aldeia, como se o chamasse após uma longa peregrinação por terra estrangeira, entre pessoas estranhas... A noite de verão, que acabara de cair, era silenciosa e quente; do lado onde o sol tinha se posto, a extremidade do céu ainda estava branca, enrubescedo de leve com o último brilho do dia que se fora; do outro lado, já se erguia a escuridão azul e cinzenta. A noite vinha de lá. Centenas de



codornizes ressoavam ao redor, codornizões chamavam uns aos outros, tentando chegar primeiro... Guerássim não podia ouvi-los, assim como não podia ouvir o delicado cochicho noturno das árvores, diante das quais suas pernas fortes o levavam, mas sentia o cheiro conhecido do centeio maduro que exalava dos campos escuros, sentia o vento da aldeia soprar ao encontro dele e ternamente lhe golpear o rosto, brincando com seus cabelos e sua barba; via a sua frente a estrada embranquecer, a estrada de casa, reta como uma seta; via no céu estrelas sem conta iluminando-lhe o caminho e, como um leão, andava com passos fortes e enérgicos, de modo que, quando o sol nascente espalhou seus raios úmidos e vermelhos sobre o jovem que partia, trinta e cinco quilômetros já o separavam de Moscou...

Dois dias depois, já estava em casa, em sua isbazinha, para grande perplexidade da mulher de soldado que havia se instalado lá. Ao fazer uma prece diante dos ícones, Guerássim dirigiu-se ao estaroste.¹⁸ O estaroste inicialmente se espantou com a vinda dele, mas a sega do feno tinha acabado de começar; nas mãos de Guerássim, trabalhador exemplar, logo puseram uma gadanha e ele foi segar como antigamente, surpreendendo os mujiques com a amplitude de seu movimento e o tamanho de sua braçada...

Em Moscou, no dia seguinte à fuga de Guerássim, deram por sua falta. Foram ao seu cubículo, revistaram-no e avis-

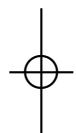
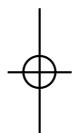
18. Estaroste, chefe da aldeia.



ram Gavrila. O mordomo veio, olhou e deu de ombros, decidindo que o mudo ou tinha fugido, ou tinha se afogado com sua cadela estúpida. Informaram a polícia, relataram à patroa. A fidalga zangou-se, caiu no choro, ordenou que o procurassem, custasse o que custasse, garantiu que jamais mandara matar o cachorro e, por fim, passou em Gavrila tamanha reprimenda, que este, o dia inteiro, só balançava a cabeça e dizia “ora, ora”, até que o Tio Cauda chamou-o à razão, dizendo “ora, bolas!”. Finalmente, veio da aldeia a notícia da chegada de Guerássim. A fidalga sossegou um pouco; primeiro pensou em exigir que ele voltasse a Moscou sem demora, depois, contudo, afirmou que não precisava de jeito nenhum de um ingrato desses. Aliás, ela morreu pouco tempo depois; seus herdeiros não se interessaram por Guerássim e liberaram também o resto da criadagem da mãe em troca de tributos.

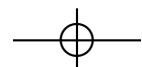
Desde então Guerássim vive sem família em sua isbá solitária; saudável e forte como antes, trabalhando por quatro como antes, com ar importante e sério como antes. Mas os vizinhos notaram que, desde seu regresso de Moscou, ele parou completamente de se importar com mulheres, nem mesmo olha para elas, e não tem nenhum cachorro para criar. “Pensando bem”, afirmam os mujiques, “feliz dele por não precisar de mulher; e cachorro, de que lhe serve um cachorro? Nenhum ladrão entrará no pátio dele, nem forçado!” Esse são os rumores que correm sobre a força de bogatyr do homem mudo.

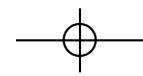
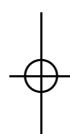
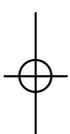
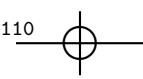
Tradução: Irineu Franco Perpetuo.



LEV TOLSTÓI

(1828-1910)







O prisioneiro do Cáucaso

(História verdadeira)

1

Um fidalgo servia no Cáucaso como oficial. Seu nome era Jílin.

Um dia, chegou uma carta de casa. A velha mãe lhe escrevia: “Já estou velha e quero ver o filho amado antes de morrer. Venha se despedir, enterre-me e depois volte com Deus para o serviço militar. Também encontrei uma noiva para você: é inteligente, boa e tem posses. Se gostar dela, case e fique de vez”.

Jílin refletiu: “De fato: a velha já está mal; talvez eu nem consiga vê-la. Eu vou e, se a noiva for boa, posso até casar”.

Foi ao coronel, tirou licença, disse adeus aos camaradas, ofereceu quatro baldes de vodca a seus soldados na despedida e se preparou para partir.

O Cáucaso, nessa época, estava em guerra.¹ Não havia como passar pelas estradas, nem de dia nem de noite. Bastava um russo sair da fortaleza, a pé ou a cavalo, e os tártaros

1. A Guerra do Cáucaso (1817–1864), muito retratada na literatura russa do séc. XIX, envolveu uma série de conflitos, resultando na anexação, por parte do Império Russo, do norte do Cáucaso.



o matavam ou o levavam para as montanhas. Estabeleceu-se que, duas vezes por semana, uma escolta de soldados ia de fortaleza em fortaleza. À frente e atrás iam soldados e, no meio, civis.

Era verão. Os comboios da fortaleza se reuniram ao amanhecer, os soldados da escolta saíram e marcharam pela estrada. Jílin andava a cavalo e a telega com suas coisas seguia com o comboio.

Havia vinte e cinco quilômetros a percorrer. O comboio ia devagar; ora os soldados se detinham, ora a roda de alguma carroça soltava, ora um cavalo empacava, e todos paravam e esperavam.

Já tinha passado do meio-dia e o comboio só percorrera metade do caminho. Areia, calor, sol pelando, e não havia onde se esconder. A estepe nua, nem uma arvorezinha ou um arbusto à vista.

Jílin, à frente, se deteve e esperou a chegada do comboio. Ouviu um toque de clarim — pararam de novo. Ele pensou: “Por que não vou sozinho, sem os soldados? Minha égua é excelente; se os tártaros atacarem, eu fujo. Vou ou não vou?...”.

Parou, refletiu. E dele se aproximou outro oficial a cavalo, Kostýlin, com uma espingarda, e disse:

— Vamos sozinhos, Jílin. Não suporto mais, quero comer, e ainda este calor de rachar. Minha camisa está ensopada.

Kostýlin, que era um homem corpulento e gordo, estava todo vermelho e suava em bicas. Jílin pensou e perguntou:



— A espingarda está carregada?

— Está.

— Pois então vamos. Com uma condição: não devemos nos separar.

E seguiram adiante pela estrada. Iam pela estepe conversando e olhando para os lados. Ao redor, podia-se ver longe.

Assim que a estepe acabou, a estrada passou por um desfiladeiro entre duas montanhas. Jílin disse:

— É preciso subir a montanha e olhar antes; eles podem aparecer por trás dela, sem vermos.

Mas Kostýlin disse:

— Olhar o quê? Vamos em frente.

Jílin não lhe deu ouvidos.

— Não — disse —, espere aqui embaixo, só darei uma olhada.

E conduziu o cavalo pela esquerda na direção da montanha. A égua era de caça (Jílin pagara cem rublos pela potra em uma manada e a adestrara sozinho); ela o carregou pela escarpa como se tivesse asas nos pés. Subiram a galope e, na frente deles, num raio de um hectare, surgiram tártaros montados — cerca de trinta. Jílin os viu e virou-se para trás; os tártaros o viram e lançaram-se em seu encalço, tirando as espingardas dos coldres na cavalgada. Ele desceu a escarpa à rédea solta, gritando para Kostýlin:

— Saque a espingarda! — e para sua égua falou em pensamento: “Amiguinha, carregue-me, não enganche a pata,



não tropece, ou estamos perdidos. Vou pegar a espingarda, não me entregarei”.

Mas Kostýlin, assim que viu os tártaros, em vez de esperar, saiu em disparada para a fortaleza. Com o açoite, fustigava o cavalo ora de um lado, ora de outro. Apenas através da poeira era possível ver a cauda do animal se mexer.

Jílin percebeu que a coisa estava feia. A espingarda se fora e só com um sabre não podia fazer nada. Fez a égua recuar, na direção dos soldados, pensando em fugir. Viu que seis sujeitos cavalgavam para lhe cortar o caminho. Seu cavalo era bom, mas os deles eram melhores, e cavalgavam para lhe cortar o caminho. Ele começou a dar a volta, quis retornar, mas a égua já tinha disparado, incontida, voando ao encontro deles. Ele viu se aproximar um tártaro de barba ruiva montado em um cavalo cinza. O homem gania e arreganhava os dentes, a espingarda em riste.

“Pois bem”, pensou Jílin, “eu conheço esses diabos, se me pegam vivo, colocam-me num fosso e me açoitam. Não me entregarei com vida.”

Jílin, embora de pequena estatura, era audaz. Sacou o sabre e fez a égua saltar para cima do tártaro ruivo, pensando: “Ou o esmago com o cavalo, ou corto sua cabeça com o sabre”.

Estava a um cavalo de distância do tártaro quando lhe deram um tiro de espingarda por trás e acertaram a égua. Ela caiu no solo com todo o seu peso, desabando em cima da perna do oficial.



Quis se levantar, mas dois tártaros fétidos já estavam sentados sobre ele, torcendo-lhe o braço para trás. Consegiu soltar-se e derrubou os tártaros, mas outros três apareceram dos cavalos e se puseram a bater na cabeça dele com coronhas. Os olhos dele toldaram e ele cambaleou. Capturaram-no, tiraram as cilhas sobressalentes da sela, prenderam-lhe com elas as mãos nas costas, atando-as com um nó tártaro, e o arrastaram até a sela. Derrubaram o chapéu de Jílin, tiraram-lhe as botas, revistaram tudo, tomaram o dinheiro e o relógio, e rasgaram as roupas. Ele olhou para sua égua. Sua querida amiga jazia de lado, do jeito que havia caído, e somente batia as pernas no chão, sem conseguir se erguer; na cabeça, ela tinha um buraco de onde jorrava sangue negro, irrigando quase um metro da areia ao redor.

Um tártaro se aproximou do animal e começou a tirar-lhe a sela. Como a égua ainda se debatia, ele sacou o punhal e a degolou. Da garganta dela saiu um assobiou, ela estremeceu e morreu.

Os tártaros terminaram de tirar a sela e o arreio. O sujeito de barba ruiva montou em seu cavalo, enquanto os outros colocaram Jílin em cima da sela dele; o oficial, para que não caísse, foi amarrado com uma correia ao cinturão do cavaleiro e levado para a montanha.

Jílin estava sentado atrás do tártaro, balançando e batendo o rosto nas costas fétidas dele. Só via diante de si as costas robustas do tártaro, seu pescoço musculoso e a nuca



azulada e raspada debaixo do gorro. A cabeça de Jílin estava ferida, sangue coagulou sobre os olhos. Ele não tinha como se ajeitar em cima do cavalo, nem como enxugar o sangue. Os braços estavam tão retorcidos, que lhe machucavam a clavícula.

Por muito tempo passaram de montanha em montanha, então cruzaram o vau de um rio, saíram para uma estrada e entraram em um vale.

Jílin queria observar o caminho, ver por onde o levavam, mas os olhos continuavam sujos de sangue e ele não conseguia se virar.

Começou a escurecer. Atraversaram mais um riacho e subiram uma montanha pedregosa; cheirava a fumaça, cães ladravam.

Chegaram ao aul.² Os homens apareceram dos cavalos, crianças tárteras se reuniram e cercaram Jílin, piando, alegrando-se e atirando-lhe pedregulhos.

Um tártaro enxotou as crianças, tirou Jílin do cavalo e chamou um criado. Veio um nogai³ de zígomos salientes, usando apenas uma camisa. Rasgada, a camisa deixava-lhe o peito nu à mostra. O tártaro deu-lhe uma ordem. O criado trouxe um grilhão: dois cepos de carvalho presos a anéis de ferro, e em um deles havia uma argola com um cadeado.

Ao desamarrem os braços de Jílin, colocaram-lhe o grilhão, levaram-no a um celeiro, empurrando-o lá, e trancaram

2. Aul, aldeia tártera. (Nota de Tolstói.)

3. Nogai, povo de origem turcomana que vivia nas montanhas no norte do Cáucaso.



a porta. O oficial caiu em cima de esterco. Abatido, tateou no escuro para achar um lugar macio e se deitou.

2

Jílin quase não dormiu aquela noite. As noites lá eram curtas. Viu por uma fresta que começava a clarear. Ergueu-se, alargou a fresta e se pôs a observar.

Viu uma estrada que descia a montanha; à direita, uma sáklia⁴ tártara com duas árvores ao lado. Um cachorro preto estava deitado na soleira, uma cabra andava com seus cabritos agitando os rabos. Viu subir a montanha uma jovem tártara que vestia uma camisa colorida sem cinto, calças e botas, e carregava sobre a cabeça coberta por um cafetã⁵ um grande jarro de lata com água. Caminhava com as costas arqueadas, tremendo, e levava pela mão um menininho tártaro de cabeça raspada usando apenas uma camisa. A jovem chegou com a água à sáklia; o sujeito de barba ruiva da véspera saiu trajando um bechmet⁶ de seda, um punhal prateado na cintura e sapatas nos pés nus. Na cabeça, um gorro alto preto, de couro de carneiro, deslocado para trás. Saiu, espreguiçou-se e acariciou a barba ruiva. Ali postado, deu uma ordem ao criado e foi para algum lugar.

4. Sáklia, casa dos montanheses do Cáucaso.

5. Usado pela proibição a mulheres muçulmanas de mostrarem o rosto.

6. Bechmet, cafetã de colarinho alto, traje típico dos povos montanheses, depois adotado como parte do uniforme dos regimentos dos cossacos.



Depois apareceram dois meninos a cavalo vindos do bedouro. Os cavalos tinham as fuças molhadas. Vieram correndo outros garotos, de cabeça raspada, só de camisa e sem calças; formaram um grupo, foram até o celeiro, pegaram uma vara e a enfiaram na fresta. Jílin ergueu a voz: os moleques gritaram com estridência e saíram correndo dali com os joelhos nus brilhando.

Jílin queria tomar água, tinha a garganta seca; pensava que pelo menos devesse se fazer notar. Aguçou os ouvidos — estavam abrindo o celeiro. Veio o sujeito ruivo acompanhado por outro tártaro, mais baixo, moreninho. Olhos negros e brilhantes, rosto corado, barbicha bem aparada; expressão alegre, sempre risonha. O traje do moreno era ainda melhor: *bechmet* azul de seda adornado com galões. O punhal da cintura era grande, de prata; as sapatas vermelhas de marroquim também tinham galões prateados. Em cima das sapatas finas, usava outras, mais grossas. E um gorro alto, branco, de pelo de carneiro.

O tártaro ruivo entrou, disse algo que parecia um xingamento e ficou ali postado; o sujeito, apoiando-se no batente da porta, mexia no punhal olhando para Jílin de soslaio, como um lobo. O moreninho — rápido, vivo, como se fosse movido por uma mola — foi direto até Jílin, acocorou-se, arreganhou os dentes e deu-lhe um tapinha no ombro, então balbuciou algo rápido no seu idioma, piscou os olhos e estalou a língua, dizendo sem parar: “bon-russo! Bon-russo!”.



O oficial nada comprehendeu e disse: "Beber, deem água!".

O moreno riu: "Bon-russo", continuando a balbuciar na sua língua.

Jílin mostrou com os lábios e as mãos que queria beber.

O moreno entendeu, riu, olhou para a porta e chamou alguém: "Dina!".

Veio correndo uma moça, delicada, magrinha, de treze anos, parecida de rosto com o moreno. Pelo visto, era a filha. Os mesmos olhos negros e brilhantes, e bonita de rosto. Vestia uma camisa longa e azul, de mangas largas, sem cinto, com costura em vermelho nas abas, no peito e nas mangas. Nas pernas e nos pés, usava calças e sapatas e, em cima destas, outras de salto mais alto; no pescoço, um colar todo feito de moedas russas de cinquenta copeques. A cabeça descoberta⁷ tinha uma trança vermelha com uma fita em que pendiam penduricalhos e um rublo de prata.

O pai lhe deu uma ordem. Ela saiu e voltou trazendo um jarrinho de lata. Deu água ao russo, acocorou-se e se arqueou de um jeito que os ombros ficaram abaixo dos joelhos. Agachada e de olhos bem abertos, observava Jílin bebendo como um animal.

Ele devolveu-lhe o jarro, e ela saltou para trás, como uma cabra selvagem. Até o pai riu. Deu-lhe outra ordem. Dina pegou o jarro, saiu correndo e voltou trazendo pão ázimo

7. A obrigação de cobrir a cabeça entre as mulheres muçulmanas geralmente começa após o casamento.



em uma pequena tábua redonda; então sentou de novo, arqueada, sem tirar os olhos de Jílin.

Os tártaros saíram e trancaram a porta de novo.

Pouco depois, o nogai se aproximou de Jílin e disse:

— Arre, patrão, arre!

Também não sabia russo. Jílin só entendeu que o estava mandando ir a algum lugar.

Saiu com o grilhão, claudicando de uma perna, e, sem conseguir pisar, virou o pé para o lado. Ia atrás do nogai. Viu a aldeia tárta, cerca de dez casas e a igreja deles com uma torre. Em uma casa, havia três cavalos selados. Meninos seguravam as rédeas. O tártaro moreno saiu de lá e acenou para que Jílin fosse até ele. Riu, falando algo em sua língua, e foi para dentro. Jílin entrou. O aposento era bom, com paredes revestidas de argila lisa. Colchões coloridos de penas estavam apoiados na parede em frente; nas laterais foram pendurados tapetes caros; nos tapetes, espingardas, pistolas e sabres de prata. Perto de uma parede, ficava uma pequena estufa construída no mesmo plano que o solo. O chão era de terra, limpo como uma eira, e todo o canto da frente estava coberto de feltro; sobre o feltro, havia tapetes com almofadas de penas. Nos tapetes, estavam sentados tártaros usando sapatas: o moreno, o ruivo e três convidados. Nas costas de todos colocaram almofadas e, diante deles, uma tábua redonda com panquecas de painço, manteiga derretida de



leite de vaca num pote e cerveja tárтарa — a *buzá*⁸ — em um jarrinho. Comiam com as mãos lambuzadas.

O moreno ergueu-se de salto e mandou Jílin sentar-se ao lado, não no tapete, mas no chão duro, então voltou a sentar e regalou os convidados com panquecas e *buzá*. Um criado acomodou Jílin, então ele mesmo tirou as sapatas de cima, colocou-as junto à porta, onde os outros calçados se enfileiravam, e se sentou sobre o feltro, mais perto do dono da casa; ao ver como estavam comendo, começou a salivar.

Quando os tártares terminaram de comer, apareceu uma tárтарa vestindo uma camisa igual à da moça de antes e calças; tinha a cabeça coberta por um lenço. Retirou a manteiga e as panquecas e trouxe uma boa selha e um jarro de bico estreito. Eles se puseram a lavar as mãos, depois cruzaram os braços, ajoelharam-se, sopraram em todas as direções e rezaram. Conversavam na língua deles. Então um dos convidados virou-se para Jílin e começou a falar em russo.

— Você foi capturado por Kazi Muhammed — disse ele e apontou para o tárтарo ruivo —, que o deu para Abdul Murat — apontou para o moreninho. — Abdul Murat agora é o seu dono.

Jílin ficou calado. Abdul Murat começou a falar, sempre apontando para Jílin, rindo e dizendo: “soldado bon-russo, bon-russo”.

8. *Buzá*, bebida adocicada e fermentada (de trigo, milho ou painço) de baixo teor alcoólico, consumida na Crimeia e no Cáucaso.



O tradutor redisse: “Está mandando você escrever para casa atrás de um resgate. Assim que o dinheiro chegar, você será solto”.

Jílin pensou e disse: “E ele quer um resgate grande?”.

Os tártares falaram e o tradutor repetiu:

— Três mil rublos.

— Não — disse Jílin —, não posso pagar isso.

Abdul ergueu-se num pulo, começou a agitar os braços, disse algo a Jílin como se este pudesse compreendê-lo. O tradutor verteu: “Quanto você dará?”.

Jílin pensou e disse: “Quinhentos rublos”.

Daí entre os tártares levantou-se uma gritaria. Abdul se pôs a gritar com o ruivo de maneira tão incompreensível e rápida, que salpicava saliva de sua boca. E o ruivo só fazia semicerrar os olhos e estalar a língua.

Calaram-se e o tradutor disse:

— O patrão acha que quinhentos rublos de resgate é pouco. Ele pagou duzentos rublos por você. Kazi Muhammed tinha uma dívida com ele. Ele tomou você no lugar do acerto da dívida. Três mil rublos, não se pode admitir menos. Se você não escrever, vão colocá-lo num fosso e castigá-lo com o açoite.

“Ah!”, pensou Jílin, “com esses aí, quanto mais me intimidar, pior será”. Ficou de pé e disse:



— Pois diga a esse cachorro que, se ele quiser me assustar, não darei um copeque, nem escreverei para casa. Nunca tive e nunca terei medo de vocês, cachorros!

O tradutor falou tudo aos tártaros e de novo se levantou uma gritaria.

Balbuciaram por muito tempo, até que o moreno se levantou de salto e se aproximou de Jílin.

— Bon-russo — disse —, djiguit, djiguit!

Djiguit, na língua deles, significa “valente”.⁹ Ele riu, disse algo ao tradutor, que explicou:

— Dê mil rublos.

Jílin não arredou pé: “Mais de quinhentos rublos eu não darei. E, se me matarem, ficarão de mãos abanando”.

Os tártaros começaram a discutir e mandaram o criado a algum lugar, olhando ora para Jílin, ora para a porta. O criado voltou seguido de um homem meio gordo, descalço e esfarrapado, também com um grilhão no pé.

Jílin, então, deu um “ah” — reconheceu Kostýlin. Também tinha sido capturado. Os dois foram colocados lado a lado e começaram a conversar; os tártaros assistiam em silêncio. Jílin contou o que lhe ocorrera; Kostýlin contou que seu cavalo empacara, a espingarda falhara e que o próprio Abdul o havia alcançado e capturado.

Abdul ergueu-se num pulo, apontou para Kostýlin e disse algo.

9. *Djiguit*, para os povos da Ásia Central e do Cáucaso, é um cavaleiro habilidoso e valoroso.



O tradutor explicou que eles agora pertenciam ao mesmo dono e que, quem pagasse o resgate primeiro, seria solto primeiro.

— Veja — disse a Jílin —, você fica irritado, mas o seu camarada é pacífico; escreveu uma carta para casa, vão mandar cinco mil rublos. Então será bem alimentado e não sofrerá ofensas.

Jílin disse:

— Camarada, como quiser; ele pode ser rico, mas eu não sou. — Eu — continuou ele — farei o que disse. Podem me matar, se quiserem, mas não vão tirar proveito disso, e escrever pedindo mais de quinhentos rublos eu não vou.

Ficaram calados. De repente, Abdul deu um salto, pegou um bauzinho, tirou uma pena, um pedaço de papel e um tinteiro e colocou tudo na frente de Jílin, então bateu-lhe no ombro e apontou: “Escreva”. Havia concordado com os quinhentos rublos.

— Espere um pouco — Jílin disse ao tradutor. — Diga a ele que nos alimente bem, que dê roupas e calçados decentes e não nos separe, ficaremos mais felizes assim, e que tire o grilhão.

Olhou para o dono da casa e riu. Este também riu. Terminou de ouvi-lo e disse:

— As melhores roupas eu darei: *tcherkeskas*¹⁰ e botas tão boas, que poderiam casar com elas. Serão alimentados como

10. *Tcherkeska*, espécie de cafetã que se disseminou por todo o Cáucaso.



príncipes. Querem morar juntos, que morem no celeiro. Mas o grilhão não tiro; vocês fugirão. Tiro só de noite — ergueu-se e deu-lhe um tapa no ombro. — *Bon para Ivan, bon para Abdul!*

Jílin escreveu a carta, mas colocou o endereço errado, para que ela não chegasse ao seu destino. Pensava consigo: “Vou fugir”.

Conduziram Jílin e Kostýlin ao celeiro, levaram para lá palha de milho, um jarro de água, pão, duas tcherkeskas velhas e botas gastas de soldado. Pelo visto, tinham sido arrancadas de soldados mortos. À noite, tiraram-lhes os grilhões dos pés e trancaram o celeiro.

3

Jílin e seu camarada viveram assim um mês inteiro. O dono da casa gracejava sempre. “*Bon para Ivan; bon para Abdul.*” Mas os alimentava mal, só dava pão ázimo de farinha de painço, panqueca rústica assada, e uma espécie de massa sem cozimento.

Kostýlin escreveu para casa mais uma vez, esperava o tempo todo pelo envio de dinheiro e se aborrecia. Passava os dias no celeiro contando as horas para a carta chegar ou dormindo. Mas Jílin sabia que sua carta não chegaria e não escreveu outra.

“Onde minha mãe arranjaria tanto dinheiro para pagar por mim?”, pensava ele. “Ela vivia do que eu mandava. Se



tiver que arrumar quinhentos rublos, vai se arruinar de vez.
Se Deus quiser, escaparei daqui."

E a tudo observava, tentando descobrir uma forma de escapar. Às vezes caminhava assobiando pelo aul; às vezes se sentava para fazer algum trabalho manual — modelava uma boneca de argila ou trançava um cesto de vime. Jílin era mestre em trabalhos manuais.

Uma vez, forjou uma boneca com nariz, braços e pernas e uma camisa tártnara e colocou-a no telhado.

As tártnaras saíram para buscar água. Dina, a filha do dono, avistou a boneca e chamou as outras meninas. Largaram as jarras, olharam, riram. Jílin pegou a boneca e esticou para elas. Todas riram, mas não se atreveram a pegá-la. Ele deixou a boneca ali, foi para o celeiro e ficou olhando para saber o que aconteceria.

Dina veio correndo, lançou um olhar ao redor, pegou a boneca e fugiu.

No dia seguinte, ao amanhecer, Dina apareceu na soleira com a boneca. Ela a tinha envolvido em retalhos vermelhos e a embalava como um bebê, ninando-a em sua língua. Uma velha surgiu, ralhou com a menina, pegou o brinquedo e o quebrou,¹¹ mandando-a ir trabalhar.

Jílin fez outra boneca, ainda melhor, e deu à Dina. Ela trouxe um jarro, pousou-o no chão e sentou-se. Então olhou risonha para o oficial apontando para o jarro.

11. No Islã, é proibido retratar ou esculpir imagens de seres humanos.





“O que há de engraçado?”, pensou Jílin. Ele pegou o jarro e pôs-se a beber. Pensou que fosse água, mas era leite. Bebeu e disse: “que bom”. Como Dina ficou contente!

— Bom, Ivan, bom! — e ela se ergueu num pulo, batendo palmas, agarrou o jarro e saiu correndo.

Desde então, ela passou a lhe dar leite, na surdina, todo dia. Quando os tártaros fizeram panquecas de queijo de leite de cabra, que secavam nos telhados, ela as trouxe em segredo ao oficial. E, da vez em que seu pai abateu um carneiro, ela levou na manga um pedaço de carne para Jílin. Largou-o com ele e saiu correndo.

Um dia, houve uma tempestade forte, choveu a cântaros por uma hora. Todos os riachos ficaram turvos; onde havia vau a água passou de dois metros de altura e revirou pedras. Córregos fluíam em todo lugar, um rumor pairava nas montanhas. Assim que passou o temporal, na aldeia córregos começaram a correr por toda parte. Jílin pediu um canivete ao dono da casa, esculpiu um pequeno eixo e tábuas para fazer uma roda, e em cada lado da roda colocou um boneco.

As garotas levaram-lhe retalhos e ele vestiu os bonecos: de mujique e de camponesa, fixou-os na roda e a colocou num córrego. A roda girava e os bonecos saltavam numa dança.

A aldeia inteira se reuniu: meninos, meninas, mulheres; os tártaros vieram, estalando as línguas:

— Ah, bon-russo! Ah, Ivan.



Abdul tinha um relógio russo quebrado. Chamou Jílin, mostrou-lhe, estalou a língua. O oficial disse:

— Está bem, eu conserto.

Pegou o relógio, abriu-o com o canivete, desmontou-o, montou-o outra vez e o entregou. O relógio estava funcionando.

O dono ficou contente, trouxe um *bechmet* velho, todo em farrapos, e deu a ele. Não havia como recusá-lo — ao menos serviria de coberta à noite.

Desde então, Jílin levou fama de artesão. Vinham para vê-lo de aldeias distantes: um trazia a trava da espingarda ou da pistola para consertar, outro o relógio. O dono forneceu-lhe os apetrechos: pinças, verrumas e limas.

Uma vez, adoeceu um táraro e recorreram a Jílin: “Vá, cure-o”. Jílin não sabia nada de medicina. Aproximou-se, examinou o sujeito e pensou: “Pode ser que sare sozinho”. Foi para o celeiro, pegou água e areia e os misturou. Na frente dos tártaros, sussurrou algo sobre a água e a deu ao doente. Por sorte, o táraro se restabeleceu. Jílin passou a compreender um pouco da língua deles. Alguns tártaros se habituaram a ele — quando era preciso, chamavam-no: “Ivan, Ivan!” —, e outros o olhavam de soslaio, como para um animal feroz.

O ruivo não gostava de Ivan. Assim que topava com ele, franzia o cenho e se afastava ou o insultava. Havia ainda um velho. Ele não morava no *aul*, mas vinha do sopé da



montanha. Jílin só o via quando ele ia fazer suas preces na mesquita. Era de baixa estatura, tinha um pano branco enrolado no gorro, a barba e o bigode aparados e brancos como neve, e o rosto enrugado e vermelho como tijolo. O nariz, em forma de gancho, lembrava o bico do açor, os olhos eram cinzentos e raivosos, e dos dentes só restaram os dois caninos. Andava com seu turbante, apoiado em sua bengala, olhando ao redor como um lobo. Assim que via Jílin, bufava e lhe dava as costas.

Um dia o oficial passou pelo sopé da montanha e foi espiar a morada do velho. Desceu por uma trilha, viu um jardinzinho com uma cerca de pedra e, detrás da cerca, cerejeiras, damasqueiros e uma isbá de teto plano. Chegou mais perto; viu colmeias de palha trançada e abelhas voando e zunindo. E o velho estava de joelhos, ocupado com algo numa colmeia. Jílin subiu para olhar e o grilhão rangeu. O velho deu uma olhada e ganiu; tirou a pistola da cintura e disparou na direção do intruso. Este conseguiu por pouco proteger-se atrás de uma pedra.

O velho foi se queixar ao dono, que chamou Jílin, riu e perguntou:

- Para que foi à casa do velho?
- Eu — disse ele — não lhe fiz nada de mal. Queria ver como vive.

O dono transmitiu-o. Mas o velho, irritado, chiou, balbuciou algo, mostrou os caninos e agitou os braços para Jílin.



Ele não comprehendeu tudo, mas entendeu que tinha mandado seu dono matar os russos em vez de mantê-los no aul. O velho foi embora.

Jílin quis saber quem era e perguntou ao seu dono, que explicou:

— É um grande homem! Foi o primeiro djiguit, matou muitos russos, era rico. Tinha três mulheres e oito filhos. Todos moravam na mesma aldeia. Vieram os russos, arrasaram a aldeia e mataram sete filhos. O que sobrou se entregou a eles. Daí o velho também se entregou. Morou três meses com os russos, encontrou o filho, matou-o e fugiu. Desde então, parou de guerrear e foi para Meca rezar a Deus. Por isso o turbante. Quem esteve em Meca é chamado de *hadji* e usa turbante. Ele não gosta dos seus irmãos. Mandou matá-lo; mas não posso, paguei por você e gosto de você, Ivan; nem o deixaria partir se não tivesse dado a palavra, que dirá matá-lo — riu e disse em russo: “bon para Ivan, bon para Abdul!”.

Jílin passou o mês assim: de dia caminhava pelo aul ou se ocupava com trabalhos manuais e, quando anoitecia e a aldeia sossegava, cavava no chão do celeiro. Era difícil cavar por causa das pedras, mas ele as triturava com ajuda da lima — abriu um buraco debaixo da parede através do qual conseguia perfeitamente passar. “Só preciso conhecer bem



o lugar, descobrir para que lado ir. Nenhum tártaro me dirá isso”, pensava ele.

Então escolheu um dia em que o dono estava fora e saiu do aul depois do almoço na direção da montanha — de lá queria observar o local. Mas, antes de Abdul sair, tinha mandado seu filho ir atrás de Jílin e não o perder de vista. O menino correu atrás dele e gritou: — Não vá! Papai não deixa. Vou chamar todo mundo agora mesmo.

Jílin pôs-se a persuadi-lo.

— Eu não vou longe — disse ele —, só vou subir aquela montanha: preciso encontrar uma erva para tratar seu povo. Venha comigo; com o grilhão não vou escapar. E amanhã faço um arco e umas flechas para você.

Convenceu o pequeno e eles se foram. Ao olhar para a montanha, ela não parecia tão distante, mas era difícil se locomover com o grilhão; o oficial andou, andou, escalou-a com muito custo. Ele sentou e começou a examinar o local. No sul, atrás da montanha, viu uma ampla ravina com um rebanho pastando e, na parte de baixo, outro aul. Para além dele, havia outra montanha, mais íngreme, e depois dela ainda outra. Entre elas, um bosque brilhava com reflexos azuis e ali montanhas se erguiam mais e mais. Mais altas do que todas e brancas como açúcar surgiam as montanhas cobertas de neve. E uma delas pairava acima das outras. De leste a oeste, sempre montanhas; aqui e ali, auls fumegavam em desfiladeiros. “Pois bem”, pensou ele, “esse é o lado deles”.



Pôs-se a olhar para o lado russo: a seus pés, um riacho, o aul onde morava, jardins em volta. No riacho, pequenas como bonecas, viu mulheres enxaguando roupa. Atrás do aul, embaixo, divisou uma montanha, depois dela mais duas e depois um bosque; entre essas duas montanhas azulava uma planície, onde, ao longe, um fio de fumaça se estendia. Jílin tentou se lembrar onde o sol nascia e onde se punha quando morava na fortaleza. Olhou e teve certeza que naquele vale ficava a nossa. Lá, entre aquelas duas montanhas, era por onde tinha que fugir.

O sol começou a se pôr. As montanhas brancas nevadas ficaram vermelhas; as montanhas escuras escureceram mais; névoa erguia-se das amplas ravinas e, ao cair do sol, o vale onde a fortaleza deveria estar parecia em chamas. Jílin olhou atentamente e distinguiu algo que ao longe parecia fumaça de chaminé. Então achou que era exatamente ali que a fortaleza russa estava.

Tinha ficado tarde. Ouvia-se o mulá¹² gritar. Tocavam o gado para casa, vacas mugiam. O menino chamava Jílin: “Vamos”, mas ele não tinha vontade de ir.

Finalmente voltaram para casa. “Pois bem”, pensou Jílin, “agora, que conheço o lugar, preciso fugir.” Queria partir nessa mesma noite. As noites estavam escuras — era lua menguante. Por azar, os tártaros regressaram ao anoitecer. Normalmente vinham animados, conduzindo o gado. Mas, dessa

12. Mulá, clérigo islâmico.



vez, não conduziam ninguém, mas traziam na sela um tártaro morto, irmão do ruivo. Estavam zangados, prepararam-se para enterrá-lo. Jílin saiu para ver. Envolveram o morto em um pano, sem caixão,¹³ levaram-no para fora da aldeia, sob os plátanos, e o colocaram sobre a relva. Veio o mulá, velhos se reuniram, enrolaram panos nos gorros, tiraram os sapatos, e abaixaram-se sobre os calcanhares diante do morto.

À frente o mulá, depois três velhos de turbante, lado a lado, e atrás o resto dos tártaros. Estavam agachados, com os olhos baixos e em silêncio. Ficaram muito tempo calados. Então o mulá ergueu a cabeça e disse:

— Alá (quer dizer Deus)! — disse somente essa palavra, então de novo baixaram os olhos e silenciaram longamente, agachados, sem se mexerem. O mulá voltou a erguer a cabeça:

— Alá! — e todos repetiram: “Alá”, e se calaram outra vez.

O morto jazia na relva sem se mover, e eles estavam parados como mortos. Nenhum deles se mexia. Só se ouviam as folhas do plátano reviradas pela brisa. Depois o mulá leu uma prece, todos se levantaram, ergueram o morto nos braços e carregaram-no até uma cova. E não era uma simples cova, fora escavada por baixo da terra como um porão. Pergaram o morto debaixo do braço e pela batata da perna, dobraram-no, baixaram-no com cautela, sentaram-no debaixo da terra e colocaram as mãos dele sobre o ventre.

¹³. Conforme o islamismo, os mortos não são enterrados em caixões e não se construem mausoléus ou monumentos nos túmulos, para evitar ostentações.



Cobriram a cova com juncos verdes trazidos pelo nogai, encheram-na rápido de terra, nivelaram-na com a superfície e colocaram uma pedra em pé na cabeceira do morto. Pisaram na terra e voltaram a se sentar alinhados diante do túmulo. Ficaram muito tempo em silêncio.

— Alá! Alá! Alá! — por fim disseram, suspiraram e se levantaram.

Depois de distribuir dinheiro entre os velhos, o ruivo ergueu-se, pegou o açoite, golpeou-se três vezes na testa e foi para casa.

Na manhã seguinte, Jílin viu o ruivo levando uma égua para fora da aldeia, seguido por três tártaros. Saindo da aldeia, o ruivo tirou o bechmet, arregaçou as mangas — os braços eram fortes —, sacou um punhal e o afiou na mó. Os tártaros ergueram a cabeça do animal, o ruivo se aproximou, cortou-lhe a garganta, derrubou a égua e começou a esfolá-la, tirando a pele com suas mãos grandes. Vieram mulheres e moças e se puseram a lavar as tripas e as entranhas. Depois cortaram a égua e levaram os pedaços para uma isbá. Toda a aldeia se reuniu na casa do ruivo para rezar pela alma do morto.

Por três dias comeram a égua e beberam buzá em memória do defunto. Todos os tártaros ficaram em casa. No quarto dia, Jílin viu que, na hora do almoço, preparavam-se para ir a algum lugar. Trouxeram cavalos, aprontaram-se e partiram,



uns dez homens, incluindo o ruivo; só Abdul ficou. A lua era nova, e as noites ainda estavam escuras.

“Pois bem”, pensou Jílin, “é preciso fugir agora”, e comunicou a Kostýlin. Mas este se intimidou.

— Mas como fugir? Nem sequer conhecemos o caminho.

— Eu conheço o caminho.

— Mas não chegaremos em uma noite.

— Se não chegarmos, permoitaremos na floresta. Eu peguei umas panquecas. Para que quer ficar aqui parado? Se mandarem o dinheiro, ficará bem; mas se não conseguirem mandar? E os tártaros agora estão bravos, porque os russos mataram um deles. Dizem que querem nos matar.

Kostýlin pensou, pensou.

— Então vamos.

5

Jílin se enfiou no buraco e o alargou para Kostýlin poder passar, e ficaram esperando que o aul sossegasse.

Assim que as pessoas do aul silenciaram, Jílin meteu-se debaixo da parede, saiu do outro lado e sussurrou para Kostýlin: “Venha”. Kostýlin entrou no buraco, mas enroscou o pé em uma pedra e fez barulho. E o dono tinha um vigia, um cão malhado, muito bravo e maldoso, que era chamado Uliáchin. Jílin tinha dado comida a ele uma vez. Uliáchin ouviu o barulho, começou a latir e a pular, seguido por outros cachorros. Jílin deu um assobio baixo e jogou um pedaço de panqueca



a Uliáchin, que, reconhecendo-o, abanou o rabo e parou de latir.

O dono ouviu e gritou da sáklia: "Quieto! Quieto! Uliáchin!".

Mas Jílin já estava acariciando as orelhas dele. O cachorro estava calado, esfregando-se nas pernas do oficial e abandonando o rabo.

Ficaram sentados atrás do celeiro. Tudo se acalmou: só se podia ouvir uma ovelha balindo no curral e, abaixo, a água murmurando pelos pedregulhos. Estava escuro; as estrelas pairavam alto e, sobre a montanha, a lua nova enrubesceia, com as pontas viradas para cima. No vale, a neblina era branca como leite.

Jílin levantou-se e disse ao camarada: "Pois bem, meu velho, vamos!".

Partiram; assim que se puseram em movimento, ouviram o mulá cantando no telhado: "Alá! Bismillah! Al-Rahman!".¹⁴ Significava que estavam indo para a mesquita. Sentaram-se de novo, escondendo-se atrás de um muro. Aguardaram muito tempo o povo passar. Voltou a fazer silêncio.

— Vamos, que Deus nos acompanhe! — fizeram o sinal da cruz e partiram.

Atraversaram o pátio, desceram pela escarpa até o riacho e o cruzaram indo na direção da ampla ravina. Uma neblina espessa pairava baixa, enquanto estrelas brilhavam sobre

14. Bismillah, "em nome de Alá"; Al-Rahman, um dos nomes de Alá.



susas cabeças. Jílin determinava pelas estrelas a direção a seguir. A neblina fresca não dificultava a caminhada, mas as botas gastas eram incômodas. Jílin tirou as suas, jogou-as fora e continuou descalço. Pulava de pedra em pedra, observando as estrelas. Kostýlin ficou para trás.

— Vá devagar — disse ele —, malditas botas, arrebentaram-me os pés.

— Pois tire, será mais fácil.

Kostýlin continuou a marcha descalço e foi ainda pior; machucava os pés nas pedras e ficava sempre para trás. Jílin disse:

— Se esfolar os pés, eles cicatrizam; mas, se nos alcançarem, eles nos matam, será muito pior.

Kostýlin não dizia nada, andava e gemia de vez em quando. Desceram a ravina por muito tempo. Aguçaram os ouvidos: à direita, cachorros ladravam. Jílin parou, olhou ao redor e subiu uma montanha tateando.

— Ei — disse —, nos enganamos, fomos pela direita. Aqui é outro aul, vi da montanha; precisamos voltar e subir pela esquerda. O bosque tem que estar lá.

Mas Kostýlin disse:

— Espere um pouquinho, deixe-me respirar, meus pés estão sangrando.

— Ei, meu velho, vão cicatrizar; mais fácil ir pulando. Assim!



E Jílin deu marcha a ré, para a esquerda, para a montanha, para o bosque. Kostýlin sempre ficava para trás, cheio de ais e uis. O outro o chamava com um psiu e continuava adiante.

Subiram a montanha. Lá estava o bosque. Entraram rasgando nos espinhos as últimas roupas. No bosque, deram com uma trilha. Foram por ela.

— Pare! — ouviram-se batidas de cascos soando na estrada.

Pararam, escutaram. Soou algo como um patear de cavalo e cessou. Seguiram — e de novo os cascos bateram. Eles pararam — e as batidas pararam. Jílin esgueirou-se e viu algo imóvel num ponto iluminado da estrada. Parecia um cavalo sem ser, tinha algo estranho em cima e não lembrava um ser humano. Ouviu um bufar. “Que raio é isso?” Jílin assobiou baixinho — a criatura saiu em disparada da estrada rumo ao bosque, crepitando, voando como uma ventania, quebrando os galhos.

Kostýlin caiu de medo. E Jílin riu:

— É um cervo. Está ouvindo como quebra os galhos com os chifres? Ficamos com medo dele e ele com medo de nós.

Seguiram em frente. A constelação das Plêiades já começava a baixar, a manhã não estava distante. Mas não sabiam para que lado ir. Jílin achava que tinha sido trazido por aquele caminho e que estavam a uns dez quilômetros de distância dos seus irmãos; mas nada indicava isso e de noite não se



distinguem as coisas. Saíram para uma clareira. Kostýlin sentou-se:

— Faça o que quiser, mas eu não vou — as pernas não obedecem.

Jílin tentou persuadi-lo.

— Não — disse —, não vou, não consigo.

Jílin irritou-se, desistiu de persuadir e o xingou.

— Então vou sozinho, adeus!

Kostýlin ergueu-se num pulo e foi adiante. Percorreram quatro quilômetros. A neblina do bosque estava mais espessa, não enxergavam um palmo diante do nariz, e as estrelas já quase não eram visíveis.

De repente, ouviram um tropel de cavalos à frente. Ouviram as ferraduras prendendo nas pedras. Jílin deitou-se de bruços e pôs-se a auscultar o solo.

— É isso, um cavaleiro está vindo em nossa direção.

Saíram correndo da estrada, agacharam-se em um arbusto e esperaram. Jílin se arrastou até a estrada e viu um tártaro a cavalo conduzindo uma vaca e cantarolando. O tártaro passou por eles. Jílin voltou para perto de Kostýlin.

— Deus nos poupou; levante-se, vamos.

Kostýlin quis se erguer e caiu.

— Não consigo, meu Deus, não consigo; não tenho forças.

O homem roliço, pesado, cobria-se de suor; gelado da neblina do bosque, com os pés dilacerados, ele desabou. Jílin tentou levantá-lo à força, mas Kostýlin começou a gritar:



— Ai, dói!

Jílin ficou petrificado.

— Por que está gritando? Os tártaros estão perto — ouça.

E pensou: “Está mesmo um caco; que faço com ele? Não se deve largar um camarada”.

— Pois bem — disse ele —, levante-se, monte nas minhas costas; se você não consegue andar, eu o levo.

Colocou Kostýlin em cima de si, acomodou as mãos sob as coxas e foi para a estrada com o camarada nas costas.

— Só não me aperte a garganta, santo Deus — suplicou ele. — Segure no ombro.

Kostýlin era pesado para Jílin — seus pés também sangravam e ele estava fatigado. Ele se curvava e se erguia em seguida, jogava o outro para o alto, para ajeitá-lo melhor nas costas, e seguia pelo caminho.

Pelo visto, o tártaro tinha escutado Kostýlin gritar. Jílin ouviu alguém galopando atrás e o chamando na língua dos tártaros. Jogou-se nos arbustos. O tártaro sacou a espingarda, atirou — não acertou —, deu um grito em sua língua e saiu galopando pela estrada.

— Pois bem, meu velho — disse Jílin —, estamos perdidos. Esse cachorro agora vai reunir os tártaros para nos perseguirem. Se não percorrermos pelo menos três quilômetros, estamos perdidos



E pensou consigo sobre Kostýlin: “Para que diabo inventei de carregar esse peso? Sozinho, eu teria escapado há muito tempo”.

Kostýlin disse:

- Vá sozinho, por que se arriscar por minha causa?
- Não, não se deve abandonar um camarada.

Colocou-o nos ombros de novo e continuou a andar. Percorreu cerca de um quilômetro assim. Caminhava sempre pelo bosque, que parecia não ter fim. Mas a neblina já começava a se dispersar, nuvens iam surgindo, e as estrelas não eram mais visíveis. Jílin estava esgotado.

Chegou a uma fonte revestida de pedras junto à estrada. Parou e desceu Kostýlin.

— Vamos descansar — disse —, beber um pouco dessa água. Comer panquecas. Não devemos estar longe.

Mal se inclinou para beber, ouviu um tropel atrás. Jogaram-se para a direita, nos arbustos, e ficaram deitados sob uma escarpa.

Ouviram vozes de tártaros; tinham parado no lugar em que os oficiais desviaram da estrada. Os tártaros conversaram entre si e depois pareciam instigar os cachorros para atacar. Algo estalou nos arbustos e um cachorro desconhecido foi direto até os fugitivos. Parou e começou a latir.

Uns tártaros se enfiaram ali, também desconhecidos, e capturaram os dois, que foram amarrados, colocados em cima de cavalos e levados embora.



Percorreram três quilômetros e encontraram Abdul acompanhado por dois homens. Falaram algo em tártaro e transferiram aos cavalos dele os russos, que foram conduzidos de volta ao *aul*.

Abdul já não fazia seus gracejos e não disse uma palavra aos dois.

Chegaram ao *aul* ao amanhecer e os fizeram sentar em plena rua. As crianças correram para lá. Dando gritos, elas começaram a apedrejá-los e a açoitá-los.

Os tártaros reuniram-se num círculo, incluindo o velho do sopé da montanha. Entabularam uma discussão. Jílin entendeu que decidiam o que fazer com eles. Uns diziam que era preciso mandá-los para longe, além das montanhas, enquanto o velho afirmava: “Devem morrer”. Abdul se opunha: “Dei dinheiro por eles, vou receber um resgate”. Mas o velho retrucava: “Eles não vão pagar, só causarão desgraças. E alimentar russos é pecado. Matem e acabem com essa história”.

Dispersaram-se. O dono foi até Jílin e disse:

— Se não me mandarem o resgate em duas semanas, vou açoitá-los para valer. E, se tentarem fugir de novo, mato-os como cachorros. Escrevam uma carta, mas escrevam direito!

Levaram papel aos dois, que escreveram as cartas. Colocaram-lhes os grilhões e os conduziram para trás da mesquita. Lá havia um fosso de mais de três metros de profundidade, aonde os baixaram.



A vida de Jílin e Kostýlin ficou muito difícil. Não lhes tiravam os grilhões, nem os deixavam sair ao ar livre. Jogavam ao fosso massa sem cozimento, como se fossem dois cachorros, e baixavam jarros de água. Ali dentro, o ar era fedorento, abafado e úmido. Kostýlin adoeceu muito, inchou, doíam-lhe todos os ossos do corpo; quando não estava gemendo, estava dormindo. Jílin desanimou, via que as coisas iam mal. E não sabia como escapar dali. Quis começar a cavar uma passagem, mas não tinha onde jogar terra; o dono viu e ameaçou matá-lo.

Uma vez, estava de cócoras pensando com tristeza na vida em liberdade quando, de repente, caiu uma panqueca direto no seu colo, depois outra, e choveram cerejas. Ele olhou para cima e lá estava Dina. Ela olhou para ele, riu e saiu correndo. Jílin pensou: “Dina não ajudaria?”.

Limpou um lugarzinho, amassou barro e pôs-se a modelar bonequinhos. Fez pessoas, cavalos, cachorros, pensando: “Assim que Dina vier, lançarei para ela”.

Só que no dia seguinte Dina não veio. E Jílin ouviu um tropel de cavalos: tártaros se reuniram perto da mesquita, discutiram, gritaram e mencionaram os russos. E ouviu a voz do velho. Não entendeu ao certo, mas deduziu que os russos estavam próximos e os tártaros temiam que entrassem no aul e não sabiam o que fazer com os prisioneiros.



Depois de conversar, foram embora. De repente, ouviu um farfalhar em cima de si. Ele olhou: Dina estava de cócoras com os joelhos acima da cabeça, inclinava-se tanto que o colar com moedas balançava sobre o fosso. Os olhinhos brilhavam como estrelas; ela tirou da manga duas panquecas de queijo e as lançou para ele. Jílin as pegou e disse:

— Por que ficou tanto tempo sem vir? Fiz uns brinquedos para você. Estão aqui! — e começou a jogá-los para o alto, um por um.

Mas ela abanava a cabeça, sem olhar.

— Não precisa — disse ela e fez uma pausa, então sentou-se e continuou a falar: — Ivan! Querem matá-lo — apontou com a mão para o pescoço.

— Quem quer me matar?

— Meu pai, os velhos mandaram. E tenho pena de você.

Jílin disse:

— Se tem pena, traga-me uma vara comprida.

Ela abanou a cabeça, como que dizendo: “Não posso”.

Ele juntou as mãos e começou a suplicar:

— Dina, por favor! Traga, queridinha!

— Não posso — disse ela —, vão descobrir, estão todos em casa — e foi embora.

À noite, Jílin ficou refletindo sobre o que aconteceria. Olhava o tempo todo para cima. Estrelas podiam ser vistas, mas a lua ainda não tinha saído. O mulá gritou, tudo silen-



ciou. Jílin, quase cochilando, ainda pensava: “A menina está com medo”.

De repente, caiu barro sobre sua cabeça; ele olhou para cima e viu uma vara comprida fincada na extremidade oposta. A vara agitou-se um pouco, começou a baixar e deslizou para dentro do fosso. Jílin ficou contente, pegou-a e a desceu — era uma vara grande que ele já tinha visto no telhado do dono.

Olhou para cima: as estrelas brilhavam alto no céu e, sobre o fosso, os olhos de Dina, como os de uma gata, cintilavam na escuridão. Ela inclinou o rosto na beirada e sussurrou: “Ivan, Ivan!”, agitando as mãos diante do rosto, como se dissesse: “Fale baixo”.

— Que foi? — disse Jílin.

— Saíram todos, só ficaram duas pessoas em casa.

Jílin disse:

— Bem, Kostýlin, vamos tentar pela última vez; eu o ajudo a subir.

Kostýlin não quis ouvir nem um pio sobre isso.

— Não — disse —, para mim não há como sair daqui, está claro. Aonde vou se nem para me virar tenho forças?

— Então adeus, não guarde rancor — e se beijaram.

Jílin agarrou a vara, mandou Dina segurá-la e começou a escalar. Caiu duas vezes — o grilhão atrapalhava. Kostýlin segurou-o e ele conseguiu sair à superfície. Com suas mãozinhas Dina puxou-o pela camisa, com toda a força, e riu.



Ele pegou a vara e disse:

— Ponha no lugar, Dina, senão darão pela falta dela e baterão em você.

Ela saiu arrastando a vara e Jílin foi para o sopé da montanha. Desceu pela escarpa, pegou uma pedra afiada e tentou arrancar o cadeado do grilhão. Mas o cadeado era firme, não tinha como quebrá-lo, e incomodava. Ouviu alguém descer correndo a montanha, saltitando ligeiro. Pensou: “Deve ser Dina de novo”. Ela se aproximou, pegou a pedra e falou:

— Deixe comigo.

Ficou de joelhos e tentou arrancar o grilhão. Mas as mãozinhas eram finas como varetas e não tinham força. Ela largou a pedra e desatou a chorar. Ele ocupou-se de novo do cadeado, e Dina ficou ao lado, de cócoras, apoiada no ombro dele. Jílin lançou um olhar ao redor e viu, à esquerda, detrás da montanha, um clarão vermelho: era a lua surgindo. “Pois bem”, pensou, “antes que a lua apareça, preciso cruzar a grande ravina e chegar ao bosque.” Ergueu-se e largou a pedra. Com grilhão ou sem, ele tinha que ir.

— Adeus — disse —, querida Dina. Vou me lembrar de você para sempre.

Dina abraçou-o e tateou-o, procurando um lugar onde colocar panquecas. Ele as pegou.

— Obrigado — disse —, menina esperta. Agora quem fará bonecas para você? — e acariciou-lhe a cabeça.



Ela caiu no choro, cobriu o rosto com as mãos e correu pela montanha, saltitando como uma cabrita. Na escuridão, só se ouvia o tilintar dos penduricalhos em suas tranças ao bater nas suas costas.

Jílin fez o sinal da cruz, segurou o cadeado do grilhão, para que ele não retinisse, e foi pela estrada — arrastava a perna e mantinha os olhos fitos no clarão de onde a lua surgia. Reconheceu o caminho. Tinha que andar reto por uns oito quilômetros. Devia chegar ao bosque antes que a lua saísse por inteiro. Cruzou o rio e a luz atrás da montanha ficou mais visível. Andando pela ampla ravina, olhava para o alto: ainda não se podia ver a lua. O clarão reluzia e um lado da ravina ia ficando mais iluminado. Uma sombra deslizava sob a montanha, aproximando-se dele.

Jílin caminhava mantendo-se na sombra. Apressava-se, mas a lua ia mais rápido; à direita, cumes de montanhas brilhavam. Ele estava chegando perto do bosque, e a lua se revelava atrás da montanha — uma lua branca e clara como o dia. Já podia discernir todas as folhas das árvores. Nas montanhas, estava silencioso e claro, como se tudo tivesse deixado de existir. Apenas se ouvia, embaixo, o riacho murmurar.

Jílin chegou ao bosque sem cruzar com ninguém no caminho. Escolheu um lugarzinho escuro e sentou-se para descansar.

Descansou e comeu panquecas. Encontrou uma pedra e pôs-se novamente a bater no grilhão. Machucou as mãos,



mas não o quebrou. Levantou-se e seguiu pelo caminho. Percorreu um quilômetro, ficou sem forças e com as pernas doloridas. A cada dez passos ele parava. “Não há o que fazer”, pensava ele, “vou me arrastar enquanto tiver forças. Se me sentar, não me levanto mais. Não conseguirei chegar à fortaleza, mas, quando amanhecer, eu me deitarei no bosque, passarei o dia lá e, de noite, continuarei.”

Andou a noite inteira. Dois tártaros a cavalo apareceram, mas Jílin os ouviu de longe e escondeu-se atrás de uma árvore.

A lua começou a empalidecer e o orvalho a cair; estava perto de clarear e Jílin não tinha chegado à margem do bosque. “Pois bem”, pensou, “vou dar mais trinta passos, aí entro no bosque e me sento.” Deu trinta passos e viu que o bosque tinha acabado. Saiu para a margem — tinha clareado completamente e, diante dos seus olhos, estavam a estepe e a fortaleza, e à esquerda, encostados ao sopé da montanha, fogos ardiam e se consumiam, fumaça se estendia, e pessoas contornavam as fogueiras.

Ele olhou atentamente e discerniu espingardas brilhando, cossacos,¹⁵ soldados!

Jílin alegrou-se, reuniu as forças que restavam e foi para o sopé da montanha. E pensou: “Deus me livre de encontrar um cavaleiro tártaro em campo aberto; mesmo estando perto, não escaparei”.

¹⁵ Cossacos, guerreiros que pertenciam a comunidades seminômades e habitaram várias regiões da Rússia, passando a servir ao regimento imperial no século XIX.



Mal pensou, à esquerda, em uma colina, viu três tártaros num raio de dois hectares. Eles o avistaram e saíram ao seu encalço. O coração de Jílin parou. Ele acenou os braços e gritou com todas as forças:

— Irmãos! Socorro! Irmãos!

Os nossos ouviram e dispararam a cavalo. Lançaram-se na direção dos tártaros, para cortar o caminho.

Os cossacos estavam longe e os tártaros perto. Jílin reuniu as últimas forças, pegou o grilhão com a mão e correu ao encontro dos cossacos, sem consciência de seus atos, fazendo o sinal da cruz e gritando:

— Irmãos! Irmãos! Irmãos!

Havia cerca de quinze cossacos. Os tártaros se assustaram e, sem alcançá-lo, detiveram-se. E Jílin saiu correndo na direção dos russos.

Os cossacos cercaram-no e perguntaram quem era, que fazia, de onde viera. Jílin estava fora de si, apenas chorava e dizia:

— Irmãos! Irmãos!

Soldados vieram correndo e rodearam Jílin; um lhe deu pão, outro cereais cozidos, outro vodca, outro o cobriu com um capote, outro lhe quebrou o grilhão.

Os oficiais o reconheceram e o levaram à fortaleza. Os soldados ficaram contentes, velhos camaradas se reuniram ao redor de Jílin.

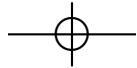
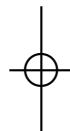
Ele contou tudo o que lhe ocorrera e disse:

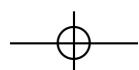
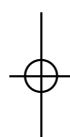
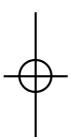


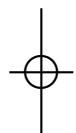
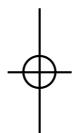
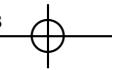
— E eu estava voltando para casar! Pelo visto, não quis o destino.

Jílin continuou servindo no Cáucaso. Kostýlin só foi resgatado depois de um mês, em troca de cinco mil rublos. Estava quase morto quando o trouxeram.

Tradução: Irineu Franco Perpetuo.







NIKOLAI LESKÓV

(1831-1895)







Bobinho

Quem deve ser considerado um bobo? Ao que parece, todo mundo sabe, mas, se você se puser a verificar o que cada um entende por bobo, verá que as pessoas não têm a mesma compreensão da bobice. Segundo o dicionário acadêmico, em que cada palavra tem seu significado explicado, “bobo é um homem fraco do juízo, estúpido, desprovido de raciocínio, louco, bufão”... Para reforçar a explicação, é dado um exemplo literário: “Ele foi e será o bobo dos bobos”. “Bobinho é uma versão atenuada da palavra *bobo*.” Não há para que buscar explicação mais científica; contudo, na vida, acontece de encontrarmos bobos ou bobinhos que receberam tal apelido, mas no fundo não são loucos, nem estúpidos, nem têm nada de bufão... São pessoas curiosas, e de uma delas vou falar.

Na nossa aldeia, havia um menino servo de pais desconhecidos chamado Panka. Cresceu numa casa senhorial, vestia o que lhe davam e sentava à mesa para comer com a ordenhadora e seus filhos. Sua função era “ajudar todo mundo”; isso significava que todos os trabalhadores da propriedade tinham direito de obrigar Panka a fazer qualquer tarefa; dessa forma, ele trabalhava sem parar. Agora assim ele me surge na memória: no inverno — e nossos invernos são rigorosos —, quando nos levantávamos e corríamos para a janela,



Panka, curvado, já estava puxando trenós grandes com feixes de feno, palha e cestos com espigas de cereais e outros alimentos miúdos para o gado e as aves. Quando estávamos acordando, ele já tinha se cansado de trabalhar e era visto raramente — ficava sentado no estábulo comendo um pedacinho de pão e tomando água com uma concha de madeira.

Você lhe perguntava:

— Panka, por que está mastigando pão seco?

E ele respondia com gracejos:

— Como seco? Veja, é com água pura.

— Você devia ter pedido algo mais: repolho, pepinos ou batatas!

E Panka sacudia a cabeça e respondia:

— Ora, para quê?... Já me empanturrei — glória ao Senhor!

Punha o cinto e voltava para o pátio para carregar isso ou aquilo. Seu trabalho não tinha fim, pois sempre alguém o forçava a ajudar em algo. Limpava a estrebaria e o estábulo, dava comida ao gado, levava os ovinos ao bebedouro e, à noite, trançava alpercatas para si e para os outros; era o último a deitar e o primeiro a levantar, antes de amanhecer; estava sempre vestido em farrapos. E ninguém tinha a menor pena dele, apenas diziam:

— Para ele, tanto faz — é um bobinho.

— Ele é bobinho em quê?

— Em tudo...

— Por exemplo?



— Quer exemplo? A ordenhadora dá todos os pepinos e as batatas para seus filhos e nada para Panka, e para ele tanto faz... Ele não pede para ela, nem se queixa. Bobo!

Nós, crianças, não conseguíamos compreender isso muito bem e — embora nunca tivéssemos ouvido Panka dizer tolices e até sentíssemos carinho por ele, porque nos fazia moinhos de brinquedo e cestinhos de bétula —, como todos em casa, dizíamos igualmente que Panka não passava de um bobinho, e ninguém discutia, mas logo aconteceu tal caso que discutir sobre isso deixou de ser possível.

Tínhamos empregado um administrador geral severo, muito severo, que gostava de castigar as pessoas por qualquer falta. Ia em um drójki¹ ligeiro, olhando para todos os lados à procura de negligência. E, se notava algo em desordem, imediatamente parava, chamava o culpado e mandava:

— Vá agora ao escritório e diga em meu nome ao supervisor que lhe deem vinte e cinco varadas e, se não aparecer, à noite mando darem o dobro.

Ninguém ousava pedir perdão, pois ele não suportava isso e ainda aumentava o castigo.

Uma vez, no verão, o administrador estava fazendo sua ronda quando viu potros caminhando entre o cereal recém-plantado, e eles não apenas arrancavam a erva como pisoteavam e puxavam as raízes com os cascos...

O homem saiu ralhando.

1. Drójki, carruagem leve, aberta, de quatro rodas, usada para distâncias curtas.



Os potros, nesse ano, tinham sido colocados sob guarda do menino Petrucha,² filho da ordenhadora Arina, a que neava batatas a Panka para dá-las às suas crianças. O tal Petrucha tinha, na época, doze anos e era muito menor e mais fino de corpo do que Panka, motivo pelo qual era chamado, provocativamente, de “ricotinha” — em suma, era um menino mimado pela mãe, fraco para o trabalho e frouxo para represálias. Depois de conduzir os potros de manhã cedo “para o orvalho”, começou a ter calafrios, cobriu-se com uma espécie de cafetã e, ao se aquecer, sentiu sono — ele adormeceu e, nessa hora, os potros foram até a plantação de cereais.

O administrador, ao ver isso, imediatamente deu um açoite em Petrucha e disse:

— Panka por enquanto vai cuidar das coisas dele e das suas, e você agora vá até o posto de ordens e diga ao ajudante do supervisor para lhe dar doze varadas; e, se até eu voltar para casa você não tiver cumprido, de mim ganhará o dobro.

Disse e foi embora.

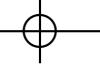
E Petrucha se debulhou em lágrimas. Tremia todo, pois nunca tinha sido castigado com uma vara. Ele disse a Panka:

— Panka, meu amigo, estou com muito medo... Diga, o que devo fazer?

Panka acariciou-lhe a cabeça e disse:

— Eu também fiquei com medo... Mas o que fazer?... Bateram também em Cristo...

2. Petrucha, apelido de Piotr.



Petrucha chorou ainda mais amargamente e disse:

— Tenho medo de ir e de não ir... Melhor me jogar na água.

Panka se pôs a tranquilizá-lo:

— Ora essa: fique aqui de olho nas minhas coisas e nas suas, eu vou correndo me empenhar por você — talvez Deus tenha piedade. Veja como você é medroso.

Petrucha perguntou:

— Mas como você vai se empenhar, Panka?

— Eu pensei numa coisa — vou me empenhar!

E Panka saiu correndo lépido pelo campo, na direção da propriedade, e uma hora depois voltou soridente.

— Não tema, Petrucha — disse —, está feito; não vá a lugar nenhum, está livre do castigo.

Petrucha pensou: “No fim das contas, tenho que acreditar nele”, e não foi ao posto.

No dia seguinte, na isbá onde ficava o posto, o administrador perguntou ao ajudante do supervisor:

— E então, o pastorzinho veio apanhar ontem?

— Como poderia não vir? — disse o outro. — Veio, Excelência.

— Malharam o menino?

— Sim — o outro respondeu —, malharam.

— E bem?

— Bem, com empenho.

A coisa sossegou, mas depois ficaram sabendo que não tinham surrado o pastorzinho designado, Piotr, mas Panka, e



a notícia correu a propriedade e a aldeia: todos riram dele e o outro escapou da sova.

— Que fazer? — disseram. — Mesmo que o bobo tenha ajudado, não se vai castigar dois por um único pecado.

Pois então, nosso Panka não foi mesmo um bobo?

E assim ele continuou a viver.

Em alguns anos, estourou a guerra da Crimeia³ e começaram a convocar recrutas. O choro percorreu a aldeia: ninguém tinha vontade de padecer na guerra. As mães, especialmente, queriam matar-se pelos filhos — lamentavam um a um.

Panka, que nessa época já tinha chegado à idade adulta, aproximou-se sem aviso do dono da propriedade e solicitou: “Mande”, disse ele, “que me levem à cidade para virar soldado”.

— Que espécie de vontade é essa?

— É isso — respondeu —, de repente me veio uma vontade grande.

— Mas por quê? Repense.

— Não — disse —, não há o que pensar.

— Por que não?

— O senhor não ouve como estão chorando ao redor? Eu sou amado apenas por Deus, não há quem chore por mim, e quero partir.

Tentaram dissuadi-lo.

3. A Guerra da Crimeia (1853–1856) envolveu, de um lado, o Império Russo e, de outro, a Inglaterra, a França e o Império Otomano. Nesse embate a Rússia perdeu parte da Bessarábia.



— Veja só como é desajeitado; na certa todos vão rir de você na guerra.

E ele respondeu:

— Melhor assim: rir é mais divertido do que brigar; se todos ficarem felizes, farão as pazes.

Voltaram a lhe dizer:

— O melhor é se consolar e ficar em casa!

Mas ele insistiu com firmeza.

— Não — disse —, esse será o meu consolo.

Consolaram Panka, levaram-no à cidade e o conduziram para o recrutamento. Quando os emissários regressaram, todos começaram a interrogá-lo com curiosidade:

— Pois bem, como nosso bobo virou-se por lá? Não o viram depois de o entregarem?

— Como não? — disseram. — Vimos, sim.

— Por certo, riram da falta de jeito dele.

— Sim — disseram —, riram no começo; daí, com os dois rublos que lhe demos de gratificação, ele comprou travessas cheias de torta de ervilha e de cereais cozidos, e as distribuiu entre todos, mas de si mesmo esqueceu. Cada um se pôs a balançar a cabeça e a separar metade da sua porção para ele. Mas ele ficou envergonhado e disse: “O que é isso, meus velhos, aqui não tem truque! Comam”. Os recrutas começaram a lhe dar palmadinhas no ombro com amizade: “Como você é amável!”. E, de manhã, Panka levantou-se antes de todos no quartel, arrumou tudo e limpou as botas dos sol-



dados veteranos. Os veteranos começaram a elogiá-lo e nos perguntaram: “O que ele é, o bobo de vocês?”.

Os emissários responderam:

— Bobo não, mas... um pouco assim, de nascença.

Então Panka, com sua bobice, foi servir e passou a guerra inteira como *profos*⁴ — escavava fossos e enterrava o lixo na retaguarda —; quando lhe deram baixa, por estar acostumado ao pastoreio, foi contratado por tártaros da estepe para tomar conta de manadas de cavalos.

Dirigiu-se aos tártaros de Penza e ficou anos sem voltar, errando e conduzindo cavalos, em um lugar distante perto do árido Ryn-Peski,⁵ por onde, então, vagava o magnata local, Cã Djangar. Quando ia vender cavalos em Sura, Cã Djangar portava-se de forma aparentemente dócil, porém, na sua estepe, fazia o que desse na telha: punia ou dava privilégios a quem quisesse.

Era impossível vigiá-lo no deserto distante e selvagem, ele reprimia a seu bel-prazer. Mas não era o único a se portar assim, havia outros arbitrários e um deles era o ladrão audaz de nome Khabibula. Ele começou a roubar os melhores cavalos do Cã Djangar, e por muito tempo não havia quem pudesse capturar o velhaco. Mas, um dia, houve uma rixa entre os tártaros e Khabibula foi ferido e aprisionado. Isso

4. Profos, no exército russo dos séculos XVIII e XIX, soldado ou suboficial encarregado de funções como a limpeza das instalações, supervisão dos presos e execução de sentenças de punição corporal.

5. Ryn-Peski é um deserto localizado a sudeste da República de Calmúquia (Rússia), a oeste do Cazaquistão e ao norte do mar Cáspio.





aconteceu num momento em que Cã Djangar tinha pressa de ir a Penza e não conseguiria acampar e julgar Khabibula, punindo-o com uma execução tão terrível, que produziria medo e terror nos outros ladrões.

Para não chegar atrasado à feira de Penza e não aparecer com Khabibula onde houvesse autoridades russas, Cã Djangar resolveu deixar, perto de uma fonte pequena e exígua, Panka com um cavalo e o prisioneiro ferido acorrentado nele. O cã deu painço e um odre de água e ordenou severamente a Panka:

— Guarde esse homem como a sua alma! Entendeu?

Panka disse:

— Como não entender? Entendi perfeitamente e vou fazer exatamente o que disse.

Cã Djangar partiu com sua horda, e Panka deu de dizer a Khabibula:

— Veja até onde a sua roubalheira o levou! Você é muito valente, só que toda a sua valentia não foi usada para o bem, mas para o mal. Seria melhor você se emendar.

E Khabibula respondeu:

— Se não me emendei até agora, é tarde demais.

— Como “tarde demais”? A questão toda é a pessoa querer de verdade, e o resto vem por si só... Afinal, você tem uma alma como todo mundo: abandone o mal, e Deus conceberá uma forma de ajudá-lo a fazer o bem, e tudo ficará bem.

Khabibula ouviu e suspirou.



— Não — disse —, pensar nisso agora é um despropósito!

— Mas por que um despropósito?

— Porque estou acorrentado, à espera da morte.

— Então eu o liberto.

Khabibula não acreditava nos próprios ouvidos, mas Panka sorriu, afável, e disse:

— Não estou brincando, estou dizendo a verdade. Cã me disse para guardá-lo “como a própria alma”, e você sabe como se deve guardar uma alma? Meu velho, não se tem piedade dela, é ela que sofre pelo próximo. E agora é disto que preciso, pois não posso suportar quando os outros padecem — vou tirar suas algemas e colocá-lo em um cavalo. Vá para onde quiser, salve-se, e, se voltar a cometer o mal, não será a mim que enganará, mas ao Senhor.

Dizendo isso, agachou-se, quebrou as correntes de ferro de Khabibula, montou-o em um cavalo e disse:

— Saia pelo mundo, aos quatro ventos.

E Panka ficou ali aguardando o regresso de Cã Djangar e o aguardou por muito tempo, até o riacho secar e quase não restar água no odre.

Então veio Cã Djangar acompanhado por seu séquito.

Ele olhou e perguntou:

— Mas onde está Khabibula?

Panka respondeu:

— Eu o soltei.

— Como soltou? O que está me dizendo?



— Estou lhe dizendo que segui verdadeiramente a sua ordem e o seu desejo. Você me mandou guardar Khabibula como a minha alma, e a minha alma eu guardo livrando-a da necessidade de se atormentar pelo próximo... Pois você queria torturar Khabibula, e eu não suporto quando torturam um homem; mande que me torturem no lugar dele, para que minha alma seja feliz e livre de todos os medos, porque não tenho nem uma gota de medo de você nem dos outros homens, não tenho medo de ninguém.

Cã Djangar lançou os olhos para todas as direções, depois ajeitou o solidéu na cabeça e disse a seus homens:

— Cheguem mais perto: vou dizer o que penso.

Os tártares se apertaram em volta do cã. Ele disse baixinho:

— Ao que parece, não podemos executar Panka, pode ser que exista um anjo dentro dele...

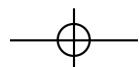
— Sim — responderam os tártares, todos em voz baixa —, não podemos fazer mal a ele: não o compreendemos por muitos anos, mas agora, em um instante, tudo ficou claro; pode ser que seja um justo.

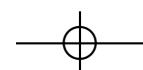
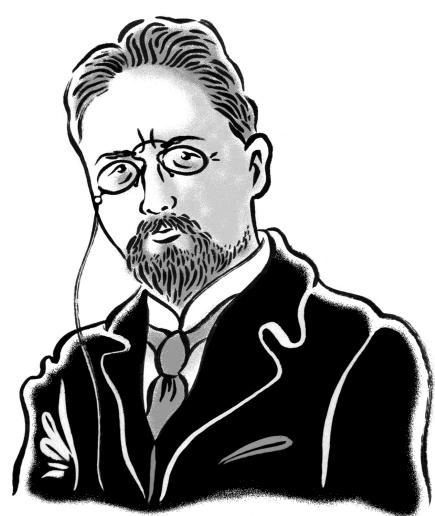
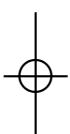
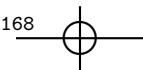
Tradução: Irineu Franco Perpetuo.



ANTON TCHÉKHOV

(1860–1904)







Vanka

Vanka Júkov, menino de nove anos que fora levado, três meses antes, à casa do sapateiro Aliákhin para aprender o ofício, não foi para a cama na noite de Natal. Após o patrão e os aprendizes saírem para as matinas, o menino pegou no armário do patrão um frasquinho de tinta e uma caneta de pena enferrujada e, abrindo uma folha de papel amarratada, começou a escrever. Antes de desenhar a primeira letra, lançou alguns olhares para a porta e as janelas, nas quais se estendiam dos dois lados prateleiras para sapatos, espiou o ícone escurecido e suspirou entrecortado. O papel estava em um banco diante do qual ele se ajoelhara.

“Querido vovô Konstantin Makárytch!”, escreveu ele. “Estou escrevendo esta carta para você. Desejo que tenha um feliz Natal e que Deus lhe dê tudo de bom. Não tenho pai nem mãe, só me sobrou você.”

Vanka virou os olhos para a janela escura, onde tremeluzia o reflexo de sua vela, imaginando vivamente seu avô, Konstantin Makárytch, que trabalhava de guarda noturno na casa dos senhores Jívarev. Era um velhote magricela de 65 anos, mas extraordinariamente ágil e vivaz, de rosto sempre sorridente e olhos ébrios. De dia, dormia na cozinha dos serviços



ou gracejava com as cozinheiras; já à noite, agasalhado com um sobretudo de peles, andava em torno da propriedade e girava sua matraca. Atrás dele, de cabeça baixa, iam a velha cadela Castanha e o cãozinho Enguia, que recebera esse nome devido à cor negra e ao corpo comprido de doninha. O Enguia era muito respeitoso e amável, olhava com o mesmo afeto para pessoas de casa e para estranhos, mas não era digno de confiança. Debaixo de seu respeito e submissão, ocultava-se uma malícia jesuítica. Ninguém melhor do que ele sabia a hora de chegar sorrateiramente e morder a perna de alguém, meter-se na cave fria de mantimentos, ou roubar a galinha de um mujique. Mais de uma vez apanhou nas patas traseiras, chegara a ser pendurado duas vezes, levava surras semanais até ficar semimorto, mas sempre sobrevivia.

Agora, provavelmente, o avô estava no portão apertando os olhos para ver o vermelho intenso saindo das janelas iluminadas da igreja da aldeia e, batendo no chão com as botas de feltro, gracejava com a criadagem. Sua matraca ficava amarrada ao cinto. Esfregava as mãos, encolhia-se de frio e, com risinho de velho, beliscava ora a copeira, ora a cozinheira.

— Não quer cheirar rapé? — dizia oferecendo a tabaqueira às mulheres.

As mulheres cheiravam e espirravam. Vovô entrava em um êxtase indescritível, dava uma risada alegre e gritava:

— Arranquem do nariz, o tabaco congelou!



Também esticava o tabaco para os cachorros cheirarem. Castanha espirrava, revirava o focinho e, ofendida, afastava-se para o lado. Já Enguia, por respeito, não espirrava e abanava a cauda. O tempo estava magnífico. O ar calmo, transparente e fresco. A noite era escura, mas se podia ver toda a aldeia com seus telhados brancos, os fios de fumaça saindo das chaminés, as árvores prateadas pela geada, os montes de neve. O céu se cobria de estrelas cintilantes, e a Via Láctea delineava-se tão clara, que era como se tivesse sido lavada e polida com neve antes das festas...

Vanka suspirou, molhou a pena e continuou a escrever:

“Ontem eu levei um castigo. O patrão me arrastou pelos cabelos no quintal e me bateu com a cinta, porque eu estava embalando o bebezinho deles no berço e, por acidente, peguei no sono. Durante a semana, a patroa me mandou limpar um arenque, eu comecei pelo rabo e ela pegou o peixe e meteu o focinho dele na minha cara. Os aprendizes riem de mim, mandam-me buscar vodca na taberna e roubar pepinos do sapateiro, que bate com o que lhe cair na mão. E ganho um nada de comida. De manhã dão pão, no almoço mingau e, de noite, pão de novo; o chá e a sopa de repolho, os patrões os dividem entre si. Mandam-me dormir no corredor da entrada e, quando o bebezinho chora, eu não prego o olho e fico balançando o berço. Querido vovô, faça uma graça divina, leve-me embora para casa, para a aldeia, não



tenho chance aqui... Juro de joelhos que vou sempre orar a Deus, leve-me daqui, senão eu morro....”

Vanka entortou a boca, enxugou os olhos com o punho preto e soluçou.

“Vou picar tabaco para você”, prosseguiu ele, “orar a Deus e, se for preciso, açoite-me sem piedade. Se você achar que não terei serventia, pedirei ao administrador que me deixe, pelo amor de Deus, limpar botas ou tomar o lugar de Fédia de ajudante de pastor. Querido vovô, aqui não tenho chance nenhuma, apenas a morte. Queria fugir a pé para a aldeia, mas não tenho botas e tenho medo do frio. E, quando eu ficar grande, vou alimentá-lo, não deixarei ninguém ofendê-lo e, depois que você morrer, rezarei por sua alma, como pela alma da mamãe Pelagueia.

Moscou é uma cidade grande. As casas são todas senhoriais e há uma porção de cavalos, mas não tem ovelhas, e os cachorros não são bravos. Os meninos não andam com estrelas,¹ e ali não deixam ninguém cantar no coro da igreja; uma vez eu vi, pela janela de uma loja, venderem anzóis com linha, para qualquer tipo de peixe, os olhos da cara, e existe até anzol que aguenta um bagre de mais de quinze quilos. E vi cada loja, com espingardas de fidalgo que não devem sair por menos de cem rublos... E os açouques têm tetrazes, per-

1. Meninos do coro, como um ritual natalino, tinham o costume de andar seguindo estrelas. Acompanhados pelo diácono, iam de casa em casa e, onde tivessem permissão de entrar, cantavam diante do ícone.





dizes e lebres, mas lá os vendedores não dizem onde foram abatidos.

Querido vovô, quando o patrão armar a árvore de Natal com guloseimas, pegue uma noz dourada para mim e esconda no bauzinho verde. Peça à senhorita Olga Ignátieva, diga que é para Vanka."

Vanka suspirou convulsivamente e voltou a fitar a janela. Lembrava que o avô sempre ia buscar uma árvore de Natal na floresta para os patrões e o levava consigo. Que tempo feliz! Vovô grasnava, o gelo grasnava e, ao olhar para eles, Vanka grasnava. Antes de podar a árvore, o avô fumava cachimbo, tragando o tabaco longamente e rindo do pequeno Vanka congelado... Os novos abetos, cobertos de geada, ficavam imóveis, esperando para saber qual deles morreria. Não se sabe de onde, uma lebre vinha voando pelos montes de neve... O avô não se continha e começava a gritar:

— Segure, segure... segure! Ah, diabo de rabo cortado!

O avô arrastava o abeto cortado até a casa senhorial, onde se punham a enfeitá-lo... A mais empenhada era a senhorita Olga Ignátievna, a favorita de Vanka. Quando a mãe de Vanka, Pelagueia, ainda era viva e trabalhava como arrumadeira dos patrões, Olga Ignátievna dava balas ao menino e, por falta do que fazer, ensinou-o a ler, a escrever, a contar até cem e até a dançar quadrilha. Quando Pelagueia morreu, mandaram o órfão para o avô, na cozinha dos serviços, e da cozinha para Moscou, para o sapateiro Aliákhin...



“Venha, vovô querido”, continuava Vanka, “imploro ao Senhor Jesus Cristo, leve-me daqui. Tenha piedade de mim, um órfão infeliz que apanha sem parar e quer desesperadamente comer; e é tamanha tristeza, que nem se pode explicar, choro o tempo todo. Outro dia o patrão me golpeou na cabeça com uma forma de sapato de tal jeito, que eu caí e com muito custo recobrei os sentidos. Minha vida está perdida, sou pior do que um cachorro... Lembranças para Aliona, o zarlho Egorka e o cocheiro, e não dê meu acordeão a ninguém. Sempre seu neto, Ivan² Júkov. Venha, vovô querido.”

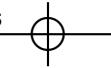
Vanka dobrou em quatro a folha rabiscada, colocando-a no envelope que comprara na véspera por um copeque... Após pensar um pouco, umedeceu a pena e escreveu o endereço:

“Para a aldeia do vovô”.

Depois se coçou, pensou de novo e acrescentou: “Kostantin Makárytch”. Satisfeito por não ter sido impedido de escrever, colocou o gorro e saiu correndo à rua em mangas de camisa...

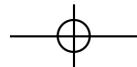
Os vendedores do açougue que ele interrogara na véspera disseram que as cartas eram deixadas nas caixas de correio e das caixas se espalhavam pelo mundo em troicas postais com cocheiros bêbados e sinetas sonoras. Vanka correu à caixa de correio mais próxima e enfiou a preciosa carta pela fresta...

2. Vanka é apelido de Ivan.



Embalado por esperanças doces, dormiu profundamente uma hora depois... Sonhou com uma lareira. Ao lado, estava sentado seu avô, com os pés descalços erguidos, lendo a carta para as cozinheiras... Enguiá andava em volta e abanava a cauda...

Tradução: Irineu Franco Perpetuo.





O fugitivo

Foi um procedimento longo. Primeiro, Pachka andou com a mãe debaixo de chuva por um campo ceifado, em seguida por veredas do bosque, onde folhas amarelas grudavam nas botinhas dele, e caminhou até amanhecer. Depois, ficou duas horas num saguão escuro esperando uma porta se abrir. No saguão não era tão frio e úmido como no pátio, mas mesmo ali o vento jogava respingos de chuva. Quando o saguão, aos poucos, foi ficando abarrotado de gente, Pachka, encolhido, apertou o rosto contra o sobretudo de peles de alguém, com cheiro forte de peixe salgado, e cochilou. Então o ferrolho rangeu, a porta se abriu, e Pachka entrou com a mãe na sala de recepção. Lá novamente teve que esperar muito tempo. Sentados em bancos, todos os doentes estavam imóveis e em silêncio. Pachka olhou para eles e também ficou em silêncio, embora visse muita coisa estranha e engraçada. Quando um rapaz entrou na recepção pulando sobre um pé, Pachka teve vontade de pular do mesmo jeito; cutucou o cotovelo da mãe, deu um riso em sua manga e disse:

- Veja, mamãe: um pardal!
- Silêncio, filho, silêncio! — disse a mãe.

Um enfermeiro sonolento apareceu na janelinha.



— Venham se registrar! — disse com voz grossa.

Todos, incluindo o rapaz que pulava de jeito engraçado, arrastaram-se à janelinha. A todo mundo o enfermeiro perguntava o nome e o patronímico, a idade, o local de residência, quanto tempo estava doente, etc. Pelas respostas de sua mãe, Pachka ficou sabendo que não se chamava Pachka, mas Pável¹ Galaktiónov, que tinha sete anos, não era alfabetizado e estava doente desde a Páscoa.

Logo após o registro, foi preciso esperar um pouco; um médico de avental branco e toalha na cintura percorreu a sala de recepção. Passando ao lado do rapaz que pulava, deu de ombros e disse com voz cantante de tenor:

— Mas que bobo! Que foi, não é um bobo? Mandei vir na segunda-feira, e você veio na sexta. Para mim tanto faz se você deixar completamente de andar, mas veja que bobo, perderá a perna!

O rapaz fez uma cara lastimosa, como se pedisse misericórdia, pestanejou e disse:

— Tenha piedade, Ivan Mikoláitch!

— Não venha com “Ivan Mikoláitch”! — arremedou o médico. — Disse para vir na segunda-feira, então tem que obedecer. Um bobo, e é tudo...

Começou o atendimento. O médico entrou em seu quartinho e chamava os pacientes pela ordem. De vez em quando,

1. Pachka é apelido de Pável.





ouviam-se do quarto gritos estridentes, choro de criança ou
brados zangados do médico:

— Ora, por que está gritando? Por acaso estou lhe cor-
tando? Pare quieto!

Chegou a vez de Pachka.

— Pável Galaktiónov! — gritou o médico.

A mãe ficou aturdida, como se não esperasse o chamado,
e, pegando Pachka pela mão, levou-o ao quartinho. O médico
estava sentado à mesa, batendo maquinalmente em um livro
grosso com um martelinho.

— O que dói? — perguntou sem olhar para os recém-che-
gados.

— O rapazinho tem um machucado no cotovelo, doutor
— respondeu a mãe, e seu rosto assumiu tal expressão, que
era como se de fato estivesse terrivelmente aflita pelo ma-
chucado de Pachka.

— Dispache-o!

Pachka, bufando, desenrolou o lenço do pescoço, depois
enxugou o nariz na manga e se pôs a tirar o sobretudo de
pele de carneiro, sem pressa.

— Dona, isso não é uma visita social! — disse o médico,
zangado. — Por que essa moleza? Você não é a única que
tenho que atender.

Pachka jogou apressadamente o sobretudo de pele no
chão e, com ajuda da mãe, tirou a camisa... O médico fitou-o
com preguiça e deu tapinhas em seu ventre nu.



— Pachka, amiguinho, você criou uma pança respeitável
— disse ele e suspirou. — Pois bem, mostre o cotovelo.

O menino olhou de esguelha para uma bacia com água suja de sangue, fitou o avental do médico e começou a chorar.

— Buá! — arremedou o médico. — O travesso já está na época de casar e fica choramingando! Vergonha.

Tentando não chorar, Pachka fitou a mãe com um pedido impresso no olhar: “Não vá contar em casa que eu chorei no hospital!”.

O médico examinou-lhe o cotovelo, apalpou, suspirou, seus lábios produziram um som de reprovação, e apalpou de novo.

— Devia levar um sopapo, dona, só não há quem bata — disse. — Por que não o trouxe antes? Esse braço está perdido! Olhe aqui, mulher tola, a junta está ferida!

— O doutor é quem sabe... — suspirou a mulher.

— O doutor... Deixou o braço do rapaz apodrecer e agora vem dizer “o doutor é quem sabe”. Que trabalhador ele sairá sem um braço? Você terá que cuidar dele para o resto da vida. Se aparecesse uma espinha no seu nariz, você viria correndo ao hospital na mesma hora, mas deixou o menino apodrecendo por meio ano. Vocês são todos iguais.

O homem acendeu um cigarro com boquilha de papel. Enquanto o cigarro fumegava, ele passava uma descompostura na mulher e balançava a cabeça no compasso de uma canção que cantarolava mentalmente, pensando em algo alheio.



Pachka estava em pé na sua frente, sem roupa, ouvindo-o e olhando para a fumaça. Quando o cigarro apagou, o médico sacudiu o corpo e se pôs a falar em um tom mais grave:

— Pois ouça, dona. Unguentos e óleos aqui não vão ajudar. Tem que deixá-lo no hospital.

— Se é preciso, doutor, por que não deixá-lo?

— Vamos operá-lo. Você, Pachka, ficará aqui — disse o médico, batendo no ombro do menino. — Sua mãe irá embora, mas nós ficaremos aqui, amiguinho. Aqui é bom, uma beleza! Vamos nos ajeitar bem, Pachka, iremos apanhar pintassilgos e eu lhe mostrarei uma raposa! Faremos visitas juntos! Hem? Quer? E mamãe amanhã virávê-lo! Hem?

Pachka fitou a mãe de forma interrogativa.

— Fique, filho! — disse ela.

— Fique, fique! — gritou o médico, alegre. — Não há o que discutir! Vou lhe mostrar uma raposa viva! Iremos juntos à feira comprar balas! Mária Deníssovna, leve-o para cima!

O médico, pelo visto um sujeito alegre e bondoso, estava animado com a companhia; Pachka quis satisfazê-lo, principalmente porque nunca na vida tinha estado na feira e veria uma raposa viva de bom grado, mas como se viraria sem a mãe? Depois de ponderar um pouco, resolveu pedir ao doutor que deixasse sua mãe também ficar no hospital, mas, nem bem abriu a boca, a enfermeira o levou escada acima. Ele foi olhando para os lados, boquiaberto. A escada, o chão e o umbral — enormes, lisos e brilhantes — estavam pintados



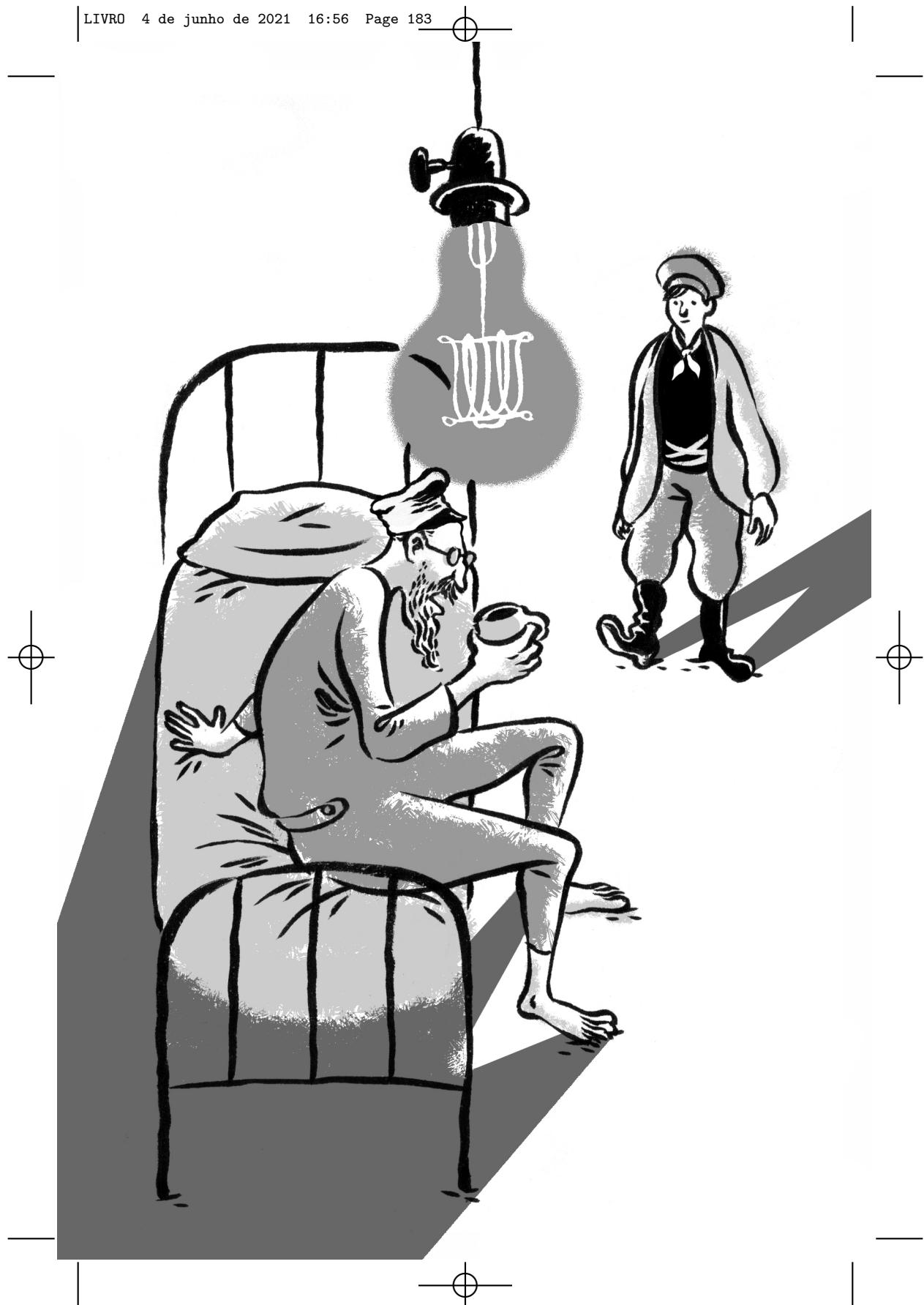
de um magnífico amarelo, exalando um odor delicioso de tinta a óleo. Por todo lado havia lâmpadas, passadeiras se estendiam, torneiras de cobre ressaltavam nas paredes. E mais do que tudo Pachka gostou da cama em que o acomodaram e do cobertor cinza e áspero. Apalpou o travesseiro e o cobertor, deu uma olhada na enfermaria e decidiu que se via muito bem com o médico.

A enfermaria dele não era grande, consistia apenas em três leitos. Um leito estava vazio, o outro era ocupado por Pachka, e o terceiro por um velho de olhos azedos que tossia e cuspiam em uma caneca o tempo inteiro. Da cama de Pachka, avistava-se, pela porta, uma parte de outra enfermaria, com dois leitos: em um dormia um homem muito pálido e descarnado, com um saco de borracha na cabeça; no outro, apoiando-se nos braços abertos, estava sentado um mujique de cabeça enfaixada que lembrava muito uma mulher.

A enfermeira, após acomodar Pachka, saiu e, pouco depois, voltou trazendo uma pilha de roupas.

— É para você — disse. — Vista-se.

Pachka despiu-se e não sem prazer começou a vestir o traje novo. Após colocar camisa, calças e aventalzinho cinza, olhou para si mesmo com satisfação, e pensou que não seria ruim passear pela aldeia nessa indumentária. Em sua imaginação sua mãe o mandava colher folhas de repolho para o leitão na horta perto do rio; ele caminhava enquanto meninos e meninas o cercavam e fitavam seu avental com inveja.





—

Na enfermaria, entrou uma cuidadora trazendo duas tigelas de estanho, colheres e dois pedaços de pão. Colocou uma tigela na frente do velho e outra na frente de Pachka.

— Coma! — disse.

Ao olhar para tigela, o menino viu uma sopa gordurosa de repolho com um pedaço de carne dentro, e voltou a pensar que se vivia muito bem com o médico e que ele não era tão zangado como parecera no começo. Ficou tomando a sopa bem devagar, lambendo a colher depois de cada trago, e, quando na tigela não sobrou nada além da carne, olhou de esguelha para o velho e o invejou por ainda estar sorvendo o caldo. Com um suspiro, o menino atacou a carne, esforçando-se para levar o maior tempo possível para comê-la, mas não deu em nada: logo a carne também sumiu. Restou apenas o pedaço de pão. É insosso comer pão seco sem nada para acompanhar, mas Pachka pensou que não havia nada a fazer e o comeu. Nessa altura, a cuidadora entrou com tigelas novas. Dessa vez, dentro havia carne assada com batata.

— Mas onde está o pão? — perguntou a cuidadora.

À guisa de resposta, Pachka encheu as bochechas e soprou o ar.

— Ora, por que engoliu tudo? — disse a cuidadora em tom de reproche. — Agora com que você vai comer o assado?

Ela saiu e trouxe outro pedaço de pão. Ele nunca na vida tinha comido carne assada e, provando-a, achou-a muito saborosa. Ela desapareceu rapidamente e do pão restou mais



agora do que depois da sopa. O velho, terminado o almoço, escondeu o pão que sobrou numa mesinha. Pachka quis fazer o mesmo, mas mudou de ideia e comeu sua fatia.

Saciado, ele foi dar uma volta. Na enfermaria vizinha, além dos homens que avistara pela porta, havia mais quatro. Um deles lhe chamou a atenção. Era um mujique alto, muito emagrecido, de rosto sombrio e peludo; estava sentado na cama e, como um pêndulo, acenava a cabeça e agitava o braço direito sem parar. Pachka ficou muito tempo sem tirar os olhos dele. No começo, os movimentos pendulares e ritmados do mujique pareceram curiosos, produzidos para a diversão de todos, mas, ao olhar para o rosto dele, sentiu-me mal e compreendeu que aquele homem tinha uma dor insuportável. Ao passar para a terceira enfermaria, viu dois mujiques de rostos vermelho-escuros, como se estivessem sujos de barro. Sentavam inertes em suas camas e, com as fisionomias estranhas e quase irreconhecíveis, lembravam ídolos pagãos.

— Tia, por que eles estão assim? — Pachka perguntou à cuidadora.

— Rapazinho, eles têm varíola.

Ao voltar para sua enfermaria, o menino sentou-se na cama e ficou esperando pelo doutor, para apanharem pintassilgos ou irem juntos à feira. Mas o médico não veio. Um enfermeiro atravessou rápido a porta da enfermaria ao lado. Inclinou-se sobre o paciente que tinha o saco de gelo na cabeça e gritou:



— Mikailo!

Mikailo, adormecido, não se movia. O enfermeiro abanou o braço, desistindo, e saiu. Enquanto esperava pelo médico, Pachka começou a examinar seu vizinho. O velho tossia e cuspiam na caneca sem cessar; sua tosse era prolongada, rangera. Pachka gostava de uma particularidade dele: quando, ao tossir, puxava o ar, algo assobiava em seu peito e entoava diferentes vozes.

— Vovô, o que é isso assobiando em você? — perguntou ele.

O velho não respondeu. O menino fez uma pausa e perguntou:

— Vovô, cadê a raposa?

— Que raposa?

— A viva.

— Mas onde estaria? Na floresta!

Passou muito tempo e mesmo assim o médico não apareceu. A cuidadora trouxe chá e ralhou com Pachka, porque ele não tinha guardado um pouco de pão para acompanhar; o enfermeiro tentou mais uma vez acordar Mikailo; do outro lado das janelas azulava, luzes se acendiam nas enfermarias, e o médico não vinha. Já era tarde para ir à feira e para apanhá pintassilgos; Pachka esticou-se na cama e pôs-se a refletir. Recordou as balas prometidas pelo doutor, o rosto e a voz de sua mãe, a escuridão de sua isbá, a estufa, a rabugenta avó Egórovna... E, de repente, ficou aborrecido e triste. Mas



lembrou que sua mãe viria no dia seguinte, sorriu e fechou os olhos.

Foi despertado por um murmúrio. Na enfermaria vizinha, alguém andava e cochichava a meia voz. Sob a luz opaca das lâmpadas de cabeceira e das lamparinas perto do leito de Mikailo, três figuras se moviam.

— Levamos com a cama ou o quê? — perguntou uma delas.

— É o seguinte: com a cama não passa. Arre, morreu em hora inoportuna, que Deus o tenha!

Um pegou-o pelos ombros, outro pelas pernas e o ergueram: os braços de Mikailo e as mangas de seu avental balançavam debilmente no ar. A terceira figura — o mujique que lembrava uma mulher — fez o sinal da cruz, e o trio saiu da enfermaria com um bater desordenado de pés e pisando nas abas da roupa do morto.

O peito do velho adormecido emitia um assobio e um canto de vozes variadas. Pachka aguçou o ouvido, olhou para as janelas escuras e saltou da cama, apavorado.

— Ma-mãe! — gemeu com voz grave.

Sem esperar por uma resposta, irrompeu na enfermaria vizinha. Lá, a lâmpada de cabeceira e as lamparinas mal iluminavam a escuridão; os pacientes, angustiados pela morte de Mikailo, estavam sentados em seus leitos, misturados às sombras e despenteados; para Pachka pareciam maiores, mais altos e cada vez mais numerosos; na última cama, no



canto, onde era mais escuro, estava sentado o mujique agitando a cabeça e o braço.

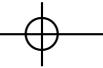
O menino, sem distinguir as portas, precipitou-se para a enfermaria da varíola, de lá para o corredor, do corredor voou para um quarto grande, onde estavam deitados e sentados nos leitos monstros de cabelos compridos e rostos de velhas. Ao atravessar a ala feminina, voltou a sair para o corredor, avistou o corrimão de uma escada conhecida e desceu em disparada. Lá, reconheceu a sala de recepção em que estivera pela manhã e se pôs a procurar a porta de saída.

O ferrolho rangeu, veio uma lufada de ar gelado, e Pachka, aos tropeços, saiu correndo ao pátio. Tinha só uma ideia — fugir, fugir! Não sabia o caminho, mas tinha certeza que, se corresse, iria sem falta parar em casa, com a mãe. A noite estava nublada, mas a lua brilhava detrás das nuvens. Ele saiu correndo da escadaria da entrada, contornou um galpão e deparou-se com arbustos desfolhados; parando um pouco para refletir, precipitou-se de volta ao hospital, contornou-o e se deteve de novo, indeciso: atrás do prédio havia cruzes brancas de túmulos.

— Ma-mãe! — gritou e recuou.

Cruzando com pressa construções escuras e severas, avisou uma janela iluminada.

A mancha vermelha e brilhante parecia assustadora na escuridão da noite, mas Pachka, tomado de pavor, sem saber para onde correr, virou-se na direção dela. Ao lado da

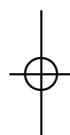


janela, havia uma escadaria coberta e a porta da entrada principal com uma tabuleta branca; o menino subiu correndo os degraus, olhou pela janela e foi invadido por uma alegria avassaladora. Ali dentro avistou o médico alegre e bondoso, sentado à mesa, lendo um livro. Rindo de felicidade, estendeu a mão ao rosto conhecido e quis gritar, mas uma força invisível prendeu-lhe a respiração e atingiu suas pernas; ele cambaleou e tombou nos degraus, sem sentidos.

Quando voltou a si, já estava claro e uma voz familiar, a mesma que na véspera lhe prometera a feira, as balas e a raposa, dizia a seu lado:

— Mas que bobo, Pachka! Não é um bobo? Devia levar um sopapo, só não há quem bata.

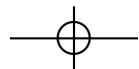
Tradução: Irineu Franco Perpetuo.

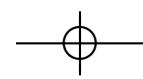
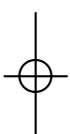
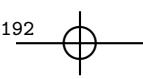




FIÓDOR SOLOGUB

(1863–1927)







Conto da filha do fabricante de caixões

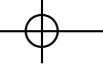
Não havia nada de estranho no fato de o jovem funcionário público Leonti Vassílievitch Elnítski ter-se enamorado da jovem Zoia Ilina, filha de um comerciante local. Era uma moça instruída e de boas maneiras, havia terminado o ginásio, sabia o inglês, costumava ler e dava aulas. E, como se não bastasse, era encantadora. Pelo menos, para Elnítski.

Ele a visitava com prazer e logo se habituou ao que no início produziu um efeito penoso nos seus nervos. Logo também se consolou com o pensamento de que, apesar de tudo, Gavriil Kirílovitch Ilin, pai de Zoia, era o primeiro mestre da cidade no ofício.

Gavriil Kirílovitch dizia:

— Meu trabalho não é qualquer coisa efêmera. Para os senhores, isso pode não ser poesia com geografia. Mas nem sequer uma pessoa passará sem a minha mercadoria. Além do mais, meu negócio é perfeitamente limpo. O caixão não tem cheiro, e o ar dentro de casa é forte e saudável.

Zoia amiúde ficava no depósito, o quarto onde se guardavam caixões prontos, para qualquer eventualidade. Vestida de muitas cores e com elegância — sempre sobravam do serviço do pai cetim e brocado e até de bom gosto —, ela com frequência chamava seu amigo para ir lá.



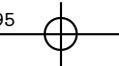
— Vamos ao depósito, Leonti Vassílievitch — dizia ela —, lá é quente e seco, dá vontade de contar histórias. Cada tábuas exala suas fantasias.

Eles iam ao depósito. Lá Zoia narrava a Leonti Vassílievitch histórias e contos de fada que tinha lido, mas os modificava à vontade acrescentando suas invencionices. No início Elnítski ficava encolhido, desajeitado, e olhava ao redor com ar sombrio, mas depois começou a expressar suas opiniões diante de Zoia.

De vez em quando o pai da moça aparecia lá, para trabalhar ou simplesmente para ouvir a conversa dos dois. Se ia pelo trabalho, Zoia e Elnítski dirigiam-se para outros quartos. Se à toa, eles continuavam a conversar, e o pai os ouvia alisando os longos bigodes grisalhos, com os olhos azuis brilhantes e alegres, iguais aos da filha, mas esses ainda jovens. Se alguém observasse aqueles olhos com atenção, entenderia que eles viram muito e habituaram-se a observar.

Uma vez, quando os três estavam no depósito, o velho disse a Elnítski:

— Eu vejo tudo, eu sei de tudo. Claro, como já sou muito conhecido, não me ocupo da gente simples, porém, no que concerne aos moradores respeitáveis da nossa cidade, eu conheço a hora e as proporções de cada um. Tenho tudo preparado, basta o sujeito morrer. Claro, para manter as apariências, tiro as medidas, mas vou dizer-lhe francamente, nem



precisaria incomodar o morto. Somente fornecer o aparato conforme o desejo dos parentes.

Leonti Vassílievitch sorria, incrédulo, e o velho prosseguia:

— Olhe, aqui há uma pilha de caixões de vários tamanhos; cada um foi ajustado a alguém no comprimento, na altura e em tudo. Meu olho é certeiro e minha medição é rápida.

Zoia corou de leve e sorriu, mas Leonti Vassílievitch perguntou:

— Que tipo de medição?

O velho explicou com prazer:

— Levo minha Zoia à igreja, a um passeio ou ao teatro. Ela fica de pé ao lado de quem preciso medir, e eu logo vejo as diferenças na altura e na largura. Não erro sequer por um centímetro. Certamente, há muita gente em nossa cidade e coincidências em medidas, e às vezes tenho vários candidatos para um mesmo caixão. Mantenho uma lista.

Leonti Vassílievitch lembrou que, num daqueles dias, Zoia aproximara-se e ficara parada do lado dele, enquanto o velho fitava-os com atenção. O jovem sentiu um calafrio correr pela espinha. Ele olhou para Zoia com ar de reprovação. Ela virou-se e, com um leve movimento da mãozinha flexível, apontou para um dos caixões.

— Aqui está um do meu tamanho — disse ela com indiferença.

— E isso não a apavora? — perguntou Elnítski.

— Eu cresci aqui — respondeu ela calmamente.



Nessa noite, enquanto Elnítski ia para casa, ele teve a impressão de que nunca mais cruzaria a soleira daquele quarto. Mas no dia seguinte Zoia levou-o de novo para lá, e ele a seguiu, obediente. Com os olhos tristes, observou a fileira de caixões e, esforçando-se para falar num tom de brincadeira, perguntou:

— Qual deles é do meu tamanho?

Mas, com desgosto, notou como lhe tremeu a voz.

Zoia sorriu calmamente e disse:

— Sua hora ainda demora a chegar.

Falou isso com tamanha convicção, que era como se ela soubesse. E o som das suas palavras trouxe súbita tranquilidade à alma do jovem. Zoia acariciou a lateral do caixão dela e disse:

— Outra pessoa irá se deitar nele, e não eu. Quase sinto pena — acostumei-me com ele, até memorizei os desenhos das tábuas.

A cada dia ficava mais claro para Elnítski que ele amava Zoia. E ele estava certo de que ela também o amava. Seus encontros tornaram-se mais frequentes e alegres e suas conversas mais claras e confidentes. Às vezes, quase sem perceber, tratavam-se com menos formalidade. Mas ainda não falavam do amor que sentiam. Algo impedia Elnítski. Já Zoia esperava tranquilamente, paciente e segura de si, como se fosse de fato uma conhecedora de todas as horas.

Uma vez Elnítski perguntou:



— Zoia, você é sonhadora. Mas será possível sonhar com o amor neste ambiente tão sombrio?

Zoia olhou para ele com atenção e ternura e, enquanto falava, sua voz era doce e sonora:

— Nos túmulos as rosas florescem e sobre seus espinhos surge o amor. A mãe Terra transpira e nos ama igualmente quando florescemos e quando murchamos. Ela se alegra e celebra a Deus cada vez que nasce um homem.

Numa noite de meados de dezembro, Elnítski foi à casa de Zoia. As lâmpadas estavam acesas, fazia silêncio. Ele dirigiu-se para o depósito. Não viu Zoia. Passou por entre os caixões para sentar-se perto da lareira, aquecer-se e esperá-la — na entrada tinham avisado que ela estava em casa. Seu olhar, até então distraído, deteve-se de repente num caixão colocado sobre um banco: lá ele avistou Zoia, estremeceu e paralisou.

A moça dormia diretamente sobre as tábuas do caixão — a cabeça repousava sobre os braços flexionados, os lábios sorriam com ternura, e a respiração era serena e regular.

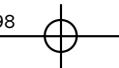
Elnítski chamou-a baixinho:

— Zoia.

Ela abriu os olhos.

— Ah, é você — respondeu ela, soerguendo-se. — Hoje estou muito cansada. E, quando se está muito cansado, nada melhor do que descansar sobre as tábuas duras.

— Saia daí — disse ele, sombrio.



Ele pegou-a pelos ombros e puxou-a para si. Ágil e com leveza, ela saltou para o chão.

— Por pouco não caí — disse ela. — Você me puxou com tanta força. Ou será que é assim tão cruel?

— Cruel? Por quê? — perguntou Elnítski com a voz sufocada.

— As pessoas são assim — disse Zoia —, a crueldade transparece em tudo, de forma mais forte ou mais fraca, são apenas graduações. Uma punhalada no seu coração ou nos seus olhos, uma mordida, um beijo — são diferentes elos da mesma corrente. Leu hoje sobre o que fizeram com uma irmã de caridade?

— O quê? Não, eu não li — disse Elnítski.

Zoia pegou uma folha aberta do jornal *O discurso*¹ e a mostrou a ele.

— Aqui está, leia.

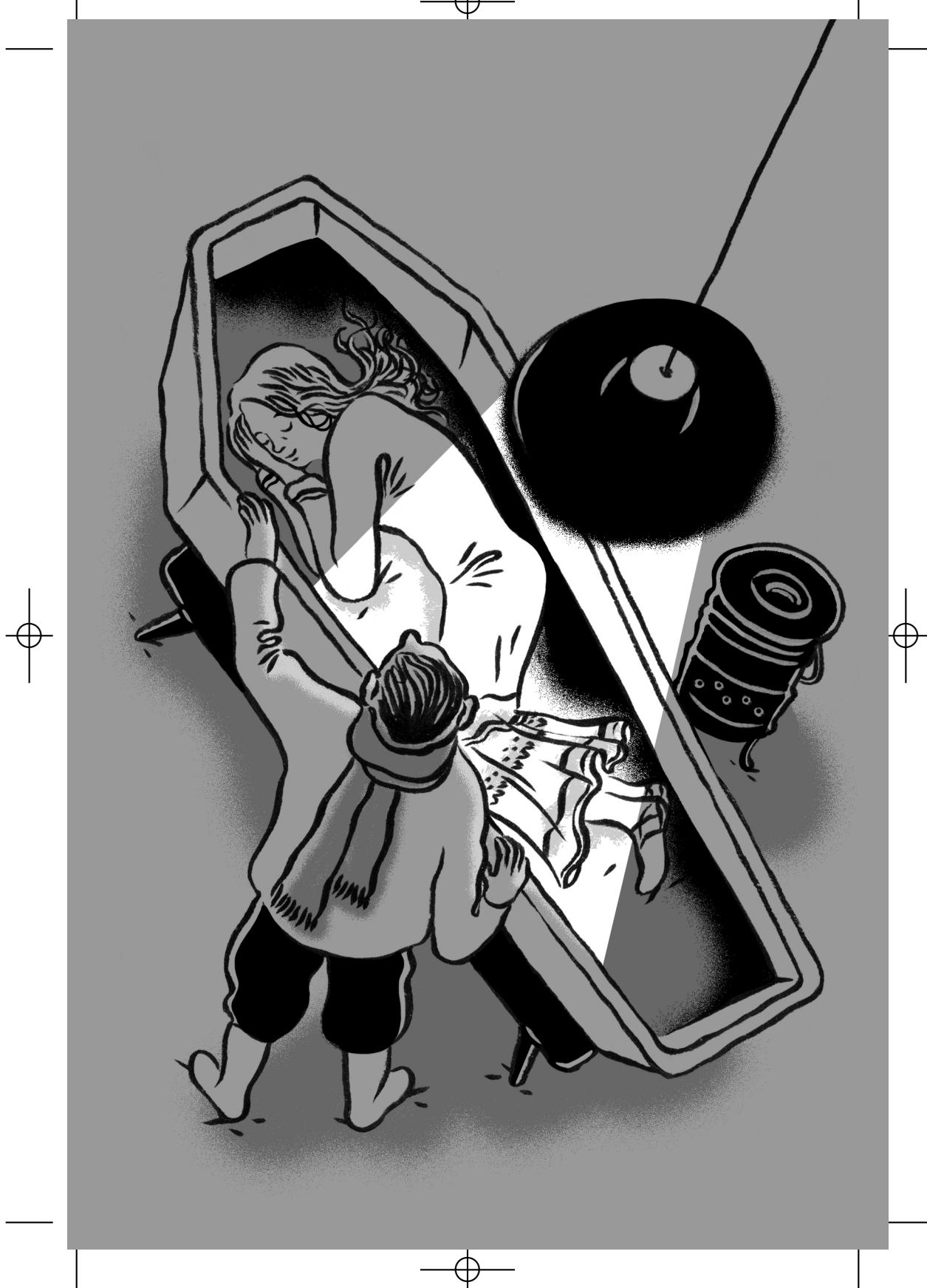
Ele leu e, tomado por súbita indignação, gritou:

— Canalhas!

Zoia dizia:

— Apenas imagine todo o terror do sofrimento dela! Nua numa noite gelada, amarrada a uma árvore. Lanternas apontadas para ela e dezenas de rapazes, jovens fortes, rindo e atirando-lhe facas. A diversão dura muito tempo, o sangue escorre pelo seu corpo, uma faca é cravada em seu olho — pense, imagine! Agora, diga-me, talvez isso tudo seja men-

1. *O discurso* (Rietch), jornal ligado ao Partido Constitucional Democrático fundado em 1906 e fechado em 1917.





tira, um boato infundado, exagerado? Então como o jornal é capaz de publicar uma coisa dessas? Ou será verdade? Então por que o mundo inteiro não estremece, não se revolta, por que não aniquila esse grupo perverso?

— Não é possível raciocinar dessa maneira, Zoia — discorreu Elnítski. — Essas pessoas perversas, criminosas, podem existir em qualquer país.

Zoia abanou a cabeça.

— Se isso pode acontecer em qualquer país, se uma irmã de caridade pode ser ultrajada desse jeito por um francês ou um inglês, então isso é o horror que pode enlouquecer um homem ou fazê-lo amaldiçoar a humanidade inteira. Sei que lerão isso como um crime qualquer. Alguém se indignará um pouco, mas, para os demais, será algo indiferente. Enquanto não mexem conosco, tudo nos é indiferente. Não passamos de animais cruéis.

Elnítski sentiu seus pensamentos dispersarem — decerto poderia ter argumentado contra essas palavras absurdas e injustas, mas, sem saber por que, não tinha vontade de falar.

Zoia olhou para ele e sorriu com tristeza.

— Vejo que não está de acordo comigo. Escute, vou ler um conto deste livro para você. Já o leu?

Elnítski pegou de uma mesinha de bétula que ficava perto da lareira um livro de capa branca com desenhos verdes e



dourados e leu o título: “*Tuti-namé, contos de um papagaio*. Moscou, Editora K. F. Nekrássov”.²

— Não, não li.

Zoia, alterando como sempre o que lia, narrava devagar e sem pausas:

— Um rico e bondoso comerciante de Bagdá de nome Khalis havia distribuído todas as suas posses entre dervixes pobres e órfãos. Ele não tinha filhos, de que lhe valia o dinheiro? Mas, sabe, quando se faz alguma coisa, é fácil deixar-se levar pelo entusiasmo. Ele havia se livrado de tudo, comprehende, literalmente de tudo, de modo que ficou apenas com a casa de paredes vazias, sem nada para comer nem como comprar comida. E ele pensou: “E daí? Vou vender a casa e doar o dinheiro, e sobreviverei de algum jeito — uma cabeça só não é pobre, mas é pobre quando está só”. E logo se comprometeu com outro comerciante: este lhe levaria o dinheiro no dia seguinte, e Khalis lhe entregaria a casa. Aquele comerciante era avarento, percebendo que o outro tinha pressa em concluir o negócio, aproveitou para enriquecer de maneira desonrosa e ofereceu muito menos do que a casa valia. Mas Khalis não tornou a negociar. Nessa noite, ele sonhou com um homem de trajes cintilantes. Assustou-se muito e pensou: “Ele veio buscar minha alma”. Mas depois se acalmou e pensou novamente: “E daí? Não deixarei nada

2. *Tuti-namé, contos de um papagaio* (*Tuti-namé. Skázki popugaia*), adaptação, datada do século XIV, *Dos setenta contos do papagaio*, escritos em sânscrito no século XII, conforme se acredita.



nesta terra". Mas o homem reluzente, conhecendo os pensamentos de Khalis, disse: "Deus não deseja a sua morte e a sua miséria. Você permanecerá nesta casa e terá uma esposa, e ela lhe dará filhos e filhas. Escute, amanhã eu voltarei com a aparência de um brâmane. Você me baterá na cabeça com um pedaço de pau, e eu me desfarei num monte de ouro". Assim ele disse, e Khalis guardou essas palavras na memória. Perceba, meu querido amigo, é preciso desferir um golpe para conseguir um tesouro. Que imagem certeira da nossa crueldade e perversidade!

Zoia calou e então disse baixinho:

— Acho que não vale a pena terminar a história. Você pode adivinhar sozinho o que aconteceu. O bom foi recompensado e o avarento castigado.

Mas, entretida com o conto, ela prosseguiu:

— Pergunte-me: como foi castigado o avarento? Pois foi assim. De manhã o comerciante apareceu com o dinheiro — ele chegou cedo, para que nenhum outro pudesse oferecer mais. Em seguida, o brâmane entrou na casa de Khalis. Ele estava vestido com seda amarela; a face era enrugada e amarela; o gorro de brocado de onde escapavam escassos cachos dourados era amarelo; e as mãos eram amareladas — era como se ele fosse todo de ouro. E o brâmane disse: "Khalis, mande este comerciante embora, ele lhe oferece pouco dinheiro". Khalis respondeu: "Eu me comprometi com esse homem — devo receber seu dinheiro e entregar-lhe a casa".



Mas o brâmane se colocou entre Khalis e o comerciante avarento, impedindo que iniciassem o acerto. Nesse momento Khalis lembrou-se do seu sonho, pegou um pedaço de pau e gritou: "Saia daqui, ou eu baterei em você". Pois era um homem bom, nunca levantaria a mão contra alguém sem aviso. Mas o brâmane, insistente, não saía do lugar. Então Khalis golpeou-o na cabeça. O brâmane começou a brilhar e sua cabeça a tilintar, ele encolheu-se e, de repente, esparrou-se numa imensa pilha de moedas de ouro. Khalis contou noventa e nove moedas, deu-as ao comerciante avarento e disse: "Você mesmo viu que eu não poderia ter agido de outra maneira, viu como fui forçado a isso pelo ouro que veio até mim na forma de um brâmane. Pegue este dinheiro e não conte a ninguém o que viu". O comerciante respondeu: "Muito bem, desistirei do nosso negócio em troca destas noventa e nove moedas, mas me dê este pedaço de pau". Khalis concordou. Ele sabia que a força não estava ali. Mas o comerciante avarento pensou que o toco continha uma força milagrosa e que bastaria bater com ele em um brâmane para este esparramar-se em ouro. O comerciante avarento foi para casa e mandou que seus empregados convidassem todos os brâmanes que ele conhecia na cidade para um banquete nessa mesma noite. Os brâmanes chegaram e o comerciante deu-lhes muito vinho. Quando ficaram bêbados, ele provocou uma briga, pegou o toco de Khalis e começou a golpear suas cabeças. Não foi pouco o sangue derramado, mas ne-



nhuma moeda de ouro apareceu. Os brâmanes levantaram uma gritaria tremenda, o povo veio correndo, o comerciante foi pego pelos guardas e de manhã levado ao tribunal. O juiz perguntou: "Por que você bateu nos brâmanes?". O comerciante respondeu: "Khalis ensinou-me isso". E contou o que tinha visto na casa de Khalis. Foram atrás de Khalis e o juiz disse: "Escute o que este homem diz contra você". Depois de ouvir a história do comerciante, Khalis disse ao juiz: "Senhor, pergunte entre meus vizinhos se alguém viu um brâmane entrando em minha casa e pergunte aos brâmanes se um deles está desaparecido, alguém que procuram e não encontram". E ninguém tinha visto um brâmane entrando na casa de Khalis, e entre os brâmanes não havia nenhum desaparecido, ninguém que procuravam e não encontravam. O juiz ordenou que batessem no comerciante com pedaços de pau, todo o ouro lhe foi tomado e dividido entre os brâmanes ofendidos.

Zoia calou-se e Elnítski disse:

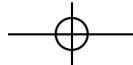
— Cada dia, Zoia, você me conta histórias. Mas sabe qual é a melhor delas?

— Sei — disse Zoia —, é a que fazemos da nossa vida.

— Zoia — perguntou ele —, você me ama?

— Não sei — disse Zoia —, pois você nenhuma vez me golpeou, nem na cabeça nem no coração, para que eu me tomasse seu tesouro, o ouro de sua vida.

Ela riu e o fitou com um olhar desafiante e insolente.





— Como eu poderia bater em você? — perguntou ele, desconcertado.

— Não vai conseguir nenhum tesouro sem esforço — respondeu Zoia.

Elá estava à frente de Elnítski, provocando-o com aquele sorriso insolente e com um olhar obstinado nos olhos sombrios e maldosos.

— Como seria possível bater em você? — perguntou Elnítski. — Você é mais fraca do que eu.

Ele sentiu a cabeça girar e o coração desfalecer. Foi tomado por uma incitação maldosa. Zoia começou a rir e seu riso soava com desagradável estridência.

— Oh! — exclamou ela — não sou assim tão indefesa. Olhe, a faca está em cima da mesa. Elá está afiada e sua ponta é fina. Se cometer um erro, ela facilmente irá perfurar seu coração.

Ela empalideceu e, com os lábios trêmulos, começou a estender a mão na direção da faca.

— Bruxa malvada! — gritou Elnítski.

Como se movido por uma força alheia, ele bateu na bochecha de Zoia. O golpe saiu inesperadamente forte e sonoro, e Elnítski sentiu sob sua mão o calor que exalava da face delicada da moça. Zoia agitou-se e atirou-se para o lado. O jovem ficou horrorizado com o que havia acontecido.

“O que eu fiz? Eu bati na minha amada! Que desonra!”, pensou ele rapidamente.



De repente Zoia deu um grito estridente, pegou a faca e atirou-se contra Elnítski. O semblante dela deformou-se com um esgar raivoso, seus olhos azuis pareciam presos a pequenas esferas por raios pontudos. Elnítski olhou para ela com pavor e admiração — Zoia nunca esteve tão bela como nesse minuto de ira. Ele com uma mão segurou-lhe a mão direita e desta pegou com muito custo a faca que reluzia, virando-a para baixo — a ponta já havia atingido a roupa dele e arranhado seu peito —; a outra mão ele lançou pesadamente contra o ombro e o pescoço dela. Furiosa, a moça debatia-se nas mãos dele, forçando todo o corpo contra o peito do jovem. De repente Elnítski sentiu uma dor na perna esquerda, deu um grito agudo e caiu arrastando Zoia consigo. Ele bateu a cabeça na beirada do banco e, perdendo a consciência, ouviu um grito desesperado da jovem.

Quando Elnítski voltou a si, estava deitado no sofá da sala. Zoia ajoelhava-se em sua frente, chorando e beijando-lhe as mãos. O velho, que olhava para eles com um risinho, disse:

— Bobagem, apenas dois arranhões. Até o casamento irá sarar.

Elnítski lembrou que exatamente com essas palavras sua velha babá o confortava na infância. Ele sorriu...

— Zoia — disse ele —, você é meu tesouro. Quando terminará de me contar sua história?

— Zoia é uma contadora de histórias — respondeu o velho no seu lugar —, contará muitas histórias aos filhos de vocês.



— Zoia contará ao filho — disse Elnitski baixinho — como o pai dele foi à guerra. Vê, Zoia, eu entendi — pena que um pouco tarde — que é preciso desferir-lhe um golpe no coração e fugir de você, fugir para lançar golpes e triunfar.

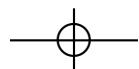
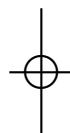
— Você voltará para mim — disse Zoia com uma estranha certeza.

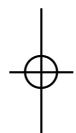
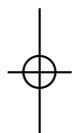
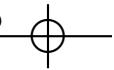
— Não sei, Zoia — respondeu ele —, e também não faz diferença!

O velho fabricante de caixões abanava a cabeça e dizia:

— Ainda não é hora, meus filhos, ainda chegará a hora de irem para suas casas certinhas.

Tradução: Moissei Mountian.





LÍDIA AVÍLOVA

(1864–1943)







Primeira mágoa

Quando Gricha saía para o terraço, bastava entrefechar seus olhos grandes azuis para ver, atrás dos portões abertos da estrebaria, a traseira redonda e clara de Lóvki no estábulo, uma fileira de bridas no tabique, e o cocheiro Ignát com um colete velho e um cachimbo inextinguível entre os dentes. Como de costume, Gricha¹ não resistiu à tentação por muito tempo: enfiou as mãos nos bolsos de suas calças curtas, desceu pela escadinha do terraço e andou através de um grande quintal coberto de ervas daninhas, com passos ceremoniosos de um verdadeiro patrão.

— E então? — perguntou ele a Ignát, observando as coisas que lhe eram conhecidas e queridas no galpão —, ainda está mancando?

— Sim, ainda está mancando! — com total desembaraço respondeu Ignát para manter a conversa.

— E a coelheira, consertou?

— Sim, agora mesmo estou consertando.

— Olhe lá, hoje não pode dar meu Koroliók para ninguém!

— Mas será que isso depende da minha vontade? Dirão: “É preciso ir até a estação ou até a vila, atrele já Koroliók”, e eu terei que atrelá-lo.

1. Gricha, apelido de Grigóri.



— Não é justo! Sempre o meu cavalo, sempre o meu... — resmungando, notou o menino. — Colocou a aveia para ele?

— Como é que eu pegaria a aveia sem ordem? — respondeu Ignát, e seu rosto barbudo, geralmente fechado, assumiu uma expressão maliciosa. — O patrãozinho não mandou.

— Está sem aveia! — gritou Gricha em desespero, e de raiva lágrimas lhe surgiram nos olhos.

Ignát ria alegre e carinhosamente:

— Veja que cabeça quente! Realmente um cabeça quente — dizia ele para tranquilizá-lo. — Fique calmo: não vou magoar seu Koroliók. Tomarei de outro, mas Koroliók será plenamente satisfeito. Não se preocupe, meu amigo.

Ele espiou com ternura os olhos do menino e lhe acariciou a cabeça com a mão áspera e grossa. Gricha se tranquilizou e iniciou sua ronda habitual. Sentou em todas as carroagens, uma por uma: subia nas boleias e de passagem fazia observações.

— Que telega excelente! — disse ele em tom de entendedor.

— Não posso me queixar dela! — respondeu Ignát, dando aprovação.

— Esta carroça de carga... deve ser resistente, não é?

— Vai se sujar de breu, traquinas! — previu o cocheiro.

— A babá vai ralhar com você.

— Está bem. Não vou me sujar — respondeu Gricha calmamente.



Ignát trabalhava na propriedade fazia menos de um ano, mas muito rapidamente se aproximou de seu pequeno senhor, e entre eles se estabeleceu uma estranha e sincera amizade.

— Agora eu vou lhe contar como era a vida na casa dos senhores Lukhkovski — começou Ignát. — Eles tinham um cavalo...

— Você morava com eles antes de nós?

— Não. Antes eu morava aqui com um comerciante... Certamente, por necessidade... Se não fosse a necessidade, eu não moraria com ele nem um único dia. E fui levado para o tribunal! E a troco de que fui a julgamento? Será que peguei o que não era meu?

— Será que o comerciante queria que fosse julgado?

— Como não?! Ele mesmo fez a queixa. Como se eu tivesse tomado dele um cavalo e uma telega. Não me pagava o ordenado fazia um ano e também não me deixava partir. “More aqui!” Eu e minha mulher pensamos assim ou assado. Seria melhor aproveitar, já que não tínhamos passaporte.² O que se podia fazer? De noite, eu e Matriona atrelamos o cavalo à telega e... partimos para casa. Será que deveríamos percorrer a pé, com uma criança pequena, os sessenta quilômetros? Quando o comerciante se deu conta, tínhamos desaparecido, sem deixar vestígios. O cavalo eu devolveria, não ficaria com ele. Mas o comerciante, veja só, ficou furi-

2. Na Rússia, o passaporte é o documento de identidade, contendo sexo, estado civil, registro de moradia, etc.



oso por ter perdido o trabalhador gratuito e foi ao tribunal apresentar uma queixa; e, assim, diz que roubamos.

— E você foi julgado?

— Dizem que julgaram.

— Mas como assim?

— Assim mesmo! — respondeu Ignát vagamente; suas sobrancelhas densas franziram-se, preocupadas, e seu rosto por muito tempo adotou uma expressão carrancuda, quase sofredora.

— Mas poderia ter dito que não teve culpa — aconselhava Gricha com ar sério.

— Será que me perguntaram? E onde está ela, meu amigo, a verdade? Julgaram, julgaram e fizeram de mim um ladrão. É assim!

— Como fizeram? — avidamente indagou o menino.

— Fizeram e pronto! — respondeu Ignát, com o cenho franzido e um sorriso amargo.

E a conversa, como às vezes acontecia, tomou outro rumo.

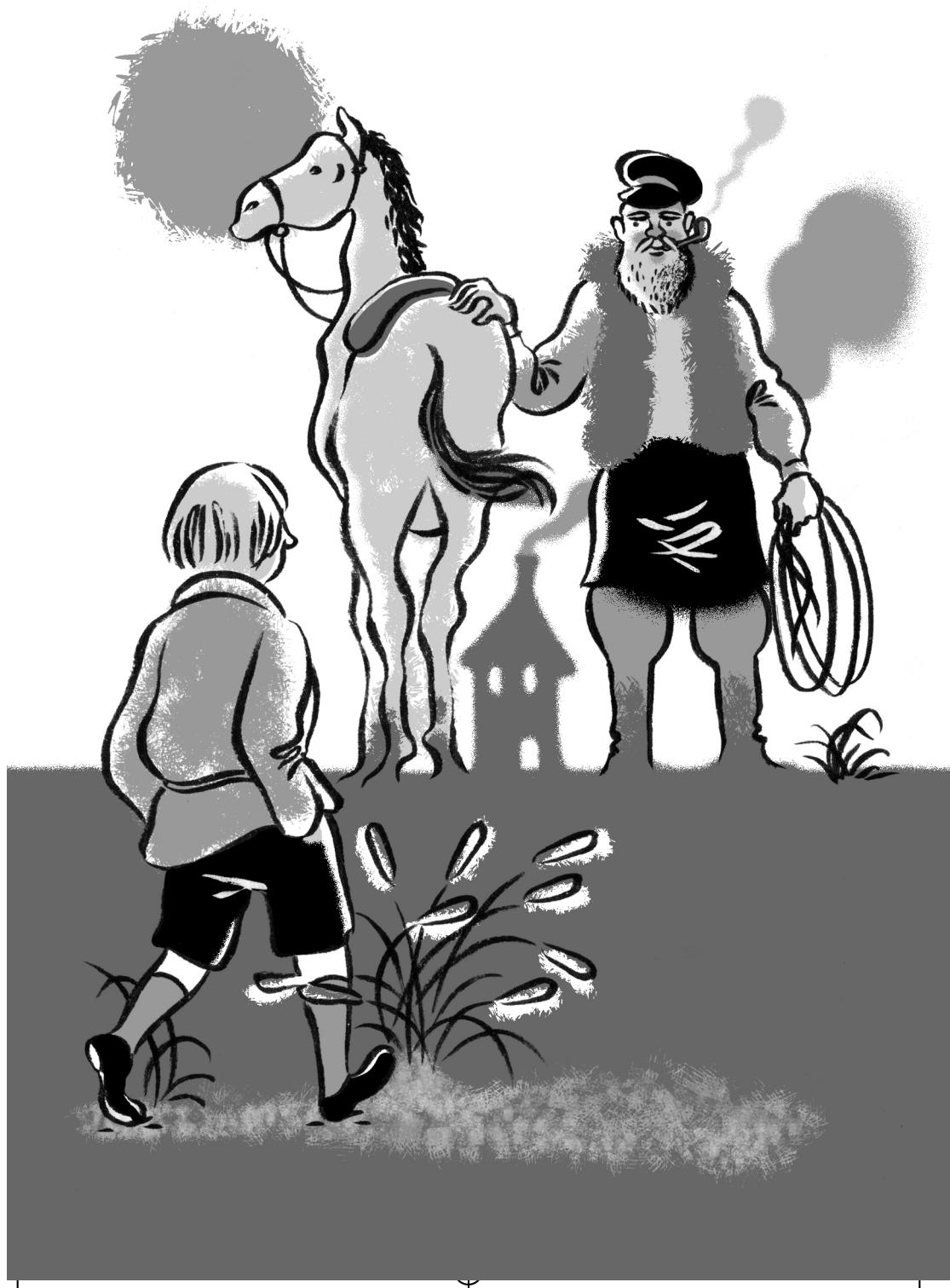
— Será que a Matriona é sua esposa? — perguntou Gricha.

— De quem mais seria? — respondeu Ignát, em tom bondoso.

— Por que, em vez de ficar com você, ela está sempre na casinha da adega assando os pães?

Ignát sorria.

— E o que ela faria aqui comigo? Será que contaria contos de fadas para mim?





— E o que os contos de fadas vieram fazer aqui? — retrucava o menino ardenteamente. — Minha mãe não conta os contos de fadas para meu pai e vive assim... E a Polka, quer dizer que é sua filha?

— Quer dizer que é minha filha.

— Mais crianças vocês não tiveram?

— Não, nenhuma mais.

— Por que não tiveram mais?

Ignát ria e balançava a cabeça.

— Só me faltava mais uma criança! — dizia ele.

— Por que está rindo? — continuava Gricha, um pouco ofendido, explicando o seu raciocínio. — Meu pai e minha mãe têm três crianças... Ignát! — ele repentinamente perguntou ao seu amigo em tom afável, fitando-o nos olhos —, quando partirmos para a cidade, você cuidará do meu Koroliók?

— Cuidarei, cuidarei! — prometeu Ignát. — Apenas, meu amigo, talvez eu mesmo vá embora antes.

— Para onde? — o menino perguntou, surpreso.

— Mas... para aquele lugar! — respondeu Ignát com seu modo misterioso de sempre.

A conversa afetuosa entre os dois amigos foi interrompida, como não raro ocorria, pela velha babá.

— Será que o menino Gricha está aqui? — perguntava ela, espiando o galpão. — Francamente — continuava ela, mal-humorada —, é filho de patrões e não sai da estrebaria.



Vou me queixar a sua mãe! Veja só: achou alguém para ser seu amigo. Vá imediatamente daqui, vá. E você, inútil — dirigi-se a Ignát —, em vez de criar juízo na criança, fica atraindo-a para cá.

— Qual é o problema, Anna Guerássimovna, eu não faço nada de errado — Ignát se isentava confusamente. — Se eu ensinasse coisas ruins para ele...

— Só nos faltava ter você como professor — notava a babá com desdém. — Vá, traquinhas, vá!

Gricha obedeceu, mas, para mostrar seu descontentamento, andava não ao lado da babá, mas atrás dela, e enchia as bochechas de ar exageradamente...

— Por que está ofendendo Ignát? — finalmente ele perguntou, lacônico. — Que mal ele lhe fez?

— Mas será que ele é companhia para você? — a babá retrucava ardente. — Ainda se diz cocheiro. Só se for na palavra. Será que antigamente os cocheiros eram assim? Não passa de um mujique desajeitado. Anda de cabeça baixa, a cara cheia de cabelos, mal se pode ver os olhos.

— Está mentindo! Dá para ver! — gritava bravamente o menino.

— Obrigada, meu bem, muito obrigada, senhorzinho, por ter trocado sua velha babá por um mujique! Um mujique desajeitado se tornou mais querido do que sua babá! — dizia ela com um tom de ofensa. — Obrigada, muito obrigada, meu caro!



— Mas será que eu disse isso? Ora essa! — Gricha se defendia com lágrimas na voz.

Essas briguinhas recorrentes terminavam sem tardar em plena reconciliação, mas não sem deixar vestígios: a afeição proibida começou a adquirir o valor e a força de tudo o que é proibido. Mais do que nunca, Gricha era atraído para a companhia de Ignát, mas, temendo magoar a babá e provocar seu ciúme legítimo, o menino usava da astúcia e comprava a velha com carinhos. Ficava nervoso, ardendo de alegria e emoção, quando conseguia enganar a vigilância da babá e ia se esconder na escuridão salvadora do galpão de carruagens. Nesses momentos, ele de novo conversava, fazia perguntas, enfiava-se em todos os lugares, seguido por Ignát, cujos olhos sombrios e tristes, sob sobrancelhas que caíam desordenadamente, refletiam uma estranha ternura.

— Está vindo, Anna Guerássimovna está vindo! — ele susurrava às vezes, sorrindo maliciosamente. Gricha se assustava e depois ambos riam.



Gricha praticamente via o pai e a mãe somente à mesa de jantar. O pai estava sempre ocupado, e a mãe ficava dias inteiros em seu dormitório por considerar-se fraca de saúde. Quando não lhe doía a cabeça, doía-lhe outra parte do corpo, o que a fazia não suportar a companhia ruidosa de crianças e mesmo a claridade da luz do dia. Quando Gricha tinha a



ideia de visitá-la, ela o acariciava, beijava-o impetuosamente, repetidas vezes, e, em seguida, pedia que ele se retirasse e não a incomodasse.

Às vezes, como dessa vez, Gricha resistia.

— Mamãe — dizia ele —, vou ficar sentado quietinho, bem quietinho.

Ele se sentou na poltrona e apoiou as mãos nos joelhos.

— Você está se sentindo bem? — a mãe perguntou com preocupação.

— Sim — dizia ele distraidamente, ocupado com alguma ideia intrusa que logo seria substituída por uma que o interessava; o menino falava aos sussurros, para não perturbar a disposição geral de silêncio e tranquilidade.

— Mamãe — sussurrava ele —, por que, quando faz calor, a pessoa fica sempre suada?

— Você está com calor? — perguntou a mãe.

— Estou com calor... Acha que por estar usando duas camisas?

— Será que está usando apenas uma?

— Sim, apenas uma! Veja! — Gricha dava gritinhos sonoros e, desabotoando a gola de sua kossovorotka³ de chita, mostrava o peito nu.

A mãe franziu o rosto de maneira doentia.

— Por que você está gritando? — ela o recriminou.

3. Kossovorotka, camisa típica russa com gola que se abotoa de lado.



— Ah, eu esqueci! — o menino falou culpadamente e se calou. — Mamãe — sussurrou de novo no minuto seguinte —, diga, para que serve o rabo?

— Que rabo?

— O dos cavalos, dos cachorros?

— Como para quê? É um simples rabo. Assim foi concebido.

— Acontece que não é tão simples! E afugentar as moscas? Com que afugentariam as moscas?

A tagarelice do menino começou a irritar a mulher nervosa, mas ela suportou em silêncio, certa de que ele mesmo ficaria entediado na penumbra e iria embora. Mas Gricha deslizou pelo respaldo da poltrona, deitou-se de costas no assento e levantou as pernas, cruzando uma sobre a outra.

— Mamãe — começou ele de novo —, e você sabe de onde vêm as pulgas?

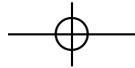
A mãe franziu o rosto, enojada, e fechou os olhos.

— Ora, Gricha! Que conversa é essa?!

— Das coelheiras dos cavalos. Se pulgas aparecem, é preciso jogar as velhas coelheiras fora e as novas...

— É isso que dá passar o tempo todo nos estábulos! No outono contratarei uma governanta. Tenho vergonha de você!

— Por que tem vergonha de mim? — perguntou o menino, surpreso.





— Está bem, vá embora. Vá ver a babá e suas irmãs. Você está sempre ou sozinho, ou com mujiques.

Gricha suspirou profundamente, levantou-se da poltrona sem vontade e suspirou de novo: ele ainda não estava pronto para deixar o quarto fresco e a mãe, a quem amava ternamente, mesmo que ela fosse assim tão triste e doente.

— Beije-me! — a mãe disse baixinho.

O menino começou a beijá-la, cheio de ternurinhas, esfregando seu rosto no dela, enquanto ela apalpava sob a camisa os ombros pontiagudos do filho e adotava um tom queixoso.

— Meu filho, você é tão magrinho, tão pálido! Gricha, por que você é assim?

— São as travessuras! — o menino respondeu por hábito, mas a ternura compassiva da mãe atuava sobre seus nervos e o tornava mais indulgente.

— Meu filho, você é tão pobrezinho! Para você, a vida não é fácil! Meu menino, você tem sempre uma tristeza na alma!

Eis que, tocado pela piedade dela e por palavras que ainda não lhe eram conhecidas, Gricha de repente pôs-se a soluçar no ombro da mãe.

— O que você tem? — indagou ela, assustada, tocando na cabeça do filho para saber se estava febril.

Mas Gricha subitamente se acalmou e retirou-se. Mal deu tempo de chegar até a porta, já tinha se esquecido das lágrimas vindas sem motivo, entretendo-se com um pensamento novo e interessante. Em seu peito algo ainda estremecia e



soluçava, mas ele já apalpava alegremente um pedaço de barbante esquecido no bolso, imaginando como faria melhor proveito dele.



Enquanto isso, a primeira mágoa séria da vida do menino estava prestes a cair sobre sua cabeça.

Em uma manhã, o pai, sem tirar os olhos do jornal, disse à mãe através da mesa:

— Sim... está sabendo? Vieram buscar o Ignát!

— Já vieram? — a mãe perguntou, assustada, e, como que avaliando algo, baixou na mesa a xícara de chá não bebida até o fim.

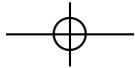
— Será que nada pode ser feito? Eles têm filhos — disse ela, baixinho.

— O que você sugere? — o pai deu de ombros. — Será que eu deveria me envolver com esse velhaco... Qual é o nome dele? Com esse comerciante... Eu o conheço um pouco: um kulák⁴ vigarista.

— Está vendo? Mais um motivo! — disse ela.

— Mais um motivo para quê? Ele roubou um cavalo e, por tabela, quebrou um cadeado; como consequência, temos roubo com arrombamento... A coisa está clara.

4. Kulák, camponês enriquecido.





— O que eles podiam fazer? — perguntou a mãe. — Pois esse homem aproveitou-se da demora no passaporte: não pagava o ordenado e o forçava a trabalhar de graça... Ignát simplesmente fugiu da escravidão...

— Mesmo assim não deveria ter roubado o cavalo! Bem, já chega, agora não há mais nada a ser dito! — o pai respondeu com desgosto e de novo afundou a cabeça no jornal.

Gricha ouvia com avidez, mas não comprehendia nada.

— Mamãe, para onde vão levar o Ignát? — perguntou ele, esbugalhando os olhos.

A mãe olhou para ele, desnorteada, lembrando-se de repente da amizade entre o menino e o cocheiro, franziu o rosto e desviou o olhar.

— Quem veio buscar Ignát, mamãe? — Gricha continuava a indagar.

— Por que não dizer a ele? — com ar descontente, o pai pôs-se a falar. — Que medo eterno é esse de magoar o menino, de afetar os nervos dele? Assim dele sairá um franguinho, um trapo de gente, e não um homem...

— Meu Deus, então fale você mesmo! Será que eu o estou impedindo? — exclamou a mãe com lágrimas nos olhos, colocou as mãos nas têmporas e saiu da mesa.

— A cena de sempre! A cena de sempre! — o pai gritou-lhe pelas costas. — Seu Ignát será levado para a prisão por motivo de roubo com arrombamento. Está entendido? — disse ele cruelmente, fazendo Gricha empalidecer. — Ignát por roubo



e sua esposa, Matriona, por cumplicidade. Ele cumprirá três anos e ela um ano e meio.

— E a Polka? — perguntou Gricha.

— A Polka... Sim, e quanto à Polka? Certamente ela não irá para a prisão... Eu não sei para onde ela... a Polka...

Gricha, com olhos brilhante e bravos, olhava fixamente para ele. O menino empalidecia mais e mais, porém tinha medo do pai e se conteve o quanto pôde.

— Mas por que estão fazendo isso? — perguntou ele num tom de desafio.

— Ele roubou, já lhe disse. Ou o que fez é igual a roubar.

— Não é igual, absolutamente! E você mesmo disse que o comerciante é um vigarista.

— Bem, eu disse.

— Então? O que é isso? Como é possível?

O pai de repente ficou zangado.

— Por favor, por favor, sem historinhas! Mimaram tanto você, que não tenho mais forças para aturá-lo.

Gricha, contendo-se como podia, se levantou e saiu do recinto. Ao achar-se do outro lado da porta, parecia sufocar com a mágoa e a ira que sentia. O menino voou pelo corredor na direção do terraço. Seu primeiro pensamento foi ver Ignát, mas os portões da estrebaria estavam trancados, o que significava que o cocheiro não estava lá. Gricha correu para o quarto das criadas. Lá viu a babá sentada à mesa tomando chá e, na frente dela, um homem de uniforme militar que



Gricha não conhecia. O militar, afastando os cotovelos com afetação, tirava geleia de um pote de vidro e a comia com goles intercalados de chá. O menino, no mesmo instante, reconheceu o pote de doces da babá e entendeu que ela servia o homem, mas estava tão absorto ante a notícia inesperada da partida de Ignát, que não prestou atenção à presença do visitante.

— Babá, quem veio buscar o Ignát? — perguntou com a voz trêmula.

A babá não respondeu diretamente.

— Sim, agora vão levar seu queridinho e você não correrá mais da babá.

— Quem veio, babá?

— Agora ele não escapa... Quem veio? Eis quem veio.

Gricha não entendeu imediatamente. Na sua imaginação, quem deveria levar Ignát e Matriona para a cadeia seria um homem gigantesco, ameaçador e de aparência desagradável, mas para ele olhava um militar de rosto bronzeado e bondoso e sorria, de embaraço ou simplesmente de tolice. Além dele e da babá, não havia ninguém no quarto. Finalmente Gricha deu-se conta.

— É você? — com surpresa e desconfiança, perguntou o menino olhando fixamente para o militar.

— Sim, senhor! — o outro respondeu abrindo um sorriso largo, visivelmente em dúvida se deveria levantar-se para o patrãozinho ou continuar sentado.



— Você? — repetiu Gricha, e sua voz soou de modo estranho e entrecortado.

— Gricha, querido! O que você tem? Perdeu o juízo? — gritou a babá.

Mas o menino não pôde mais se conter: seus olhos toldaram e sua cabeça estranhamente zunia.

— Você... você é um imprestável. Eu vou fazê-lo em pedaços! — gritou ele de forma estridente e se lançou para a frente. Mas subitamente seu rosto se contraiu, os cantos da boca tremeram, e ele desfez-se num choro alto e queixoso, como o pranto das crianças impotentes e magoadas. O oficial subalterno ria com embaraço e olhava para os lados, abrindo os braços...

Gricha correu para o quarto das crianças, escondeu-se em um canto perto de sua cama e encolheu-se na parede, pressionando ambas as mãos contra o peito. A indignação impotente ainda fervilhava dentro dele à procura de uma saída. Vendo no chão uma boneca da irmã, começou a pisotear o brinquedo e, finalmente, arremessou-o para o outro lado do quarto. Na parede estava pendurado um desenho que ele mesmo tinha feito: arrancou-o e o jogou no chão. Depois dessa atividade intensa, seus nervos sossegaram um pouco: ele sentou, encostou a testa no ferro de sua caminha, acalmou-se e entregou-se a devaneios... Queria ter força...

Precisava de força para vingar-se, para vencer essas pessoas cruéis e culpadas: os juízes, que condenaram Ignát; o



oficial subalterno, que fora encarregado de levá-lo; a babá, que oferecera geleia ao oficial; e mesmo seu pai... Gricha se indignou com o pai pela visível indiferença dele para com o destino de Ignát. Ele deveria ter intercedido, deveria ter expulsado o oficial, mas permaneceu calmo, lendo seus jornais, e chegou a dizer que Ignát era “igual” a um ladrão.

“Vai ver só!”, dizia consigo pensando na babá. “Vou lhe dar uma lição: não falarei mais com ela, não a perdoarei. Cortarei meu dedo, o sangue jorrará... como numa fonte... mas não deixarei enfaixar. Ela que sirva sua geleia a quem quiser!”

Gricha pensava em vingança e descascava com as unhas os restos de tinta no ferro da cama. De repente ele se alarmou: ouviu a fala alta do pai e, em resposta, a voz tímida de Ignát. O menino saltou num relance e correu ao quarto das criadas. No meio dele estavam Ignát e Matriona, com as cabeças baixas e trocando os pés de apoio. Perto de Matriona e enfiando o nariz nos franzidos de seu vestido, postava-se Polka — olhando para a filha de cima, a mãe tinha uma expressão mais de perplexidade apática do que de medo e mágoa. Atrás deles, do outro lado da porta, espiavam os rostos curiosos da criadagem.

— Pois bem — falava alto o pai de Gricha —, agora é tarde e não há nada que possamos fazer. A respeito de Polka, não se preocupem. Ela não passará necessidades, e na vida e na morte só existe a vontade de Deus. Prometemos cuidar dela. Vá com Deus, Ignát! Que remédio?!



— Sim, nós prometemos — com a voz trêmula acrescentou a mãe de Gricha e estendeu a mão à Polka, mas imediatamente a retirou e se virou.

— A situação agora não pode ser reparada! — recomeçou a falar o pai, claramente incomodado com a cena muda daquelas pessoas desesperadas. — É necessário de algum modo... A pena não é tão grande.

Matriona, em silêncio, afastou de si Polka, deu um passo à frente e, sem nada dizer, ajoelhou-se aos pés da patroa, tocando com a testa no chão.

— Matriona! — exclamou a mãe, e lágrimas súbitas jorraram de seus olhos. — Não se curve, Matriona! Acredite em mim, eu cuidarei de sua menina. Eu juro... Não se ajoelhe!

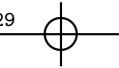
A mãe se inclinou, tocou com a mão trêmula no ombro da Matriona e pôs-se ela mesma de joelhos ao lado.

— É preciso ter paciência... todos nós devemos ter paciência! — sussurrava ela rapidamente. — Todos nós...

— Bem, já chega, já chega! — começou a falar o pai, sem esconder sua impaciência. — Estou muito desapontado. Estava satisfeito com você, Ignát. Cumpra a pena, venha de novo. Eu o aceitarei de volta. E não se preocupe com a filha. Agora vá com Deus!

Ele pegou a esposa pela mão e queria levá-la consigo, mas ela se desvencilhou e mais uma vez abraçou Matriona.

— É preciso ter paciência! — sussurrou novamente.



Matriona se levantou. Correu o olhar perplexo pelo quarto e o deteve sobre Gricha. Por um instante a mulher e o menino olharam nos olhos um do outro, então ele baixou timidamente os cílios e se moveu para a frente.

— Adeus! — disse ele, muito baixo e muito docemente.

Mas Matriona continuava a fitá-lo em silêncio, ainda perplexa. Então Gricha se dirigiu a Ignát e estendeu-lhe a mão. O cocheiro a pegou e se inclinou em direção ao rosto da criança.

— Da Polka... tomará conta? — perguntou ele.

— Tomarei! — Gricha respondeu em tom sério e solene e fitou com os olhos brilhantes e corajosos o semblante triste de seu amigo. Ignát passou a mão pela cabeça do menino, fez o sinal da cruz apropriadamente na direção do ícone e se dirigiu à porta.

— Matriona! — alguém da criadagem a chamou. — Matriona! Ignát já saiu. Estão esperando por você, vá! A telega está em frente à escadaria.

A jovem mulher estremeceu, a expressão de perplexidade foi substituída pela de pavor. Junto dela, enfiando como antes o rosto nas dobras do vestido, estava Polka tremendo com o corpo inteiro.

— Bem, vá... vá ficar com a babá — disse o pai, parando diante de Gricha, que nessa altura de novo estava no quarto das crianças, sentado atrás da cama, olhando para o nada sombriamente.



O menino silenciava e não saía do lugar.

— Gricha! — o pai gritou severamente — com quem estou falando, afinal?

A criança levantou a cabeça e fixou nele um olhar sério e hostil.

— Ouça — contendo a raiva, começou a falar o pai —, você, ao que parece, está zangado comigo? O que tenho eu com tudo isso? Será que sou culpado? Eu é que deveria repreendê-lo: como você se atreve a fazer um escândalo e a gritar com um oficial? Diga já! — gritou com impaciência, sentindo que o olhar teimoso do filho não apenas o irritava como o constrangia.

— Pode... — disse Gricha baixo e calmamente.

— Pode o quê?

— Pode me repreender. Agora para mim tanto faz.

O pai ficou um pouco desnorteado.

— Pois muito bem — disse ele. — Eu agora não quero conversar com você.

Ele se virou e se dirigiu à porta.

— Na sua opinião — Gricha lhe gritou pelas costas —, na sua opinião, deveríamos ter servido geleia para ele, como fez a babá?

— Cada um faz o seu trabalho — observou o pai —, tem o seu dever. O oficial recebeu a ordem de ir atrás de Ignát e a cumpriu. É bem provável que ele seja um homem bom e



amável, mas você o ofendeu. E ofendeu também a mim e a babá... E a troco de quê?

Gricha abaixou os olhos devagar, e em seu rosto claramente transpareceu dor e perplexidade.

— Isso não é bom, meu caro! — concluiu o pai com repreensão e saiu do quarto.

Gricha estava sentado, imóvel.

“Ofendeu...”, pensava consigo. Lembrou-se de como desejara ter força para vingar-se do pai, do oficial, da babá, que não intercederam por Ignát e não tiveram pena do homem como ele, Gricha, tivera.

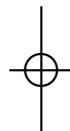
“Isso não é bom, meu caro”, lembrou-se da voz de repreensão quase amável do pai. “Isso não é bom? Ofendeu...”, o menino refletia dolorosamente. “Eu ofendi... E todos eles... ofenderam Ignát... por que razão?”

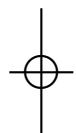
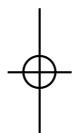
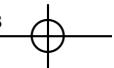
Gricha abaixou mais a cabeça e rugas profundas surgiram em sua testa infantil.

“Cada um faz o seu trabalho... E aqueles que deram a ordem ao oficial, também faziam seu trabalho? Também são pessoas boas e amáveis? E como algo tão ruim e cruel pode ter acontecido?...”

Ele levantou os olhos e no seu olhar parado a questão torturante se fixou.

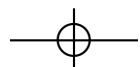
Tradução: Moissei Mountian.

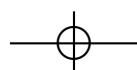
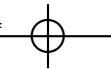




ALEKSÁNDR KUPRIN

(1870–1938)







O poodle branco

1

Por veredas da costa montanhosa do Sul da Crimeia, vagava de povoado em povoado uma pequena trupe itinerante. Geralmente à frente de todos corria, com a língua cor-de-rosa pendurada no canto da boca, um *poodle* branco chamado Artô, tosado no estilo de um leão. Nos cruzamentos, ele parava e, abanando o rabo, lançava um olhar interrogativo para trás. Por sinal que apenas ele reconhecia, o cão sempre sabia o caminho certo e, balançando alegremente as orelhas, atirava-se num galope para a frente. Atrás dele andava um menino de doze anos, Serguei, que segurava, sob o braço esquerdo, um tapetinho para exercícios de acrobacia e, na mão direita, uma gaiola com um pintassilgo que havia sido ensinado a sacar bilhetinhos coloridos com leituras da sorte. Na retaguarda, arrastava-se o ancião da trupe, o vovô Martyn Lodýjkin, com um realejo nas costas curvadas.

O realejo era velho, sofria de rouquidão e acessos de tosse, tendo passado por mais de uma dezena de reparos durante a vida. Ele tocava apenas duas músicas: uma triste valsa alemã de Launer e um galope¹ retirado de *Viagem à China*

1. Galope, música para dança húngara, de mesmo nome, com andamento rápido.



— ambas sucessos de trinta ou quarenta anos atrás, tinham sido esquecidas por todos havia tempo. Além disso, o realejo tinha dois tubos traiçoeiros. O primeiro, para som agudo, perdera a voz e não tocava mais. Quando chegava a vez dele, toda a melodia começava a engasgar, arrastar e tropeçar. O outro tubo, que produzia som baixo, tinha uma válvula que não fechava direito: ao ressoar uma nota baixa, o som continuava, abafando todos os outros, até que de repente lhe dava vontade de se calar. O vovô reconhecia todas as falhas de sua máquina e, de vez em quando, comentava ironicamente e com uma pontinha de tristeza:

— Fazer o quê?... É um órgão velho... Sujeito a resfriados... Mal começa a tocar, os moradores das *datchas*² se ofendem: “Eca! Que porcaria!”. Eram peças muito boas, da moda, só que o público de hoje em dia não sabe apreciá-las. Querem ouvir a *Gueixa*, *Sob a águia de duas cabeças* ou a *valsa do Vendedor de pássaros*. E tem aquele probleminha nos tubos... Levei para um especialista, nem quis consertar. Falou que precisava colocar tubos novos... “O melhor seria”, disse ele, “vender essa tralha podre para um museu... Que vire uma peça de exposição...” Mas, deixe para lá! Ele nos alimentou até hoje, Serguei, e, se Deus quiser, ainda nos alimentará.

O velho Martyn amava seu realejo como só se pode amar uma criatura viva, alguém próximo ou um familiar. Acos-

2. *Datcha*, propriedade rural com uma casa de veraneio e, a depender da área e das condições do dono, outras construções (casa de banho, casa de empregados, jardins, lagos, etc.).



tumado a tê-lo ao lado pelos longos anos de vida árdua na estrada, começou a ver em seu instrumento um companheiro com alma, quase consciente. Às vezes, de madrugada, durante um pernoitar em alguma pousada barata e suja, o realejo, colocado no chão junto à cabeceira de Martyn, de repente emitia um som baixo, trêmulo, triste e solitário, como o suspiro de um velho. Então, Lodykin acariciava seu lado talhado sussurrando ternamente:

— O que é que foi? Está gemendo, meu velho?... Aguente firme...

Da mesma forma que amava seu realejo — ou talvez ainda mais —, Martyn amava os pequenos companheiros de estrada: o menino Serguei e o poodle Artô. O garoto ele tinha “alugado” uns cinco anos atrás de um sapateiro viúvo e indolente, por dois rublos mensais. Mas logo o sapateiro morreu e Serguei acabou ficando com o vovô Lodykin em definitivo, tanto por laços de alma como por motivos de sobrevivência diária.

2

A vereda contornava um alto penhasco na costa, volteando à sombra de oliveiras centenárias. O mar às vezes surgia entre as árvores e, então, parecia não apenas se estender ao longe, mas se elevar como uma poderosa parede silenciosa, ficando mais azul, mais denso, nas aberturas preenchidas por uma folhagem verde-prateada. Na relva, nos cornisos e roseiras



silvestres, nas vinhas e árvores, em todo lugar penetrava o canto das cigarras, fazendo o ar tremular nesse zunido monótono e incessante. O dia estava muito quente, sem vento, e as solas dos pés queimavam sobre a terra aquecida.

Serguei, andando, como de hábito, à frente do vovô, volta e meia diminuía o passo e aguardava o velho alcançá-lo.

— Que foi, Serioja?³ — indagou o tocador de realejo.

— Está muito quente, vovô Lodyjkin... Não dá para aguentar! Se déssemos um mergulho...

O velho Martyn, sempre andando, corrigiu o realejo nas costas com um movimento costumeiro do ombro e secou com a manga a face suada.

— Não seria nada mal! — suspirou ele, olhando com vontade para a superfície azul e refrescante do mar. — Só que, depois de nos banharmos, sentiríamos mais moleza. Um médico conhecido me contou que esse sal exerce um tipo de ação na gente... Isto é, a pessoa fica como que relaxada... Pois é sal marinho...

— Talvez ele mentisse? — observou Serguei, desconfiado.

— Ora essa! Por que ele iria mentir? Era um homem decente, não bebia... Tinha uma casinha em Sebastopol. E daqui não conseguimos descer até o mar. Espere um pouco, logo chegaremos a Miskhor e ali lavaremos nossas pobres carcaças. É agradável se banhar antes do almoço... E depois tirar um cochilo... Que coisa boa...

3. Serioja, apelido de Serguei.



Artô, que ouvia a conversa atrás de si, virou-se e correu na direção deles. Seus bondosos olhos azuis estavam semicerados de calor, e a língua comprida, puxada para fora, tremia por causa da respiração acelerada.

— Então, meu amigo canino, está quente, não é? — perguntou o velho.

O cão deu um bocejo tenso, enrolando a língua em um tubinho, sacudiu o corpo e ganiu com voz fina.

— Pois é, amiguinho, não há o que fazer... Está escrito no suor do seu rosto... — continuava Lodyjkin em tom professoral. — A bem da verdade, você não tem um rosto, mas um focinho, em todo caso... Vá, siga em frente, não fique no meio do caminho... Sabe, Serioja, devo admitir que gosto quando está assim tão quente. Só o órgão atrapalha um pouco, mas, se não fosse pelo trabalho, eu me deitaria em um lugarzinho na grama, na sombra, com a barriga para cima, e ficaria esticado um tempo... Para nossos velhos ossos não há coisa melhor do que este sol.

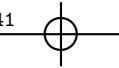
A trilha descia juntando-se a uma estrada larga de um branco ofuscante, dura feito pedra. Ali começava o antigo parque de um conde, em cuja vegetação abundante se estendiam bonitas datchas com chafarizes, canteiros e estufas de flores. Lodyjkin conhecia bem aquela região; todo ano ele peregrinava lá, indo de um local a outro, durante a época das uvas, quando a Crimeia se enchia de um público abastado e alegre. O esplendor da natureza do sul não tocava mais o



velho, em compensação deixava admirado Serguei, que estava ali pela primeira vez. As magnólias de folhas grossas e brilhantes, parecendo envernizadas, com flores brancas do tamanho de um prato; os caramanchões cobertos por pesados cachos de uva pendentes; os enormes plátanos centenários com troncos claros e copas majestosas; as plantações de tabaco, os riachos e as cachoeiras; as rosas imponentes, magníficas e perfumadas que cresciam em toda parte, nos canteiros, nas sebes e nas paredes das *datchas* — toda essa beleza viva e florida não parava de surpreender a alma sensível e ingênua do menino. Ele expressava sua admiração em voz alta, puxando a manga do velho a cada minuto:

— Vovô Lodýkin, olhe só! Ali, no chafariz... Peixes dourados! Palavra, vovô, são dourados mesmo, coisa inacreditável! — gritava o garoto, encostando o rosto na grade de um jardim com uma grande piscina no meio. — Olhe, vovô, pêssegos! São tantos! E todos numa árvore só!

— Ande, ande, bobinho, não pare aí de boca aberta! — o velho sorria, empurrando-o de leve. — Espere até chegarmos à cidade de Novorossiisk, ou seja, até irmos de novo para o sul. Ali há lugares em que vale realmente passar a vista. Você verá, por exemplo, Sótchi, Ádler, Tuapsé e, depois, meu caro, ainda Sukhum e Batum... É de encher os olhos... Tem lá, por exemplo, uma palmeira... Impressionante! O tronco aveludado, como que feito de feltro, e cada folha é tão grande, que embaixo dela poderíamos nos abrigar.



— Jura?! — surpreendia-se Serguei, animado.

— Você mesmo verá. Ih, quer mais? Há laranjas e até limões, por exemplo... Já os viu nas mercearias?

— Sim...

— Pois é, crescem à vontade. Sem nada além de ar, dão nas árvores, são como as maçãs e as peras para nós... E o povo lá, meu caro, é singular: turcos, persas, todo tipo de circassianos, todos de cafetãs e adagas na cintura... E são cabeça quente! E ainda, meu caro, os etíopes. Eu os vi diversas vezes em Batum.

— Etíopes? Estes eu conheço. Aqueles com chifres — disse Serguei, convicto.

— Chifres, a bem da verdade, eles não têm, isso é mentira. Eles têm a pele negra e brilhante como uma bota lustrada. Lábios carnudos e vermelhos, olhos brancos e cabelos encaracolados, como os pelos pretos de um carneiro.

— Dão medo... os etíopes?

— Como dizer? Por falta de hábito, no início você sente algum receio... Depois você percebe que os outros não se importam e isso o encoraja... Sim, meu querido, há muita variedade por lá. Quando chegarmos, você mesmo verá. A única coisa ruim é a malária. Ao redor há pântanos e brejos sujos, e um calor infernal. Para os locais nada disso faz mal, mas para as pessoas de fora é um sofrimento e tanto. Mas, meu amigo, chega de conversa fiada. Passe por baixo desse



portão. Nessa datcha vivem senhores muito bons. Pode crer!
Eu sei das coisas!

Nesse dia, porém, eles não tiveram sorte. De uns lugares foram expulsos de longe; em outros, às primeiras notas roupas e roufenhas do realejo, responderam dos terraços com gestos impacientes e irritados; em alguns, os empregados comunicaram que os senhores ainda não tinham chegado. Em duas datches, é verdade, eles conseguiram receber pela apresentação, mas muito pouco. O velho, porém, não desdenhava de ganhos miúdos. Saindo dos portões na direção da estrada, ele, com ar satisfeito, chacoalhava as moedinhas no bolso dizendo bondosamente:

— Dois e cinco dão sete copeques... Pois bem, Serioja, isso também é dinheiro. Sete vezes sete dão quase cinquenta; isso significa que nós três seremos bem alimentados e teremos um lugar para pernoitar, e o velho Lodyjkin, por sua fraqueza e grande esforço, terá direito a um pequeno cálice... Pois é, os patrões não compreendem isso! Dar uma moeda de cinco consideram vergonhoso e dar uma de vinte um desperdício... Então mandam você embora. Que sejam três copeques, são mais que nada... Eu não me ofendo, por mim tudo bem... Por que é que eu me ofenderia?

Em geral, Lodyjkin era um homem de temperamento pacato e, mesmo quando era expulso dos lugares, não se queixava. Mas, nesse dia, ele foi tirado de seu habitual estado de serenidade por uma senhora simpática e rechonchuda



que, à primeira vista, parecia generosa. Era proprietária de uma linda datcha cercada por um jardim cheio de flores. Ela escutou a música com atenção e viu, ainda mais atenta, os números acrobáticos de Serguei e os truques engraçados de Artô. Depois da apresentação, demoradamente conversou com o garoto, perguntando quantos anos tinha, como se chamava, onde havia aprendido ginástica, qual era o parentesco com o velho, quem eram seus pais, etc. Então mandou-os aguardar do lado de fora e saiu da sala.

Passaram dez minutos, depois quinze, e ela não aparecia, e, quanto mais tempo passava, mais cresciam as expectativas indefinidas e sedutoras dos artistas. O velho até sussurrou no ouvido do menino, encobrindo cautelosamente a boca com a palma da mão:

— Escute, Serioja, demos sorte, eu sei das coisas. Na certa, ela dará uma peça de roupa ou um par de calçados. Pode crer!...

Finalmente a dona apareceu no terraço, jogou de cima uma moedinha prateada na cartola esticada por Serguei e imediatamente se retirou. Era uma moeda velha e gasta de dez copeques e, ainda por cima, furada no meio. O velho longamente a observou, atônito. Já andando pela estrada, bem longe da propriedade, ele ainda segurava a moedinha na mão, como se a pesasse.

— Hu-u-u-m... Bem feito! — proferiu ele repentinamente, detendo-se. — Que resta dizer?... Nós, três paspalhos, nos



empenhamos para valer! O melhor seria nos jogar um botão. Este, pelo menos, serviria para prender em algo. E o que vou fazer com esta porcaria? A madame deve pensar: ah, aquele velhote de qualquer jeito usará a moeda com alguém de madrugada, no escuro. Pois está muito enganada, dona, o velho Lodýjkin não faz essas indecências! Tome seus preciosos vinténs! Lá vai!

Cheio de indignação e orgulho, o velho arremessou ao chão a moeda, que tilintou baixinho e afundou na poeira branca da estrada.

Assim, o velho, o menino e o cão percorreram uma localidade inteira de datchas, indo pelo caminho do mar. À frente deles, do lado esquerdo da estrada, encontrava-se a última. O casarão escondia-se atrás de um muro alto e branco, ao longo do qual sobressaía uma densa fileira de ciprestes finos e empoeirados, lembrando fusos pontiagudos e enegrecidos. Só chegando perto dos portões de ferro com um trançado esmerado, podia-se ver um canto do gramado fresco e sedoso, de um verde vivo, com canteiros arredondados e, no fundo, uma aleia de passagem coberta com uvas silvestres. No meio do gramado, o jardineiro regava as rosas com uma mangueira comprida. Ele tampou a extremidade do cano com o dedo e, sob o sol, respingos jorravam em forma de chafariz, refletindo todas as cores do arco-íris.

O vovô Lodýjkin ia passar direto, mas, ao olhar pelo portão, parou, atônito.



— Espere um pouco, Serioja — chamou ele. — Não é que tem gente se mexendo ali? Ora essa! Tantos anos andando nos arredores e nunca vi uma alma viva dentro. Vamos, companheiro!

— “Vila da Amizade, a entrada de estranhos é estritamente proibida” — o menino leu a placa talhada com arte num dos postes que escoravam o portão.

— “Amizade”?... — repetiu o velho analfabeto. — Isso mesmo! É a palavra mais verdadeira, a amizade. O dia todo a coisa empacou para o nosso lado, agora pegaremos o que nos cabe. Pode crer, eu farejo isso feito um cão de caça. Artô, *ici*,⁴ filho de uma cachorra! Entre, Serioja, seja corajoso. Sempre me dê ouvidos, eu sei das coisas!

3

As sendas do jardim estavam cobertas com cascalho graúdo, que farfalhava sob os pés, e decoradas, nas laterais, com grandes conchas cor-de-rosa. Nos canteiros, sobre uma relva variegada de ervas multicolores, surgiam flores exóticas exalando um aroma doce no ar. A água cristalina murmurava ao borifar em lagos artificiais; guirlandas de folhas entrelaçadas caíam de lindos vasos suspensos no ar entre as árvores. Sobre pilares de mármore, que emolduravam a entrada da casa, havia duas esferas espelhadas, nelas os saltimbancos se

4. *Ici*, do francês: “aqui”.



refletiram de cabeça para baixo, em uma imagem engraçada, toda alongada e contorcida.

Na frente do terraço, havia um grande pátio de terra batida. Serguei estendia ali seu tapetinho, e o velho, que havia apoiado o realejo num bastão, estava prestes a girar a manivela quando uma cena inesperada e estranha desviou sua atenção.

Um menino entre oito e dez anos, saindo de um dos quartos, lançou-se no terraço feito um projétil, gritando com voz estridente. Vestia uma roupinha de marinheiro que deixava seus braços e joelhos à mostra. Seus cabelos loiros e cacheados caíam desordenadamente nos ombros. Atrás dele saíram correndo seis pessoas: duas empregadas de aventais; um mordomo velho e gordo de fraque, sem barba e sem bigodes, mas com costeletas longas e grisalhas; uma moça magricela de cabelos ruivos e nariz vermelho com um vestido xadrez azul; uma jovem senhora de aspecto doentio, mas muito bonita, usando um penhoar azul-claro de renda; e, finalmente, um senhor careca e rechonchudo, de terno de seda e óculos dourados. Todos pareciam muito nervosos, gesticulavam, falavam alto e até se empurravam. Não era difícil adivinhar que o motivo das preocupações era o menino de roupa de marinheiro que tão repentinamente surgiu no terraço.

Enquanto isso, o culpado de todo o alvoroço, sem parar nem por um segundo de gritar, atirou-se de bruços no chão de pedra, virou rápido de costas e começou furiosamente a



agitá os braços e as pernas. Os adultos o rodearam, aflitos. O velho mordomo de fraque, encostando com ar de súplica as mãos no peito de camisa engomada, disse queixosamente, balançando as costeletas:

— Meu caro senhor! Nikolai Apollónovitch!... Por favor, não dê esse desgosto à sua mãe, levante-se... Seja bonzinho, tome o remédio. O xarope é muito doce, uma calda de açúcar! Faça o favor, levante-se...

As criadas de aventais lançavam os braços para o alto e chilreavam com vozes servis e assustadas. A moça de nariz vermelho gesticulava dramaticamente gritando algo importante, mas de todo incompreensível, decerto em língua estrangeira. O senhor de óculos dourados persuadia o menino em tom ponderado, inclinando a cabeça de um lado para outro e conduzindo as mãos com gravidade. E a jovem senhora gemia languidamente, pressionando um lenço de renda no canto dos olhos:

— Oh, Trilly, ah, meu Deus!... Meu anjo, eu imploro. Escute, a sua mãe está implorando a você. Por favor, tome já, tome seu remédio. Você verá que ficará bom num instante: a barriguinha parará de doer e a cabeça também. Faça isso por mim, meu docinho! Pois bem, quer que a mamãe fique de joelhos, não é?... Olhe, estou de joelhos na sua frente. Quer uma moedinha de ouro? Duas? Cinco moedinhass, hem, Trilly? Quer um burrinho de verdade? Quem sabe um cavalinho?... Fale alguma coisa para ele, doutor!...



— Escute, Trilly, seja homem, afinal — falou em tom grave o senhor de óculos dourados.

— Ai-ai-aaai! — berrava o menino, contorcendo-se pelo terraço e esperneando com desespero.

Apesar de sua extrema agitação, ele não perdia a chance de chutar com as botas as barrigas e as pernas das pessoas ao seu redor, as quais, aliás, conseguiam se desviar com bastante habilidade.

Serguei, que havia tempo observava curioso e espantado essa cena, cutucou de leve seu velho companheiro.

— Vovô Lodyjkin, o que há com ele? — perguntou baixinho.

— Será que iam lhe dar uma surra?

— Imagine, uma surra... Ele mesmo é capaz de surrar qualquer um. É apenas um menino sem juízo. Talvez doente.

— Possuído? — tentou adivinhar Serguei.

— E eu vou lá saber? Fale baixo!...

— Ai-ai-ai! Inúteis! Idi-o-tas!... — o garoto gritava cada vez mais alto.

— Comece o número, Serguei. Sei o que estou fazendo!

— mandou de repente Lodyjkin e, com ar decidido, girou a manivela do realejo.

Os sons roufenhos e dissonantes do antigo galope invadiram o jardim. Todos da varanda estremeceram ao mesmo tempo, até o menino se calou por um instante.

— Ah, meu Deus, eles irão deixar o pobre Trilly ainda mais abalado! — exclamou a madame chorosa de penhoar



azul-claro. — Mandem-nos embora daqui, rápido! E ainda esse cão sujo com eles. Os cachorros trazem doenças horíveis. Não fique parado como uma estátua, Ivan! — com expressão cansada e de repugnância, ela abanou o lenço na direção dos artistas.

A magrela de nariz vermelho arregalou os olhos de raiva, alguém começou a resmungar em tom de ameaça... O homem de fraque, em passos apressados e suaves, desceu do terraço e, com uma expressão de pavor no rosto, abrindo os braços para os lados, correu na direção do tocador de realejo.

— Que pouca-vergonha! — disse em um sussurro sufocado e assustado, mas ao mesmo tempo autoritário e sério.

— Com que permissão? Quem os deixou entrar? Andem! Fora daqui!...

O realejo deu um pio desanimado e silenciou.

— Meu caro senhor, permita-me explicar... — começou delicadamente o velho.

— Nada disso! Fora! — gritou o mordomo, e da voz dele saiu um leve assobio.

Seu rosto gordo instantaneamente enrubesceu, enquanto os olhos arregalaram, quase saltando das órbitas, e começaram a se agitar. A imagem era tão amedrontadora, que Lodýjkin involuntariamente deu dois passos para trás.

— Arrume as coisas, Serguei — disse ele colocando apressadamente o realejo nas costas. — Vamos embora!



Nem deram dez passos, soaram do terraço novos gritos estridentes:

— Ai-ai-ai! Quero! De-e-ê! Para mim! Ah-ah-ah! Chame!

— Mas, Trilly!... Oh, meu Deus, Trilly! Ah, chamem-nos de volta — gemeu a dona, nervosa. — Ah, como vocês são desajeitados!... Ivan, está me ouvindo? Chame aqueles mendigos agora!...

— Escutem! Ei, vocês! Tocador de realejo! Voltem! — gritaram várias vozes do terraço.

O mordomo gordo, com as costeletas voando para os lados, saltou feito uma bola de borracha na direção dos artistas, que estavam partindo.

— Não!... Ei, músicos! Escutem! Parem! Voltem!... — gritava ele, ofegante, abanando os braços. — Meu velho — ele finalmente agarrou Lodýjin pela manga —, dê meia-volta! Os senhores irão ver a pantomima de vocês. Depressa!...

— Ora essa! — suspirou o velho, meneando a cabeça, mas se aproximou do terraço, tirou o realejo, firmando-o a sua frente sobre o bastão, e continuou a tocar o galope do ponto em que fora interrompido havia pouco.

A agitação na varanda se acalmou. A senhora, o menino e o homem de óculos dourados se aproximaram da balaustrada, os demais respeitosamente permaneceram no fundo. De dentro do jardim veio o jardineiro de avental e se posicionou perto de Lodýjin. Atrás do jardineiro, postou-se o caseiro vindo de algum canto. Era um sujeito enorme e bar-



budo, com a testa estreita e o rosto bexiguento do qual não desparecia uma expressão sombria. Ele vestia uma camisa nova cor-de-rosa com bolinhas pretas dispostas na diagonal.

Sob o som rouco e engasgado do galope, Serguei esticou seu tapetinho no solo, rapidamente tirou as calças de lona (elas tinham sido feitas de saco velho e atrás, na parte mais larga, aparecia a marca retangular do fabricante), tirou a jaqueta gasta e ficou de um velho macaquinho de tricô que, apesar das várias remendas, caía perfeitamente em seu corpo forte, flexível e gracioso. Ele já tinha aprendido, imitando ginastas adultos, as técnicas de um verdadeiro acrobata. Enquanto subia no tapete, levou as mãos aos lábios e, num gesto teatral, abriu os braços para os lados, mandando com esse movimento dois beijos ardentes ao público.

Com uma mão, Lodýjkin girava ininterruptamente a manivela do realejo, que produzia uma melodia trêmula e tossida; com a outra mão, arremessava ao menino diversos objetos, que ele, com destreza, pegava no ar. O repertório de Serguei era pequeno, mas seu trabalho era bom, “limpo”, como diziam os acrobatas, e executado com empenho. O garoto jogou para o alto uma garrafa vazia de cerveja, que girou algumas vezes no ar, aí ele a apanhou pelo gargalo com a borda de um prato, equilibrando-a assim por alguns segundos; fez malabarismo com quatro bolas de marfim e também com duas velas, que caíram ao mesmo tempo em castiçais; depois lançou para cima três objetos diferentes: um leque,



um charuto de madeira e uma sombrinha. Os três voavam pelo ar, sem tocar o chão, e, de repente, a sombrinha estava parada sobre a cabeça dele, o charuto metido na sua boca, e o leque abanando seu rosto de maneira sedutora. No encerramento, Serguei deu algumas cambalhotas no tapete, fez a posição do “sapo”, mostrou o “nó americano” e andou sobre as mãos. Ao esgotar sua reserva de truques, ele novamente lançou dois beijos ao público e, ofegante, foi até o vovô para substituí-lo no realejo.

Agora era a vez do Artô. O cão sabia bem disso e fazia tempo que pulava ansiosamente com as quatro patas sobre Lodyjin, latindo de maneira entrecortada e nervosa ao dono, o qual tentava se livrar, pelo lado, da alça do realejo. Quem sabe o poodle sabichão quisesse dizer com isso que, na sua opinião, não era prudente praticar exercícios acrobáticos quando fazia mais de vinte e sete graus na sombra? Mas Lodyjin, com olhar ladino, puxou das costas uma vareta de corniso. “Eu sabia!”, o cão com ar descontente deu um último latido e, preguiçoso e contrariado, ergueu-se nas patas traseiras, sem tirar os olhos piscantes do dono.

— De pé, Artô! Isso, isso, isso mesmo... — dizia o velho, mantendo a vareta sobre a cabeça do animal. — Agora vire ao contrário, mais, mais um pouco... Dance, cachorrinho, dance! Sente! O quê? Não quer? Eu disse sentado! Ê-hã... Muito bem! Obedeça, cachorrinho! Agora cumprimente o respei-



tável público! Artô! — Lodyjkin levantou a voz em tom de ameaça.

“Au!”, soltou o poodle com desprezo. Depois, piscando queixosamente, ergueu os olhos para o dono e acrescentou duas vezes: “Au, au!”.

“Não, meu velho não me comprehende!”, escutava-se em seu latido inconformado.

— Ah, bom, assim está melhor! A cortesia antes de tudo. Agora, vamos pular um pouco — continuava o velho, esticando a vareta perto do solo. — Avante! Não precisa mostrar a língua, amigo. Avante! Upa! Magnífico! Mais uma vez, noch einmal...⁵ Avante!... Upa! Avante! Upa! Magnífico, cachorrinho! Quando voltarmos para casa, ganhará uma cenourinha. Ah, você não come cenoura? Esqueci completamente. Então pegue a minha cartola e peça aos senhores. Quem sabe eles te concedam algo mais apetitoso.

Lodyjkin fez com que o cachorro levantasse sobre as patas de trás e enfiou em sua boca um velho quepe ensebado, que ele muito espirituosamente chamava de “cartola”. Segurando o quepe com os dentes e apoiando-se nas patas traseiras flexionadas, Artô se aproximou do terraço. Nas mãos da mulher de aspecto doentio surgiu um pequeno porta-moedas de madrepérola. Todos ao redor sorriam com compaixão.

5. Noch einmal, do alemão: “mais uma vez”.



— Viu? Eu não disse? — com entusiasmo sussurrou o velho, inclinando-se a Serguei. — Sempre me dê ouvidos, companheiro, eu sei das coisas. Não será menos de um rublo.

Nesse momento, do terraço soou um grito tão agudo e desesperado, quase desumano, que Artô, desamparado, deixou cair o quepe da boca e, pulando com o rabo entre as pernas, olhando para trás com medo, atirou-se aos pés do dono.

— Que-e-ro! — gritava o menino de cachos, batendo os pés. — Para mim! Quero! O ca-a-chorro! Trilly quer o cachorro-o-o!

— Ah, meu Deus! Ah! Nikolai Apollónovitch!... Meu bom senhor!... Acalme-se, Trilly, imploro a você! — novamente começou o alvoroço no terraço.

— Ca-a-chorro! Deem o cachorro! Quero o cachorro! Inúteis, diabos, idiotas! — o menino estava fora de si.

— Mas, meu anjo, não se torture assim! — balbuciava a dama de penhoar azul. — Você quer fazer um carinho no cachorro? Tudo bem, tudo bem, meu amor, agora mesmo. Doutor, o que o senhor acha, Trilly pode acariciar esse cachorro?

— Em geral, eu não aconselharia — ele fez um gesto vago afastando as mãos —, mas, se houver desinfecção, digamos, com ácido bórico ou uma solução diluída de fenol, então... Em geral...

— Ca-a-chorro!

— Um momentinho, meu amor, um momentinho. Pois bem, doutor, mandaremos lavar o cão com ácido bórico, en-



tão... Ah, Trilly, por favor, não se desespere assim! Faça o favor, velho, traga o cachorro para cá. Não se preocupe, o senhor será pago. Escute, ele tem alguma doença? Quer dizer, ele tem raiva? Ou talvez o verme da equinocose?

— Não quero fazer carinho, não quero! — gritava Trilly, espumando de raiva. — Quero para sempre! Diabos, imbecis! Todo meu! Quero brincar eu mesmo... Para sempre!

— Escute, velho, chegue mais perto — a madame tentava falar mais alto do que o filho. — Ah, Trilly, você ainda me mata com esses gritos. Ah, para que, meu Deus, deixaram esses músicos entrarem aqui?! Chegue mais perto, por Deus, mais... Eu disse mais perto! Assim... Ah, não fique tão aflito, Trilly, mamãe fará qualquer coisa por você. Mas imploro... Miss! Acalme a criança, afinal... Doutor, por favor... Quanto você quer, velho?

Lodýkin tirou o quepe. Seu rosto ganhou uma expressão cortês e sofredora.

— Quanto a dona desejar, senhora, Excelênciia.... Somos gente simples, para nós qualquer doação é uma bênção... Creio que a senhora não ofenderia um velho...

— Ah, como o senhor é confuso! Trilly, ficará com a gar-ganta dodói. Compreenda, o cachorro é seu, e não meu. En-tão, quanto? Dez? Quinze? Vinte?

— Ah-ah-ah! Eu que-e-ro! Dê o cachorro, dê o cachorro — o menino se esgoelava e chutava a barriga redonda do mordomo.



— Quer dizer... perdoe, Excelênciá — Lodyjkin dissimulou.

— Sou um homem velho e tolo... Não entendo tudo de uma vez... Também sou meio surdo... O que a senhora disse?... Pelo cão?

— Ah, meu Deus!... O senhor quer se fazer de idiota? — a mulher ficou irritada. — Babá, traga um pouco de água para Trilly, depressa! Eu estou falando na mesma língua do senhor: por quanto você venderia seu cachorro? O senhor entende, o cachorro, o seu cachorro...

— Cachorro! Cachorro! — gritava o menino, mais estri-dente.

Lodyjkin, ofendido, colocou o quepe na cabeça.

— Não vendo cachorros, madame — proferiu friamente e com dignidade. — E este cão, minha senhora, a bem da verdade, a nós dois — ele apontou com o dedão para Serguei —, a nós dois ele alimenta, veste e sustenta. E não se pode, de maneira alguma, fazer uma coisa dessas, quer dizer, vendê-lo.

Nesse momento, a voz de Trilly atingiu a altura de um silvo de locomotiva. Deram-lhe um copo de água, mas ele o lançou com raiva no rosto da governanta.

— Escute, velho insano! Não existe coisa que não possa ser vendida — insistia a dona pressionando as têmporas com as mãos. — Miss, enxugue logo o rosto e traga o meu remédio para enxaqueca. Talvez o seu cão custe cem rublos? Ou duzentos? Trezentos? Responda, sua estátua! Doutor, pelo amor de Deus, diga alguma coisa para ele!



— Arrume as suas coisas, Serguei — resmungou Lodýjkin, taciturno. — Es-tá-tua... Artô, venha cá!...

— Espere aí, meu caro — o homem gordo de óculos dourados falou de modo arrastado e autoritário. — É melhor você não se fazer de difícil, meu caro, eis o que tenho a dizer: seu cachorro não vale mais de dez rublos, e este preço inclui a sua parte... Pense bem no que estão lhe oferecendo, trouxa!

— Muito agradecido, caro senhor, é que... — Lodýjkin, gemendo de dor, pôs o realejo de volta nos ombros —, é que não há como fazer esse negócio, quer dizer, vender. Melhor os senhores procurarem outro cãozinho por aí... Passem bem... Serguei, vá andando!

— Cadê o seu passaporte? — de repente o doutor levantou a voz, em tom de ameaça. — Conheço canalhas como você!

— Caseiro! Semion! Mande-os embora! — gritou a dama com o rosto distorcido de raiva.

O caseiro sombrio de camisa cor-de-rosa aproximou-se com aspecto sinistro dos artistas. Enquanto isso, no terraço se levantou uma gritaria terrível de diferentes vozes: Trilly berrava, fora de si; sua mãe dava gemidos; a babá e sua ajudante diziam lamentosligeiros e repetitivos; o médico, parecendo um zangão irritado, zunia num baixo encorpado. Mas vovô Lodýjkin e Serguei não ficaram tempo suficiente para ver o desfecho da cena. Precedidos pelo assustado poodle, eles praticamente correram até os portões. Atrás



deles vinha o caseiro, empurrando o realejo e falando em voz ameaçadora:

— Ficam de vadiagem por aí, vigaristas! Agradeça a Deus, matusalém, por não terem levado uma surra. Na próxima vez que aparecerem aqui, saiba que não vou me segurar, apanharei vocês pelo cangote e levarei para a polícia. Imprestáveis!

Por longo tempo o velho e o garoto andaram em silêncio, mas, de repente, como se tivessem combinando, trocaram olhares e caíram na risada: primeiro, Serguei e, em seguida, olhando para o menino, o próprio Lodýjkin, embora este risse com certo constrangimento.

— Então, vovô Lodýjkin? Você sabe das coisas, hem? — provocava-o Serguei com malícia.

— Pois é, companheiro. Fomos enganados — o velho balançou a cabeça. — Mas que menininho virulento é aquele... E como é que o educaram assim, puxa vida? Haja paciência: vinte e cinco pessoas ficam dançando ao redor dele. Fosse meu, eu lhe mostraria o que é bom para a tosse! Deem o cachorro, dizia... Como pode? Se amanhã ele quiser a Lua do céu, lhe darão a Lua? Venha cá, Artô, meu cachorrinho. Que dia... É impressionante!

— Não poderia ter sido melhor! — Serguei continuava a zombar dele. — Uma madame deu uma peça de roupa, outra um rublo inteiro. Você, vovô Lodýjkin, sabe mesmo prever o futuro.



— E você fique quieto, toco de gente — retrucou o velho sem raiva. — Lembra como fugiu do caseiro? Pensei que eu não alcançaria você. Um homem sério é aquele caseiro.

Saindo do parque, os saltimbancos desceram por uma trilha íngreme e escorregadia até o mar. Ali, as montanhas se recolheram um pouco, dando espaço a uma faixa estreita de pedras, as quais haviam sido polidas pela ressaca e, agora, eram delicadamente banhadas pelo mar, que sussurrava sem alarde. A umas duzentas braças da costa, delfins davam saltos na água, mostrando por um instante suas costas oleosas e arredondadas. Ao longe, no horizonte, onde a superfície sedosa azul-clara do mar era circundada por uma borda averludada azul-escura, erguiam-se as velas esbeltas e rosadas de sol dos barcos de pesca.

— É aí que vamos nos banhar, vovô Lodýjin — decidido, disse Serguei, que já tinha tirado suas calças no caminho, ora pulando num pé, ora no outro. — Deixe-me ajudar a tirar o órgão.

O menino rapidamente se livrou do resto da roupa, bateu sonoramente as palmas no corpo bronzeado, cor de chocolate, e se jogou na água, levantando ao redor muita espuma borbulhante.

O velho se despia sem pressa. Protegendo os olhos semi-cerrados do sol com a palma da mão, ele observava Serguei e sorria com ternura.



“Quem diria, o rapazinho está crescendo”, pensava Lodýjkin, “embora seja só pele e osso, dará um jovem forte.”

— Ei, Serioja! Não vá muito longe. O porco-do-mar pegará você.

— Eu é que o pegarei pelo rabo! — gritou o menino de longe.

O velho ficou muito tempo sob o sol, apalpando volta e meia debaixo dos braços. Para a água ele foi com muito cuidado e, antes de mergulhar, molhou aplicadamente a calva vermelha e os flancos magros. Seu corpo amarelo era flácido e fraco; as pernas incrivelmente finas; as costas, com escápulas acentuadas, curvaram-se depois dos longos anos carregando o realejo.

— Vovô Lodýjkin, olhe! — gritou Serguei.

Ele deu uma cambalhota na água, jogando as pernas por cima da cabeça.

O velho, que estava agachado com água até a cintura e gemia de satisfação, gritou preocupado:

— Ei, nada de brincadeiras, porquinho! Cuidado!

Artô latia freneticamente e dava pulos na beira do mar. Afligia-se por Serguei ter se afastado muito. “Para que se fazer de valente?”, agitava-se o poodle. “Há terra o suficiente para se andar. É melhor assim.”

Ele próprio tinha entrado no mar até a barriga encostar na água, dando algumas lambidas para experimentá-la. Mas a água salgada não o agradou e as ondas leves que rumo-



rejavam sobre o cascalho o assustavam. O cão pulou para a margem e pôs-se a latir para Serguei de novo. “Para que esses truques bobos? Por que não ficar sentado na beira do mar ao lado do velho? Ah, quantas preocupações me dá esse menino!”

— Ei, Serioja, saia daí, já chega, de verdade! — chamou o velho.

— Estou indo, vovô Lodýjkin — respondeu o menino. — Vou de navio: U-u-u-u-u!

Ele finalmente nadou até a margem, mas, antes de se vestir, pegou Artô nos braços e, voltando com ele ao mar, arremessou-o longe na água. O cachorro, ofendido, no mesmo instante nadou de volta, bufando alto e mostrando apenas a cabeça e as orelhas, que pareciam flutuar. Já em um local seco, ele sacudiu o corpo com força e uma chuva de respingos jorrou sobre o velho e o menino.

— Olhe lá, Serioja, será que está atrás de nós? — Lodýjkin olhava atentamente para cima, na direção da montanha.

Pela trilha íngreme vinha correndo, gritando sons indistintos e abanando os braços, o caseiro sombrio de camisa cor-de-rosa com bolinhas pretas, aquele mesmo que um quarto de hora atrás havia expulsado a trupe itinerante da datcha.

— O que é que ele quer? — indagou o velho, perplexo.



O caseiro continuava a gritar enquanto descia correndo a montanha em um trote desajeitado, nisso tremulavam ao vento as mangas de sua camisa, que inflava feito uma vela.

— O-o-o! Esperem um pouco!...

— Que peste! — resmungou Lodykin, irritado. — Lá vem ele de novo com essa história do Artô.

— Vovô, vamos lhe dar uma surra! — propôs Serguei, corajoso.

— Deixe disso... Mas que tipo de gente é essa? Que Deus me perdoe!...

— Escutem, é o seguinte — começou ainda de longe o caseiro, ofegante. — Será que não venderiam mesmo o cão? Não há jeito de acalmar o senhorzinho. Berra feito um bezerro. “Quero porque quero o cachorro”, e ponto... A dona mandou comprar, não importa quanto custará.

— É algo bastante tolo da parte da sua dona! — zangou-se de repente Lodykin, que ali, na beira do mar, sentia-se mais confiante do que numa propriedade alheia. — E que dona ela é para mim? Pode ser que ela seja a sua dona, mas para mim é um nada ao quadrado. E, por favor, eu estou pedindo... fique longe de nós, em nome de Cristo... não amole.

O caseiro, porém, não desistia. Ele se sentou nas pedras, ao lado do velho, e continuou a falar, apontando sem jeito os dedos a sua frente:

— Como é que não entende, estúpido?...



— O estúpido é quem me fala — cortou calmamente o velho.

— Espere... não é isso... Que homem turrão... Pense bem: o que esse cachorro tem de especial? Arrume outro filhote, ensine a ficar de pé, e terá um novo cão. Então? Não estou certo? O que me diz?

O velho estava cingindo atentamente o cinto em torno da calça. A todas as perguntas insistentes do caseiro, ele respondia com uma indiferença fingida:

— Desembuche logo... Depois respondo de uma vez.

— Veja bem, irmão, ganhará uma nota! — esquentava o caseiro. — Duzentos ou mesmo trezentos rublos na mão! E, como de praxe, um troco para mim pelo esforço... Pense bem: três centenas! Pode até abrir uma mercearia na hora...

Ao falar isso, ele sacou do bolso um pedaço de linguiça e o jogou para o poodle. Artô apanhou-o no ar, engolindo-o de uma vez, e abanou o rabo em sinal de agrado.

— Terminou? — perguntou Lodykin secamente.

— Nada a acrescentar. Entregue o cão e — negócio fechado.

— Então, é isso? — disse Martyn, zombeteiro. — Vender o cachorro, é isso?

— Basicamente. O que mais você quer? É que o nosso senhorzinho não tem lá muito juízo. Se quer alguma coisa, põe a casa em alvoroço. Deem e fim de papo. Isso quando o pai não está. Já quando ele chega, misericórdia!... O menino vira



tudo de cabeça para baixo. Nossa patrão é engenheiro, talvez tenham ouvido falar dele, senhor Oboliáninov? Constrói ferrovias pela Rússia inteira. Um *millionnaire!* O moleque é filho único. Cheio de caprichos. Quero um pônei — tome o pônei. Quero um barco — tome um barco de verdade. Não recusam nada, nadinha...

— E a Lua?

— Que Lua?

— A do céu, nenhuma vez ele pediu a Lua?

— O que a Lua veio fazer na conversa?... Cada uma! — o caseiro ficou desconcertado. — Então, meu caro, temos um trato?

O velho, que nesse intervalo teve tempo de vestir seu paletó marrom de costuras esverdeadas, endireitou-se com orgulho, o máximo que suas costas curvas permitiram.

— Só tenho uma coisa a lhe dizer, moço — começou Martyn um tanto cerimoniosamente. — Digamos que você tenha um irmão ou mesmo um amigo da mais tenra infância... Espere, companheiro, não desperdice sua linguiça com o cachorro... É melhor você mesmo comê-la, pois esse aqui não se ganha com guloseimas. Então, como eu ia dizendo, se tivesse um amigo leal... de infância... Por quanto você o venderia?

— Não tem comparação!

— Eu digo que tem. E pode falar para seu patrão, que constrói as ferrovias — Lodyjkin elevou a voz —, pode falar



que nem tudo o que se compra está à venda. Tenho dito! E pare de acariciar o cão, não vejo necessidade disso. Artô, venha cá, filho de uma cachorra! Serguei, arrume as coisas.

— Você é mesmo um velho tolo — o caseiro, finalmente, não se conteve.

— Tolo, mas vivido — retrucou o velho —, e você é um grosseirão, um Judas que vendeu a alma — afrontou ele. — Quando encontrar sua madame, transmite nossas calorosas lembranças! Enrole o tapete, Serguei, vamos embora! Ah, minhas pobres costas... Vamos!

— Então, é assim?... — soltou o mujique significativamente.

— É! Passe bem! — respondeu Martyn com ar de desafio.

Os artistas andaram ao longo da margem do mar e subiram pelo mesmo caminho. Ao virar ocasionalmente para trás, Serguei viu que o caseiro os seguia com os olhos. Tinha aspecto pensativo e sombrio. Com a mão inteira sob o chapéu que lhe caía nos olhos, ele se ocupava em coçar a nuca ruiva e desgrenhada.

Muito tempo atrás, Martyn Lodýjkin, descendo a estrada de baixo, encontrara um lugarzinho, entre Miskhor e Alupka, onde se podia tomar um tranquilo café da manhã. E foi para lá que ele levou seus companheiros. Não longe de uma ponte que cruzava um riacho de montanha revolto e lamacento, um filete de água gelada e ruidosa jorrava à sombra de carvalhos



tortos e de castanheiras grossas. A água formava no solo uma poça de onde serpenteava até o riacho, brilhando como prata em meio à relva. Perto dessa nascente, de manhã e de noite, podia-se ver turcos devotos bebendo água e fazendo rituais de purificação.

— Grandes são os nossos pecados e escassas as nossas reservas — sentenciou o velho ao sentar-se num local fresco sob uma castanheira. — Venha cá, Serioja, Deus abençoe!

Ele tirou de um saco de tecido pão, uma dezena de tomates vermelhos, um pedaço de um queijo da Bessarábia chamado *brynya* e uma garrafa de azeite de oliva. O sal ele guardava dentro de uma trouxinha de pano de limpeza duvidosa. Antes de comer, o velho ficou muito tempo fazendo o sinal da cruz e sussurrando. Depois partiu o naco de pão em três pedaços desiguais: o maior esticou para Serguei (“está crescendo e precisa se alimentar”), o segundo, um pouco menor, deixou para o *poodle*, e o menorzinho pegou para si.

— Em nome do Pai e do Filho. Nossos olhos com esperança estão fitos no Senhor — balbuciava ele distribuindo ansiosamente as porções de pão salpicadas de azeite. — Desfrute a refeição, Serguei!

Em silêncio, calmamente e sem pressa, como comem os verdadeiros trabalhadores, os três fizeram sua humilde refeição. Ouvia-se apenas o som de três pares de mandíbulas mastigando. Artô comia sua parte afastado, ao lado, esticando-se sobre a barriga e segurando o pão com as patas da





frente. Vovô Lodýjkin e Serguei, alternando-se, enfiavam no sal os tomates maduros, cujo suco vermelho como sangue escorria pelos lábios e pelas mãos deles, então rebatiam com o pão e o queijo. Saciados, eles beberam água, colocando uma caneca de estanho sob o jato da nascente. A água cristalina tinha um sabor maravilhoso e era tão gelada, que a caneca ficou embaçada por fora. O calor do meio-dia e a longa caminhada exauriram os artistas, que tinham acordado com o amanhecer. Os olhos de Martyn se entrefechavam, Serguei bocejava e se espreguiçava.

— Então, meu amigo, será que cochilamos um pouquinho? — perguntou o velho. — Deixe-me dar um último gole de água. Ah, que delícia! — falou sonoramente, tirando os lábios da caneca e retomando o fôlego com dificuldade, enquanto gotas brilhantes caíam de seus bigodes e de sua barba. — Se eu fosse um rei, só dessa água beberia... De manhã até a noite! Artô, ici, aqui! Muito bem, Deus nos alimentou, ninguém viu e, se viu, não se ofendeu... Ai-ai...

O velho e o menino deitaram lado a lado sobre a grama, colocando embaixo das cabeças seus velhos paletós dobrados. Sobre eles farfalhava a folhagem escura dos carvalhos tortos e frondosos. E através dela surgia o azul de um céu limpo. O riacho, correndo de pedra em pedra, soava de maneira tão regular e insinuante, que poderia enfeitiçar alguém com esses murmurios hipnóticos. O velho se revirava, dava gemidos e falava algo, mas a Serguei parecia que sua voz



vinha de algum lugar distante, suave e terno, e as palavras eram incomprensíveis como em um conto de fadas.

— Em primeiro lugar, vou comprar um traje de acrobata para você: cor-de-rosa com detalhes em ouro... Os sapatos também cor-de-rosa, de cetim... Em Kiev ou Khárkov ou, digamos, na cidade de Odessa, ali, meu caro, tem cada circo! Lamparinas a perder de vista... E luzes acesas em todo lugar... Um mundaréu de gente, cinco mil pessoas ou mais... Como vou saber? Inventaremos um sobrenome para você, sem falta um italiano. O que vale um Estiféiev ou, digamos, um Lodýjin? Nadica, não há nenhuma imaginação neles. Nos cartazes você será Antonio ou, quem sabe, Enrico ou Alfonso...

O garoto não ouvia mais nada. Uma sonolência doce e temida tomou conta dele, paralisando seu corpo e tirando-lhe as forças. Vovô Lodýkin também adormeceu, perdendo repentinamente o fio de suas divagações preferidas de depois do almoço sobre o futuro brilhante de Serguei no circo. Em algum momento, durante seu sono, Martyn teve a impressão de que Artô rosnou para alguém. Por um instante, uma lembrança semiconsciente e inquietante sobre aquele caseiro de camisa cor-de-rosa passou pela mente enevoada do velho, mas, vencido pelo sono, pelo cansaço e pelo calor, ele não conseguiu se levantar e apenas chamou pelo cão, preguiçosamente e de olhos fechados:

— Artô... para onde vai? Venha cá, sem-vergonha!



Mas os pensamentos dele logo emaranharam e dissiparam-se em visões disformes.

A voz de Serguei o despertou. O menino corria de lá para cá pela beira do riacho, assoviando e gritando com estridência, aflito e assustado:

— Artô, ici! Volte! Psiu! Psiu! Psiu! Artô, volte!

— O que houve, Serguei? Por que está gritando? — perguntou Lodýjkin, incomodado, desdobrando com dificuldade o braço adormecido.

— Vacilamos, é isso que houve! — irritado, o menino respondeu grosseiramente. — O cachorro desapareceu.

Ele assoviou de maneira cortante e mais uma vez deu um grito prolongado:

— Artô-ô-ô!

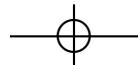
— Pare de inventar histórias! Ele vai voltar — respondeu Lodýjkin. No entanto, rapidamente se levantou e pôs-se a chamar pelo cachorro com a voz aguda de velho, brava e rouca de sono.

— Venha cá, Artô, filho de uma cachorra!

Com passos curtos e desnorteados, ele atravessou às pressas a ponte e subiu, sem parar de chamar pelo cachorro. À sua vista, estendia-se quase meio quilômetro do pavimento branco e regular de uma estrada vazia, sem nenhuma figura ou sombra.

— Artô! Artôchenka!⁶ — uivou o velho com angústia.

6. Artôchenka, diminutivo de Artô.





De repente, ele parou, inclinou-se e ficou de cócoras.

— Aí está! — disse o velho com a voz enfraquecida. —
Serguei! Serioja, venha cá.

— Que é? — indagou o menino, ríspido, aproximando-se
de Lodykin. — Achou um tesouro?

— Veja, Serioja, o que é isso? Isso aqui? Você entende? —
perguntava o velho Martyn em voz quase inaudível.

Ele encarou o menino com olhos perdidos e cheios de dor,
enquanto sua mão, apontada para o solo, balançava de um
lado para outro.

Sobre a poeira branca da estrada, um grande pedaço de
linguiça, comido pela metade, estava jogado e, ao redor, por
todo lado, se espalhavam pegadas de cachorro.

— Levou o cão embora, canalha! — sussurrou o velho,
assustado, ainda de cócoras. — Só pode ter sido ele, está
claro como o dia... Lembra como na beira do mar ele deu
linguiça para Artô?

— Tão claro como o dia — repetiu Serguei, sombria e furi-
osamente.

Os olhos escancarados do velho de repente começaram
a piscar, debulhando-se em lágrimas. Ele as cobriu com as
mãos.

— O que faremos agora, Serioja? Hem? O que faremos? —
repetiu o velho, oscilando para a frente e para trás, soluçando,
impotente.



— O que faremos? — imitou-o Serguei. — Levante-se, vovô Lodyjkin, Vamos!

— Vamos... — repetiu o velho, desanimado e obediente, erguendo-se. — Pois é, vamos, meu querido...

Serguei perdeu a paciência e gritou com vovô Lodyjkin como se este fosse uma criança:

— Chega de choramingar, velho. Onde é que se viu uma coisa dessas? Apanhar o cachorro dos outros? Por que está piscando os olhos para mim? Não tenho razão? Iremos lá e diremos sem rodeios: “Devolva nosso cachorro!”. Senão, iremos ao juiz de paz. E ponto-final!

— Ao juiz, ah é... Claro... Você está certo... — repetia Lodyjkin com um sorriso amargo e disparatado no rosto, enquanto seus olhos se agitavam, confusos e constrangidos. — Ao juiz... Sim... Só que tem uma coisa, Serioja... Essa coisa de juiz não vai bem...

— Como não vai bem? A lei é para todos. Para que ficar cheio de não me toques com ele? — interrompeu o menino, impaciente.

— Olhe, Serguei, não fique bravo comigo. Eles não vão devolver nosso cachorro — vovô Lodyjkin abaixou o tom da voz, misterioso. — Estou preocupado com a história do passaporte. Escutou o que aquele doutor falou? Perguntou se eu tinha um passaporte. Aí é que está, Serguei. É que eu tenho — uma expressão de pavor imprimiu-se no rosto do



velho — o passaporte de outro homem — dizia em voz tão baixa, que mal se ouvia.

— Como, de outro homem?

— É assim... Perdi o meu na cidade de Taganrog ou, quem sabe, o roubaram. Uns dois anos eu me virei sem ele: me escondia, dava propinas, enviava requerimentos... Até que percebi que não havia jeito de continuar assim. Vivia feito um coelho, sempre fugindo. Uma vida sem sossego. E, de repente, em Odessa, topei com um grego em uma hospedaria. “É moleza”, disse. “Dê vinte e cinco pratas, velho, que eu lhe forneço um passaporte para toda a vida.” Eu pensei com meus botões que estava perdido de qualquer maneira e concordei. Assim, desde então, meu querido, eu vivo com o passaporte de outro homem.

— Ah, vovô, vovô! — o menino deu um suspiro profundo e lacrimoso. — É pena perder o cachorro... Um cão tão maravilhoso...

— Ah, Serioja, meu querido! — o velho esticou os braços trêmulos na direção do garoto. — Se eu estivesse com o passaporte verdadeiro, acha que me importaria com o fato de serem *millionnaires*? Eu os pegaria pela garganta! “Como é que é? Com licença! Que direito têm de roubar cachorros alheios? Sob qual lei o fazem?” Mas, agora, estamos com as mãos atadas, Serioja. Se eu for à polícia, a primeira coisa que falarão é: “Cadê seu passaporte? Você é Martyn Lodyjkin, pequeno comerciante de Samara?”. “Eu, Excelência.” Só que



não sou nem Lodyjkin nem comerciante, sou o camponês Ivan Dúdkin. E não faço ideia de quem seja Lodyjkin, que Deus o proteja. De repente é um ladrão ou um condenado fugitivo? Ou, ainda, um assassino? Não, Serioja, não há nada que se possa fazer neste caso... Nada, Serguei...

A voz dele se calou, sufocada. Lágrimas escorriam por suas rugas profundas e marrons de sol. Serguei, pálido de preocupação e com as sobrancelhas franzidas, escutava em silêncio o velho enfraquecido quando, subitamente, o agarrou por baixo dos braços e começou a levantá-lo.

— Vamos, vovô — disse ele de forma imperativa e ao mesmo tempo terna. — Que o passaporte vá para inferno! Vamos lá! Não quer passar a noite no meio da estrada, quer?

— Meu querido, meu menino — disse o velho, tremendo por inteiro —, o cachorrinho era excepcional... Nosso Artóchenka... Nunca encontraremos outro como ele...

— Está bem, já chega... Levante-se — Serguei dava ordens. — Deixe-me tirar essa sua poeira. Não pode ficar nesse desânimo, vovô.

Nesse dia os saltimbancos não trabalharam mais. Apesar da pouca idade, Serguei compreendia muito bem o significado fatal da terrível palavra “passaporte”. Por essa razão, ele não insistiu em novas buscas por Artô, nem no juiz de paz, nem em outras medidas categóricas. Mas, enquanto ele caminhava ao lado do velho até uma hospedaria, de seu rosto não saía uma expressão inédita, compenetrada e obsti-



nada, era como se ele arquitetasse um plano grande e muito importante.

Sem terem combinado, mas evidentemente atraídos pelo mesmo desejo, deram uma volta proposital e significativa para mais uma vez passar na frente da “Vila da Amizade”. Eles se detiveram diante do portão na expectativa vaga de ver Artô ou ao menos de ouvir seu latido ao longe.

Mas os portões trançados da luxuosa datcha estavam bem fechados e, no jardim sombreado por ciprestes tristes e esbeltos, fazia um silêncio imperturbável, sufocante e imponente.

— Pa-trões! — resmungou o velho, depositando nessa palavra toda a mágoa ardente que transbordava de seu coração.

— Deixe para lá, vamos — ordenou severamente o menino, puxando-o pela manga.

— Serioja, pode ser que Artô ainda fuja deles, hem? — o velho pôs-se a soluçar novamente. — Será? O que acha, meu querido?

Mas o garoto não respondeu. Continuava a caminhar a passos largos e determinados. Seus olhos obstinados fitavam a estrada e as sobrancelhas delicadas franziam-se furiosamente.

6

Em silêncio chegaram até a cidade de Alupka. O velho gemeu e suspirou o caminho todo, enquanto Serguei manteve a expressão brava e decidida. Pararam para pernoitar numa



taberna turca e suja chamada Yildiz, que em turco significa "estrela". Eles se acomodaram com pedreiros gregos, escavadores turcos, alguns operários russos que viviam de trabalhos temporários e ainda alguns tipos sombrios e suspeitos, daqueles que são vistos com frequência vagando pelo sul da Rússia. Assim que a taberna fechou, na hora determinada, todos se deitaram em bancos dispostos ao longo das paredes ou direto no chão. Os mais experientes, por necessária precaução, colocaram embaixo de suas cabeças os pertences — roupas, objetos — mais preciosos que tinham.

Já havia passado muito da meia-noite quando Serguei, deitado no chão ao lado do vovô, se levantou cautelosamente e começou a se vestir sem fazer barulho. Pelas janelas largas do quarto, jorrava a luz pálida da lua, que desenhava no chão uma cerca trêmula e inclinada e iluminava os rostos das pessoas, deitadas de qualquer jeito, dando-lhes um aspecto sofrido e sem vida.

— Onde garroto ir tão tarde? — indagou a voz sonolenta do dono da taberna, o jovem turco Ibrahim, quando o menino se aproximou da porta.

— Deixe-me sair. É preciso! — retrucou Serguei com o ar sério de um homem de negócios. — Vá, levante a carcaça daí, turco!

Bocejando, coçando-se e estalando a língua em sinal de desaprovação, Ibrahim destrancou a porta. As ruas estreitas do mercado tártaro estavam mergulhadas numa densa som-



bra azul-escura, que cobria o pavimento com reflexos em forma de dentes e tocava as soleiras das casas do lado iluminado, com suas paredes baixas brilhando sob a luz branca e intensa da lua.

Ao longe, na extremidade da região, ouviam-se latidos de cães. De algum lugar, da estrada de cima, soou um tropel de cavalos em marcha rápida e cadenciada.

Depois de passar por uma mesquita branca com a cúpula verde em forma de cebola, cercada pelo conjunto silencioso de ciprestes escuros, o menino desceu por uma travessa estreita e sinuosa e chegou à estrada de baixo. Para ficar mais leve, Serguei não vestiu a roupa de cima, usando apenas o macaquinho de tricô. A lua caía-lhe nas costas e a sombra dele corria à frente, formando uma silhueta preta, estranha e encurtada. Pelos dois lados da estrada, escondiam-se arbustos escuros de folhagem pujante. Um passarinho gritava de dentro deles, em intervalos regulares, com uma voz fina e submissa: “Que so-o-no!...”. Parecia vigiar humildemente, na escuridão da noite, um segredo triste, lutando, impotente, contra o sono e o cansaço e lamentando baixinho, sem esperança: “Que so-o-no!...”. Em cima dos arbustos e dos cumes azulados de florestas longínquas, erguia-se, apoiando-se no céu com seus dois picos, o monte Ai-Petri, leve, nítido e flutuante, como se tivesse sido recortado de um pedaço gigante de cartolina prateada.



Serguei sentiu arrepios no meio desse silêncio majestoso, em que seus passos ecoavam de forma nítida e perturbadora, mas, ao mesmo tempo, em seu coração crescia uma valentia excitante e impetuosa. Em uma das curvas da estrada, o mar abria-se de repente. Imenso e calmo, ele ondulava de maneira pacífica e solene. Do horizonte até a costa, uma faixa estreita e prateada tremulava. No meio do mar, ela desaparecia, apenas por vezes cintilando, mas, ao chegar perto da terra, a faixa se derramava abundantemente como um metal vivo e brilhante, contornando a margem.

O garoto atravessou silenciosamente uma cancela de madeira que conduzia ao parque. Ali, entre árvores densas, erguia-se uma completa escuridão. Ao longe ele ouvia o ruído incessante do riacho e sentia a respiração fria e úmida. Sob seus pés o solo amadeirado da ponte ecoava ruidosamente. As águas negras por baixo dela o assustavam. Por fim, surgiram os altos portões trançados de ferro envolvidos pelos caules rastejantes das glicínias. A luz da lua, perpassando pelas copas das árvores, deslizava pelos entalhes dos portões em manchas fracas e fosfóricas. Do outro lado, no escuro, havia uma quietude vigilante, pronta a ser rompida.

Em alguns momentos Serguei hesitou, quase apavorado, mas conseguiu dominar esses sentimentos angustiantes e sussurrou:

— Eu vou mesmo assim! Não importa!



Ele não teve dificuldade para escalar os portões. As espirais de ferro que compunham o trançado serviram de apoio para suas mãos ágeis e as pequenas pernas musculosas. Em cima dos portões, numa altura considerável, havia um grande arco de pedra que ligava um poste ao outro. Serguei, tateando, subiu no arco, depois, apoiando-se na barriga, desceu as pernas no outro lado e começou, aos poucos, a empurrar o tronco para lá, sempre procurando com os pés uma saliência. Assim, ele ficou com quase todo o corpo pendurado do outro lado do arco, agarrando uma beirada com os dedos das mãos esticadas, mas seus pés não encontravam um apoio. Ele não cogitou na hora que, na parte de dentro, o arco sobressaía mais ao portão, e à medida que suas mãos adormeciam e seu corpo exaurido ficava mais pesado, o menino era invadido por um medo apavorante.

Por fim, Serguei não aguentou. Seus dedos, que agaravam um canto pontiagudo, se abriram e o garoto impetuosamente despencou.

Ele ouviu o cascalho estalar debaixo de seu corpo e sentiu uma dor aguda nos joelhos. Por alguns instantes permaneceu de gatinhas, aturdido pela queda. Teve a impressão de que todos os moradores da casa iriam despertar, que o caseiro sombrio de camisa cor-de-rosa viria correndo, que haveria gritos e confusão... Mas o silêncio profundo e imponente continuava a reinar no jardim. Apenas um zunido baixo e monótono espalhava-se ao redor:



“Zzz-zzz-zzz....”

“Ah, deve vir de dentro do ouvido!”, supôs Serguei. Ele se levantou: nesse jardim repleto de sonhos e cheiros, tudo era assustador, misterioso e lindo como num conto de fadas. As flores, que mal podiam ser vistas na escuridão, balançavam suavemente nos canteiros, inclinando-se uma à outra com uma inquietação vaga, como que cochichando e bisbilhotando. Com ar pensativo e perscrutador, os esbeltos ciprestes, escuros e perfumados, acenavam lentamente com os cumes afinados. Atrás do riacho, nos arbustos densos, o passarinho extenuado lutava contra o sono e repetia seu humilde lamento:

“Que so-o-no!... Que so-o-no!...”

De madrugada, no meio das sombras entrelaçadas das sendas do jardim, Serguei não reconhecia o lugar. Por muito tempo vagou pelo cascalho rangente, até que, enfim, chegou ao casarão.

Nunca em sua vida ele tivera a penosa sensação de completa impotência, abandono e solidão como agora. A casa parecia repleta de inimigos dissimulados e impiedosos que, escondidos atrás das janelas escuras, observavam com sorrisos maliciosos cada movimento do pequeno e frágil menino. Calados e impacientes, esperavam por um sinal, por um comando terrível, furioso e ensurcedor.

— Dentro de casa não... Ele não pode estar lá! — sussurrou o menino, delirante. — Lá começaria a uivar e a importunar...



Ele deu a volta. Na parte de trás, num pátio largo, havia outras construções mais simples, menos rebuscadas, pelo visto destinadas aos empregados. Ali, como na casa grande, nenhuma janela estava acesa; apenas a lua se refletia nos vidros escuros com uma luz irregular e opaca. “Não há como sair daqui, nunca conseguirei!...”, pensou Serguei com angústia. Ele se lembrou num átimo do vovô, do velho realejo, das noites nas tabernas, das refeições perto de nascentes refrescantes. “Não haverá mais nada disso... Nunca mais!”, repetiu tristemente consigo. E, quanto mais desesperados se tornavam seus pensamentos, mais o medo dentro dele cedia lugar a uma espécie de ansiedade raivosa, imperturbável e obtusa.

De repente, o garoto ouviu um ganido fino e queixoso. Ele parou e, mal respirando, com os músculos tensionados, ficou na ponta dos pés. O som se repetiu. Parecia vir de perto de Serguei, de um porão de pedra que se comunicava com o exterior por meio de uma fileira de pequenas aberturas retangulares sem vidro. Pisando nas flores de um canteiro, ele aproximou-se do muro, encostando o rosto em um dos orifícios, e assobiou. Um ruído fraco e cauteloso soou de algum lugar embaixo e no mesmo instante cessou.

— Artô! Artô! — chamou Serguei com um sussurro trêmulo.

Um latido entrecortado e incontido preencheu o jardim, ecoando por todos os cantos. Nesse ladrar, a saudação alegre se misturou com queixume, raiva e dor física. O menino podia



ouvir o cachorro se debatendo com ímpeto no porão escuro, tentando livrar-se de algo.

— Artô! Meu cãozinho!... Artôchenka!... — Serguei dizia entre lágrimas.

— Psiu, cachorro maldito! — ressoou de baixo uma voz grave e selvagem. — Quiet, condemned!

Algo bateu no porão. O cão disparou uivos longos e intermitentes.

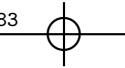
— Não se atreva a bater! Não se atreva a bater no cachorro, canalha! — gritou o garoto fora de si, raspando com as unhas o muro de pedra.

Tudo o que aconteceu depois baralhou-se na memória de Serguei, como uma espécie de delírio febril. A porta do porão se escancarou com estrondo e dela saiu o caseiro. Com roupas de baixo, barbudo, descalço e empalidecido pela luz intensa da lua que lhe caía diretamente no rosto, ele lembrava a Serguei um monstro gigantesco e furioso de conto de fadas.

— Quem está aí?! Vou atirar! — sua voz ressoava pelo jardim. — Ladrões! Assalto!

Nesse instante, do vão escuro da porta aberta Artô saiu saltando, como uma bola branca, latindo sem parar. Em seu pescoço balançava um resto de corda.

No entanto, o menino não prestava atenção no cachorro. A aparência ameaçadora do caseiro lhe deu um medo sobrenatural, os pés do artista grudaram-se ao chão e seu corpinho delicado paralisou. Mas, felizmente, essa aflição não durou



muito tempo. Quase inconsciente, Serguei deu um grito desesperado, longo e agudo e precipitou-se para fora do porão, desnorteado, sem ver o caminho, sem domínio de seus atos.

Ele corria em disparada, parecia um pássaro voando, golpeava seguidamente a terra com os pés, que, de repente, tomaram-se fortes como duas molas de aço. Ao seu lado saltitava Artô e seus latidos felizes inundavam o ar. Atrás deles, o furioso caseiro ressoava na areia, praguejando.

No impulso, Serguei quase se bateu contra os portões, mas instantaneamente, sem pensar, teve a intuição de que ali não havia saída. Entre o muro e os ciprestes que cresciam ao longo dele, estendia-se uma passagem estreita e escura. Sem hesitar, sob comando do medo, o menino penetrou ali e esgueirou-se, correndo abaixado pela passagem. As folhas afiadas dos ciprestes, cheirando fortemente a resina, chicoteavam-lhe o rosto. Ele tropeçava nas raízes e caía, machucando as mãos a ponto de sangrar, mas rapidamente se levantava, sem se importar com a dor, e prosseguia com a corrida, curvado, sem ouvir o próprio grito. Artô o seguia.

Serguei corria pelo estreito corredor formado, de um lado, pelo muro alto e, de outro, pela fileira apertada de ciprestes, corria como um animalzinho enlouquecido depois de ter caído numa armadilha sem saída. Sua boca ressecou e, a cada respiro, sentia milhares de agulhadas no peito. As batidas de pés do caseiro vinham ora da direita, ora da esquerda, e o menino, perdendo a cabeça, atirava-se ora para a frente,



ora para trás, passando várias vezes do lado dos portões e enfiando-se de novo na passagem estreita e escura.

Finalmente as forças o abandonaram. Aos poucos o pavor indômito deu lugar a uma angústia fria e indolente, a uma indiferença surda a qualquer ameaça. Ele se sentou embaixo de uma árvore, encostando o corpo esgotado no tronco, e semicerrou os olhos. Os passos pesados do inimigo sobre a areia soavam cada vez mais perto. Artô gania em voz baixa, colocando o focinho nos joelhos do pequeno acrobata.

A uns dois passos do menino, galhos começaram a se mexer, separados por mãos. Ele involuntariamente levantou os olhos e, de repente, tomado por uma alegria inacreditável, deu um salto no lugar. Só então notou que o muro diante de si era mais baixo, não passando de um metro. Seu topo, é verdade, estava forrado por cacos de garrafa fixos em gesso, mas Serguei nem pensou nisso. Num átimo agarrou Artô pelo meio do corpo e o colocou com as patas da frente viradas para o muro. O cão esperto o entendeu de imediato. Rapidamente subiu no muro, abanou o rabo e latiu, anunciando vitória. Sem demora, o menino se juntou a ele, bem no momento em que, dos galhos de ciprestes, surgiu uma figura grande e escura. Os dois corpos ágeis e flexíveis — do cão e do pequeno acrobata — saltaram à estrada com delicadeza e facilidade. Atrás deles caiu uma chuva de impropérios furiosos.



Fosse o caseiro menos habilidoso do que os dois amigos ou estivesse cansado das voltas pelo jardim ou, quem sabe, simplesmente nunca tivesse desejado alcançar os fugitivos, o fato é que parou de perseguir-los. Em todo caso, eles ainda correram longamente, sem descanso; fortes e jeitosos, com asas nos pés, felizes com a libertação. A habitual despreocupação logo voltou ao poodle. Enquanto Serguei ainda olhava receoso para trás, Artô dava pulinhos em torno dele, balançando com entusiasmo as orelhas e o pedaço da corda, que tentava de todo jeito alcançar com a língua.

O menino só voltou a si quando chegou à nascente, aquela perto da qual, na véspera, ele comera com o velho. As duas bocas, do cão e do jovem, sedentas, encostaram ao mesmo tempo na poça gelada, sorvendo demoradamente a água fresca e deliciosa. Empurravam-se, tiravam, para recobrar o fôlego, as cabeças da água, que caía sonoramente de seus lábios, para em seguida, com a sede renovada, de novo se atirarem à poça, sem forças para abandoná-la. Quando, finalmente, deixaram a nascente e voltaram a caminhar, a água gorgolejava em seus ventres cheios. O perigo se fora, os horrores dessa noite passaram sem deixar rastros, e ambos caminhavam aliviados e felizes pela estrada branca, iluminada pela lua e cercada por arbustos escuros que já exalavam a umidade da manhã e o aroma adocicado das folhas frescas.

Na taberna Yildiz, Ibrahim encontrou o garoto com ar de reprovação e sussurrou:



— Por que o garroto está sempre vagamundeando? Para que vagamundear? Ai-ai-ai, nada bom...

Serguei não queria acordar o tocador de realejo, mas Artô fez isso no seu lugar. Num instante o encontrou entre os vários corpos largados no chão e, antes de o velho recobrar os sentidos, o cachorro já lhe lambia, com ganidos felizes, as faces, os olhos, o nariz e a boca. O vovô despertou, viu a corda no pescoço do *poodle*, viu o menino deitado ao lado, coberto de poeira, e compreendeu tudo. Ele se dirigiu a Serguei atrás de explicações, mas nada conseguiu. O menino já dormia profundamente com os braços jogados para os lados e a boca aberta.

Tradução Tatiana Larkina.



O elefante

1

Uma menininha estava doente. Todo dia recebia a visita do doutor Mikhail Petróvitch, que ela conhecia fazia muito tempo. Às vezes, ele vinha acompanhado por dois médicos estranhos. Eles viravam a menina de costas e de bruços, auscultavam aqui e ali, encostando o ouvido em seu corpo, puxavam sua pálpebra inferior para baixo e observavam. Daí eles bufavam com importância, de rostos severos, e conversavam entre si numa língua incompreensível.

Depois, eles passavam do quarto para a sala de estar, onde a mãe os esperava. O doutor principal — alto, de cabelos grisalhos e óculos dourados — lhe falava longamente, com ar sério. Com a porta aberta, a menina podia ver e ouvir tudo de sua cama. Ela não compreendia muita coisa, mas sabia que estavam falando dela. A mãe escutava o médico, fitando-o com os olhos grandes e cansados de tanto chorar. Uma vez, ao se despedir, o doutor principal disse em bom som:

— O importante é não deixá-la entediada. Realizem qualquer vontade.

— Ah, doutor, é que ela não quer nada!



— Então, não sei... Tentem se lembrar do que ela gostava antes de adoecer. Brinquedos... Doces...

— Mas, doutor, ela não quer...

— Bem, deem um jeito de animá-la... Com qualquer coisa... Dou minha palavra: se conseguirem fazê-la sorrir, alegrá-la, será o melhor remédio. Compreenda, a doença de sua filha é o desânimo com a vida, e nada mais... Passe bem, senhora!

2

— Nádia,¹ minha queridinha — disse a mãe —, não há nada que você queira?

— Não, mamãe, eu não quero nada.

— Quer que eu coloque suas bonecas aqui, em cima da cama? A gente podia pôr as poltroninhas, o sofá e a mesinha com o jogo de chá. As bonecas irão tomar chá e conversar sobre o tempo e a saúde dos filhos...

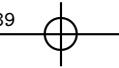
— Obrigada, mamãe... Não estou com vontade... Estou aborrecida...

— Está bem, querida, deixe as bonecas para lá... E se a gente chamasse suas amigas, a Kátia ou a Jenia? Você gostava tanto delas.

— Não precisa mamãe. De verdade... Não quero nada. Estou tão aborrecida!

— Quer que eu traga um chocolate?

1. Nádia é apelido de Nadiejda, que em russo significa “esperança”.

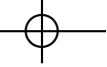


Mas a menina não respondeu, fixando os olhos tristes no teto. Ela não sentia nenhuma dor, nem sequer tinha febre. A cada dia, porém, emagrecia e enfraquecia. Não importava o quanto se esforçassem, para ela era tudo igual, continuava sem nada desejar. Assim, dia após dia, ela ficava deitada, quieta e tristonha. Às vezes, cochilava por meia hora e sonhava com algo cinzento, longo e monótono, como a chuva outonal.

Quando a porta de seu quarto se abria para a sala e a da sala para o gabinete, a menina conseguia ver seu pai. Ele andava depressa, de um lado para outro, fumando sem parar. De vez em quando, ele ia ao quarto de Nádia, sentava-se na beirada da cama e acariciava distraidamente os pés da filha. Mas logo se levantava de salto e se aproximava da janela. Ele assobiava uma melodia qualquer espiando a rua, mas seus ombros tremiam. Então, apressava-se em encostar um lenço no canto dos olhos e, como se estivesse com raiva, disparava de volta para o gabinete. Lá, voltava a sua marcha acelerada, de um lado para outro, fumando e fumando... Era tanta a fumaça do tabaco, que o ar do gabinete ficava azul.

3

Um dia, porém, a garotinha acordou um pouco mais animada do que o habitual. Ela tinha sonhando com algo, mas não conseguia lembrar direito o que era, e fitou atenta e demoradamente os olhos na mãe.



— Precisa de algo, meu bem? — perguntou sua mãe.
Mas a menina, de repente, lembrou o sonho e sussurrou
como se confessasse um segredo:

— Mamãe... Será que eu poderia ter... um elefante? Só que
não aquele desenhado no livro... Posso?

— É claro, queridinha, claro que pode!

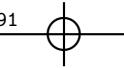
Sua mãe correu ao gabinete e contou ao pai da menina
que esta queria um elefante. No mesmo instante, ele vestiu
o casaco e o chapéu e saiu.

Passada meia hora, estava de volta com um lindo e caro
brinquedo. Era um grande elefante cinza que sabia balan-
çar a cabeça e abanar o rabo. Nas costas, havia uma sela
vermelha e na sela uma pequena marquise dourada com
três homenzinhos sentados embaixo. A menina, no entanto,
olhou para o brinquedo como se olhasse para a parede e o
teto, com o mesmo desânimo, e disse languidamente:

— Mas não é isso... Eu queria um elefante de verdade, um
elefante vivo, e este está morto.

— Mas, olhe, Nádia — apressou-se o pai. — A gente agora
dará corda nele e ele ficará igualzinho a um elefante de ver-
dade.

Deram corda no elefante e ele, balançando a cabeça e
abanando o rabo, começou a bater os pés, movendo-se de-
vagar pela mesa. À Nádia nada disso interessava e ela ficou
até mais entediada, mas, para não magoar o pai, disse em
voz baixa, docemente:



— Muito obrigada, querido papai. Duvido que alguém tenha um brinquedo tão interessante como esse... É que... lembra... você tinha prometido me levar ao circo para ver um elefante de verdade... E não levou nenhuma vez...

— Mas, comprehenda, minha querida, isso é algo impossível! O elefante é muito grande, vai até o teto, não caberia na nossa sala... E, depois, onde é que eu vou arranjar um elefante?!

— Eu não preciso de um muito grande, papai... Você pode me trazer um pequenino, mas um de verdade. Deste tamanho, assim... Pode ser um filhotinho...

— Querida filhinha, eu ficaria feliz em fazer qualquer coisa por você, mas isso eu não posso. Pois é como se você de repente dissesse: "Papai, pegue o Sol do céu para mim!".

A menina sorriu, triste.

— Como você é bôbo, papai. Até parece que eu não sei que não se pode tocar no Sol, pois ele queima. É que nem a Lua. Não, eu só queria um elefantinho... um de verdade.

Ela fechou os olhos devagar e disse baixinho:

— Estou cansada... Desculpe, papai...

O pai se agarrou pelos cabelos e voou para o gabinete. Por algum tempo, ficou andando de um lado para outro. Em seguida, com um gesto decidido, apagou a bituca no chão (coisa que sempre o fazia levar uma bronca da esposa) e gritou para a empregada:

— Olga! Meu casaco e chapéu!



Sua esposa apareceu na antessala.

— Aonde você vai, Sacha?² — perguntou ela.

Todo ofegante, ele abotoava o casaco:

— Macha, querida, nem eu sei para onde vou... Mas, parece, hoje à noite eu realmente trarei para cá, para nossa casa, um elefante de verdade.

A mulher olhou para ele com preocupação.

— Querido, você se sente bem? Por acaso está com dor de cabeça? Talvez você não tenha dormido bem essa noite?

— Eu não preguei o olho! — respondeu ele, irritado. — Pelo visto, você quer saber se eu perdi o juízo? Ainda não. Até logo! De noite veremos.

Ele desapareceu, batendo com força a porta de entrada.

4

Duas horas depois lá estava ele no circo, sentado na primeira fileira, vendo animais adestrados fazerem todo tipo de truques sob comando do domador. Cães sabidos pulavam, davam cambalhotas e dançavam no ritmo da música, então compunham palavras com grandes letras de papelão. Os macacos — alguns de saias vermelhas e outros de calçolas azuis — andavam pela corda e cavalgavam em um poodle gigante. Leões ruivos enormes pulavam por entre arcos flamejantes enquanto uma foca desajeitada disparava uma pistola. No fim, vieram os elefantes. Eram três: um grande e dois com-

2. Sacha, apelido de Aleksandr (e Aleksandra).



pletamente pequeninos, anões, mas, mesmo assim, bem maiores do que um cavalo. Era estranho ver aqueles animais imensos, aparentemente estabanados e truculentos, executarem truques elaborados que seriam difíceis mesmo para um homem muito habilidoso. O que mais chamava atenção era o elefante grande. No começo, ele se erguia sobre as patas traseiras, sentava, plantava bananeira, andava por garrafas de madeira e rolava em cima de um barril. Em seguida, virava com a tromba as páginas de um grande livro de papelão e, finalmente, sentado a uma mesa e paramentado com um babador, almoçava como um menino de bons modos.

A apresentação terminou. O público se dispersava. O pai de Nádia aproximou-se do dono do circo, um alemão rechonchudo. Ele estava apoiado num tabique de tábuas com um grande charuto preto metido na boca.

— Perdão — começou o pai de Nádia. — Será que o senhor deixaria seu elefante passar algum tempo na minha casa?

O alemão, de tamanha surpresa, arregalou os olhos e, boquiaberto, deixou o charuto cair no chão. Lamuriando, ele se curvou, levantou o charuto, pondo-o de volta na boca, e só então se pronunciou:

— O elefante?... Na sua casa?... Eu não estou entendendo!

Pela expressão dos olhos, via-se que o alemão também queria perguntar ao pai de Nádia se este estava com a cabeça no lugar... Mas o pai se apressou a explicar do que se tratava: sua única filha, Nádia, sofria de uma estranha doença que



mesmo os médicos tinham dificuldade de compreender. Havia mais de um mês que ela não saía da cama, emagrecendo e enfraquecendo a cada dia, não se interessava por nada, ficava entediada e, assim, pouco a pouco, se apagava. Os doutores mandaram entreter a menina, mas ela nada queria; mandaram realizar todas as suas vontades, mas ela não tinha nenhuma. E, nesse dia, ela havia expressado o desejo de ver um elefante de verdade. Não haveria algum jeito de providenciar isso?

E ele acrescentou com a voz trêmula, segurando o alemão pelo botão do casaco:

— Então... É claro que eu espero que minha filha se recupere... Mas... e se... Deus me livre... de repente a doença terminar mal?... Se a menina der de morrer?... Imagine como passarei o resto da vida atormentado com a ideia de não ter cumprido seu último desejo?!

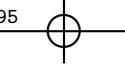
O alemão franziu o cenho, cismado, coçando a sobrancelha esquerda com o mindinho. Finalmente, ele perguntou:

— Bem... E quantos anos tem sua filha?

— Seis.

— Hum... Minha Lisa também tem seis... Bem... Pois saiba que isso vai lhe custar caro. Teremos que levar o elefante de noite e, só na noite seguinte, poderemos trazê-lo de volta. De dia não dá. Juntaria muito *publikum*,³ seria um escândalo.

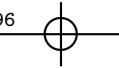
3. *Publikum*, do alemão: “público”.



Dessa maneira, eu perderei um dia inteiro de trabalho, e o senhor deve cobrir o prejuízo.

- Claro, claro... Não se preocupe com isso!
 - Depois: a polícia deixaria um elefante entrar em um prédio?
 - Eu arranjarei tudo, irão permitir.
 - Mais uma pergunta: o dono do prédio deixaria entrar um elefante?
 - Deixaria. Eu mesmo sou o dono do prédio.
 - A-há! Tanto melhor. E ainda outra pergunta: em que andar o senhor mora?
 - No segundo.
 - Hum... Isso já não é tão bom... O senhor teria, em seu prédio, uma escada larga, um teto alto, uma sala espaçosa, portas amplas e um piso bem firme? Porque meu Tommy tem 2,3 metros de altura e 2,8 de comprimento. Além disso, ele pesa 1,8 toneladas.⁴
- O pai de Nádia refletiu por um instante.
- Quer saber? — disse ele em seguida. — Vamos agora para minha casa e examinaremos tudo no local. Se precisar, eu mando alargarem a entrada.
 - Pois muito bem! — concordou o dono do circo.

4. Trata-se do elefante asiático (ameaçado de extinção), entre 2 e 3 metros de altura, que é menor do que o africano e tem apenas um “dedo” na ponta da tromba.



Ao cair da noite, o elefante foi levado para a casa da garotinha doente.

Coberto por uma manta branca, ele andava no meio da rua, todo pimpão, meneando a cabeça, enrolando e desenrolando sua tromba. Apesar da hora avançada, uma multidão se aglomerou ao redor dele. O elefante, porém, não se dava por achado — todo dia ele via centenas de pessoas no circo. Apenas uma vez ele ficara um pouco aborrecido. Um moleque da rua atirara-se embaixo de suas pernas e começara a fazer caras e bocas para o divertimento dos curiosos. O elefante, então, calmamente lhe tirara com a tromba o boné e o jogara atrás da cerca vizinha, fincada de pregos.

O policial encarregado circulava pela multidão tentando dissuadi-la:

— Senhores, queiram dispersar! O que é que vocês acharam de tão extraordinário aqui? Até me surpreende! Como se nunca tivessem visto um elefante andando na rua...

Finalmente, a escolta chegou até o prédio. Na escada frontal, bem como por todo o caminho do elefante, até a sala de jantar, as portas estavam abertas de par em par — fora preciso arrancar com o martelo as dobradiças dos batentes. Isso já havia acontecido uma vez, quando trouxeram um enorme ícone milagroso.

Diante da escada, porém, o elefante se deteve, nervoso, e empacou.



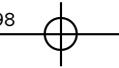
— É preciso dar alguma guloseima... — disse o alemão. — Um torta ou algo assim... Não, Tommy! Shh... Calma, Tommy!

O pai de Nádia correu até a padaria mais próxima e comrou um grande bolo redondo de pistache. O elefante queria engolir o bolo inteiro, com embalagem e tudo, mas seu dono lhe deu apenas um quarto. O tira-gosto, pelo visto, era do agrado de Tommy, pois ele logo sacou a tromba para apanhar mais um bocado. O alemão, no entanto, tinha um truque na manga. Segurando o bolo na mão, ele começou a subir a escada, degrau por degrau. O elefante, com a tromba esticada e as orelhas abertas, ia atrás dele. No segundo pavimento, Tommy recebeu mais um pedaço.

Dessa maneira, ele foi levado até a sala de jantar, cuja mobília havia sido retirada com antecedência e o chão coberto abundantemente de palha. Prenderam a perna do elefante numa argola de ferro atarraxada no chão e, em sua frente, colocaram alguns repolhos, cenouras e nabos frescos. O alemão acomodou-se ao lado, num sofá. Apagaram as luzes e foram todos descansar.

No dia seguinte, a menina acordou de manhãzinha e sem demora perguntou:

— E o elefante?! Ele chegou?



— Chegou, sim — respondeu sua mãe. — Só que ele mandou que antes a Nádia tomasse um banhozinho, comesse um ovo e bebesse um copo de leite bem quente.

— E ele é bonzinho?

— Muito bonzinho. Coma, meu bem, nós iremos vê-lo já,

já.

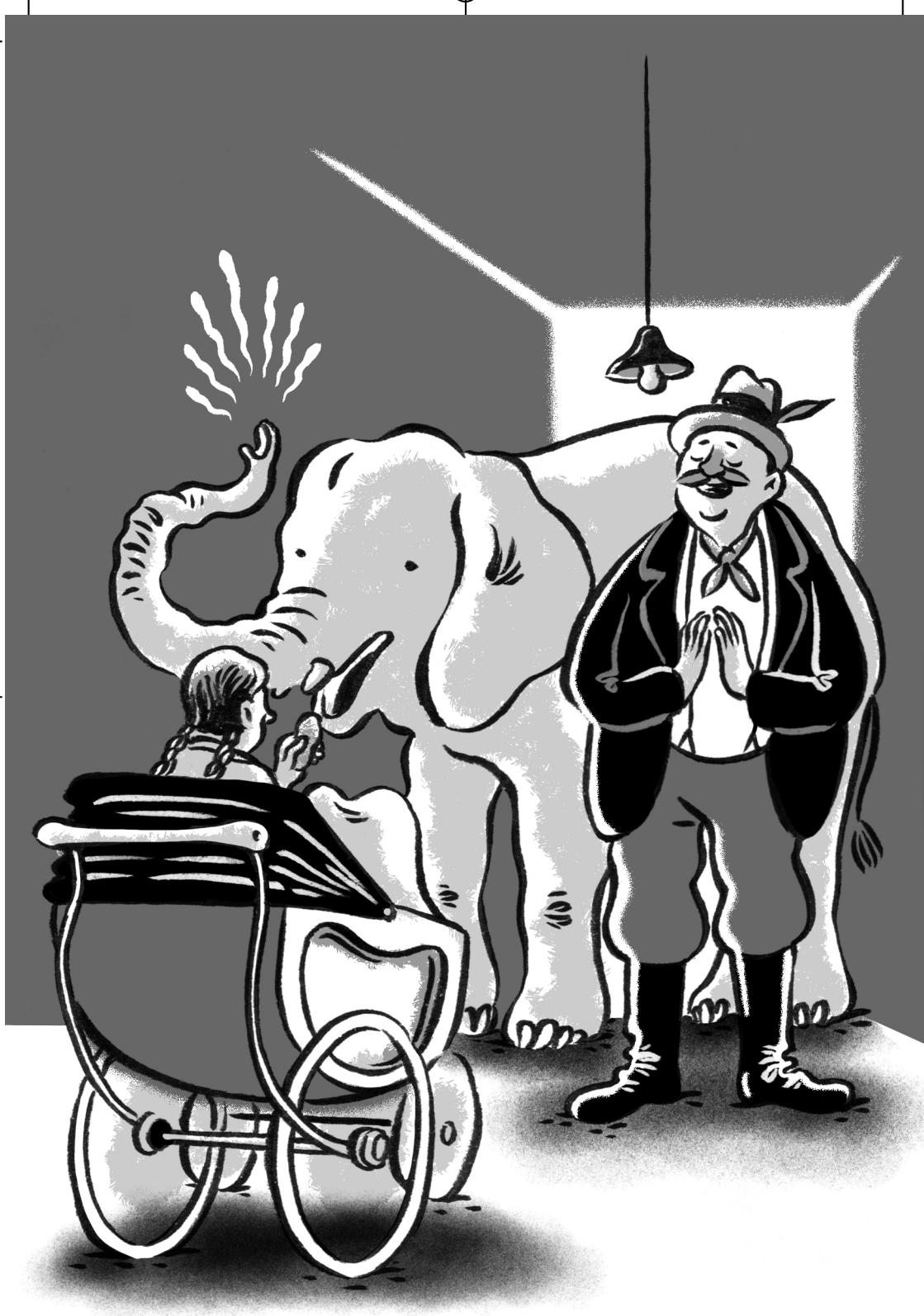
— E ele é engraçado?

— Um pouco. Vista seu casaquinho.

O ovo foi rapidamente comido e o leite bebido. Colocaram Nádia no carrinho que ela usava quando era bem pequena e mal andava e a levaram à sala de jantar.

O elefante revelou-se bem maior do que a menina tinha imaginado pelos desenhos. Ele quase batia na porta e, no comprimento, ocupava metade da sala. Sua pele era grossa, com pregas profundas. As pernas corpulentas pareciam postes. O rabo comprido, na ponta, se assemelhava a uma vassoura. A cabeça estava coberta de calombos grandes. As orelhas imensas, feito folhas de bardanas, pendiam para baixo. Os olhos eram bem pequerruchos, porém inteligentes e bondosos. As presas haviam sido cortadas. A tromba lembrava uma cobra comprida e terminava em duas narinas, entre as quais havia como que um dedo móvel e flexível. Se o elefante esticasse sua tromba em toda a extensão, ele na certa alcançaria a janela.

Entretanto, a menina não parecia assustada. Apenas um pouco chocada com as dimensões gigantescas do animal. Em





compensação, sua babá, Poliana, uma moçoila de dezesseis anos, começou a gritar de medo.

O dono do elefante aproximou-se do carrinho e disse:

— Bom dia, senhorita. Por favor, não tenha medo! O elefante é muito bonzinho e gosta de crianças.

A menina esticou ao alemão sua pequena mão pálida.

— Bom dia, como vai o senhor? — cumprimentou-o. — Eu não estou com medo. Nem um pinguinho. E como ele se chama?

— Ele se chama Tommy.

— Bom dia, senhor Tommy — disse a menina, saudando-o com a cabeça; por causa do tamanho impressionante do bicho, ela não se atrevia a tratá-lo por você. — O senhor dormiu bem essa noite?

Ela também esticou a mão para ele. O elefante cuidadosamente pegou a mãozinha dela, apertando seus dedos delicados com o dedo forte e móvel de sua tromba, e o fez com mais suavidade que o doutor Mikhail Petróvitch. Em seguida, o elefante meneou a cabeça e seus olhos pequenos tornaram-se ainda menores, como se sorrissem.

— Ele entende tudo como parece? — a menina perguntou ao alemão.

— Ah, sim, absolutamente tudo, senhorita!

— Apenas não fala, não é?



— Pois é. Apenas não fala. Sabe, eu também tenho uma filha, tão pequena como a senhorita. Ela se chama Lisa. E o Tommy é seu grande amigo.

— O senhor já tomou seu chá? — perguntou ela ao elefante.

O elefante esticou a tromba outra vez e soprou uma lufada quente bem no rosto da menina, fazendo seus cabelos leves esvoaçarem para todos os lados.

Nádia ria e batia as palminhas. O alemão também ria fartamente. Ele era tão grande, rechonchudo e bonzinho como seu elefante, e a menina tinha a impressão de que se pareciam. Quem sabe fossem parentes?

— Não, senhorita, ele não tomou chá. Mas ele aceitaria com prazer água açucarada. Também adora pãezinhos doces.

Trouxeram uma bandeja com pãezinhos doces e a garota deu de servir ao elefante. Ele habilidosamente agarrou um pãozinho com o dedo da tromba e, ao enrolá-la, fez com que o pão desaparecesse em algum lugar sob a cabeça, onde se movia seu lábio inferior em forma de triângulo, engraçado e felpudo. Dava para ouvir a casca do pão farfalhar em sua pele seca. Tommy deu o mesmo fim ao segundo pãozinho, assim como ao terceiro, quarto, quinto. Em sinal de agradecimento, o elefante assentia com a cabeça, e seus pequenos olhos, de prazer, ficaram ainda mais estreitos. Feliz, a menina desmachou-se em risos.



Quando todos os pãezinhos foram comidos, Nádia apresentou suas bonecas ao elefante:

— Veja, senhor Tommy, esta é a Sônia, uma boneca muito elegante. É boazinha, mas às vezes fica manhosa e se recusa a tomar a sopa. Esta é a Natacha, a filha da Sônia. Ela já começou os estudos e conhece quase todas as letras. E esta daqui é a Matriochka. Foi minha primeira boneca. O senhor pode ver que ela não tem nariz nem cabelos e a cabeça foi colada. Mas não se pode expulsar a veltinha de casa, não é, senhor Tommy? Antes, ela era a mãe da Sônia, mas agora trabalha como cozinheira. Então, vamos brincar. O senhor será o pai e eu a mãe; e elas, as nossas filhinhas.

Tommy estava de acordo. Ele deu risada e, em seguida, agarrou Matriochka pelo pescoço, levando-a até a boca. Isso, porém, não passava de brincadeira. Ao mastigar a boneca de leve, ele a colocou inteira no colo de Nádia, só um pouquinho amassada e molhada.

Depois, a menina mostrou ao elefante um grande livro com figuras, explicando:

— Aqui está um cavalo, este é um canário, e isto aqui é uma espingarda... Agora uma gaiola com um passarinho, um balde, um espelho, uma fornalha, uma pá, uma gralha... E este aqui, olhe, é um elefante! Nem parece, não é verdade, senhor Tommy? Onde já se viu um elefante tão pequeno?

Tommy ponderou que elefantes minúsculos desse jeito nunca poderiam existir no mundo. A figura, pelo visto, não



lhe agradou. Ele pegou com o dedo na pontinha da página e a virou.

Chegou a hora do almoço, mas não havia jeito de separar a menina de seu amigo. O alemão veio socorrer:

— Permitam-me resolver isso. Eles vão almoçar juntos.

Ele mandou o elefante sentar. Tommy, obediente, sentou-se, o que fez o chão do apartamento estremecer, a louça tilintar no bufê, e reboco cair do teto dos inquilinos de baixo. A menina foi acomodada em frente. Colocaram uma mesa entre os dois. Uma toalha de mesa foi atada ao pescoço de Tommy e os novos amigos começaram sua refeição. Nádia comeu canja e uma almôndega e o elefante diversos legumes e alface. Em seguida, deram à menina um minúsculo cálice de xerez e a Tommy uma tigela de água morna misturada a um copo de rum, e ele se deliciou com a bebida, sugando-a pela tromba. Por fim, ganharam a sobremesa: para a garota, uma xícara de chocolate quente; para o elefante, metade de um bolo — dessa vez, um de nozes. Enquanto isso, o alemão estava na sala de estar em companhia do pai de Nádia e, com o mesmo prazer do elefante, bebia cerveja, porém em quantidades maiores.

Após o almoço, o pai recebera visitas, que, para não se assustarem, foram avisadas, logo na antessala, sobre o elefante. No início, elas não acreditaram, mas, ao ver Tommy, se espremeram na porta de entrada.



— Não tenham medo, ele é bonzinho! — Nádia tentou acalmá-los.

Os visitantes irromperam na sala de estar e, após cinco minutos, deram no pé.

Anoiteceu. A menina precisava dormir. Mas era impossível tirá-la de perto do elefante. Assim, ela acabou adormecendo ao lado dele e, já sonolenta, foi levada para seu quartinho. Ela nem notou que a trocaram.

Nessa noite, Nádia sonhou que havia se casado com Tommy e que tiveram uma penca de filhos, alegres elefantinhos. O elefante, que durante a noite fora levado de volta para o circo, também sonhou com a meiga e carinhosa garotinha. E também com muitos bolos de nozes e de pistache, bolos gigantescos, do tamanho de um portão...

Na manhã seguinte, a menina acordou revigorada e bem-disposta, e, como nos velhos tempos, quando gozava de plena saúde, gritou alto e impacientemente para que todos em casa a ouvissem:

— Lei-ti-nho!

Ao ouvir esse grito, a mãe, em seu dormitório, fez o sinal da cruz, feliz da vida.

Sem tardar, a menina se lembrou do dia anterior e perguntou:

— E o Tommy?

Explicaram que o elefante fora para casa trabalhar e tinha filhos e eles não podiam ficar sozinhos. Mas pedira para



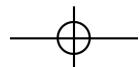
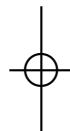
mandar lembranças a Nádia e avisar que, quando ela sarasse, esperaria sua visita.

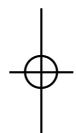
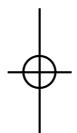
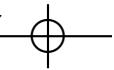
A garota abriu um sorriso maroto e disse:

— Por favor, falem para o Tommy que eu já sarei, completamente!

Tradução: Tatiana Larkina.





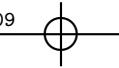


LÍDIA TCHÁRSKAIA

(1875–1937)







A prova

A mãe deu a bênção a Nátotchka¹ e a mandou dormir...

Magricela, de cabelos escuros e olhos grandes e algo assustados, Nata ou Marmotinha, como pai a chamava, de brincadeira, devido ao rostinho vivo de nariz arrebitado, correu rapidamente para o quarto das crianças.

A janela do quarto estava escancarada. Perto das camas de Nata e Variucha — sua irmã mais nova, de oito anos —, a criada Sacha trabalhava:

— Sacha, eu mesma faço a cama! — disse Nátotchka. — Pode ir... Também vou trocar Variucha... Enquanto ela está sendo penteada no quarto da mamãe, vou estudar um pouco para a prova de amanhã... Não me perturbe...

Sacha inclinou a cabeça, sinalizando que entendera a patroa, e saiu... Embora fosse a empregada e nunca tivesse estudado, sabia muito bem o que era uma prova.

Prova é uma coisa terrível, uma coisa monstruosa, que assusta de forma indizível as pobres crianças que estudam. A prova manifesta-se ora como uma bruxa terrível, que traz lágrimas e pesar, ora como uma feiticeira alegre, que dá uma

1. Nátotchka é diminutivo de Nata, apelido de Natália.



felicidade grande... Nátotchka pensava involuntariamente em quem se manifestaria na prova de geografia do dia seguinte — a bruxa terrível ou a feiticeira boa...

Macieiras estendiam-se à janela do quarto das crianças... Suas flores brancas, de um perfume inebriante, eram tão bonitas! Nátotchka esticou a mão, arrancou uma e cheirou longamente o aroma maravilhoso, suave e ao mesmo tempo picante.

Como estava agradável agora na aldeia... Na chácara Nédálny, bonita e aconchegante, para onde iriam, logo depois da prova, a mãe, o pai, a avó, ela e Variucha...

Logo depois da prova...

A prova!

O corpo inteiro de Nátotchka tremeu...

Prova de geografia...

A mais terrível, a mais desagradável...

Fazia três dias que se preparava para ela, esforçando-se para enfiar em sua cabeça de menina rios, montes, lagos, toda uma rede ardilosamente tecida dos mais variados nomes e denominações...

Nátotchka revisou quase tudo o que era necessário... Faltava apenas um ponto... O último... O ponto das ilhas... O mais terrível, o mais insuportável. Ela tinha reservado a tarde para revisá-lo, mas não fez nada... Primeiro, ficou brincando no balanço do pátio com Avdiuchka, o filho do caseiro... Depois, ensinou Fru-Fru, uma galga italiana, a andar nas patas tra-



seiras... Depois, em casa, discutiu com Variucha... Por que ela mesmo não se lembrava agora.

No fim das contas, ficou sem estudar o ponto — o mais terrível!

Teria que revisá-lo à noite... Custasse o que custasse, Nátotchka tinha que decorá-lo; era a primeira aluna da classe e não podia de jeito nenhum “fazer feio” na frente das amigas.

Além do mais, a moreninha Kátia Vanítskaia mirava ocupar o lugar dela.

Kátia tinha notas boas, mas um pouco piores do que a rival.

Nata ia bem nos estudos. Muito bem, aliás... Só a geografia...

Geografia insuportável! Em geografia, Nátotchka tirava 7, quando era possível tirar 10.

Ela sentou-se no parapeito da janela, abriu o livro e começou a estudar.

— Sumatra... Java... Bornéu e Celebes! Sumatra... Java... Bornéu e Celebes! Celebes! Celebes! Celebes!

E, de repente, um riso maroto percorreu os lábios da menina.

— A ilha Celebes e o professor Seles...

Um nome terrivelmente ridículo!... O professor de geografia deu de se chamar Seles... E Celebes...



Nátotchka não concluiu seu pensamento, pois, nesse instante, Variucha, a irmã mais nova, entrou feito um furacão no quarto e, sacudindo os cabelos cacheados, gritou:

— Nata! Nata! Desabotoe meu vestido atrás... Você mandou Sacha embora e sozinha eu não consigo.

Nátotchka desabotoou, repetindo:

— Sumatra... Java... Bornéu e Seles... Não, Celebes... Celebes... Celebes... Celebes...

— Nata, o que é que você está resmungando aí? — quis se informar a curiosa Variucha, com os olhinhos ligeiros cintilando.

— Calada! Tenho prova — observou Nata com ar de importância... Compenetrou-se imediatamente. Sua carinha ficou séria...

Prova, oh! Um assunto sério.

Variucha trocou-se em profundo silêncio, tentando não distrair a irmã de jeito nenhum.

Nátotchka fitava a janela com os olhos grandes e algo assustados e sussurrava:

— Sumatra... Java... Java... Java... Sumatra...

— Nátotchka! — soou a voz tímida de Variucha... — Fecha a janela? Está ventando...

Nata bateu a janela, irritada, sem parar de sussurrar...

Variucha no começo prestou atenção no sussurro da irmã, depois seus olhinhos começaram a se fechar.





— Nátotchka! — disse quase dormindo, mal movendo a língua. — E essa prova é muito difícil?

— Ê-hã! — emitiu Nátotchka e, sentada no peitoril da janela, começo a resmungar algo com determinação, olhando esporadicamente para o livro.

Aos poucos, a casa inteira silenciava.

Variucha dormia havia tempos, com a mãozinha debaixo da bochecha. Felizarda, não tinha uma prova pela frente!

Nátotchka decorava com mais empenho:

— Quios... Samos... Lesbos... Quios... Samos... Lesbos...

— Deus! Os, os, que osso — gracejou a moça, amargurada, e voltou a olhar para o manual.

Ao longe, no corredor, o relógio bateu...

Nátotchka contou as batidas... Onze em ponto! Ah, como o tempo corre!

E que vontade de dormir! Os olhinhos se fechavam. Ela pôs-se a sussurrar, ainda mais insistente:

— Quios... Samos... Lesbos...

Finalmente, as ilhas do arquipélago grego estavam decortadas... Nátotchka recomeçou com Sumatra, Bornéu, Java e Celebes.

Oh, que horror!

Sumatra, Java e Bornéu foram esquecidas...

Que dirá de Celebes!

Nátotchka comprimiu os lábios e, prestes a chorar, retomou seus sussurros. E suas pálpebras pesavam, pesavam...



As ideias se embaralhavam na cabeça... A noite branca² de maio inspirava devaneios... E Nátotchka adormeceu; contra a vontade e a expectativa, adormeceu no peitoril largo da janela. Sua mãe entrou no quarto e viu a filha dormindo.

— Pobre menina! Ah, essas provas! — disse, aflita, em sua mente, e, chamando Sacha baixinho, acomodou com ajuda dela Nátotchka na cama.

Ao dormir, a menina balbuciava algo... Talvez uma ilha, talvez um rio...

Teve um sonho estranho nessa noite...

Sonhou com Bornéu, Sumatra, Java e Celebes.

Bornéu na forma de um almofadinho magricela, de cartola alta e pincenê... Sumatra na forma de uma vendedora gorda de maçãs à porta da igreja... Java tinha o rosto e os cabelos da irmã, Variucha... E Celebes era o próprio Seles... O professor de geografia, um velhinho grisalho e bilioso...

Ele olhava para Nata, ameaçava-a com o dedo de unha amarela e estreita, e dizia com voz sibilante:

— Quios, Samos e Lesbos ficam muito gostosas com canela e creme... Mas vou lhe dar nota 1 assim mesmo, cara senhorita!

E Nátotchka, aflita, ficou petrificada ...



2. Em Petersburgo, são chamadas “noites brancas” as que não escurecem durante alguns dias no verão, principalmente em junho.



— Dártseva, você estudou todos os pontos? — a moreninha Vanítskaia recebeu Nátotchka na porta da classe com um sorriso maroto.

Havia confusão no rosto de Nátotchka.

Não sabia o último ponto, o das malditas ilhas.

Elá mesma não lembrava como adormecera à noite, e Sacha a accordou pela manhã com dificuldade... Por pouco a menina não chegou ao colégio atrasada.

Vanítskaia estudara tudo e parecia muito satisfeita consigo mesma.

Já Nátotchka não queria reconhecer que não sabia o último ponto... E, em resposta à outra, acenou positivamente com a cabeça em silêncio.

Às dez em ponto, entraram na classe o terrível Seles, a diretora do colégio e mais um velhote... Diziam que era professor de outro colégio e, como se não bastasse, muito severo. Todos os três se sentaram à mesa verde e a prova começou.

Para a prova oral, as meninas eram chamadas à mesa de cinco em cinco... Primeiro as más alunas, depois as boas.

Nátotchka sabia que ela e Vanítskaia seriam chamadas por último.

E os bilhetes com os pontos iam desaparecendo da mesa. Os melhores, os que Nátotchka poderia responder de forma excelente, foram os primeiros a serem sorteados.

Finalmente, quase toda a classe fora arguida.



— Senhoritas Vanítskaia e Dártseva? — soou a voz do professor.

Nátotchka levantou-se como que em delírio... Lembrava-se muito bem de que nenhuma das meninas tinha respondido sobre as “terríveis” ilhas ... Devia ser o último ponto a cair na prova.

Lançou um olhar rápido sobre a mesa verde.

Lá havia apenas dois pontos para sortear... Um deles era certamente esse.

Nátotchka sabia disso.

— Bornéu... Java... Sumatra... Celebes!... — proferiu seu cérebro, em turbilhão, e ela esticou a mão.

Vanítskaia pegou um ponto... Nátotchka o outro.

— Ah! — e um rubor se irradiou pelas faces dela.

Tinha diante de si o maldito último ponto.

“Horror! Horror!”, passou-lhe pela cabeça.

A aldeia... O verão bom e alegre, as férias felizes... Estava tudo perdido!

O desespero sufocava Nátotchka... Círculos pretos rodopiam diante de seus olhos... A cabeça girava... Mal se aguentava nas pernas...

Vanítskaia respondeu primeiro... Tinha um ponto fácil, os rios da Rússia. Nátotchka sabia-o como o Pai Nossa... Ah, se ela tivesse ficado com esse ponto. Oh, Senhor! Por que o destino era tão injusto com ela?

Kátia Vanítskaia respondeu seu ponto com desenvoltura.



— O Volga... Os afluentes do Volga... Kama e Oká — assinalava em voz alta, deslizando o ponteiro pelo mapa pendurado na parede —, os afluentes do Kama...

— Pare! Pare! — o professor de geografia interrompeu a menina... — A senhorita está careca de saber de tudo isso... Tem que saber muitas outras coisas... Para a senhorita e para Dártseva, as melhores alunas, eu coloco mais exigências, por isso troque agora de ponto com sua colega. Responda o ponto de Dártseva... Dártseva, responda a senhorita sobre os rios da Rússia...

O que era aquilo? Será que Nátotchka tinha ouvido mal?

Não! Não! Vanítskaia já estava lhe estendendo a mão e pegando o bilhete dela.

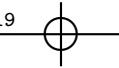
Vanítskaia estava tranquila. Seu rosto resplandecia. Conhecia as ilhas ainda melhor do que os rios. E respondeu lindamente... Tirou nota 10 e foi mandada para seu lugar com um elogio.

Nátotchka pegou o ponteiro com desenvoltura e moveu-o pelo mapa...

Uma chuva de nomes e denominações... Uma enxurrada deles jorrava de seus lábios.

Estava fora de si de felicidade e jogava o corpo para a frente como se tivesse asas.

— Formidável! Formidável! — elogiou-a o professor. — A primeira aluna mostrou seu melhor lado.



— Querido, querido Celebes! — respondeu Nátotchka mentalmente, com vontade de se lançar ao pescoço do professor, que não desconfiava de nada, e de enchê-lo de beijinhos...

Nata tirou nota máxima. A prova terminou.

Fora de si de felicidade, Nátotchka voou para casa.

— Passei! — gritou como uma possessa, irrompendo na sala de visitas feito um furacão.

De susto pela aparição ruidosa da filha, a mãe deixou cair o trabalho que tinha nas mãos.

— Sacha, passei... Quios... Samos... Sumatra, passei em tudo — Nátotchka continuou a gritar, correndo para o cubículo da criada Sacha.

— Variucha! Variucha! — num segundo sua vozinha sonora propagou-se pelo corredor. — Venha logo, passei na prova!

Um minuto depois, a casa inteira sabia que as insuportáveis ilhas de Sumatra e Java não tinham aprontado para Nátotchka e que no mundo não havia melhor professor que Seles...

Tradução: Irineu Franco Perpetuo.





A mÃe

Toc-toc! — a máquina incansável soa a noite inteira.

Uma tira longa de chita farfalha e range, ou uma fazenda barata de lã desliza suavemente da mesa de trabalho para o chão.

Toc-toc! — os sons familiares formam uma melodia regular.

A mãe, inclinando as costas arqueadas (pouco tempo atrás tão eretas e aprumadas) sobre o trabalho, girava a roda da máquina de costura com uma mão, ajeitando o trabalho com a outra.

A cama de Volódia¹ fica exatamente contra a porta. Quando acorda à noite, sempre vê o quadro conhecido. A mesa atulhada de trabalho, a máquina de costura e, diante dela, a figura cansada e arqueada de sua mãe, o rosto pálido com cavidades circulares azuis em torno dos olhos, a doce cabeça grisalha e os lábios tristemente comprimidos, que de uns tempos para cá desaprenderam completamente a sorrir. Volódia lembra com clareza desde quando.

1. Volódia, apelido de Vladímir.



Desde o momento em que, na cama larga, no lugar de um pai vivo, surgira um homem estranho e morto que, para Volódia, a irmã mais velha e o irmãozinho caçula, pouco lembrava o pai alegre e bondoso que com gosto ganhava de Volódia no jogo de damas ou desenhava caricaturas divertidas no álbum; desde o dia da morte do pai, a mãe desaprendera a sorrir. Agora, Volódia só pode imaginá-la ao trabalho, costurando vestidos baratos de lã e de chita para a população feminina mais pobre do prédio ou para as criadas dos outros. A mãe cobra tão pouco das clientes, que estas levam para costurar suas roupas desprestensiosas de muito bom grado.

Quando o pai estava vivo, ela não tinha que trabalhar dia e noite, noite e dia. Ele era professor de desenho em três colégios. Não ganhava muito, mas a pequena família não passava por apuros. Volódia e Chura² estudavam em um colégio à custa do Estado e quem ensinava o alfabeto e a formação das sílabas ao caçula, Lionka,³ era a mãe. Aliás, ela também ajudava Chura e Volódia, especialmente nas línguas estrangeiras (eles tinham dificuldade para línguas).

Mesmo agora, ela ajuda com frequência Volódia e Chura nas lições de francês e de alemão. E, de vez em quando (é preciso reconhecer!), Volódia recorre a seu auxílio para estudar matemática e outras matérias.

2. Chura, apelido de Aleksandra.

3. Lionka, apelido de Leonid.





A mãe é talentosa. Podia também dar aulas, mas não tem vontade. Prefere pegar encomendas de costura e trabalhar encurvada a sair de casa e correr atrás de aulas.

— Deus sabe o que pode acontecer com as crianças sem cuidados — diz ela quando pessoas boas lhe oferecem aulas.

— Meu Lionka ainda é pequeno, tem sete anos. E os mais velhos não estão muito longe. Chura tem catorze, Volódia onze. Onde é que já se viu largar sozinhas crianças tão pequenas?

Volódia discorda da mãe com a maior sinceridade. Por exemplo, por acaso ele é pequeno? Com prazer navegaria pela América, vagaria por pradarias e lutaria com índios, como o Desbravador.⁴ Alguém pequeno seria capaz disso? Oh, claro que sua mãe se enganou. Ele, Volódia, era um perfeito adulto.

E, uma noite, o adulto fez sua existência ser lembrada com um gritinho.

— Volódia! Não está dormindo, meu bem? O que você tem, queridinho? — ela levantou-se do lugar, aflita, e apressou-se na direção do “queridinho”, saindo da antessala, o quarto minúsculo em que trabalhava à noite, com medo de incomodar os outros filhos.

O apartamento deles se resume em um quarto e uma cozinha. E por tal moradia são obrigados a pagar dezesseis rublos. Sem exagero! Dezesseis rublos!

4. Alusão ao romance *O desbravador* (1840), do norte-americano James Fenimore Cooper (1789–1951).



Volódia ficou feliz ao ver a mãe ao seu lado e, ao mesmo tempo, envergonhado por tê-la assustado e afligido.

— Você só sabe trabalhar — disse com voz fingidamente sonolenta, pegando ainda no alto a mão esquerda da mãe, magra, com o dedo indicador picado de agulha. E, falando mais baixo, com uma vozinha culpada, acrescentou: — Deveria se deitar, mãezinha... Mas fica trabalhando enquanto nós dormimos...

— Durma, durma, queridinho! — secundou a mãe com uma ponta de alegria na voz. — Graças a Deus, você pode dormir. Na sua idade, o sono é tudo! Eu vou trabalhar mais um pouco... Sobrou um tiquinho para costurar.

Volódia conhece esse “tiquinho”. Sobrara para costurar o corpete inteiro da vizinha, uma cozinheira gorda.

A pobre mãe ficaria trabalhando de novo até o amanhecer!

O menino sentiu um nó na garganta. Fez um biquinho com os lábios, deu uma beijoca na palma da mãe e despenhou de bruços no travesseiro, tentando esconder nos olhos semicerrados as lágrimas que traíam seu amor e sua enorme compaixão.

E a mãe cuidadosamente enfiou embaixo dele o cobertor, como um “saquinho”, e o beijou com ternura. Depois ela agasalhou Lionka, que murmurou algo dormindo — ele se descobriria desordenadamente e derrubara o cobertor no chão. Finalmente a mãe se aproximou da Chura, com quem divide uma cama larga. Depois voltou a seu cubículo, na



antessala, e até o amanhecer, sem erguer as costas, acionou a máquina a cujo ruído estavam habituadas as crianças, que dormiam profundamente sob o som monótono.



Nesse dia Volódia voltou do colégio mais cedo do que de hábito. A cabeça lhe doía e ele sentia o corpo todo quebrado. Não conseguira ficar na aula e foi para casa. A mãe, aflita por seu menino, correu para ajudá-lo a se trocar, depois requentou no fogareiro a sopa da véspera e um bolinho de carne.

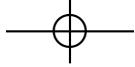
Mas Volódia não podia nem pensar em comer. A cabeça girava e, diante dos olhos, alastravam-se círculos escuros. Gotas de suor imediatamente surgiram na testa dele.

— Só não fique doente, só não fique doente, meu anjo — ela sussurrava, angustiada, beijando seu menino com ternura.

Pois foi justo o que aconteceu: Volódia ficou doente... E não só Volódia, como também Chura e Lionka.

Os filhos de Beriózova estavam com sarampo.

A pobre Mária Ivánovna perdeu a cabeça no primeiro minuto de seu infortúnio. Com essa doença terrível, entraram no apartamento minúsculo três hóspedes indesejados: o aumento dos gastos, a impossibilidade de trabalhar e a necessidade.





Agora a máquina não soava mais — as clientes, assustadas com o sarampo, tinham medo de fazer encomendas. A mãe corria pelas três camas, dividia-se igualmente entre seus três pacientes preciosos.

— Mamãe, tenho sede! Quero beber! — delirando de calor, chiou Chura, que aguenta mal qualquer doença, que dirá o sarampo.

E a mãe levava à filha doente limonada fresca quente.

— Beba, minha querida, beba! — dizia erguendo do travesseiro, com as mãos temidas, a cabeça loira da sua mocinha.

Chura provava a bebida, fazia uma careta e chiava:

— Ui, que porcaria! Está quente! Parece chá! Mas eu queria geladinha e azedinha... Não tem limão aqui, mamãe!

— Gelada não pode, filhinha, o médico proíbiu!

— Mas eu quero! — continuou Chura, caprichosa, pronta a se desfazer em lágrimas.

Volódia não podia suportar a pomada viscosa que tinham mandado esfregar nas crianças. Dava-lhe náuseas. E nele o processo da doença era mais intenso que nos irmãos. A mãe fitava seu rostinho magro com angústia e medo, ao passo que o rosto dela estava amarelo e pálido.

— Volódia, meu bem, você não se sente bem? — perguntava de forma quase inaudível.

Daí Lionka desatou a chorar. Tinha quebrado a cabeça de um soldadinho de chumbo, abriu um berreiro e exigia ostensivamente a mãe.



O médico chegou na hora certa. Deu palmadinhas nas crianças, auscultou-as, prescreveu remédios. A mãe novamente saiu atrás deles. Não havia ninguém que pudesse ir em seu lugar. Não tinha empregada. Ela é que preparava a canja, alimentava os três de colher, passava a noite inteira ao pé de suas camas, sem piscar o olho. Mal as crianças adormeciam, tirava o crochê interrompido do bolso e fazia renda a noite inteira. A renda, quando estivesse pronta, podia ser lavada, sem ter contágio de sarampo. E se vendia bem na feira.

Sempre e em toda parte lá estava ela. Precisava estar. É a única trabalhadora da família. As crianças são pequenas. Tinham que ser curadas, colocadas de pé. Ela tinha que estar pronta para o trabalho. Não podia ser de outra maneira. Ela é mãe.



O sarampo, felizmente, não foi perigoso. As crianças se salvaram. Todas as três. Mária Ivánovna recobrou o ânimo. Além disso, conseguiu mandar os dois mais velhos, graças a um esforço redobrado, a uma datcha do Estado para passar o verão. E Lionka foi enviado, por uma quantia, para a aldeia de uns conhecidos.

As clientes voltaram a aparecer. A máquina de novo soava dia e noite. Também era preciso costurar roupas novas para os filhos. Era desconfortável, ficariam na companhia de pessoas... Não queria que rissem deles. Deus nos livre. Não são órfãos. Têm mãe!



E as crianças já faziam planos para o esperado verão, agitadas, contentes, sonhadoras. Estavam felizes por irem à *datcha* pela primeira vez após a morte do pai! Veriam o bosque, o campo, o rio... Iriam colher frutinhas silvestres, cogumelos, pescar... E tudo por causa do sarampo, bendito e querido sarampo!

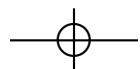
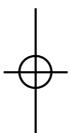
A mãe foi deixar seus filhos mais velhos na plataforma da estação ferroviária (Lionka tinha sido levado à aldeia uma semana antes). Lá repentinamente saltou aos olhos de Volódia a mudança ocorrida com ela nos últimos tempos: sua figura esquálida, o rosto cansado e atribulado.

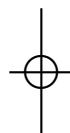
E, pela primeira vez, passou tal pensamento pela cabeça do menino contente com a viagem e com o verão agradável que teria pela frente:

— Como a pobre mamãe está cansada e magra... Enquanto nós, egoístas, vamos partir sem remorso...

O coração apertou... Uma dor aguda. Volódia quis se lançar na direção da mãe, pronto para dizer que ficaria com ela em casa, para consolá-la, para partilhar de sua solidão, mas... O terceiro apito soou... O trem se pôs em marcha, e a mãe mal conseguiu dar a bênção aos filhos e saltar do vagão. Eles partiram...

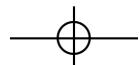
Tradução: Irineu Franco Perpetuo.

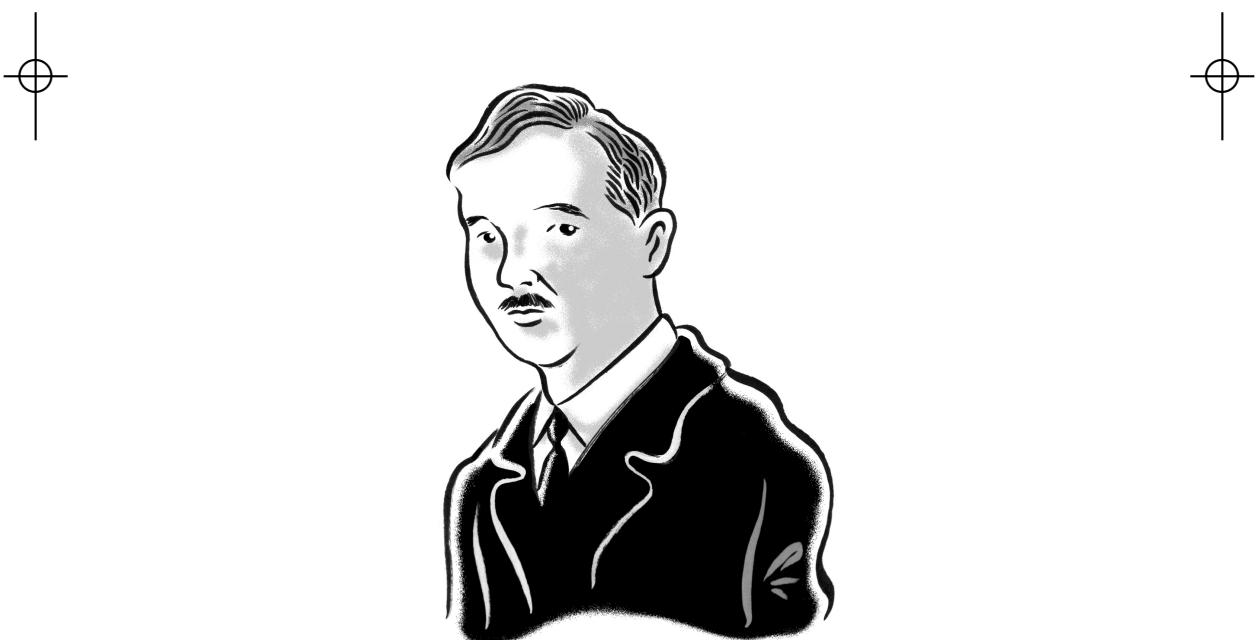




SACHA TCHÓRNY

(1880–1932)







A pedrinha vermelha

A datcha ficava junto à floresta. Jórjik tomou café rapidamente e correu para os canteiros. Na véspera ele e o caseiro tinham plantado ervilha — era preciso ver se ela já havia brotado. Mas ali ainda não havia nada. Jórjik remexeu na terra com ajuda de um graveto, tirou um grãozinho de ervilha e enterrou-o de novo.

Depois, ele se aproximou da cerca e começou a olhar a floresta: abetos balançavam atrás de arbustos, água brilhava num rego, dois corvos passeavam solenemente debaixo de um junípero e conversavam entre si.

“Vou para a floresta”, pensou Jórjik. “Mas andarei somente um pouco, até aquela betulazinha...”

Pensou e pôs-se a caminho. Uma tábuia estava completamente caída na velha cerca e passar pela fresta não seria difícil: primeiro um pé, depois a cabeça, depois o outro pé — e lá estava a floresta.

No caminho para a bétula, Jórjik se virou duas vezes: “Lá está ela, a nossa datcha... O telhado vermelho, e-nor-me, com um pombo sentado em cima...”. Dali também podia ver a fresta na cerca.



O menino chegou até a pequena bétula e sentou para descansar. “Ficarei um bocadinho antes de ir para casa. Salve, besouro! Por que está se arrastando pelo meu joelho?”

Ele tirou o besouro, colocou-o sobre o musgo e disse:

— Fique aqui, senão vai se perder no caminho!

Jórkik olhou ao redor: pequenos abetos estavam rangendo (“eles devem ter um apito no meio, como o meu coelho”, pensava ele); uma atrás da outra formigas corriam com pedacinhos de madeira para algum lugar, formando um fiozinho preto vivo; samambaias faziam reverência; nuvens de chuva pairavam alto — para Jórkik uma delas lembrava o caseiro: de barba branca e cachimbo na boca. O dia estava claro e nada ameaçador...

— Ah, que desgraça! — de repente alguém pipilou na floresta.

Jórkik se assustou e deu um salto:

— Qual desgraça? Quem está me assustando?

— Ei! Ajude-me, querido! — de novo alguém falou atrás dos arbustos.

O menino quis chorar e correr em disparada para casa, mas em seguida ficou envergonhado. A voz era fina e queixosa, igual à da Amichka quando lhe prendiam o rabo. Por que teria medo? Era bem grandinho, afinal... Talvez a menina da datcha vizinha tivesse se perdido — seria preciso pegá-la pela mão e levá-la de volta.



— Quem está choramingando aí? — Jörjik perguntou co-
rajosamente.

— Sou eu, uma ve-lhi-nha... Venha para cá, menino!

— Mas onde está, tia? — perguntou ele e olhou em volta.
Não podia ver a velhinha em lugar algum.

— Aqui, atrás do rego. Aí mesmo, mais à esquerda!

Jörjik se aproximou do rego e passou para o outro lado
através de um abeto que havia se quebrado.

Sobre um montículo de terra estava deitada uma velha
franzina usando um casaquinho azul. Suas pernas caíram
no pântano e não havia jeito de tirá-las de lá: por mais que
as puxasse, elas se afundavam mais e mais. Era como uma
mosca em um pires com geleia, sem tirar nem pôr.

Jörjik achou graça nisso, mas se conteve: a velha poderia
zangar-se com ele — de repente é um tipo de feiticeira?

— Tia — disse ele —, dê cá a sua mão, eu vou tirá-la daí!

— Não dará conta! Suas mãos são muito curtas e você
deve ter a força de uma barata. Olhe para lá! Debaixo da
bétula está a minha trouxa. Pegue a corda dentro... Amarre
uma ponta dela à bétula e a outra jogue para mim. Assim,
menino esperto... Vamos lá, muito bem!

A velhinha, dando gransidos, se agarrou à corda, então
gritou com voz rouca e, toda vermelha, tirou as pernas do
pântano. Depois de limpar-se e sacudir-se sobre o montículo,
ela disse a Jörjik:



— Obrigado, meu jovem! Ah, que pernas redondinhas você tem! O que posso lhe dar como recompensa por ter me tirado de lá?

O menino caiu em reflexão.

— Dê um camelo. Um pe-que-ni-no!

— Quá-quá! Um camelo... Que menino original... Onde é que eu arranjaria um camelo para você? E, vamos e venhamos, na sua casa ficaria apertado para ele; o bicho também estragaria os canteiros... Espere! — disse a velha. Ela encostou a mão no ouvido e olhou para cima.

— Para onde está olhando, tia? — perguntou Jórzik.

— Os corvos estão dizendo para eu sair daqui. Eles enterraram debaixo da bétula um ossinho, querem pegá-lo e nós estamos atrapalhando... Está bem, agora mesmo iremos!

— Veja só! — gritou Jórzik. — Como é que sabe que estão falando sobre o osso?

— Eu sei, quá-quá... Está vendo, amiguinho? — a velha tirou do ouvido uma pedrinha vermelha e a mostrou a Jórzik. — É uma coisinha à toa, mas está tudo aí. Basta colocá-la no ouvido para que escute como conversam os corvos, as vacas, os mais variados insetos...

— Verdade? E como o elefante fala, também se pode escutar?

— Tanto faz, que seja um elefante... Só que aqui não há elefantes...



— Tia! — disse Jórkik e agarrou a velha pelo casaquinho.

— Você perguntou o que me dar por tê-la tirado do pântano.
Dê essa pedrinha. Vá, por favor.

A velhinha pendurou a trouxa nas costas, acariciou a mão de Jórkik e riu:

— Ora essa, que pidão. Veja o que deu de escolher! E eu ficarei com o quê? Estar na floresta sem esta pedrinha, meu querido, é o mesmo que uma rã longe da água... Não, peça outra coisa qualquer...

— Cara senhora! Dê por apenas um dia! Por um tempo...

— Não vai perdê-la?

— Por nada deste mundo!

— E não a mostrará para ninguém?

— Para ninguém! — começou a pipilar Jórkik. — Ah, isso será divertido! Aqui tem a Amichka, tem o bode lelé, e-nor-me, maior até do que você, sempre resmungando com seus botões, tem o galo, tem as baratas...

— Calma lá... — disse a velha. — Que pressa! Está bem. Pode ficar com ela até de noite.

Ela enxaguou a pedrinha no rego, limpou-a com um pano branco e a deu a Jórkik.

— Para a mamãe também é proibido mostrar? — perguntou ele.

— Para a mamãe pode... Somente não diga como a conseguiu. É um segredo. E de noite, quando for dormir, coloque a pedrinha sob o travesseiro. Eu vou lá pegar.



— Como vai lá? Amichka dorme no chão perto da minha cama — assim que a perceber, ela morderá você...

— Não morderá! Eu mesma posso morder quem quer que seja... Então, adeus, menino — disse a velhinha. — Calma, calma, fique parado aqui.

Ela colocou Jórgik com o rosto virado para a bétula.

— Fique assim por um minuto e não se vire.

— Já pode? — perguntou Jórgik quando a velha tirou as mãos dele.

— Ainda não.

— E agora?

— Agora pode! — gritou a velhinha com a voz fina por trás dos arbustos.

Jórgik se virou. A velha havia desaparecido. Na palma da mão dele estava a pedrinha vermelha, miúda, miúda, do tamanho de uma joaninha. Ele rapidamente a enfiou no ouvido, deu um salto e correu para casa.

Os dois corvos ainda passeavam debaixo do junípero. Jórgik se deteve:

— Vamos lá, vamos lá!

Um corvo olhou de lado para o menino, virou-se e crociou:

— Crás, é surpreendente! De novo esse menino. Crás, tão pequeno e passeia sozinho pela floresta.

O outro corvo pensou e respondeu:

— Crás, é estranho.



Jórjik caiu na risada, fez uma saudação afastando a perna e gritou:

— Crás, senhores! Crás, queiram perdoar! Crás, mas não é da sua conta!

Meio minuto depois, ele já estava no jardim.

O jardim estava deserto. Apenas, em um atalho, um besouro grande marrom revolvia terra. Ele fazia a sesta, aquecia as costas sob o sol e não ouviu Jórjik se aproximar.

— Zás! Peguei... — disse Jórjik, apanhou o besouro pelo peito e o encostou no ouvido.

— Zum-zum-zum, que aperto terrível... — zuniu o besouro.

— Com as patas vou empurrar e com a barriga me esquivar, e logo me livro dessa... Zum-zum-ah!

— Ai, faz cócegas! — riu Jórjik e lançou o besouro para o alto.

O besouro voou e começou a cantar:

— Zum-zum-zum, Jórjik está andando no atalho, e olhem só para mim!

— Dacha! — gritou Jórjik. — Venha cá rápido!

— Para quê?

— Mostrarei uma coisa! Rápido!

De repente Jórjik lembrou que prometera à velhinha não mostrar a pedrinha vermelha a ninguém:

— Dacha, não precisa, não precisa. Eu falei por brincadeira!

— gritou ele e correu para o terraço.



No degrau para o terraço estava deitada uma cachorra gorda, Amichka. Jórijik sentou ao lado em seu cavalinho de madeira e pôs-se a esperar.

Amichka estava com calor: fechou os olhos, escancarou a boca e colocou a língua para fora. Uma língua tão comprida, que dela podia ser feito um laço vermelho. Os flancos iam e vinham, parecendo uma locomotiva: “Puf-puf”...

Veio uma gata. Sentou no balanço de Jórijik, lambeu-se, olhou para Amichka e miou:

— Miao... Amichka está ofegante, já eu sou elegante...

Amichka entreabriu um olho, fitou a gata e rosnou:

— R-r-r ... Você é um r-resto de peliça!

— E você uma desdentada — disse a gata e começou a cantar:

— Miao-miao, dona mutuca, morda a Amichka na fuça!...

Amichka abriu o segundo olho e levantou-se sobre as patas da frente:

— Se me provocar mais uma vez, moderei seu r-r-rabo!
Felina!

— Canina! E provoco quanto quiser: cachorros andam de focinheira, gatos não! Gorda, baleia, saco de areia. O rabo parece uma vara, e na barriga tem uma lombriga! Não me pega, não me pega... — a gata saltou do balanço e subiu em um poste.

Amichka se deitou.



— Não é de nada, só come marmelada! Quem tem a lombarda na barriga é você, por isso vive provocando os outros. Hoje de manhã comi sopa com macarrão. Sim, senhora! E pés de galinha. E no almoço comerei panquecas com almôndegas... E para você darão meu mingau de aveia de ontem...

— Ma-ma! — a gata miou queixosamente no poste e em suas costas surgiu uma corcunda. — Por que mingau de aveia?

— Porque você provoca sem parar — disse Amichka e de novo fechou os olhos.

A gata esperou a cachorra começar a roncar, desceu do poste e se aproximou de Jórjik.

— Miau! Garoto com cara de biscoito, dê um pouco de leite.

— Não dou, por que fica provocando?

— Eu vou lhe contar um conto de fadas.

— Um divertido?

— Rom-rom... Era uma vez dois ratos, uns fiapos cinzentinhos. E um gato de pelo aveludado. O gato foi até a despensa para lamber manteiga, mas a despensa tinha sido trancada com ferrolho. E lá moravam os ratos... O bichano ficou postado diante da porta, o coração palpitando — não tinha como entrar! Eis que o gato aveludado souou com voz fininha de rato: “Ei, ouçam! Eu também sou rato — quero muito passar, mas debaixo da porta não dá para passar... Vocês têm um frasco cheio de manteiga, besuntam as patas e as en-



fiem debaixo da porta. Rápido, surdos. Eu lamberei e grato lhes serei...". Um rato caiu na conversa: colocou a patinha para fora. E o gato: zás-trás! com as patas da frente e as de trás... Arrastou o rato pela patinha, agarrou-o numa braçada e nhac! Comeu o rato inteiro na manteiga. Que delícia! Não é bem pensado o conto?

— O conto não é mau, mas o gato é maldoso! Para que enganar desse jeito? — disse Jórkik.

— Miau! Eu não tenho culpa. Garoto com cara de biscoito, dê um pouco de leite...

Jórkik correu até a Dacha, pediu leite, derramou-o numa tampinha de graxa de sapatos e a levou à gata.

— Aqui está! Tome logo, estou sem tempo.

— Leite! Glub-glub-glub. Foi-se tudo. Até a última gota... Rom-rom-rom... — a gata começou a cantar e a se esfregar nos joelhos de Jórkik, ora com um flanco, ora com outro.

“Veja só, como ficou carinhosa!”, pensou ele.

— Bem, deixe-me ir até o bode.

O bode estava num galpão escuro, brilhava com os olhos, rangia com os dentes e batia com a pata no chão zangadamente. Quando Jórkik abriu a porta, o bode balançou a barba e bufou:

— Eca... Espere, espere! Ninguém vem aqui... Amarram-me pelos chifres... Eca! Está escuro, mutucas me picam... E eu tento assim ou assado, salto sobre os pés, abano o rabo,



mas continuam a picar... Enrolei-me todo. Eca! Não consigo nem me coçar.

Jórik se aproximou com cautela.

— Eu irei desemaranhar você! Não irá me morder, não é?

— Mé-mé! — baliu o bode. — Pode desemaranhar! Não morderei!

O menino desemaranhou a corda, acariciou o bode e perguntou:

— Diga, seu bode, por que é tão sujo?

— Mé! Sujo! Que tolice! Dizer tais coisas a um bode velho...

Mé! Sujo! Você vai ver o que é sujo...

— Eu não tinha a intenção, não tinha a intenção! — gritou Jórik, saiu correndo do galpão e trancou a porta com um gancho.

— Ei, bode lelé! — gritou Jórik por uma fresta. — Peliça de segunda! Contarei à Dacha e ela vai lhe dar um banho com sabonete de amêndoas... Vai ver só!

O bode ficou zangado. Tomou distância e bateu-se com força na porta — bam! Mas Jórik achou-o ridículo: o gancho era forte, não soltaria.

— Chi-chi! — de repente uma ratazana chiou atrás da porta. — Para que dar banho no bode com sabonete? O sabonete é um petisco. Ontem eu roí todo o sabonete da Dacha que estava no frasco...

— Ah! Tá, tá! — sussurrou Jórik. — Contarei à Dacha e todos vocês irão se ver com ela...



Ele foi até a cozinha, mas Dacha não estava lá. “Vou para o dormitório”, pensou ele. “Lá tem moscas.”

No dormitório estava silencioso. Na cama de Jórgik estava deitada a pequena Vava, sua irmã — mexia rapidamente as mãozinhas e os pezinhos e falava alguma coisa ligeiro. Ele se inclinou na direção dela e pôs-se a escutar.

— Mnia-vlia-glia, plia-mnia-dlia, mnia-glia-klia...

— Não se entende nada... — suspirou Jórgik e foi até a janela. — As moscas também devem falar a língua mnia-mnia-mnia. Sobre o que falariam? Só fazem zunir entre si e bater as cabeças no vidro.

Mas as moscas conversavam:

— Zi-zi-zi-zi-zi... Aqui não deixam ziguezaguear. Ziziam contra nós e nos prendem...

— O que está fazendo aqui, Jórgik? — perguntou sua mãe, espiando o dormitório.

— Mamãe, estou escutando as moscas conversarem.

— E como é que elas conversam?

— Venha para cá. Feche os olhos e me dê a orelha...

— Para quê? — riu a mãe. — Colocará algum bichinho dentro?

— Mas não! — disse Jórgik. — Não é um bichinho. Só que o que é eu não posso contar, é um segredo. Pronto! Está ouvindo o que as moscas falam?

— Estou ouvindo.

— O que elas estão dizendo?



— Dizem que está na hora de Jórik almoçar.
— Almoçar? — perguntou Jórik. — Tá, tá.
— Apenas é preciso deixá-las sair... Vamos! — disse ele e abriu a janela. — Agora dê a orelha de novo — pediu à mãe.
— Pronto!

Sentado à mesa, Jórik ria e balançava os pés. Ninguém sabia por que, mas ele sabia: a gata o tempo todo se esfregava debaixo da mesa nas suas pernas e ronronava:

— Rom-rom! Jórik, jogue para Amichka um talo de repolho e um osso para mim.

E Amichka respondia de baixo da mesa:

— R-r-r... O talo de repolho é pra você! R-rabugenta!

Depois do almoço, Jórik correu ao jardim para ver onde seu galo estava. E não o encontrou em lugar algum: nem no jardim, nem perto da cozinha, nem no galpão, nem na despensa. “Onde é que ele se escondeu?”, pensou o menino.

Jórik contornou o jardim e ouviu alguém cacarejar depressa do outro lado da cerca:

— Cocoricó, como pode! Um galo intruso!

Jórik subiu num banquinho e olhou para lá: o galo ruivo do vizinho espichou a cabeça e disparou para um monte de lixo, enquanto as três galinhas da Dacha corriam ao redor do monte, batendo as asas e gritando:

— Quiquiriqui! Como pode! Bandido vermelho! Para onde vai?



— Onde está nosso galo? — perguntou Jórkik. — Que desgraça, que desgraça!

— Cocorocó! Socorro! — de repente sob o galpão gritou o galo branco de Jórkik e, afastando os pezinhos, lançou-se contra o ruivo.

— Como se atreve? Como se atreve? — ele caiu sobre o ruivo e o agarrou pelo topete.

O galo ruivo se soltou, deu um pulo e bateu no peito do galo branco com a pata:

— Eu me atrevo! Eu me atrevo!

— Como se atreve? Como se atreve? — o branco avançou de novo.

— Dê uma nele, dê uma nele! — cacarejavam as galinhas, entusiasmadas, e os topetudos voavam pelo ar, punham-se de cabeça para baixo, davam piruetas sobre a terra.

Jórkik ficou com medo.

— Xô! Parem... Xô!... Vocês vão ver! — ele jogou um graveto nos galos e bateu palmas.

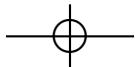
O galo ruivo deu um salto, sacudiu-se, correu para casa e se virou zangado para Jórkik:

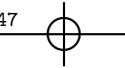
— Também... Có... Não me deixam brigar...

Já o galo branco subiu no topo do monte, bateu asas e gritou pelas costas do rival:

— Cocorocó — ele se mandou!

— Certamente, certamente — disse a galinha mais gorda.





Jórjik virou os bolsos do avesso e jogou para seu galo as migalhas que havia guardado, depois saltou do banquinho e foi para o caramanchão pulando sobre um pé só e cantando alegremente: “O ruivo se engalfinhou com o branco e dele levou uma surra!”.

Jórjik deitou-se na mesa do caramanchão e ficou olhando os galhos balançarem. Abelhas vinham voando, dançavam sobre sua cabeça e cantavam: “Zum-zum, onde estão as flores?”.

O conhecido besouro marrom chegou voando e zuniu: “Zum, Jórjik está deitado, Jórjik está deitado...”.

Uma minhoca verde rastejava pela mão dele e, quando ela chegou até a orelha passando pelo ombro, o menino a ouviu chiar baixinho: “Agora levarei um tombo...”. Assustada, evidentemente, por ter subido tão alto.

Quando Jórjik saiu do caramanchão, o sol pendia sobre os abetos e parecia a tigela que a Dacha usava para cozinar geleia. Rás gritavam da lagoa: “Cracoviana, cracoviana, cracoviana...”.

“Que raio é cracoviana?”, pensou Jórjik e de repente lembrou. “É um tipo de dança... Como é que as rás dançam com quatro patas? Devem se apoiar nas de trás como a Amichka...”

A mãe o estava esperando perto do terraço.

— Onde você estava?

— No caramanchão.

— O que estava fazendo lá?



— Estava ouvindo as abelhas conversarem.

A mãe sorriu e trouxe leite para Jórik. O leite, de tão gostoso, tinha cheiro de pão com creme. A gata de novo veio correndo, começou a andar por entre suas pernas e a cantar:

— Garoto com cara de biscoito, dê, miau, um pouco de leite!

— Não darei, porque você só sabe provocar — disse Jórik e foi dormir.

A mãe o ajudou a se trocar e saiu. Jórik custou a fechar os olhos. Ele queria esperar pela velha de casaquinho azul e lhe pedir com jeito... que deixasse a pedrinha vermelha com ele, mesmo que apenas por mais um dia. Colocou a pedrinha debaixo do travesseiro.

No quarto estava quente e silencioso, e um grilo desperto cantou de algum lugar perto da cama: “Cri-cri, feche os olhos, cri-cri, feche os olhos, cri-cri, feche os olhos”.

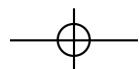
Jórik os fechou.

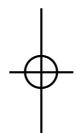
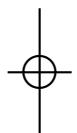
De manhã, assim que despertou, o menino enfiou a mão debaixo do travesseiro e a pedrinha já não estava lá. No lugar dela encontrou um livro com uma infinidade de animais, pássaros, insetos e besouros. De todos os tipos. E a respeito de cada um havia uma explicação sobre como vivia, comia e cantava, sobre como zunia ou miava. Jórik a todos perguntou de onde viera o livro, à mãe, à Dacha e mesmo à Amichka, mas ninguém sabia quem o havia trazido.

Deve ter sido a velhinha — quem mais?

Tradução: Moissei Mountian.



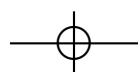




DANIIL KHARMS

(1905–1942)







Sobre como Kolka Pánkin viajou para o Brasil e sobre como Pietka Erchów não acreditou em nada

1

Kolka Pánkin decidiu fazer uma viagem a um lugar distante.

- Vou para o Brasil — disse ele a Pietka¹ Erchów.
- E onde fica esse tal Brasil? — perguntou Pietka.
- O Brasil fica na América do Sul — disse Kolka —, lá faz muito calor, vivem macacos e papagaios, crescem palmeiras, voam colibris, perambulam animais ferozes e habitam tribos selvagens.
- Os índios? — perguntou Pietka.
- Algo do gênero — disse Kolka.
- E como se chega lá? — perguntou Pietka.
- De aeroplano ou de navio — disse Kolka.
- E você vai de quê? — perguntou Pietka.
- Vou de aeroplano — disse Kolka.
- E onde é que você vai arranjar um aeroplano? — perguntou Pietka.

1. Kolka é apelido de Nikolai e Pietka de Piotr.



— Vou até o aeródromo pedir um, e eles vão me dar — disse Kolka.

— E quem é que vai dar um aeroplano pra você? — perguntou Pietka.

— Eu conheço todo mundo lá — disse Kolka.

— E quem é que você conhece lá? — perguntou Pietka.

— Várias pessoas — disse Kolka.

— Você não tem conhecido nenhum lá — disse Pietka.

— Não, eu tenho! — disse Kolka.

— Não, não tem! — disse Pietka.

— Não, eu tenho!

— Não, não tem!

— Não, eu tenho!

— Não, não tem!

Kolka Pánkin e Pietka Erchov decidiram ir ao aeródromo na manhã seguinte.

2

No dia seguinte, Kolka Pánkin e Pietka Erchov saíram de casa bem cedinho. Era longe para ir andando até o aeródromo, mas, como o tempo estava bom e não tinham dinheiro para o bonde, Kolka e Pietka foram a pé.

— Vou para o Brasil de qualquer jeito — disse Kolka.

— E vai me escrever? — perguntou Pietka.

— Vou — disse Kolka — e, na volta, vou trazer um macaco pra você.





— E um passarinho, vai trazer também? — perguntou Pietka.

— Vou trazer um passarinho — disse Kolka —, qual prefere: o colibri ou o papagaio?

— E qual é o melhor? — perguntou Pietka.

— O papagaio é o melhor, ele sabe falar — disse Kolka.

— E sabe cantar? — perguntou Pietka.

— Também sabe — disse Kolka.

— Com notas? — perguntou Pietka.

— Ele não sabe ler as notas. Mas é só cantar alguma coisa, que o papagaio repete — disse Kolka.

— E vai mesmo me trazer um papagaio? — perguntou Pietka.

— Vou mesmo — disse Kolka.

— E se não trouxer? — disse Pietka.

— Se eu disse que trarei, então trarei — disse Kolka.

— Não, não trará! — disse Pietka.

— Sim, eu trarei! — disse Kolka.

— Não! — disse Pietka.

— Sim! — disse Kolka.

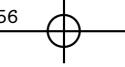
— Não!

— Sim!

— Não!

— Sim!

— Não!



Bem nesse momento Kolka Pánkin e Pietka Erchóv chegaram ao aeródromo.

3

Era tudo muito interessante no aeródromo. Os aeroplanos corriam pelo solo, um atrás do outro, e então — um, dois, três — logo apareciam no ar; no começo voavam baixinho, depois mais alto e mais alto, e depois, dando um giro no ar, desapareciam por completo. Uns oito aeroplanos ainda estavam no solo, também prontos para tomar impulso e sair voando. Kolka Pánkin escolheu um deles e, apontando-o a Pietka Erchóv, disse:

— É nesse aeroplano que eu vou para o Brasil.

Pietka tirou o boné e coçou a cabeça. Aí colocou o boné de volta e perguntou:

— E eles vão dar esse aeroplano pra você?

— Vão — disse Kolka —, eu conheço um aviador lá.

— Conhece? E qual é o nome dele? — perguntou Pietka.

— Muito simples: Pável Ivánovitch — disse Kolka.

— Pável Ivánovitch? — repetiu Pietka.

— Sim, sim — disse Kolka.

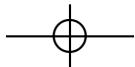
— E você vai pedir mesmo? — perguntou Pietka.

— Claro que vou. Venha comigo e verá — disse Kolka.

— E se ele não der o aeroplano? — perguntou Pietka.

— Mas como não? Eu vou pedir e ele vai dar — disse Kolka.

— E se você não pedir? — perguntou Pietka.





— Eu vou pedir — disse Kolka.
 — Vai ficar com medo! — disse Pietka.
 — Não, não vou ficar com medo — disse Kolka.
 — É medroso! — disse Pietka.
 — Não, não sou medroso! — disse Kolka.
 — É medroso! — disse Pietka.
 — Não, não sou medroso! — disse Kolka.
 — É medroso!
 — Não, não sou medroso!
 — É medroso!
 — Não, não sou medroso!

Kolka Pánkin e Pietka Erchów foram atrás do aviador.

4

O aviador estava perto do aeroplano limpando uns parafusinhos com a gasolina colocada numa pequena bacia. Ele estava todo vestido de couro e ao lado, no chão, estavam suas luvas de couro e seu capacete de couro.

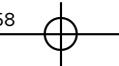
Kolka Pánkin e Pietka Erchów aproximaram-se.

O aviador tirou os parafusos da gasolina, colocou-os sobre a ponta da asa do aeroplano, depois colocou outros parafusos na bacia e começou a lavá-los.

Kolka olhou, olhou e disse:

— Salve, Pável Ivánovitch.

O aviador olhou primeiro para Pietka, depois para Kolka e aí se virou de novo. Kolka esperou, esperou e disse outra vez:



— Salve, Pável Ivánovitch.

Então o aviador olhou primeiro para Pietka, depois para Kolka e aí disse coçando uma perna com a outra:

— Eu não me chamo Pável Ivánovitch, mas Konstantin Konstantínovitch, e não conheço nenhum Pável Ivánovitch.

Pietka tapou a boca para não rir e Kolka bateu nele. Pietka fez cara de sério e Kolka disse ao aviador:

— Konstantin Konstantínovitch, eu e Pietka Erchóv decidimos ir para o Brasil, será que o senhor emprestaria seu aeroplano?

O aviador soltou uma gargalhada:

— Quá-quá-quá, quá-quá-quá! E vocês estão seriamente decididos a ir para o Brasil?

— Sim — disse Kolka.

— O senhor irá conosco? — perguntou Pietka.

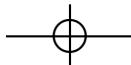
— E vocês realmente imaginaram — gritou o aviador — que eu daria a máquina a troco de nada? Só podem estar brincando. Mas, se me pagassem, eu poderia levar vocês até o Brasil. O que me dariam em troca?

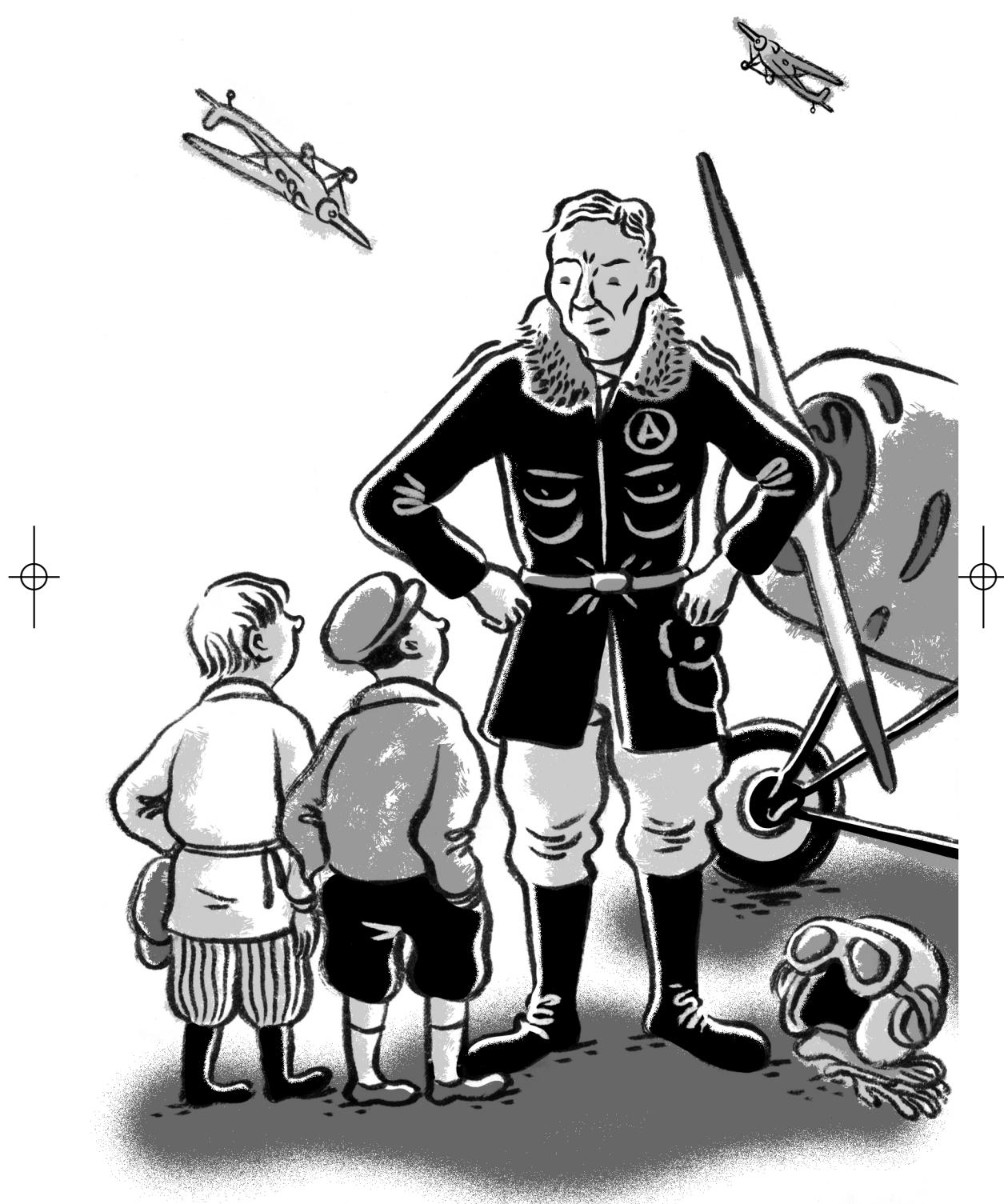
Kolka vasculhou os bolsos, mas não achou nada.

— Nós não temos dinheiro — disse ele ao aviador —, o senhor não poderia nos levar assim mesmo?

— Não, assim eu não levo — disse o aviador e se virou para consertar alguma coisa no aeroplano.

De repente Kolka agitou os braços e gritou:







— Konstantin Konstantínovitch! Quer um canivete? Ele é muito bom, tem três lâminas. Na verdade, duas estão quebradas, em compensação uma está inteirinha e é muito afiada. Uma vez eu dei um golpe na porta com o canivete e ele atra- vessou a porta de lado a lado.

— E quando foi isso? — perguntou Pietka.

— E o que você tem com isso? Foi no inverno! — Kolka ficou zangado.

— E que porta é essa? — perguntou Pietka.

— A da despensa — disse Kolka.

— Mas ela está inteirinha — disse Pietka.

— Então colocaram uma nova — disse Kolka.

— Não, não colocaram, é a velha — disse Pietka.

— Não, é uma nova — disse Kolka.

— E devolva o canivete — disse Pietka —, este canivete é meu, eu só emprestei para você cortar a corda do varal e você nunca mais me devolveu.

— Como é que o canivete é seu? O canivete é meu — disse Kolka.

— Não, o canivete é meu! — disse Pietka.

— Não, é meu! — disse Kolka.

— Não, é meu! — disse Pietka.

— Não, é meu!

— Não, é meu!

— Com os diabos, já chega — disse o aviador —, sentem no aeroplano, crianças, nós vamos ao Brasil.



Kolka Pánkin e Pietka Erchóv foram de aeroplano ao Brasil. E foi muito interessante. O aviador ficou sentado no banco da frente e só dava para ver seu capacete. Tudo estava muito bom. É verdade que o motor fazia tanto barulho, que ficava difícil falar, mas, olhando para baixo, era tudo tão amplo — de perder o fôlego! E na terra era tudo tão pequeno e parecia que uma coisa estava virada para outra do lado errado.

— Piet-ka! — gritou Kolka —, olhe que cidade toda tor-ti-nha!

— O que-e-ê? — gritou Pietka.

— Ci-da-de! — gritou Kolka.

— Não ou-ço! — gritou Pietka.

— O que-e-ê? — gritou Kolka.

— Falta muito para chegar ao Bra-sil? — gritou Pietka.

— Que Ba-sí-lio? — gritou Kolka.

— O chapéu vo-ou! — gritou Pietka.

— Quanto! — gritou Kolka.

— On-tem! — gritou Pietka.

— América do Norte! — gritou Kolka.

— Na-vi-da-ri-di-i-i! — gritou Pietka.

— O quê? — gritou Kolka.

De repente, deu um vazio nos ouvidos e o aeroplano começou a descer.





O aeroplano saltou sobre algumas moitas e parou.

— Chegamos — disse o aviador.

Kolka Pánkin e Pietka Erchów olharam ao redor.

— Pietka — disse Kolka —, olhe só que Brasil!

— E isto aqui é o Brasil? — perguntou Pietka.

— Seu tonto, será que você mesmo não vê? — disse Kolka.

— E quem são essas pessoas correndo? — perguntou Pietka.

— Onde? Ah, estou vendo — disse Kolka. — São os nativos, os selvagens. Está vendo, as cabeças são brancas. Os penteados são feitos de grama e palha.

— Pra quê? — perguntou Pietka.

— É assim — disse Kolka.

— Pois eu acho que o cabelo deles é assim mesmo — disse Pietka.

— Mas estou dizendo que são penas — disse Kolka.

— Não, é cabelo! — disse Pietka.

— Não, penas! — disse Kolka.

— Não, cabelo!

— Não, penas!

— Não, cabelo!

— Pois bem, desçam do aeroplano — disse o aviador —, eu preciso voar.





Kolka Pánkin e Pietka Erchów desceram do aeroplano e foram na direção dos nativos. Os nativos eram baixos, sujos e de cabelos claros. Ao ver Kolka e Pietka, eles pararam. Kolka deu um passo à frente, levantou a mão direita e disse:

— Oakhi! — disse na língua dos índios.

Os nativos ficaram boquiabertos e se calaram.

— Gapakuk! — disse Kolka.

— O que você está dizendo? — perguntou Pietka.

— Estou conversando na língua dos índios — disse Kolka.

— E de onde você conhece a língua dos índios? — perguntou Pietka.

— Eu tinha um livrinho batuta e aprendi com ele — disse Kolka.

— Conte outra — disse Pietka.

— Não enche! — disse Kolka. — Inam kos! — disse ele aos nativos.

De repente os nativos deram uma risada.

— Kerek eri iale — disseram os nativos.

— Ara toki — disse Kolka.

— Mita? — perguntaram os nativos.

— Pare com isso, vamos embora — disse Pietka.

— Pilguedrau! — gritou Kolka.

— Perkilia! — gritaram os nativos.

— Kulmeguinki! — gritou Kolka.

— Perkilia, perkilia! — gritaram os nativos.



— Vamos dar no pé! — gritou Pietka —, eles querem é brigar.

Mas já era tarde. Os nativos atiraram-se contra Kolka e começaram a bater nele.

— Socorro! — gritou Kolka.

— Perkilia! — gritaram os nativos.

“Mm-uuu”, uma vaca mugiu.

8

Depois de baterem em Kolka para valer, os nativos fugiram atirando terra no ar. Kolka ficou ali desgrenhado e todo amarrotado.

— Pie-pie-pie-pie-pietka — disse ele com a voz trêmula. — Que surra que eu dei nesses nati-ti-ti-vos. Um pa-pa-pa-para cá, outro pa-pa-pa-para lá.

— E eles, por acaso não bateram em você? — perguntou Pietka.

— Que bobagem! — disse Kolka. — Fui eu que peguei todos eles: um-dois, um-dois, um-dois!

“Mm-uuu”, soou nos ouvidos de Kolka.

— Ai! — Kolka gritou e correu.

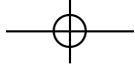
— Kolka. Ko-olka-a-a! — gritava Pietka.

Mas Kolka corria sem olhar para trás.

Correram, correram,

correram, correram,

correram, correram,





e, só quando chegaram à floresta, Kolka parou.

— Ufa! — disse ele, retomando o fôlego.

Pietka ficou tão ofegante com a corrida, que não conseguiu dizer nada.

— Mas que bisonte! — disse Kolka depois de retomar o fôlego.

— Quê? — perguntou Pietka.

— Não viu o bisonte? — perguntou Kolka.

— Onde? — perguntou Pietka.

— Bem ali. Ele se atirou na gente — disse Kolka.

— Não era uma vaca? — perguntou Pietka.

— Que bobagem! Que espécie de vaca é essa? Não existem vacas no Brasil — disse Kolka.

— E será que bisontes andam com sininhos no pescoço? — perguntou Pietka.

— Andam — disse Kolka.

— De onde vêm os sininhos? — perguntou Pietka.

— Dos índios. Toda vez que os índios capturam um bisonte, eles amarram um sininho nele e depois soltam o bicho.

— Pra quê? — perguntou Pietka.

— É assim — disse Kolka.

— Não é verdade, bisontes não andam com sininhos, e aquilo era uma vaca — disse Pietka.

— Não, um bisonte! — disse Kolka.

— Não, uma vaca! — disse Pietka.

— Não, um bisonte!



— Não, uma vaca!
— Não, um bisonte!
— E cadê os papagaios? — perguntou Pietka.

9

Kolka Pánkin ficou todo confuso na hora.

— Que papagaios? — perguntou a Pietka Erchóv.
— Sim, você prometeu pegar uns papagaios assim que a gente chegasse. Se isto aqui é o Brasil, então cadê os papagaios? — disse Pietka.
— Não dá para ver os papagaios, em compensação os colibris estão sentados logo ali — disse Kolka.
— Ali no pinheiro? — perguntou Pietka.
— Isso não é um pinheiro, é uma palmeira — ofendeu-se Kolka.
— Mas nos desenhos as palmeiras são diferentes — disse Pietka.
— Nos desenhos são outras palmeiras, no Brasil elas são assim — zangou-se Kolka. — Olhe, cada colibri!
— Parecem os nossos pardais — disse Pietka.
— Parecem — concordou Kolka —, mas são menores.
— Não, maiores! — disse Pietka.
— Não, menores! — disse Kolka.
— Não, maiores! — disse Pietka.
— Não, menores! — disse Kolka.
— Não, maiores!



— Não, menores!

— Não, maiores!

— Não, menores!

De repente, ouviu-se um barulho atrás de Kolka e Pietka.

10

Kolka Pánkin e Pietka Erchów viraram-se. Uma espécie de monstro voava na direção deles.

— O que é isto? — assustou-se Kolka.

— É um automóvel — disse Pietka.

— Não pode ser! — disse Kolka. — Como um automóvel foi parar no Brasil?

— Não sei — disse Pietka —, só sei que é um automóvel.

— Não pode ser! — disse Kolka.

— Estou dizendo que é um automóvel — disse Pietka.

— Não, não pode ser — disse Kolka.

— Não, pode!

— Não, não pode!

— Então, agora está vendo que é um automóvel mesmo?

— perguntou Pietka.

— Estou vendo, mas é muito estranho — disse Kolka.

Nesse meio-tempo, o automóvel se aproximou.

— Ei, crianças — gritou um homem de dentro do automóvel. — A estrada para Leningrado é a da esquerda ou a da direita?

— Para qual Leningrado? — perguntou Kolka.



— Como para qual? Então, como faço para chegar até a cidade? — perguntou o motorista.

— Nós não sabemos — disse Pietka e, de repente, deu de chorar.

— Tiozinho — dizia ele chorando —, leve a gente para a cidade.

— Mas vocês são da cidade mesmo? — perguntou o motorista.

— Sim — chorava Pietka —, da Rua Mokhovaia.

— E como vieram parar aqui? — surpreendeu-se o motorista.

— É que o Kolka — chorava Pietka — tinha prometido me levar até o Brasil, mas me trouxe pra cá.

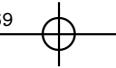
— Para Brussílovo... Brussílovo... Esperem, Brussílovo é mais pra lá, é perto da província de Tchernígov — disse o motorista.

— Província de Chilígov... República de Chilínskie... Chile... É mais para o sul, lá onde fica a Argentina. O Chile fica à costa do Oceano Pacífico — disse Kolka.

— Tiozinho — Pietka choramingou de novo —, leve a gente para casa.

— Está bem, está bem — disse o motorista. — Sentem aí, o carro está vazio de qualquer jeito. Só que Brussílovo não fica aqui, Brussílovo fica na província de Tchernígov.

Então Kolka Pánkin e Pietka Erchów foram para casa de automóvel.



No começo, Kolka Pánkin e Pietka Erchów foram em silêncio.

Depois Kolka olhou para Pietka e disse:

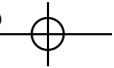
— Pietka — disse Kolka —, você já viu um condor?
— Não — disse Pietka. — O que é isso?
— É um pássaro — disse Kolka.
— Grande? — perguntou Pietka.
— Muito grande — disse Kolka.
— Maior do que o corvo? — perguntou Pietka.
— Que bobagem! É o maior pássaro que existe — disse Kolka.

— Mas eu nunca vi — disse Pietka.
— Mas eu já. Ele estava sentado numa palmeira — disse Kolka.

— Em qual palmeira? — perguntou Pietka.
— Na palmeira onde estava o colibri — disse Kolka.
— Aquilo não era uma palmeira, era um pinheiro — disse Pietka.

— Não, uma palmeira! — disse Kolka.
— Não, um pinheiro! — disse Pietka. — Palmeiras só crescem no Brasil, aqui não crescem palmeiras.

— Mas nós fomos para o Brasil — disse Kolka.
— Não, não fomos! — disse Pietka.
— Não, fomos! — disse Kolka.
— Não-fo-mos! — gritou Pietka.
— Fomos, fomos, fomos, fo-mo-o-os! — gritou Kolka.



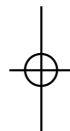
— Lá está Leningrado — disse o motorista apontando para os telhados e para as chaminés que espetavam o céu.

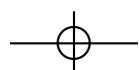
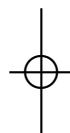
ASSIM É QUE É.

Daniil Kharms

1928

Tradução Moissei Mountian.









Sobre os autores

CATARINA II



Os primeiros contos russos para infância saíram da pena de Catarina II (1729–1796), a imperatriz da Rússia de 1762 a 1796: “Conto do tsarévitche Cloro” e “Conto do tsarévitche Fevei”, duas parábolas universais.

Leitora aplicada, a própria tsarina, além de trocar correspondências com pensadores célebres, aventurou-se na escrita.

Catarina nasceu Sophie Friederike Auguste, na antiga Prússia, e, ao casar-se com o futuro Pedro III e converter-se à fé ortodoxa, adotou o nome russo.

Nos 34 anos de seu governo, ela aprofundou o processo de ocidentalização iniciado por Pedro, o Grande, e promoveu a ciência e as artes. Foi sua coleção particular, incluindo 13 quadros de Rembrandt e 11 de Rubens, que deu origem ao acervo do Museu Hermitage; em 1764, graças a seu empenho, foi inaugurado o Instituto Smolny para moças nobres, a primeira instituição educacional para mulheres da Rússia; também foram criados, com seu incentivo, arquivos, tipografias, bibliotecas.



Mesmo com os avanços nas ciências e algumas ideias progressistas, seu reino foi marcado pelos privilégios que cedera aos nobres e pela falta de liberdade e de direitos dos camponeses, a maior parte da população. Não por acaso Emelian Pugatchóv (c. 1742–1775) comandou um levante camponês em 1773/1774, acontecimento descrito na novela *A filha do capitão* (1836), de Aleksandr Púchkin.

Catarina II escreveu “Conto do tsarévitche Cloro” (*Skazka o tsariévitche Khlore*) em 1781 para seus netos Constantino e Alexandre, futuro imperador, e o texto tornou-se um dos mais conhecidos dela, sendo publicado em forma de livro em 1781, 1782 e 1783. Nesta última edição, a tiragem foi de 800 exemplares (400 em russo e 400 em grego).¹ De teor iluminista e universal, a obra utiliza em sua composição elementos de contos populares ou folclóricos.

Traduzido a partir dos manuscritos disponíveis no site da Biblioteca Estatal Infantil da Rússia (RGDB, Moscou).

Vladímir Odóievski



O príncipe Vladímir Odóievski (1804–1869) era musicólogo, escritor e ocultista. Foi representante do romantismo russo, com influências de Hoffman, Schelling (a quem conheceu pessoalmente) e do idealismo alemão. Odóievski publicou em 1844 *Noites russas*, romance de traços românticos e filosóficos.

1. KRAVTCHEKO, O. A. “Conto do tsarévitche Cloro” e o desenvolvimento do sistema alegórico e figurado na ode “Felícia” de G. R. Derjávin (“*Skazka o tsariévitche Khlore* i púti razvitiia eio óbrazno-allegorítcheskogo stroia v ode G. R. Derjávina “*Felitsa*”). *Imaloguia i komparativistika*, 2015, nº1, pp. 91–104.p. 91.



Como músico e musicólogo, acreditava que a “música era filha da matemática”, admirava Bach, Beethoven e Glinka, compôs músicas sobre poemas de Púchkin e Nekrássov e para fábulas de Krylov, foi autor dos livros *Alfabeto musical para escolas populares* e *Gramática musical para não músicos*.

Participava ativamente da vida literária, era amigo de Gógl e Lermontov, e sua obra interessou a Púchkin, de quem foi ajudante na revista que o poeta havia fundado, *O contemporâneo*. Foi Odóievski, por sinal, o autor da frase “o sol da poesia russa”, referindo-se a Aleksandr Púchkin, que é repetida aos quatros ventos na Rússia.

O príncipe também se interessou pela educação; ele acreditava que as crianças deveriam desenvolver qualidades humanitárias e valorizar o saber por um processo de aprendizagem não desquitado da realidade e concebido como um todo, e não como um conjunto de disciplinas isoladas e artificiais.²

Vladímir Odóievski começou a escrever textos para a infância nos anos 1830, com o pseudônimo “titio Irinei”, e passou por vários gêneros.

“A cidadezinha da tabaqueira” (*Gorodók v tabakierke*), de traços românticos, um marco das letras russas infantis, foi publicado em 1834 de forma independente, sendo depois integrado à coleção *Contos do titio Irinei*, de 1841. O conto foi muito elogiado por Belinski, que notou na caixinha de música em que Micha se aventura uma alegoria da sociedade. Em 1976, Valéri Ugárov fez uma animação psicodélica baseada no conto.

Traduzido a partir de: ODOIÉVSKI, V. Pióstrye skasky. Skázki diéduchi Irineia. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1993, pp. 126–135.

2. SIGÓV, Vladímir (org.). *Literatura infantil* (Diétskaia literatura). Moscou: Iurait, 2019, p. 83.



IVAN TURGUÊNIEV



Quando se pensa em literatura russa, Ivan Turguêniev (1818–1883) é daqueles autores inescapáveis. Suas obras, escritas com primor, tornaram-se conhecidas no mundo inteiro, tal como *Pais e filhos* (1862), dedicado ao crítico Vissarion Belínski.

De uma família nobre abastada, Turguêniev passou anos de sua vida na Europa, mas nunca deixou de se sensibilizar com as questões da Rússia. O interesse pelas transformações político-sociais de seu país não o impediu, no entanto, de expor em seus livros, que oscilavam entre romantismo e realismo, grandes contradições humanas.

Nascido numa propriedade rural na região de Oriol, tinha um pai ausente, que morreu aos 42 anos, e uma mãe voluntariosa e autoritária, Varvara Turguênieva. Em 1833, o futuro escritor ingressou no departamento de letras da Universidade de Moscou e, um ano depois, transferiu-se para a Universidade de São Petersburgo, onde se graduou em 1837, partindo para Berlim para continuar os estudos. A Alemanha foi também palco do encontro que teve com Mikhail Bakúnin, no começo da década de 1840, figura que em parte inspirou seu primeiro romance, *Rúdin*, de 1856.

A vida de Ivan Turguêniev sofreu uma guinada em 1843, quando ele conheceu em São Petersburgo a cantora lírica e compositora francesa Pauline Viardot e por ela se apaixonou perdidamente. Era casada com o crítico e diretor de teatro Louis Viardot, vinte anos mais velho que ela, mas isso não conteve Turguêniev, que não mais



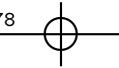
se afastou de sua amada. A devoção dele por Pauline motivou nova temporada na Europa, onde ele manteve contato com grandes nomes das letras francesas, como George Sand, Gustave Flaubert e Victor Hugo.

Desde os anos 1830, o jovem Turguêniev, fanático por Púchkin e Gógl, já traduzia e escrevia poemas e peças, mas sua entrada definitiva para o mundo literário se deu em 1847, quando começou a publicar, na revista *O contemporâneo*, os contos que formariam o volume de *Memórias de um caçador* (1852), coletânea que colaborou para o fim do regime de servidão da gleba. A partir de então escreveu principalmente textos em prosa, muitos dos quais se tornaram clássicos, tais como: *Diário de um homem supérfluo* (1850), *Ássia* (1858), *Primeiro amor* (1860).

Iván Turguêniev morreu em 1883 em Paris, mas pediu que fosse enterrado em São Petersburgo.

“Mumu” saiu pela primeira vez na revista *O contemporâneo*, em 1854, mas foi escrito antes, em 1852, na época em que Turguêniev cumpria prisão domiciliar de 18 meses, após ter publicado um necrológio de Nikolai Gógl. Ao aparecer na revista, o texto foi considerado “impróprio para publicação” e só pôde ser integrado às obras completas do autor em 1856. Muito popular na Rússia, a história de Guerássim comove gerações de leitores, que se questionam por que ele sacrificou a única criatura que amava. Sabe-se também que a personagem foi baseada em um criado da mãe de Turguêniev, o mudo Andrei, que afogou sua cachorrinha Mumu a mando da patroa, mas, ao contrário de Guerássim, aquele continuou trabalhando com ela.³

3. DARMAROS, Marina. *Material digital do professor – Contos russos juvenis*. São Paulo: Kalinka, 2021.



Traduzido a partir de: TURGUÊNIEV, I. Pólnoie sobránie sotchinié-nii i pissem v 30 tomákh. Moscou: Naúka, 1980.

LEV TOLSTÓI

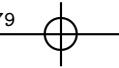


Nem todo mundo sabe que o conde Lev Tolstói (1828–1910) dedicou praticamente toda a sua vida também à educação e à literatura para a infância e a juventude. Além de ter fundado, em 1859, uma escola para camponeses na propriedade onde nascera, Iásnaia Poliana, ele criou a *Cartilha* (1871–1872), enorme manual depois desmembrado na *Nova cartilha* (1875) e em quatro *Livros russos para leitura* (1875–1885).

Tendo perdido os pais ainda menino, Tolstói foi educado por tutores e depois por uma tia. Ele ingressou, em 1845, na Universidade de Kazan, mas não chegou a concluir-la, sendo, no fim das contas, um autodidata — era conhecedor de muitas línguas e filosofias.

Foi durante o serviço militar, passando pelo Cáucaso e pela Crimeia, que começou a escrever. Seu primeiro texto, *Infância*, saiu em 1852 na revista *O contemporâneo*. A fase de seus longos romances, de *Guerra e paz* (1865–69) até *Anna Kariénina* (1875–77), começou após seu casamento, em 1862, com Sófia Andréievna, união que gerou 13 filhos.

Tomado por anseios e inquietações, o escritor intercalou vida literária e outros interesses. “Tolstói é importante não apenas por ser o mestre insuperado do gênero que se costumou chamar



'romance psicológico do século XIX', mas também por seus contos breves, diários e escritos teóricos sobre pedagogia, arte e religião".⁴

A década de 1880 aprofundou uma série de crises existenciais por que o escritor havia passado e o levou a uma fase que ele próprio definiu como sua "redenção moral". Já praticante do vegetarianismo, ele abriu mão dos direitos autorais de algumas obras em prol dos camponeses e sistematizou uma série de preceitos filosóficos e religiosos que, reunidos, passaram a ser conhecidos como tolstoísmo, doutrina baseada no cristianismo, mas acrescida de outras concepções, que repercutiu no mundo todo e fez com que Tolstói fosse excomungado da Igreja Ortodoxa. Seu último romance foi *Ressurreição* (1899).

"O prisioneiro do Cáucaso" (*Kavkázsksii pliénnik*), que trata do conflito clássico entre russos e tchetchenos ou entre colonizados e colonizadores, foi escrito por Tolstói para ser incluído no quarto Livro russo para leitura e também foi publicado na revista Aurora (*Zariá*) em 1872. A história, muito conhecida dos russos, foi adaptada duas vezes para o cinema.

Traduzido a partir de: TOLSTÓI, L. *Sobránie sotchiniénii v 22 tt.* Moscou: *Khudójestvennaiia literatura*, 1982, tomo 10, pp. 208–230.

4. BERNARDINI, Aurora Fornoni. *Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein*. São Paulo, Kalinka, 2018.p.138.



NIKOLAI LESKÓV



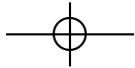
De origem humilde, Nikolai Leskóv (1831-1895), o mais velho de sete irmãos, teve vários trabalhos antes de dedicar-se, nos anos 1860, ao jornalismo e à literatura. As viagens comerciais que fez pela Rússia ao trabalhar, em 1857, com um tio de sua esposa, deram-lhe a oportunidade de conhecer variados tipos humanos, que foram retratados repetidamente em suas obras.

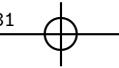
O posicionamento independente do escritor o fez colecionar polêmicas religiosas (chegou a virar tolstoísta) e políticas (ele se indispôs com conservadores e radicais) nas duas profissões que tinha, que na verdade coincidiam de certa forma.

Deixou romances, como *A lugar nenhum* (1864), novelas, como *Lady Macbeth do distrito de Mtzensk* (1865), e muitos contos, como “O canhoto” (1881), que, entre realidade e ficção, retratam camponezes, religiosos, comerciantes, loucos e tratantes, sempre com uma linguagem saborosa e variegada que usa da sátira e da estrutura dos contos populares russos.

Para crianças, publicou na década de 1880 a coletânea *Contos de Natal* (1886) e textos nas revistas *Palavra sincera* e *Brinquedinho*, como “A cabra” e “O espantalho”.

O nome de Léskov também se tornou conhecido por um ensaio de Walter Benjamin sobre o narrador, de 1936, que circulou nos meios acadêmicos e no qual é acentuado o elemento da oralidade de sua narrativa.





“Bobinho” (*Duratchók*), conto que mistura, com marcas de oralidade, duas figuras emblemáticas da cultura russa — o iuródivyi (misto de louco e profeta) e o durák (personagem dos contos populares) —, foi publicado pela primeira vez em 1891 na revista infantil *Brinquedinho*.

Traduzido a partir de: LESKÓV, N. Pólnoie sobránie sotchiniénnii. São Petersburgo: Tipografia A. F. Marks, 1903, tomo 33.

ANTON TCHÉKHOV



Anton Tchékhov (1860–1904), escritor e dramaturgo, nasceu numa cidadezinha chamada Taganrog, no sul da Rússia, e foi o terceiro dos seis filhos de Pável, dono de uma mercearia, e Evguénia.

Neto de servos, o futuro escritor teve uma infância dura, marcada pela religião e pela pobreza; seu refúgio eram os livros e o teatro, que o fascinou desde os 13 anos.

Em 1879, o jovem mudou-se para Moscou, onde já se encontrava sua família, que fugira dos credores após a falência do pai. Na cidade grande, Tchékhov ingressou na faculdade de medicina e continuou escrevendo pequenas histórias cômicas, publicadas agora em revistas moscovitas. Produzindo muito e cada vez mais ciente de seu estilo, transformou-se num mestre da prosa curta, rompendo com elementos tradicionais da composição do conto. Muitas de suas obras, como *Enfermaria nº 6* e “A dama do cachorrinho”, foram e são referência para um sem-número de artistas.

Uma viagem que fizera pelo sul originou a novela *A estepe*, que, publicada em 1888 na prestigiada revista *Mensageiro do Norte*,



deu-lhe mais notoriedade. Dois anos depois, o escritor, que sofria de tuberculose, empreendeu uma difícil e longa viagem a uma colônia penal na Ilha de Sacalina, no Extremo Oriente Russo, uma experiência que teve grande repercussão em sua vida. Ao voltar, passou os cinco anos seguintes escrevendo um relato sobre a ilha, com descrições apuradas e denúncias sociais.

Anton Tchékhov também inovou a arte dramática, principalmente com as peças que criou para o Teatro de Arte de Moscou: *Tio Vânia* (1899), *As três irmãs* (1901), *O jardim das cerejeiras* (1904).

Viveu seus últimos anos, entre uma viagem e outra, numa propriedade nos arredores de Ialta, cuidando da tuberculose, que acabou lhe tirando a vida precocemente, aos 44 anos. Tchékhov morreu em sua casa, depois de tomar um copo de champanhe, segundo recordações da atriz Olga Knipper, sua esposa e amiga.

“Vanka”, assinado com pseudônimo A. Tchekhonte, foi publicado pela primeira vez no dia 25 de dezembro de 1886 no suplemento “Contos de Natal”, do Jornal de Petersburgo. Com o autor ainda em vida, o conto foi incluído no manual escolar *Livro para leitura* (1900) e traduzido para o francês, o alemão e o dinamarquês. Na história, o órfão Vanka, de 9 anos, escreve uma carta ao avô para que venha buscá-lo, uma carta sem endereço que nunca chegará — um conto de Natal antinatalino, como destacaram alguns críticos, com marcas de Andersen, Dickens e Dostoiévski. “O fugitivo” (*Beglets*) saiu em 1887 com o mesmo pseudônimo e no mesmo jornal. Os dois contos foram muito apreciados por Lev Tolstói e se tornaram clássicos da literatura infantojuvenil russa.

Traduzido a partir de: TCHÉLHOV, A. Pólnoie sobránie sotchiniénii i pissem v 30 tomákh. Moscou: Naúka, 1984.



FIÓDOR SOLOGUB



A figura do poeta, dramaturgo e escritor Fiódor Sologub (1863–1927), pseudônimo de Fiódor Tetiérnikov, tornou-se lendária nos meios literários de sua época. Teciam palavras exultantes sobre sua obra e ao mesmo tempo o descreviam como um homem de poucas palavras e ausente, sempre com o pincenê, as pernas cruzadas e os olhos entreabertos. Sologub foi expoente do simbolismo russo, movimento que floresceu no início do século XX, produzindo uma renovação poética e estética em diversas áreas e preparando o advento de novos caminhos para a arte.

Antes do escritor Sologub, vivia o professor Tetiérnikov. Nascido em São Petersburgo, perdeu o pai, um alfaiate, aos quatro anos de idade. Sua mãe, severa e religiosa, depois da morte do marido, tornou-se criada na casa dos Agápov, uma influente família petersburguesa, onde Fédia, como o menino era chamado, e Olga, sua irmã mais nova e de quem ele nunca se separou, passaram a infância e a juventude. Ao concluir o Instituto Técnico de São Petersburgo, ele trabalhou como professor de matemática e depois como inspetor escolar até o ano de 1907.

Em 1908, depois da morte de Olga, Sologub se casou com Anastassia Tchebotariévskaia, tradutora, dramaturga, crítica e sua colaboradora. Em 1921, após inúmeras tentativas frustradas de saírem da Rússia soviética, Anastassia se jogou da ponte Tutchkóv ao rio Nevá. Fiódor Sologub, inconformado com a morte da esposa, por muito tempo colocou o prato dela na mesa de jantar.



A obra de Sologub começou a ser publicada em almanaque na década de 1880, mas foi o ano de 1896 que marcou o início de sua carreira, quando três de seus livros foram publicados: *Poemas*; *Sombras: Contos e Versos*; e o romance *Sonhos maus*. Depois teve vasta carreira literária. Escreveu romances — como a trilogia *A lenda criada* (1907–1914) e sua mais famosa obra em prosa, *O Diabo Mesquinho* (1902) —, poemas, ensaios, contos para adultos e crianças e peças de teatro. Suas obras completas foram lançadas em vida duas vezes; a última, de 1914, tinha 20 volumes.

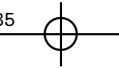
“A filha do fabricante de caixões” (*Skazka grobovshikovoi dôtcheri*), trazendo elementos típicos da prosa simbolista de Sologub, saiu pela primeira vez em 25 de dezembro de 1915 na revista *Manhã da Rússia*, em São Petersburgo. Depois o conto, que fala do estranho amor entre Zoya, cujo pai produzia caixões, e Elnitski, foi incluído na coletânea *A borboleta cega*, de 1918, publicada pela Editora Moscovita e considerada uma das melhores do escritor.

Traduzido a partir de: SOLOGUB, F. *Slepaia bábotchka. Sotch-tionnye dni*. São Petersburgo: Návi Tchári, 2001.

LÍDIA AVÍLOVA



Oriunda de uma família nobre empobrecida, Lídia Avílova (1864–1943) desde menina queria ser escritora. Terminou o ginásio em Moscou em 1882 e começou a publicar na década de 1890, colaborando em várias revistas e edições. Sua primeira coletânea, *O felizardo e outros contos*, saiu em 1896.



Entre seus trabalhos, muitos com temáticas sociais, destacam-se os contos (seu gênero favorito) em que sobressai o ponto de vista infantil. Lídia “com maestria descortinava o mundo interior da criança, seus ímpetos e aflições”.⁵

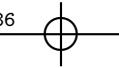
O nome de Lídia Avílova é geralmente associado ao de Anton Tchékhov, a quem ela conhecera em 1889 e com quem trocava correspondências, nas quais o escritor lhe dava conselhos literários. Avílova escreveu a biografia *A. P. Tchékhov na minha vida*, que acabou se tornando sua obra mais renomada, embora ela tenha escrito contos e novelas e tenha sido relativamente conhecida.

Durante a URSS, a autora deixou de ser convidada a trabalhar, mas nunca parou de escrever.

“Primeira mágoa” (*Piervoie gorie*) fez parte de uma coletânea de mesmo nome publicada em 1919 pela Associação de Editoras de Escritores, em Moscou, para a Biblioteca Escolar do Povo. O conto, que descreve o embate do menino Gricha com a realidade de injustiças sociais ao ver seu cocheiro e amigo ser preso, foi elogiado por Lev Tolstói, que o integrou à coletânea infantil *Círculo de leitura* (1906).

Traduzido a partir de: AVÍLOVA, L. Rasskázy, *Vospominania*. Moscou: Soviétskaia Rossia, 1984.

5. SEMIÓNOVA, V. G. Os criadores do livro soviético infantil: escritores, poetas, ilustradores (1917–1932) (*Tvórtsy soviétskoi diétskoi kníguí: prozaiki, poéty, khudójniki*). Moscou: Biblioteca Infantil Estatal da Rússia, 2017, p. 20.



ALEKSÁNDR KUPRIN



Aleksandr Kuprin (1870–1938) é lembrado pela personalidade arrojada, pelo gosto por aventuras, pela vida errante, pelo amor à Rússia, que conhecia profundamente. Ele nasceu em uma cidadelha da província de Penza e com um ano perdeu o pai, Ivan Kuprin, um funcionário público modesto oriundo da nobreza. Sua mãe, Liubov Kupriná, de origem tártsara, passou por grandes dificuldades e se viu obrigada a mudar com o filho para Moscou, onde ele estudou em um colégio militar. Ingressou na Escola de Cadetes de Alexandre em 1888 e, depois, foi integrado como subtenente ao 46º regimento de infantaria da guarda imperial e lá ficou até pedir baixa, em 1894. Voltou a alistar-se na Primeira Guerra Mundial.

Começou a escrever desde cedo e teve sua primeira obra publicada em 1889: *Estreia derradeira*. No começo da década de 1890, seus contos começaram a sair em revistas de Petersburgo, onde o autor passou a morar a partir de 1901. Deixou os quebra-galhos para trás — fora de pescador a ator de circo — e começou a colaborar em várias revistas como escritor e volta e meia como jornalista.

Kuprin, simpatizante dos socialistas revolucionários, radicou-se em Paris depois da Revolução de Outubro de 1917, regressando à Rússia em 1937.

Com uma prosa franca e realista, Aleksandr Kuprin tratou de diversos temas, muitos de viés social. Entre seus trabalhos, destacam-se: *Moloque* (1896), *O alferes armênio* (1897), *Olessia* (1898), *O duelo* (1905). Suas histórias infantojuvenis, como *Doutor mila-*



groso (1897), O poodle branco (1904) e O elefante (1907), são até hoje lidas pelas crianças russas e estudadas nas escolas.

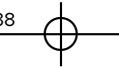
O conto “O elefante” (*Slon*) saiu pela primeira vez em 1907, na revista *Vereda*. Já O poodle branco (*Biélyi púdel*), inspirado em fatos reais, em 1904. Kuprin havia ido para o sul passar um verão e uma trupe aparecera em sua casa: um velho tocador de realejo, um jovem acrobata chamado Serguei e um *poodle*. Os saltimbancos passaram a visitá-lo com frequência e o escritor recebia-os com um belo almoço. Foi o acrobata que lhe contou que um dia uma senhora tentara comprar o cachorro deles. O conto também estabelece diálogo com “Mumu” (a volta de Artô para o velho revisita a cena em que Mumu retorna para Guerássim: os donos estavam dormindo e foram despertados pelas lambidas dos cachorros, que surgem com um resto de corda no pescoço). Essa ligação fornece complexidade ao conto de Kuprin, que ganha contornos mais sombrios: afinal, o que os artistas miseráveis poderiam esperar do futuro? Não à toa, no fim da história, o velho estava numa taberna rodeado de homens dormindo, largados no chão, feito mortos.

Traduzido a partir de: KUPRIN, A. I. *Ízbrannye sotchiniénia*. Moscou: *Khudójestvennaya literatura*, 1985.

LÍDIA TCHÁRSKAIA



O nome de Lídia Tchárskaia (pseudônimo de Lídia Tchirilova, 1875–1937), nascida em Tsárskoie Seló (S. Petersburgo), hoje nem na Rússia é amplamente conhecido, mas ela foi a autora infantojuvenil mais lida no início do século XX.

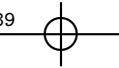


A mãe de Lídia morreu no parto e seu pai era militar. Quando completou 10 anos de idade, por conflitos com a nova família do pai, a menina foi mandada para o Instituto Pávlovski, um internato para moças, onde ficou até os 17 anos. Ao sair, ingressou na Escola de Teatro Imperial de São Petersburgo e, em 1898, tornou-se parte do corpo de atores do Teatro Aleksandrinski, fazendo pequenos papéis. Depois de separar-se do marido, Lídia começou a escrever para ajudar no sustento do filho e adotou o pseudônimo Tchárskaya (de tcháry, “feitiço”, “encanto”).

Com mais de 80 obras publicadas (em geral infantojuvenis), a autora enveredou por vários gêneros literários: escreveu poemas, contos, contos maravilhosos, novelas, romances autobiográficos e históricos. Suas protagonistas femininas — românticas, sentimentais, positivas e não raro órfãs (como a própria autora) — causavam sensação entre russinhas adolescentes.

Memórias de uma moça no internato (1901-1902), sua primeira novela, foi publicada na revista *Palavra sincera* e fez sucesso espantoso. Baseada nas lembranças do Instituto Pávlovski, a autora retrata os conflitos e as expectativas de moças cheias de paixão. As protagonistas, a pobre ucraniana Liuda Vlássovskaia e a princesa georgiana Nina Djavakha, deram origem a uma série de livros, que inclui *A princesa Djavakha* (1903), *Liuda Vlássovskaia* (1904), *A segunda Nina* (1907), entre outros. A livre e exótica Djavakha, a quem Marina Tsvetáieva chegou a dedicar um poema na coletânea *Álbum da tarde* (1910), foi a heroína mais adorada entre as criações de Tchárskaya.

Com a Revolução de 1917 e a instauração de um novo regime, os livros de Lídia Tchárskaya, assim como os de outros autores, foram retirados das bibliotecas e deixaram de ser editados, pois “eles eram estranhos à classe proletária e não correspondiam à nova



ideologia”, sendo considerados por demais sentimentais e “burgueses”.⁶ Ela conseguiu driblar a censura por um tempo, usando um pseudônimo, mas, após ser descoberta, não teve como continuar escrevendo. Foi despedida do teatro em 1924. Komei Tchukóvski, Samuel Marchak e Víktor Chklóvski, representantes de uma nova proposta estética, criticaram-na publicamente — o único que saiu em sua defesa foi Fiódor Sologub, elogiando a escrita e a popularidade da autora, que acabou morrendo no ostracismo e na pobreza.

Com o fim da União Soviética, as obras de Tchárskaia voltaram a ser publicadas na Rússia, embora sem o mesmo frenesi.

“A prova” (*Ekzámen*), que descreve a ansiedade de uma menina às vésperas de um exame de geografia, foi retirado da coletânea *Nuvens azuis*, publicada primeiramente em 1912 em São Petersburgo, pela Editora V. I. Gubínski. Pela mesma editora saiu “A mãe” (*Mat*), retirado da coletânea *Contos da tarde*, sobre o dia a dia de uma viúva pobre com três filhos pequenos para criar. Ambos os contos de Tchárskaia têm protagonistas femininas que são descritas em situações cotidianas, com um olhar sensível e atento à psicologia infantil.

Traduzido a partir de: <http://chartskaya.lit-info.ru/>

6. HELLMAN, Ben. *Contos maravilhosos e histórias reais: a história da literatura russa infantil* (*Skazka i byl: Istoria rússkoi diétskoi literatúry*). Moscou: Nôvoie literatúrnoie obozriénie, 2016, p. 179.



SACHA TCHÓRNY



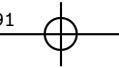
O poeta e escritor Sacha Tchórnny (1880–1932), pseudônimo de Alek-sandr Glikberg, nasceu numa família judia de Odessa. O tchórnny (“preto” em russo) surgiu porque havia dois filhos chamados Sacha (apelido de Aleksandr) na família — um de cabelos pretos, outro de cabelos loiros.

Sacha Tchórnny foi expulso de três ginásios por mau aproveitamento, até que seus pais pararam de responder às suas cartas e de lhe mandar dinheiro. Foi um funcionário público de Jitómir que cuidou do menino e lhe passou o gosto pela poesia.

Tchórnny tornou-se conhecido por seus poemas satíricos, que começou a publicar em 1901. Já morando em São Petersburgo, passou a colaborar em várias revistas, e seus versos cômicos eram esperados ansiosamente pelos leitores, que os sabiam de cor. Esses textos críticos tornaram o autor alvo da censura e ele se viu obrigado a ir para a Europa, de onde voltou em 1908. Agora um poeta renomado, virou colaborador da revista Satirikon.

A partir de 1911, para a surpresa dos admiradores de sua veia irônica, o escritor ingressou na literatura infantil. Ele fez tanto sucesso como poeta para os pequenos quanto para os grandes. Ao universo infantil trouxe humor, ritmo poético e uma linguagem própria da criança, dando sinais da nova fase da literatura russa para a infância que se consolidará alguns anos depois.

Em 1918, depois de voltar do front da Primeira Guerra Mundial, Tchórnny emigrou para a Europa, onde continuou escrevendo textos



para crianças. Tornou-se colaborador da revista *Varinha verde* e publicou muitos livros infantojuvenis, tais como a antologia poética *A ilha infantil* (1921) e *O diário do fox Mikki* (1927), uma história contada do ponto de vista de um cachorro parisiense.

O conto “A pedrinha vermelha” (*Krásnyi kámechek*) foi impresso pela primeira vez em 1912 na coletânea *Livrinho azul*, da qual participou também Maksim Górkii. Mas quem brilhou dessa vez foi Tchórny, com uma história cheia de fantasia e graça em que o menino Jórijik, passeando pela floresta, recebe de uma velha uma pedrinha mágica. Ao ser colocada no ouvido, ela lhe dá o poder de conversar com os animais.

Traduzido a partir de: TCHÓRNY, S. *Dniévník Foksa Mikki: Póvest, skaska, stikhi*. Moscou: Makhaon, 2015.

DANIIL KHARMS



Daniil Kharms (1905–1942), pseudônimo de Daniil Iuvatchóv, foi um escritor, poeta e dramaturgo nascido em São Petersburgo. Um dos precursores do teatro do absurdo com a peça *Elizaveta Bam* (1928), que criou para a noite de estreia da OBERIU (Associação para uma arte real), ele é hoje equiparado a escritores como Franz Kafka, Eugène Ionesco e Samuel Beckett.

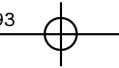
O excêntrico Kharms (de *harm*, “mal” em inglês), na década de 1920, vestia-se com itens da indumentária de Sherlock Holmes (seu herói favorito), participava ativamente de círculos de vanguarda, praticava jiu-jitsu, ioga e xadrez, e se interessava pelo ocultismo e pela cabala.



1928 foi o ano em que nasceu a OBERIU, de que participaram também poetas como Aleksándr Vvediénski e Nikolai Zabolótski, e o ano em que nasceu o escritor para criança Kharms — ele passou a colaborar nas revistas *Ouriço* (*Ioj*) e *Pintassilgo* (*Tchij*) e deixou vários livros infantis (seus trabalhos para adultos não eram publicados), tais como: *Um fusível travesso* (1928); *Teatro* (1928); *Ivan Iványtch, o samovar* (1929); *Sobre como uma velhinha comprou tinta para escrever* (1929); *Em primeiro lugar e em segundo lugar* (1929).

Ele enveredou para a literatura infantil para conseguir um ganha-pão, mas tinha um dom natural para criar histórias lúdicas, cheias de humor, com jogos engenhosos de palavra e ritmo musical. Além disso, esse trabalho lhe permitiu fazer apresentações, pois a revista patrocinava idas de escritores a escolas e jardins de infância. Daniil aparecia muito sério, em toda a sua estranheza (era muito alto e muito magro) e, depois de alguns truques de mágica, lia seus contos e poemas, e os pequenos o ouviam admirados. O curioso é que ele próprio escreveu mais de uma vez que não suportava crianças... Mas quem poderia afirmar quando Kharms falava a sério ou não?

Na década de 1930, depois da dissolução da OBERIU e de sua primeira prisão (mais pela literatura infantil do que por suas apresentações artísticas escandalosas), a obra do escritor para adultos ganhou linhas mais minimalistas e filosóficas. Distante da realidade soviética, muito isolado e quase sem condições de sobreviver, produziu principalmente trabalhos em prosa, como a série *Causos* (1933–39) e *A velha* (1939), sua única novela, obras-primas que só chegaram ao conhecimento do grande público depois de 1990. Sua segunda prisão, por “atividades antissoviéticas” (condenação

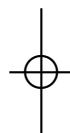


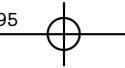
genérica da época), ocorreu em 1941; ele foi transferido para uma ala psiquiátrica e morreu de fome no ano seguinte.

Sobre como Kolka Pánkin viajou para o Brasil e sobre como Pietka Erchóv não acreditou em nada (*O tom, kak Kolka Pánkin letal v Braziliu, a Pietka Erschóv nitchevo ne viérl*) saiu na revista Ouriço (nº2), em 1928, e depois, no mesmo ano, em forma de livro, com tiragem de 20000 exemplares e ilustrações de Evguenia Evenbakh, pela Editora Estatal. A viagem de dois meninos para o Brasil é um exemplo notável do nonsense infantil, dialogando com autores como Edward Lear e Samuel Marchak, a quem Kharms considerava um mestre.

Traduzido a partir de: KHARMS, D. Pólnoie sobránie sotchiniénie, em três volumes. Organização Valéri Sájin. São Petersburgo: Ázbuka, 2011.

DANIELA MOUNTIAN





Sobre os colaboradores

Daniela Mountian, criadora da Kalinka, atualmente faz pós-doutorado sobre literatura infantil russa e brasileira (USP/FAPESP).

Fido Nesti é ilustrador e cartunista com trabalhos na Folha de S.Paulo e The New Yorker. Entre suas várias publicações, consta 1984, de George Orwell, que ilustrou e adaptou.

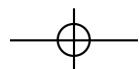
Irineu Franco Perpetuo é tradutor, jornalista e crítico de música. Entre suas muitas traduções, consta Vida e destino, de Vassíli Grossman.

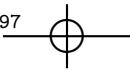
Moissei Mountian, nascido na URSS, é tradutor e criador da Kalinka. Traduziu muitos livros russos, tal como O Diabo Mesquinho, de Fiódor Sologub.

Nanami Sato, mestre e doutora na área de didática (USP), foi professora de português na Faculdade Cásper Líbero (Jornalismo).

Paulo Henrique Pompermaier é formado em Jornalismo pela Faculdade Cásper Líbero e é editor-assistente da Editora Hedra.

Tatiana Larkina, nascida em Moscou, é tradutora e professora de russo com mestrado na USP. Entre suas traduções, consta O Silvano, de Anton Tchekhov.





CATÁLOGO DA EDITORA KALINKA

O Diabo Mesquinho

FIÓDOR SOLOGUB

Encontros com Liz e outras histórias

(Coleção Contos russos modernos, 1900-1930)

LEONID DOBÝTCHIN

"Os sonhos teus vão acabar contigo": prosa, poesia, teatro

(Coleção Contos russos modernos, 1900-1930)

DANIIL KHARMS

Luminescência: antologia poética

VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV

Luminescência: desdobramentos

VIATCHESLÁV KUPRIYÁNOV

Poesia russa: seleta bilíngue

Tarakã, o bigodudo (Ars et Vita e Kalinka)

KORNEI TCHUKÓVSKI

Parque Cultural

SERGUEI DOVLÁTOV

Salmo

FRIEDRICH GORENSTEIN

O ofício

SERGUEI DOVLÁTOV

O elefante (Coleção Mir)

ALEKSÁNDR KUPRIN

A velha (Coleção Mir)

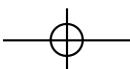
DANIIL KHARMS

Bobók & 'Meia carta' de um sujeito (Coleção Mir)

FIÓDOR DOSTOIÉVSKI

Aulas de literatura russa: de Púchkin a Gorenstein

AURORA FORNONI BERNARDINI





O compromisso

SERGUEI DOVLÁTOV

A Cidade Ene (Coleção Contos russos modernos, 1900-1930)

LEONID DOBÝTCHIN

O diabo (Coleção Mir)

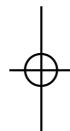
MARINA TSVETÁIEVA

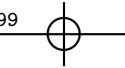
A infância de Nikita (Coleção Bella)

ALEKSEI TOLSTÓI

Contos russos juvenis (Coleção Bella)

DANIELA MOUNTIAN (ORG.)





CONTOS RUSSOS JUVENIS

Copyright © Kalinka, 2021

Prefácio © Daniela Mountian

Tradução © Irineu Franco Perpetuo

Tradução © Moissei Mountian

Tradução © Tatiana Larkina

primeira edição, 2021

Esta publicação está de acordo com a reforma ortográfica.

As notas de rodapé são da tradução com colaboração da edição, com exceção das observações dos próprios autores, assinaladas pontualmente.

EDIÇÃO

Editora Kalinka

Avenida Angélica, 501 cj. 306
01227-900 São Paulo-SP Tel.11 2579-6290
www.kalinka.com.br

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Editora Hedra

Rua Fradique Coutinho, 1139 Vila Madalena
05416-011 São Paulo-SP Tel.11 3097-8304
www.hedra.com.br



Esta edição foi impressa pela primeira vez em junho de 2021 em
papel Offset 90g/m². Tipologia: Big City Grotesque.

